

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

LUCY MARY SOARES VALENTIM

**A imagem docente na novela Carrossel apresentada na Argentina,
no México e no Brasil: a vocação, o magistério e a indústria cultural**

São Carlos – SP
Julho – 2016

LUCY MARY SOARES VALENTIM

**A imagem docente na novela Carrossel apresentada na
Argentina, no México e no Brasil: a vocação, o magistério e a
indústria cultural**

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de doutora à Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa Educação Cultura e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Álvaro Soares Zuin.

São Carlos - SP

Julho - 2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V155i Valentim, Lucy Mary Soares
A imagem docente na novela Carrossel apresentada na Argentina, no México e no Brasil : a vocação, o magistério e a indústria cultural / Lucy Mary Soares Valentim. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
234 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2016.

1. Indústria cultural. 2. Vocação para o magistério. 3. Novela carrossel. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Lucy Mary Soares Valentim, realizada em 07/07/2016:


Prof. Dr. Antonio Alvaro Soares Zuin
UFSCar


Profa. Dra. Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes
UFSCar


Profa. Dra. Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira
UFSCar


Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira
UNESP


Profa. Dra. Luci Mara Bertoni
UESB

DEDICATÓRIA

À minha mãe que exigiu que eu não parasse de estudar.

Ao Jarbas, amigo e companheiro que me fez cumprir as exigências da minha mãe.

MEMORIAL

No meu primeiro ano escolar recebi em casa os primeiros lápis, um preto e um vermelho, uma borracha e o primeiro caderno. Minha mãe disse que foram doados por meu tio Aristides Orenha, pois ela não tinha condições de comprá-los. Éramos dez irmãos, e eu, a terceira a entrar na escola. Esse tio não está mais aqui, mas este seu ato de bondade nunca foi esquecido por mim que, carinhosamente, era chamada por ele de “Didi”, apelido que ele mesmo me deu e sempre me chamou assim, até o último dia em que nos vimos. Fica registrada aqui esta homenagem póstuma ao tio Aristides, da Didi, que se torna doutora sem se esquecer dos primeiros lápis e o primeiro caderno que foram fundamentais das primeiras letras até o doutorado.

AGRADECIMENTOS

Ao Jarbas, aos nossos filhos Jarbas e Mary, ao genro Laurecie e a nora Marta e aos nossos lindos netinhos Bianca, Timóteo, Maurício e Cecília que ficaram aborrecidos com a ida da vovó para a Argentina. Incontáveis alegrias vocês me dão!

Ao Toni grande professor e orientador. Muito grata pelo que me ensinou, mesmo que não tenha aprendido tudo. Meu professor na graduação (1993-1996), orientador do mestrado (1998-2001) e agora no doutorado (2013-2016). Você é um verdadeiro professor.

À Universidade Federal de São Carlos extensivo ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGÉ.

À CAPES pela bolsa de doutorado sanduíche (PDSE) na Argentina e todo o apoio dedicado.

À Universidad Nacional de Quilmes, Buenos Aires - Argentina, parceira no Programa Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE), extensivo ao Departamento de Ciencias Sociales.

À prof^a Dr^a Margarita Pierini, coorientadora da pesquisa na Argentina, especialista em novelas. Agradeço pelo apoio e orientações muito além de acadêmicos. Sem eles seria muito mais difícil viver aqueles dias em Buenos Aires.

À banca do exame de qualificação, prof^a Dr^a Luci Mara Bertoni e prof. Dr Alan Victor Pimenta de Almeida Costa. Sinceros agradecimentos pela leitura e sugestões dadas para organização desse trabalho.

À banca da defesa da tese: Prof^a Dr^a Paula Ramos de Oliveira; Prof^a Dr^a Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira; Prof^a Dr^a Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes; Prof^a Dr^a Luci Mara Bertoni e em extensão à Prof^a Dr^a Margarita Pierini da Universidad Nacional de Quilmes, na Argentina, que enviou suas considerações por escrito.

Registro também agradecimentos e homenagem póstuma ao Prof Dr. Newton Ramos de Oliveira. O professor que teve a paciência de me ensinar os primeiros passos para o caminho em direção à Teoria Crítica da Sociedade.

À Fundação Municipal de Ensino de Birigui, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui – FATEB. Aos colegas professores pelo incentivo.

Ao prof. Dr. Sandro Augusto Teixeira de Mendonça pela leitura e sugestões pertinentes para a construção desse trabalho. Pela discussão de diversos temas de

Sociologia, Pedagogia, Política e Religião nas muitas horas de viagens entre Birigui e São Carlos.

À prof^a Dr^a Áurea Esteves Serra pelo incentivo para esse trabalho, pela indicação da coorientadora na Argentina, pela companhia agradável nos Congressos no México e na Argentina.

À prof^a Dr^a María de los Milagros Pierini, irmã da Prof^a Dr^a Margarita Pierini, pessoa fundamental na articulação para o doutorado sanduíche. Não somente indicou a Argentina, mas também forneceu um mapa de Buenos Aires para minha orientação enquanto estive lá.

À família Sebastian, Ivana e Delfina que me acolheram não somente em sua casa, mas também em seu lar na província de General Rodrigues, Buenos Aires, Argentina, durante os quatro meses da pesquisa. Eles participaram, indicaram e me apresentaram quatro professores participantes da pesquisa. Agradeço também aos pais de Ivana, Olga e George e aos pais de Sebastian, Ester e Miguel, que também me receberam em suas casas para jantarmos, lancharmos e conversarmos muito, eles em espanhol e eu em português, e nos entendemos bem.

Aos colaboradores da pesquisa na Argentina: Karina Paz Bavaro, Vanesa Montauto, Marcelo Cosnard, Graciela Severini, Hayde Gutierrez, Paula Labeur, Veronica Lomberg, Rodolfo Pini e Flávio Tenzi.

A todos os meus alunos, em especial aos que participaram da pesquisa respondendo os questionários e a Alessandra, Aline, Noeli e Tatiane que aceitaram participar diretamente da pesquisa realizada no Brasil, entrevistando professores e crianças da cidade de Birigui, SP e Brejo Alegre, SP e desenvolveram seu Trabalho de Conclusão de Curso, estudando comigo muitos textos e fazendo juntas as análises dos dados coletados.

Aos amigos do Grupo de Estudos Teoria Crítica e Educação, aos Professores Luís Roberto e Toni coordenadores do grupo. Vocês contribuíram para minha formação.

A todos os entrevistados na Argentina, no México e no Brasil. Muito obrigada ou *muchas gracias*.

À minha mãe, dona Léo, a quem devo toda minha carreira de estudante. Mesmo sendo pobre ela pagou professores particulares para que eu não desistisse dos estudos.

Aos meus irmãos: Shirley, Eliseu, Eliezer, José Roberto, Sergio Luís, Elias, Elizete, Eliel e Gilson Eduardo. Extensivo às suas famílias. Vocês são meus tesouros.

Às Primeiras Igrejas Batista em São Carlos e em Birigui. Vocês que oraram por mim e por esse trabalho.

A DEUS toda honra e glória! Agradeço por todos os momentos de proteção e cuidado ao longo dessa pesquisa. “Sem Ele eu nada seria, mas com Ele livre sou”.

Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural,
a mimese compulsiva dos consumidores [...]
Adorno e Horkheimer

Sejais dignos da vocação a que fostes chamados.
Paulo de Tarso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evangelina Salazar	49
Figura 2 – Silvia Mores.....	50
Figura 3 – Maria de los Angeles Medrano.....	50
Figura 4 - Cristina Lemencier	51
Figura 5 - Gabriela Rivero	51
Figura 6 - Andrea Legarreta	52
Figura 7 - Roseanne Mulholland	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você assistiu à novela Carrossel?	104
Gráfico 2 – Você observou a influência da novela sobre seus alunos?	104
Gráfico 3 – Você presenciou alunos/crianças usando algum adereço igual aos das crianças da novela?	105
Gráfico 4 – As crianças cobraram de você atitudes iguais às da professora do Carrossel?	105
Gráfico 5 – Você observou se isso aconteceu a algum outro professor que você conhece?	106
Gráfico 6 – Você vê a possibilidade de imitar a professora Helena em sua sala de aula?	106
Gráfico 7 – Como você vê a professora Helena?	107
Gráfico 8 – Você deseja imitar a professora Helena?	107
Gráfico 9 – O que mais chama sua atenção nessa professora?	108
Gráfico 10 – Em que você gostaria de se parecer com ela?	109
Gráfico 11 – Aquisição de produtos anunciados na novela Carrossel	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Versão da novela assistida pelos entrevistados e atrizes que representaram a Maestra Jacinta Pichimahuida.....	83
Tabela 2 - Influência da telenovela na vida dos entrevistados	84
Tabela 3 - Crianças imitavam as cenas da novela (respostas fechadas).....	84
Tabela 4 - Percepção dos entrevistados sobre a maestra Jacinta	85
Tabela 5 - Chamou mais a atenção na maestra.....	86
Tabela 6 - Imitação da maestra Jacinta Pichimahuida	88
Tabela 7 - Parecer-se com a maestra	89
Tabela 8 - Vocação ou a formação para o magistério	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Histórico cronológico da novela Carrossel	49
Quadro 2 - Versões da telenovela na Argentina, no México e no Brasil	50
Quadro 3 – Atores principais nos três países.....	50
Quadro 4- Relação e síntese dos contos, e a imagem da mestra Jacinta Pichimahuida	71
Quadro 5 - Relação dos entrevistados, a formação e profissão que cada um exerce e o ano em que assistiu a novela	83
Quadro 6 - Novela Carrossel no México	95
Quadro 7 - Síntese das respostas objetivas da entrevista com professores do México	98
Quadro 8 - Novela Carrossel no Brasil.....	96

RESUMO

A imagem do professor apresentada nas telas por meio de filmes e de novelas tem um papel significativo na formação e na criação da nossa subjetividade. Esse dado despertou em mim o desejo de analisar a imagem da professora Helena na novela *Carrossel*. A primeira versão da telenovela, sob o título *Jacinta Pichimahuida la maestra que no se ovida*, foi criada na Argentina nos anos de 1960 por Abel Santa Cruz. Antes disso porém, entre 1938 a 1940, o autor publicara na revista *Patoruzú* alguns contos sobre as aventuras de uma professora com seus alunos na sala de aula ou mesmo fora dela. O sucesso dos contos publicados, despertou a adaptação para os meios de comunicação eletrônicos na forma de radionovela em 1964 e em telenovela em 1966. Por volta dos anos de 1980 a rede de televisão Televisa no México comprou os direitos da trama e produziu com o mesmo autor, a telenovela *Carrusel*. Em 1992 foi ao ar a quarta versão da novela, transmitida via satélite para toda a América Latina, com o título *Viva los Niños*. No Brasil a versão da telenovela mexicana foi transmitida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), entre 1991 e 1996. Em 2012, o SBT produziu um *remake* da versão mexicana com atores brasileiros. A imagem da professora tem sido apresentada como a de uma princesa ou mesmo uma fada dos dias atuais e isso se observa nas versões da novela transmitidas nos três países. O que despertou nossa atenção para a pesquisa foi a utilização dessa imagem pela Indústria Cultural. Especificamente na versão brasileira, observamos que a professora Helena é a personificação da professora ideal, atenta, recebe alunos e pais com simpatia e apreço, visita famílias, resolve problemas, atende desamparados, desiludidos, enfermos, endividados. Tem sempre palavras de consolo, incentivo, encorajamento. Além desses atributos, a imagem é de uma linda jovem, apresentada como uma princesa dos tempos modernos. O estudo buscou compreender como essa imagem traz a informação da professora boa ou mau propiciando um conhecimento distorcido da realidade, mostrando uma falsa ideia da professora, da escola e dos alunos, apresentando o magistério como vocação acima da formação. O método utilizado para a investigação da pesquisa bibliográfica foram: buscar autores da Teoria Crítica da Sociedade, para entender a revitalização do conceito de indústria cultural por meio da imagem da professora da novela *Carrossel*; os estudos em Theodor Adorno, em especial em sua análise sobre o pensamento crítico para o exercício do magistério; autores que embasaram o conceito de vocação; autores que auxiliaram o entendimento da novela *Carrossel*. As pesquisas de campo e documental foram por meio de dados levantados na internet; observação de capítulos da novela *Carrossel* transmitida no Brasil e entrevistas e questionários com pessoas que assistiram a novela em cada um dos três países. Os estudos realizados permitiram apresentar algumas reflexões que apontam para a existência de equívocos com relação à imagem do bom/boa professor/a. Na maioria das vezes, são utopias mostradas como reais e verdadeiras, tendo como alvo o lucro com a venda de produtos anunciados pelos patrocinadores da transmissão da novela revitalizando assim a indústria cultural.

Palavras Chave: Indústria Cultural; Vocação para o Magistério; Novela *Carrossel*.

RESUMEN

La imagen del maestro presentado en la pantalla a través de películas y novelas tienen un papel importante en la formación y el establecimiento de nuestra subjetividad. Este hallazgo despertó en mí el deseo de analizar la imagen del maestro Helena en carrusel novela. La primera versión de la telenovela bajo el título Jacinta Pichimahuida la maestra que si el Ovida, se estableció en Argentina en 1960 por Abel Santa Cruz. Antes de eso, sin embargo, entre 1938-1940, el autor publicó en la revista Patoruzú algunos cuentos sobre las aventuras de un maestro con sus alumnos en el aula o más. El éxito de las historias publicadas, despertó la adaptación a los medios electrónicos en forma de drama de la radio en 1964 y la serie de televisión en 1966. En 1980 la cadena de televisión Televisa en México compraron los derechos de la trama y producido con la misma autor, telenovela Carrusel. En 1992 se emitió la cuarta versión de la novela, emitir por satélite en toda América Latina, con el título Viva los Niños. En Brasil, la versión de la telenovela mexicana fue transmitido por el Sistema Brasileño de Televisión (SBT), entre 1991 y 1996. En 2012, el SBT produjo una nueva versión de la versión mexicana con actores brasileños. La imagen de maestro ha sido presentada como una princesa o un hada de hoy y se observa en las versiones de la novela transmitida en los tres países. Lo que llamó nuestra atención para la investigación fue el uso de la imagen por la industria cultural. En concreto, en la versión brasileña, se observó que el maestro Helena es la realización del maestro ideal, atento, da la bienvenida a los estudiantes y padres con simpatía y aprecio, visitan a las familias, resolver problemas, se reúne impotente, decepcionado, enfermo, en deuda. Siempre tiene palabras de consuelo, ánimo, ánimo. Además de estos atributos, la imagen es de una mujer joven y bella se presenta como una princesa de los tiempos modernos. El estudio trata de comprender cómo esta imagen trae la información bueno o malo el maestro que proporciona un conocimiento distorsionada de la realidad, mostrando una falsa idea del maestro, la escuela y los estudiantes, con la enseñanza como vocación por encima de la formación. El método utilizado para la literatura de investigación se busca autores de la Teoría Crítica de la Sociedad, para entender el renacimiento del concepto de industria cultural por el maestro novela carrusel de imágenes; estudios en Theodor Adorno, particularmente en su análisis del pensamiento crítico para la práctica de la enseñanza; autores que apoyaron el concepto de vocación; autores que contribuyeron a la comprensión de la novela del carrusel. La investigación de campo y documental fueron a través de los datos recogidos a través de Internet; observación capítulos carrusel novela de transmisión en Brasil y en entrevistas y cuestionarios con la gente que veía la telenovela en cada uno de los tres países. Los estudios permitieron presentar algunas reflexiones relacionadas con la existencia de concepciones erróneas relativas a la buena imagen / buen maestro / a. La mayoría de las veces, las utopías se muestran como real y verdadero, apuntando a los beneficios de la venta de los productos anunciados por los patrocinadores de la transmisión de la industria cultural revitalizando así novela.

Palabras clave: Industria cultural; La vocación al Magisterio; Novela del carrusel.

ABSTRAT

The image of the teacher presented on screen through movies and novels have a significant role in the formation and establishment of our subjectivity. This finding awoke in me the desire to analyze the image of Helena teacher at Carusel novel. The first version of the soap opera under the title Jacinta Pichimahuida la maestra that if the Ovida, was established in Argentina in 1960 by Abel Santa Cruz. Before that however, between 1938-1940, the author published in the magazine Patoruzú some tales about the adventures of a teacher with his students in the classroom or beyond. The success of the stories published, aroused the adaptation to electronic media in the form of radio drama in 1964 and television series in 1966. By the 1980s the Televisa television network in Mexico bought the rights of the plot and produced with the same author, telenovela Carrusel. In 1992 it aired the fourth version of the novel, broadcast via satellite throughout Latin America, with the title Viva los Niños. In Brazil, the version of the Mexican telenovela was broadcast by the Brazilian Television System (SBT), between 1991 and 1996. In 2012, the SBT produced a remake of the Mexican version with Brazilian actors. The teacher image has been presented as a princess or a fairy of today and it is observed in the versions of the novel transmitted in the three countries. What got our attention for the research was the use of the image by the Cultural Industry. Specifically in the Brazilian version, we observed that Helena teacher is the embodiment of the ideal teacher, attentive, welcomes students and parents with sympathy and appreciation, visit families, solve problems, meets helpless, disappointed, sick, indebted. It always has words of comfort, encouragement, encouragement. In addition to these attributes, the image is of a beautiful young woman presented as a princess of modern times. The study sought to understand how this picture brings information good or bad teacher providing a distorted knowledge of reality, showing a false idea of the teacher, the school and students, with teaching as a vocation above training. The method used for research literature were seeking authors of the Critical Theory of Society, to understand the revival of the concept of cultural industry by teacher image carousel novel; studies in Theodor Adorno, particularly in his analysis of critical thinking to the practice of teaching; authors that supported the concept of vocation; authors who helped the understanding of the novel Carusel. Field research and documentary were through data collected on the Internet; observation chapters carousel novel transmitted in Brazil and interviews and questionnaires with people who watched the soap opera in each of the three countries. The studies allowed to present some reflections related to the existence of misconceptions regarding good picture / good teacher / a. Most of the time, utopias are shown as real and true, targeting the profit from the sale of products advertised by the sponsors of the transmission of the cultural industry thus revitalizing novel.

Keywords: Cultural Industry; Vocation to the Magisterium; Novel Carusel.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	A TEORIA CRÍTICA E A FORMAÇÃO PARA ALÉM DA VOCAÇÃO.....	22
2.1	A vocação e o sacerdócio para o exercício do magistério.....	28
2.2	A vocação em Santo Agostinho.....	29
2.3	O conceito de vocação em Max Weber.....	31
2.4	A vocação na formação de professores no Brasil.....	35
2.5	O sacerdócio e a vocação reforçados pela mídia.....	40
2.6	A televisão e a criança.....	43
2.7	A novela Carrossel e a professora Helena.....	44
2.8	A indústria cultural revitalizada na novela Carrossel.....	59
2.8.1	O conceito de indústria cultural.....	60
2.8.2	A indústria cultural na novela Carrossel.....	62
3	A PESQUISA REALIZADA NOS TRÊS PAISES: ARGENTINA, MÉXICO E BRASIL.....	67
3.1	Na Argentina.....	67
3.1.1	Pequena biografia de Abel Santa Cruz.....	69
3.1.1.1	O menino que gostava de ler.....	70
3.1.1.2	O professor Abel, rádio, cinema e televisão.....	71
3.1.2	Os contos de Jacinta Pichimahuida.....	73
3.1.2.1	Episódios Narrados.....	75
3.1.3	Trinta, quarenta e cinquenta anos depois, o que dizem os argentinos sobre Jacinta Pichimahuida, <i>a Señorita Maestra</i>	85
3.2	No México.....	100

3.3	No Brasil.....	103
33.4	Examinando as imagens e os discursos da pesquisa.....	126
4	CONCLUSÃO.....	134
	REFERÊNCIAS.....	137
	APÊNDICES.....	143
	ANEXOS.....	180

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta uma investigação que foi realizada sobre a imagem da professora mostrada na televisão como sendo um modelo ideal de professor tanto para os demais professores quanto para alunos, escolas e até para os pais. A questão que permeia esta investigação é o que existe por trás desta imagem e a hipótese é que ela é utilizada para explorar a venda de produtos.

Dentre as imagens que chamam a atenção está a da professora que tem sido apresentada na novela Carrossel transmitida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em 2012-2013 e 2015-2016. A professora Helena é uma verdadeira “santa”¹, isto é, a personificação da mestra ideal, atenta, recebe alunos e pais sempre com sorriso, com simpatia e apreço. Visita as famílias, resolve problemas, atende aos desamparados, desiludidos, enfermos e endividados. Envolve-se na comunidade, procura por alunos desaparecidos, e até por Rabito, o cachorro de seu aluno que havia fugido. Tem sempre palavras de consolo, incentivo, ânimo e encorajamento. Além desses atributos a imagem é de uma linda jovem, uma verdadeira princesa, aliás, é assim mesmo que a autora da novela na versão brasileira quer retratá-la, uma imagem de Kate Middleton, princesa da Inglaterra, bela, sempre bem vestida, magra, estatura mediana. É longa a lista de supostos bons adjetivos que essa professora carrega.

O objetivo de pesquisar e destacar essa imagem foi o de conhecer o modo como ela se apresenta, como sendo uma professora real, que vive no nosso tempo e em nosso cotidiano. Apresentada como o ideal de professora, ela deve servir de exemplo e de modelo a ser imitado pelos demais professores. É assim mesmo que as próprias crianças a vêem e, pela pesquisa realizada, até mesmo algumas professoras têm essa impressão. Mas, o que muitos desconhecem é que por trás dessa imagem existem indústrias lucrando milhões explorando as pessoas e, em especial, as crianças na venda de seus produtos.

Essa pesquisa se justifica pela contribuição que se pretende em alertar consumidores dos produtos com a marca Carrossel de que estão favorecendo o

¹ No sentido figurado a palavra significa mulher que reúne muitas virtudes.

lucro dos economicamente mais abastados que se utilizam da imagem da professora boazinha para incentivar a compra exagerada de seus produtos, na maioria sem muita utilidade e com preços exorbitantes. Esses dados são comprovados nessa pesquisa.

Os procedimentos para a obtenção dos dados foram os da pesquisa bibliográfica, da pesquisa de campo, da pesquisa documental e observação de capítulos da telenovela Carrossel. Sendo que, na pesquisa de campo foram feitas perguntas por meio de questionários usados nas entrevistas feitas no Brasil, no México e na Argentina. Em relação à Argentina, terra natal do autor da primeira versão da novela, Abel Santa Cruz, foi apresentada uma pesquisa feita por ocasião da participação no Programa Doutorado Sanduíche, oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES) Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) realizada entre os meses de abril e julho de 2015.

A pesquisa no México foi realizada durante a participação no XI *Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana*, realizada na cidade de Toluca, de seis a oito de maio de 2014. Durante o Congresso, fez-se contato com professores mexicanos que assistiram à telenovela e que se dispuseram a responder ao questionário-entrevista. Alguns desses professores enviaram suas contribuições por correio eletrônico, após o nosso contato.

No Brasil, a pesquisa foi realizada primeiramente com uma turma de alunas do 5º período do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui, SP. Depois foram colhidos alguns depoimentos de pessoas conhecidas, que desejaram relatar suas experiências vividas com a telenovela.

Outra contribuição para obtenção dos dados da pesquisa foi um trabalho realizado com as alunas orientandas do 7º período do curso de Pedagogia de 2014 da Faculdade supracitada, as quais produziram uma pesquisa para o seu Trabalho de Conclusão do Curso intitulado *A novela Carrossel e a Indústria Cultural*. A pesquisa foi feita com 10 professores e 20 alunos escolhidos aleatoriamente de escolas da cidade de Birigui. O único critério é que tivessem assistido à telenovela Carrossel. Nesta pesquisa, o método praticado foi o da pesquisa qualitativa. Segundo as orientações de Traldi e Dias (2011), é um trabalho que busca conhecer os fenômenos sociais por meio dos significados que eles têm para as pessoas, além de ser “uma opção para os estudos que buscam os significados que as pessoas

atribuem às suas experiências do mundo social e como as pessoas interpretam esse mundo” (TRALDI e DIAS, 2011. p.33).

Ainda referindo-se à pesquisa supracitada, para analisar os dados colhidos utilizamos as contribuições da Teoria Crítica da Sociedade. Ao descrever sobre Teoria tradicional e Teoria crítica, consideramos que os pensadores da Escola de Frankfurt, em especial Adorno e Horkheimer (1937), advertem que a pesquisa tradicional, referindo-se inclusive ao método cartesiano, afasta o pesquisador da sociedade, enquanto a pesquisa crítica, que justamente indica as bases epistemológicas do que seria uma abordagem crítica das Ciências Sociais para a compreensão da sociedade, o aproxima desta sociedade e das questões que a assolam. Os resultados apontaram algumas reflexões, as quais contribuíram para o ponderar sobre a vocação, o exercício do magistério e a indústria cultural.

Na presente tese, quanto à seção **A Teoria Crítica e a formação para além da vocação** apresentamos as contribuições para a educação de Adorno e Horkheimer (1995; 1983), pensadores da Escola de Frankfurt. Acrescentamos os estudos de Cambi (1999) sobre o Pedagogo e a Pedagogia e as pesquisas realizadas por Zuin (2008) envolvendo a relação entre professores e alunos a partir da rede social Orkut.

A partir da subseção **A vocação e o sacerdócio no exercício do magistério** apresentamos o conceito de vocação em Santo Agostinho (2014) e em Max Weber (2004). Mostramos a vocação na educação do Brasil desde os seus primeiros professores, os Jesuítas. O texto de Leonel Franca (1952) sobre o *Ratio Studiorum* foi o aporte para esse estudo. Ainda sobre esse subtema apresentamos também as análises de Louro (2006) destacando as exigências da vocação apontadas como comportamento de valores morais exigidos para as primeiras professoras e, por conseguinte, a questão da feminilização do magistério no Brasil.

Na subseção **O sacerdócio e a vocação reforçados pela mídia** destacamos o estudo de Mary M. Dalton (1996). Sua pesquisa sobre a imagem dos professores mostrados nos filmes hollywoodianos indica que essa imagem é construída a partir das necessidades e exigências da mídia. Apresentamos também os estudos de autores que contribuem para a análise da relação existente entre a televisão e a criança, quais sejam: Porto (1996), Baccega (2002) e Caparelli (1982). Descrevemos ainda, a telenovela Carrossel e a professora Helena, as imagens dos atores e uma breve descrição de cada um na versão *remake* da telenovela gravada com atores

brasileiros, que é a versão escolhida para a análise dessa pesquisa, e a seguir registrou-se imagens das professoras nas versões da telenovela na Argentina e também nas versões do México.

Na subseção **A indústria cultural revitalizada por meio da vocação e do sacerdócio da professora na telenovela Carrossel** apresentamos o conceito de indústria cultural segundo seus autores, Adorno e Horkheimer que, em 1947, publicam pela primeira vez a análise feita sobre a indústria cultural e o capitalismo exacerbado. Sob a égide desse tema também são apresentadas as influências da indústria cultural a partir da imagem da professora da telenovela Carrossel.

Na seção **A pesquisa realizada nos três países: Argentina, México e Brasil** mostramos as respostas dadas pelos entrevistados aos questionários feitos nestes países.

E na subseção **Examinando as imagens e os discursos das pesquisas realizadas** demonstramos como as imagens influenciam nossa subjetividade modificando inclusive nosso modo de pensar e agir.

A conclusão trás as principais análises que fizemos sobre o tema estudado e pesquisado durante esses quase quatro anos de trabalho investigativo. Apresentando assim nossa tese sobre a imagem da professora representada na novela Carrossel.

Uma cópia do questionário utilizado nas pesquisas de campo está no apêndice e nos anexos registramos os documentos, artigos, fotos e depoimentos coletados na pesquisa realizada especialmente na Argentina com a intenção de contribuir com futuros pesquisadores.

2 A TEORIA CRÍTICA E A FORMAÇÃO PARA ALÉM DA VOCAÇÃO

Teoria Crítica refere-se ao grupo de pensadores alemães, que por volta de 1920, criaram o Instituto de Pesquisa Social, com o objetivo de trabalhar em busca de uma sociedade mais justa, mais humana. Seus estudos e pesquisas giravam em torno da necessidade de intervir teoricamente nos problemas sociais causados pelo capitalismo, por intermédio da Filosofia e da pesquisa empírica das Ciências Sociais.

Esse grupo de pesquisadores formou a Escola de Frankfurt e divulgava suas críticas sociais na Revista de Pesquisa Social, órgão oficial de distribuição das ideias e ideais desses pensadores.

Max Horkheimer coordenou o grupo entre os anos de 1930 até 1967, e o texto publicado por ele em 1937, Teoria Tradicional e Teoria Crítica (HORKHEIMER,1983), acabou por consagrar o nome do grupo como Teoria Crítica.

Theodor Adorno entrou no grupo em 1930 e o coordenou entre os anos de 1967 a 1969. Em Adorno, encontramos relevante legado para a educação.

Os textos apresentados por esse autor apontam para a formação de professores e indicam tabus a que o professor está submetido no exercício de sua profissão. Alguns textos apresentam sugestões de como superar tais tabus em busca da desbarbarização. Neste sentido, encontramos fundamentos para formar o educador e objetivos específicos para melhorar a escola.

Adorno (1995a), em A Filosofia e os professores declara que a formação cultural pressupõe amor, e isto impulsionaria a dedicação a ensinar. Em suas palavras:

Se não fosse pelo meu temor em ser interpretado equivocadamente como sentimental, eu diria que para haver formação cultural se requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar. Instruções sobre como isso pode ser mudado são precárias. Em geral, a definição decisiva a respeito se situa numa fase precoce do desenvolvimento infantil. Mas seria melhor que quem tem deficiências a esse respeito, não se dedicasse a ensinar. Ele não apenas perpetuará na escola aquele sofrimento que os poetas denunciavam há sessenta anos e que incorretamente consideramos hoje eliminado, mas, além disso, dará prosseguimento a esta deficiência nos alunos, produzindo *ad infinitum* aquele estado intelectual que considero ser o estado de uma ingenuidade inocente, mas que foi co-responsável pela desgraça nazista. (ADORNO,1995a, p.64)

A partir dessa declaração é possível afirmar que um educador que não está interessado em dedicar-se ao ensino não deveria ensinar, pois poderá produzir pessoas capazes de efetuar as maiores violências.

Talvez esse seja o princípio para a formação de um educador, o princípio do amor ao conhecimento. Mas como declara Adorno, faltam-nos instruções a esse respeito, muito embora declare que a falta de amor para a educação produza consequências tão desastrosas.

Uma vigorosa autocrítica é apontada como um indicador para transformar a situação da falta de formação do educador. Essa tentativa anuncia ou denuncia a formação cultural (*Bildung*), e, como base para os que querem ser professor, Adorno (1995a, p.69) afirma que

[...] os futuros professores tenham uma luz quanto ao que eles próprios fazem, em vez de se manterem desprovidos de conceitos em relação à sua atividade. As limitações objetivas que, bem sei, se abatem sobre muitos, não são invariáveis. A auto-reflexão e o esforço crítico são dotados por isso de uma possibilidade real [...].

Ao referir-se sobre um concurso para professores de filosofia, no qual o autor analisa os candidatos que se acharam desqualificados para assumir o cargo, Adorno aponta que os que ansiavam pela vaga de professor de filosofia não se ocuparam da própria filosofia para ir ao encontro de si mesmo demonstrando assim o fracasso da formação cultural que, não é uma falta apenas dos candidatos, mas das pessoas de modo geral. A fragmentação do saber é o eixo que leva à semiformação e a própria filosofia passa a fazer parte desse processo (ADORNO, 1995a).

Ao encerrar o texto, Adorno aponta algumas pistas de reflexão sobre a formação docente. O entusiasmo como condição objetiva, mas com conteúdo objetivo, insatisfação em relação a um mero imediatismo, que exige aprofundamento. Aconselha uma urgente leitura de textos sobre método de estudo acadêmico e afirma que

é preciso não se conformar com a constatação da gravidade da situação e a dificuldade de reagir frente a ela, mas refletir acerca dessa fatalidade e as suas consequências para o próprio trabalho, inclusive o exame. Esta seria o começo daquela filosofia que se oculta somente àqueles que se encontram obnubilados frente aos motivos pelas quais se oculta a eles. (ADORNO, 1995a, p.73).

A partir dessas primeiras considerações em Adorno sobre a formação de professores, podemos refletir sobre como na história foi valorizada esta formação.

A figura do pedagogo é significativa desde a Grécia antiga. Os acompanhantes das crianças, que controlam e estimulam, são também conhecidos como “mestres da verdade, diretores da vida espiritual e mestres de almas, verdadeiros protagonistas da formação juvenil [...]” (CAMBI, 1999, p. 49). Essa figura é enriquecida com a experiência dos “profetas hebraicos que são educadores do povo, a voz educativa de Deus” (CAMBI, 1999, p. 49). O mundo antigo coloca a figura do educador como central, espiritualizada e deveras ativa na vida de um indivíduo, e reconhece qualidades e objetivos muito além dos que são típicos do mestre-docente. Estes aspectos também serão “próprios dos pedagogos, dos filósofos-educadores ou dos pensadores da educação que devem iluminar os fins e os processos de educar” (CAMBI, 1999, p. 49).

Para Cambi (1999), todos os modelos educativos vindos do Mediterrâneo interagiram entre si e fundiram-se com o modelo helenístico tanto de escola como de cultura, práxis educativas familiar e social, e podem ser reconhecidos como modelos valorativos do Ocidente. “O mundo clássico é a terra de origem de uma cultura, a nossa, a ocidental” (CAMBI, 1999, p.53).

A educação e a pedagogia têm na Antiguidade, especialmente a grega, um armazém de modelos de formação social e humana; e mesmo a distância temporal não é empecilho para se recuperar e inserir no hoje. Esse passado está diante, mas separado de nós como um desafio para se repensar modelos de formação. Segundo Cambi (1999, p.55) “são todos modelos que têm uma forte e decisiva valência educativa e que descaracterizam a pedagogia clássica como pedagogia da *Paidéia*, fazendo emergir outras possibilidades, outras dimensões de formação”.

Preocupados também com a formação, o pensamento hebraico levantou problemas pedagógicos por meio de vários de seus representantes, dentre eles destaca-se Fílon de Alexandria ou o Judeu que, segundo nos informa Cambi (1999), tentou conjugar hebraísmo e platonismo, desenvolvendo aspectos educativos por meio das artes liberais como instrumentos de virtude e da arte de aprender desde a infância para a aquisição da sabedoria. O pensamento de Fílon foi central para a aquisição da cultura cristã como mediadora entre os hebreus e a tradição helênica.

A cultura ocidental “porá em circulação aquela noção de *paidéia* que sustentou por milênios a reflexão educativa, reelaborando-se como *paidéia* cristã, como *paidéia* humanística e depois como *Bildung*” (CAMBI, 1999, p.87).

A palavra *Bildung*, vem do alemão e não tem uma palavra equivalente como tradução para o português. Pode-se ter uma equivalência como o sentido de formação, mas uma formação muito mais além de escolar. Abrange também a conotação cultural, holística. Essa nos parece a formação a que Adorno se refere.

Além da questão da formação, Adorno (1995b) faz considerações sobre o exercício do magistério. No texto, “Tabus acerca do Magistério”, há várias referências à aversão que existe em relação aos professores tais como: a imagem do magistério como profissão de fome; expressões degradantes para o magistério; o magistério transmite um clima de falta de seriedade; o professor, embora sendo um acadêmico, não seria socialmente capaz; a figura do mestre de escola como um serviçal. Para esse autor, o menosprezo ao professor tem suas raízes a partir da Idade Média e no início do Renascimento, período em que existem antigas referências de professores como escravos. Embora esteja em um passado distante sempre ressurgue na história.

Adorno destaca, no texto supracitado, a ambivalência presente na profissão do magistério, o complexo da violência física e um forte conteúdo afetivo; uma atitude em que se misturam o respeito pela independência do espírito e ao mesmo tempo um desprezo pelas pessoas estudadas que se apresentam com alguma autoridade mesmo sem possuir alta posição social. “O professor apresenta-se como herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte de suas funções, o ódio ou a ambiguidade que caracterizava o ofício do monge é transferido para o professor” (ADORNO, 1995b, p.102).

Para Adorno (1995b) a tirania também é outra marca irracional do professor. Expressões como “tirano da escola” são marcas do caráter despótico que querem lhe impor. Mas como reverso dessa ambivalência Adorno destaca a adoração mágica dispensada aos professores em alguns países, principalmente, nos que a figura do mestre está vinculada à autoridade religiosa. O autor afirma que “o aspecto mágico da relação com os professores parece se fortalecer em todos os lugares onde o magistério é vinculado à autoridade religiosa, enquanto a imagem negativa cresce com a dissolução dessa autoridade” (ADORNO, 1995b, p.104).

Outro tabu levantado por Adorno (1995b, p.105) no exercício do magistério é que “por trás da imagem negativa do professor encontra-se o homem que castiga”. Esta figura representa o professor como sendo aquele que fisicamente é o mais forte e castiga o mais fraco. A ideia de que o professor deve castigar o aluno, mesmo depois que oficialmente deixou de existir, segundo Adorno, continua sendo atribuída ao professor como um compromisso autêntico: “o docente infringe um antigo código de honra legado inconscientemente e com certeza conservado por crianças burguesas” (ADORNO, 1995b, p.105).

Adorno chama de jogo desonesto por parte do professor que se utiliza do seu saber frente ao saber dos alunos sem ter esse direito por não ser esta a sua função. O autor afirma que “só é possível esperar alguma mudança neste complexo a que me refiro quando até o último resquício de punição tiver desaparecido da memória escolar, como parece ser o caso na maior parte dos Estados Unidos” (1995b, p.107).

No filme “A língua das mariposas”² (*La Lengua de las Mariposas, La, 1999*), a produção espanhola, sob a direção de José Luis Cuerda, apresenta o drama do pequeno *Moncho*, garoto que em idade para frequentar a escola e mostra um grande medo de ser surrado pelo professor e deseja fugir para a América onde, segundo tem informações, os professores não batem nos alunos. Dois destaques podem ser feitos nessa história, o primeiro é verificar o medo que o aluno sente do professor e o segundo é a esperança de encontrar professores que não batam nos alunos.

Adorno (1995b, p.107) também afirma que “o professor e os alunos praticam injustiças uns em relação aos outros: aquele quando divaga sobre valores eternos, que na verdade não o são, e os alunos quando em resposta se decidem pela idolatria debilóide aos *Beatles*”. O autor comenta que esta posição do professor pode aflorar o rancor dos estudantes.

² Ficha Técnica: A Língua das Mariposas (La Lengua de Las Mariposas)

País/Ano de produção: Espanha, 1999

Direção de José Luis Cuerda

Roteiro de Rafael Ascona, Manuel Rivas e José Luis Cuerda

Elenco: Fernando Fernán-Gomes, Manuel Lozano, Úxia Blanco, Gonzalo Uriarte,

Aléxis de los Santos, Jesús Castejón, Guillermo Toledo.

Links

http://epipoca.uol.com.br/filmes_detalhes.php?id=3625

http://parceiros.cineclick.com.br/cinematca/ficha_filme.php?id_cine=10228

A pesquisa realizada por Zuin (2008) revela que os alunos extravasavam esse rancor utilizando-se da rede social Orkut, desativada em 2014. Nesta rede, as pessoas criavam comunidades e nelas descarregavam toda raiva que sentiam dos professores e não tinham a oportunidade de fazer isso pessoalmente, muitas vezes, por medo da humilhação pública.

De acordo com o autor, são mais de mil comunidades criadas pelos alunos que são destinadas aos professores, número esse que crescia a cada dia. Na sua maioria se reportam a xingamentos e verdadeiras explosões da raiva que sentem ou sentiram dos professores.

Para o autor supracitado,

São afirmações como essas que iluminam as cores obscuras do ressentimento. O mesmo aluno que, diante da figura do professor, representa um determinado papel ao participar de um jogo de cena, mas que encontra no Orkut um meio capaz de romper com o acordo silenciosamente estabelecido com o mestre na sala de aula. Aqui no espaço virtual, o aluno se sente encorajado a confessar o quanto odeia os professores que se aproveitam da condição de “educador” e destilam sua soberba intelectual. (ZUIN, 2008. p.102).

Ao concluir sua pesquisa sobre o tema “Adoro odiar meu professor, o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico”, Zuin aponta para novas tonalidades que podem existir nas cores da relação professor/aluno, sendo o professor como modelo relevante para a formação da identidade do aluno, “o próprio mestre precisa deixar de aferrar-se ao gosto de sentir-se o centro das atenções e perceber que, ao ensinar, uma parte de si morre para que possa renascer mediada na intervenção do aluno” (ZUIN, 2008, p.112).

Talvez esse seja mais um dos tabus do qual na proposta de Adorno, é preciso libertar-se, pois que em sua maioria conduzem à barbárie da qual o autor foi testemunha ocular. “Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência” (ADORNO, 1995b, p.116). A indicação é que esse seja o objetivo da escola, pois libertando-se dos tabus ela fica livre da pressão que reproduz a barbárie. Para esse autor, somente a escola pode apontar para a desbarbarização da humanidade “na situação mundial vigente, em que ao menos por hora não se vislumbram outras possibilidades mais abrangentes, é preciso contrapor-se à barbárie principalmente na escola”. (ADORNO, 1995b, p.117).

Estas reflexões a partir da leitura em Adorno remetem o pensamento para o objeto desta pesquisa que é a imagem do professor veiculada pela mídia e em especial da professora Helena, cuja formação nem é lembrada na história mostrada na novela, mas o que sobressai é a sua vocação para o magistério. Vocação essa exagerada na imagem quase angelical ou até mesmo santa para que seja adorada pelos telespectadores a ponto de a colocarem como modelo ideal de professor.

A vocação para o magistério é o tema que será analisado a seguir. Mas a questão que deve permear a nossa mente é o porquê de maneira geral, se acredita que a vocação é mais importante do que a formação.

2.1 A vocação e o sacerdócio no exercício do magistério

Na raiz das palavras magistério e professor, encontradas no dicionário, podemos verificar que existe uma ligação com a religião: “magistério: [...] autoridade doutrinal, moral e intelectual; o magistério da igreja” (KOOGAN; HOUAISS, 2000, p. 1010). “Professor: [...] pessoa que professa em público a verdade de uma religião” (KOOGAN; HOUAISS, 2000, p.1306).

Castello e Mársico (2007) apontam que a palavra mestre é derivada do latim *magister* e para rastrear sua origem é preciso utilizar dois elementos da composição: o advérbio *magis* e o sufixo *tero*. Assim que *magister* significa o melhor, o que sabe mais e o sentido da palavra como chefe e mestre surge da linguagem do direito e da religião, passando a ser aplicado a outras áreas como magistratura civil e magistério escolar como “*magister ludi* literalmente mestre de jogo, e logo a forma isolada *magister* passou a denominar o mestre-escola” (CASTELLO e MÁRSICO, 2007, P.63).

Fernandes (1995) afirma que magistério, dentre outras definições, é o nome dado a um mineral a que se atribuíam virtudes extraordinárias. E ao professor aqui também é dado que é a pessoa que ensina em público verdades de uma religião. Assim, somos levados a pensar que esta seja uma das razões de as pessoas ligarem o magistério e a vocação com autoridade religiosa.

De fato, as teses escritas sobre vocação na Idade Média e na Modernidade apontam para textos exarados na Bíblia. As discussões que serão apresentadas a

seguir relatam as ideias de um filósofo ligado à Igreja Católica - Santo Agostinho -, e ao sociólogo Max Weber, que faz o contraponto sobre a vocação como algo mais ligado a questões da ética social. A escolha desses dois autores deu-se pela razão de definirem a vocação de maneira antagônica e de certa forma as duas definições contribuem para essa pesquisa, visto que Santo Agostinho valoriza a vocação para o exercício do magistério enquanto Max Weber aponta a vocação apenas como motivação para uma formação profissional. Se em Santo Agostinho sem vocação não é possível formar-se professor, em Weber a formação pode desenvolver um excelente mestre.

2.2 A Vocação em Santo Agostinho (354-430)

Santo Agostinho (2014) não tinha boas recordações da escola. Como o grego era a língua utilizada e ele gostava do latim, sua língua materna, não era considerado um bom aluno. Em Confissões, afirma que no período da infância não gostava do estudo e não entendia porquê a ele era obrigado.

Lembra-se da escola onde aprendeu as primeiras letras com tristeza, por conta das punições que recebia “batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça” (SANTO AGOSTINHO, 2014, p.37). Embora criança, rezava com ardente fervor pedindo que na escola não fosse açoitado, mas nem sempre era atendido. Reclama ainda que “até os meus próprios pais riam dos açoites” (SANTO AGOSTINHO, 2014, p.37) com que os mestres castigavam os alunos, o que era o maior e mais penoso suplício. Mais abaixo no texto ele reforça: “meus pais caçoavam das penalidades que a nós meninos infligiam os mestres” (SANTO AGOSTINHO, 2014, p.37) enquanto ele temia os açoites e as torturas que recebia na escola.

Ao refletir sobre a vida de Santo Agostinho, Nunes (1978) descreve que quando adulto, Agostinho se torna professor primeiramente em Cartago e depois em Roma, mas é nítida sua decepção com o exercício do magistério e com os alunos. Contudo, ao tornar-se cristão, seus escritos sobre a educação revelam uma preciosidade doutrinária pedagógica e a respeito da postura do professor escreve: “[...] o êxito do ensino depende em boa parte do professor que deve trabalhar com

alegria, pois isso ajuda os alunos a se tornarem receptivos, e torna a exposição agradável” (AGOSTINHO in NUNES, 1978. p. 222).

Segundo Nunes (1978), Agostinho dava lições sobre como a ação do professor durante as aulas não deve aborrecer os alunos com exposições monótonas e desinteressantes: “[...] o nó do problema está em o professor promover uma válida motivação dos alunos por meio da alegria. Ora isso exige certa arte, ou pelo menos jeito, habilidade” (AGOSTINHO in NUNES, 1978. p. 222)

Na obra supracitada, Nunes destaca a forma como Santo Agostinho aponta pontos enfadonhos que podem gerar o desinteresse do aluno e como o professor pode solucionar essas questões. Dentre elas destacamos:

- Lamentos por repetir, ano após ano, os mesmos programas. Adaptar-se aos novos ouvintes com amor fraterno, paterno e materno. À medida que queremos o bem dos alunos, os temas nos parecerão novos, tal é o poder do amor.
- Aborrecimento face à indiferença dos alunos. Manter a calma, esforçar-se para descobrir através de perguntas se estão entendendo e animar àqueles que querem expor seus pensamentos. Se nada mudar o comportamento do aluno, o professor deve suportá-lo com misericórdia.
- Perturbação pessoal, que lhe retiram as condições para falar e explicar. Os alunos não têm culpa de seus problemas. Deve animar-se com pensamentos positivos, pois não existe vida humana sem preocupações. Necessita cumprir seu dever e o professor cristão entregar-se à oração a fim de poder realizar sua missão em relação ao próximo. (AGOSTINHO in NUNES, 1978. p. 222-24)

Considerando essas leituras sobre Agostinho, o educador do seu tempo, podemos afirmar que para esse educador da Idade Média, o exercício do magistério exigia muito mais a vocação do que a própria formação do professor.

Na patrística, a necessidade de estabelecer e explicar a doutrina cristã, leva Santo Agostinho a conciliar essas ideias com a cultura greco-romana e como adepto de Platão, filósofo grego que influenciou o pensamento de Agostinho sobre a formação do Sábio. Este é o que deveria governar a sociedade e para ser Sábio o que se exigia era o desenvolvimento de suas potencialidades naturais e o “talento” revelado.

Ao contemplarmos e compararmos o objeto dessa pesquisa com os relatos de Santo Agostinho adulto cristão, sobre o professor e sua vocação, encontramos na

prof^a Helena, protagonista da novela Carrossel a exata imagem traçada pelo autor. A autora da telenovela brasileira, Iris Abravanel³ (2012) destaca que

Helena traz consigo toda sua jovialidade, o desejo de lecionar e a disposição de propiciar aos alunos uma boa formação. Ela é a primeira e a única a conquistar todas as crianças do terceiro ano, [...]. Está sempre disposta a colaborar com todos, não só conquista a confiança dos alunos, como também acaba se envolvendo com os conflitos pessoais e familiares. Ela passa a ser, além de uma professora, uma grande amiga e conselheira (portal do SBT/Carrossel, 2012, s/n).

Entendemos que esta imagem é o ideal do professor nos escritos de Santo Agostinho. E mais do que isto, a imagem de Helena é um produto. Um produto ideológico cultural a ser consumido.

A seguir, será apresentado o pensamento de Max Weber sobre a vocação.

2.3 O conceito de vocação em Max Weber (1864-1920)

O filósofo alemão Max Weber trouxe valorosa contribuição para a construção do conceito de vocação. Em sua sociologia encontra-se uma análise histórica da vocação na modernidade, tendo as ideias do protestantismo como ponto de partida. Descobre-se a ciência social weberiana como sendo a ciência da realidade e o conhecimento ligado a valores, e a esses valores agregava uma questão de fé e de convicção pessoal subjetiva, ou seja, a vocação é apresentada como convicção pessoal.

Weber (2004) descreve a vocação como destino nas traduções da Bíblia feitas por Martinho Lutero. Faz a distinção entre a vocação dada por Deus para o exercício de uma missão ou função sacerdotal e a vocação como um campo definido para o trabalho. A questão levantada por Weber contra o protestantismo luterano é que Lutero enfatiza o trabalho como desenvolvimento da vocação dada por Deus e com a ênfase na ética protestante, originando um crescimento na produção industrial. Isso acrescido da condenação de Lutero à usura e ao acúmulo de capital.

³ Portal do SBT/Carrossel, 2012. Disponível em:
<<http://www.sbt.com.br/carrossel/fiquepordentro/?c=5274#.VPIXAHzf-nw>>. Acesso em março de 2015.

Deixando de lado as ideias de Lutero não encontradas no espírito do capitalismo, Weber vai encontrar em Calvino indícios mais fortes na radicalização do protestantismo, em especial na doutrina da predestinação, o acúmulo de capital.

Para Weber (2004), este é o ponto culminante para o desencantamento do mundo. Não haveria outra forma de conquistar a Cidade de Deus, a não ser pela boa conduta, pelo uso correto da vocação recebida para o desenvolvimento do trabalho e o não uso do dinheiro ganho com o trabalho de maneira dissoluta, favorecendo assim o acúmulo de riquezas. Ou seja, a ética protestante favorecia o surgimento do capitalismo. Não que o protestantismo tivesse esse objetivo, pois para ele a salvação da alma era o eixo que movia o interesse pelo trabalho, os motivos eram inteiramente religiosos. Também Weber demarca que não se deve pensar que foi a Reforma que trouxe o capitalismo, esse seria um erro e mostra falta de conhecimento de negociações econômicas anteriores que já estavam presentes nesse período.

Em 1917, Weber pronuncia um discurso na Universidade de Monique, publicado pela mesma Universidade em 1921, cujo tema foi A política como vocação. Esclarece de antemão que a ciência não é um caminho para Deus, ela é irreligiosa e não dá sentido ao mundo, essa é a vocação da ciência.

Para Weber a ciência é um caminho que não tem fim, é nunca chegar a uma solução ou resposta total, essa é a escolha que o cientista deve fazer. O cientista deve saber que em pouco tempo suas descobertas se tornarão obsoletas. São sempre necessárias novas perguntas, novas pesquisas, novas atitudes, e quem deseja servir à ciência tem que resignar-se a isso.

Para tanto, o vocacionado para as ciências, deve ter um caráter de dedicação apaixonada pela pesquisa, ter um entusiasmo sincero e profundo. Isso servirá de inspiração que favorece o surgimento de ideias que chegam inesperadamente, mas que são frutos de uma busca incessante. Weber afirma que “esta arte é um dom pessoal, que de nenhum modo coincide com as qualidades científicas de um sábio” (WEBER, 1921, p.7). E ainda “não se tem vocação para a ciência, que faça outra coisa. Pois nada tem valor para o homem enquanto homem, se o não puder fazer com paixão” (WEBER, 1921, p.8).

Ao analisar o conceito de vocação em Max Weber, Basso (2006) destaca que até a atuação no magistério foi alvo da análise desse sociólogo mostrando qual deve ser a atuação de um professor dentro da sua vocação. A autora mostra que como

Weber afirma que o objetivo da ciência assim como da religião é o desencantamento do mundo, o professor não deve apresentar-se como um profeta e sair a ditar verdades absolutas ou então como um “demagogo proferindo discursos políticos, valendo-se dos alunos como platéia inexperiente” (BASSO, 2006, p.28).

Destaca também que Weber enfatiza que a posição do professor deve ser a mesma de um cientista, ou seja, dedicado e apaixonado pelo que faz. A vocação para o magistério deve esboçar especialização rigorosa, entusiasmo sincero e profundo, inspiração. Para Weber “a tarefa do professor é servir aos alunos com o seu conhecimento e experiência e não impor-lhes suas opiniões” (WEBER, 2004. p.173 in BASSO, 2006. p.28).

Basso (2006, p.9) afirma que para Weber “a universidade, o professor, o cientista, o profissional que responde corretamente à sua vocação é aquele que não se desvia do sentido de suas ações e das conseqüências das mesmas nas relações sociais”. E ainda destaca que “Weber nos traz o processo histórico do conceito de vocação, com rigor científico de quem se impõe a necessidade de escolher com que verdade quer conviver” (BASSO, 2006, p.29).

Em sua análise sobre o conceito de vocação em Weber, Basso (2006) reporta-se para o fato de que nem todos os vocacionados têm a oportunidade de cumprir sua vocação. Apenas a vocação não garante um bom profissional, até porque nem todos têm a oportunidade de desenvolver sua vocação aprimorando-a na escola, por estarem excluídos dos bancos escolares. Não que a escola seja a única responsável por essa exclusão, mas a ela cabe a formação teórica para os que lá estiverem.

Para Basso (2006) não é possível discutir o assunto fugindo dos problemas que o envolvem, pois como diria Weber, os professores que estiverem comprometidos, devem oferecer a seus alunos o conhecimento e métodos e não milagres e revelações. Para que não sejam enganados, achando que todo o sucesso depende deles, do seu talento genético, sem dizer das possibilidades sócio-econômicas da maioria dos estudantes em desenvolvê-lo ou não.

Reportando-se a Horkheimer e Adorno, na Dialética do esclarecimento, a autora aponta que não se deve esquecer a possibilidade de que o “iluminismo a serviço do presente transforma-se no total engano das massas” (BASSO, 2006. p.29).

Basso (2006, p.30) em sua análise weberiana sobre a vocação indica que:

Buscar, identificar, avaliar, demonstrar e comparar, são algumas das atitudes que nos estaria aconselhando Weber, para que possamos realmente contribuir, não na montagem de um mapa, ou um teste, que possa definir a área em que deve ou não tal pessoa atuar, mas do que pode conhecer a respeito de como essa pretensa escolha, se temos liberdade para tal, ou ainda essa determinação divina de tarefa, chegou a existir e acabou como tantas outras coisas, por tornar-se um produto vendável – as empresas querem de nossas vocações se aproveitar, e os consultores de nossas incertezas estão vivendo. Eis-nos aqui no mundo do qual somos criaturas e criadores, que nossa vocação seja para criar, mesmo que mais dúvidas.

Em que pese à forte influência da formação religiosa que recebemos, da qual Weber faz uso em sua análise do conceito de vocação, e, levando em consideração os alertas de Adorno e Horkheimer sobre a exploração mantida pelo capitalismo exacerbado dos nossos dias, é possível afirmar que a vocação, em especial a profissional a que está sujeito a vocação para o magistério, ajuda no desenvolvimento da profissão. Mas, esse não deve ser o principal motivo que leve alguém a ser professor. Aliás, esse é o motivo que pode atrapalhar o exercício da profissão, pois, a pessoa que se acha vocacionada pode pensar que não precisa de formação, o que se constitui em barreira para receber conhecimento necessário.

Adorno (1996) chama isso de semiformação, ou seja, a pessoa que pensa que sabe e, portanto, acredita que não tem necessidade de aprender. A humildade em aceitar o “Sei que nada Sei”, de Sócrates, deve fazer parte da vocação para o magistério como encontra-se em Weber.

Voltando os olhares para Helena, a professora mais famosa no Brasil atualmente por conta do sucesso da telenovela Carrossel, não se pode enxergar nela a vocação de que trata Weber. Primeiro porque não se vê na trama, cenas em que ela de fato esteja ensinando seus alunos, pois a cada momento em que isso começa a acontecer, algo mais interessante acontece e o ensino é imediatamente deixado de lado. Segundo porque, de fato o que interessa na história não é o ensino, mas tirar proveito de uma pretensa vocação para lucrar com a venda de produtos que é o que verdadeiramente interessa à indústria que está por trás. Esse é o produto vendável.

2.4 A vocação na formação de professores no Brasil

A escola brasileira já nasceu com professores vocacionados para o sacerdócio e para o ensino. Aportaram aqui por volta do ano 1540 e já começaram a formar adultos e crianças na religião e nas letras. O processo educativo que se instala tem no centro a figura do mestre exemplar, disciplinado, e que se tornará responsável pela conduta de seus alunos. Para tanto, não só o seu conhecimento é importante, mas inclusive, os seus comportamentos e virtudes.

O jesuíta é o exemplo singular de mestre perfeito. É cuidadosamente formado para exercer o ofício de dominar as técnicas de ensino e assim treinar, corrigir, estimular, forjar o caráter na medida certa. É um vocacionado, vive a docência como um sacerdócio. Sua missão exige doação, afeição, bom senso, firmeza, bondade, piedade e conhecimento.

O professor jesuíta é regido por manuais muito bem elaborados por suas instituições, que criavam regras e determinavam condutas. Sabia como reger suas ações de qualquer ordem desde cuidados corporais, o uso da fala, o estímulo ao silêncio, como caminhar, onde colocar as mãos, o que e como observar, seus interesses e vontades, sua sexualidade. A ele tudo era ensinado. Por mais de 210 anos, esse foi o professor brasileiro.

Leonel Franca (1952, p.87), ao refletir sobre o Método Pedagógico dos Jesuítas, descreve que na pedagogia do *Ratio Studiorum* “Tudo depende do professor”, frase que resume o pensamento da lei orgânica do ensino dos jesuítas. E acrescenta que, para alcançar êxito, era necessário “ter bons professores” (FRANCA, 1952, p.88). Para tanto, a formação de professores recebe um caráter especial na Companhia de Jesus e recebe enorme progresso na educação.

Um dos conceitos para a missão educadora da Companhia para a formação do mestre deveria abraçar toda a perfeição humana, não só pela inteligência culta e ilustrada, mas “é pela personalidade toda que o educador modela no educando o homem perfeito de amanhã” (FRANCA, 1952, p.8).

Franca (1952) destaca que a formação moral é o principal item para os futuros professores. São vários anos dedicados ao aprendizado de conhecimento próprio, domínio das paixões e das tendências impulsivas. As virtudes cristãs da caridade, da paciência da renúncia de si mesmo, da piedade vão se transformando em hábitos que pautam as ações dos futuros educadores. Nota-se aqui as

qualidades que a autora da novela *Carrossel* desenhou na imagem da professora que construiu para a trama.

Outro item que compõe essa formação segundo Franca (1952) é a visão psicológica que leva o aspirante a mestre a observação introspectiva dos próprios movimentos da alma na luta contra as paixões, aprende a conhecer seu coração e os meios de dirigi-lo e levá-lo para nobres ideais.

Depois de terminar o aperfeiçoamento moral, o jovem jesuíta começa sua formação intelectual, uma sólida formação filosófica de pelo menos três anos e, sem a qual, não era permitido exercer o magistério. Isso no magistério chamado de inferior, pois para o superior seriam acrescidos mais anos de estudos.

Com essa formação o jovem já contava com pelo menos trinta anos e poderia assumir o professorado. Mas o próprio *Ratio* multiplicava-lhe as advertências destinadas a assegurar-lhe a autoridade e a eficiência da ação educativa:

O professor consagre aos alunos um afeto paterno, mas sem familiaridades; trate a todos com bondade e justiça, não despreze a ninguém, nem faça distinção entre rico e pobre; não seja precipitado em castigar nem demasiado em inquirir; dissimule muitos defeitos; não só não bata no aluno, mas nem lhe dirija palavra injuriosa, ou o chame senão pelo seu nome ou cognome. [...] uma virtude d'alma lhe é de modo muito particular inculcada: o bom humor e a jovialidade. [...] manter o bom espírito, o entusiasmo, a alacridade (FRANCA, 1952, p.93).

Franca (1952) considera que a formação literária, a cultura filosófica, a iniciação pedagógica, de nada descuidou o *Ratio* na formação de professores à altura de sua missão e a grandeza de sua vocação. Mas, para completá-la o professor deveria ver no aluno o homem como criatura de Deus, e deveria recebê-lo como um “depósito sagrado para guiá-lo à perfeição do seu destino”. Esse propósito é que deveria acender-lhe na alma “o sagrado fogo da dedicação e do entusiasmo por um ideal tão nobre” (FRANCA, 1952, p.94).

Se no caso desta educação, a vocação é divina, formada ou forjada, não sabemos ou pelo menos não temos a intenção de explorá-la aqui. O fato que chama a atenção desta pesquisa é que a vocação deveria ser demonstrada por todos aqueles que se candidatassem ao magistério. Esta era a regra do jogo.

Na mídia aqui estudada, a demonstração da vocação para o exercício do magistério precisa ser ressaltada. A professora tem que ser vocacionada, amorosa, perfeita, pelo menos na tela que será mostrada ao público, para manter os índices

de audiência e despertar o desejo de ter ou ser como a professora Helena. O destaque é para a figura materna e da fada madrinha que satisfaz todos os desejos. Assim deve ser a professora. Consideremos aqui um pouco sobre a presença feminina no magistério.

Louro (2006), ao tratar sobre a inserção da mulher na sala de aula, afirma que no Brasil, desde o início do Império era denunciada a falta de professores com boa formação. A autora destaca que antes mesmo da Proclamação da República, os mestres almejados para o ensino das crianças, “deveriam ser, eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes decentes e saudáveis [...]” (LOURO, 2006, p.444).

Com a saída masculina da profissão, pois a urbanização e industrialização ampliavam as oportunidades de trabalho para os homens, e a conseqüente feminilização do magistério, a lista de adjetivos foi aumentando, agora “elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país [...]” (LOURO, 2006, p. 447).

Além dos já citados atributos, a autora salienta que a educação feminina deveria ser construída sobre uma sólida base cristã católica. Esta seria a chave principal do projeto educativo, e esse ideal “implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas” (LOURO, 2006, p. 447).

Com a ideia de que o magistério era uma extensão da maternidade, e cada aluno ou aluna eram vistos como filho ou filha espiritual, o argumento parecia perfeito: “a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la” (LOURO, 2006, p.448). O magistério passa também a ser representado como uma “atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem **vocação**” (LOURO, 2006, p. 450) (grifo nosso).

Desta forma fica evidente enxergar o exercício do magistério como um sacerdócio, uma doação de si reafirmando as idéias de Agostinho e dos Jesuítas. Louro (2006, p.466) considera que

A boa professora estaria muito pouco preocupada com seu salário, já que toda a sua energia seria colocada na formação de seus alunos e alunas. Estes constituíam sua família; a escola seria seu lar e, como se sabe, as tarefas do lar são feitas gratuitamente, apenas por amor. De certa forma

essa mulher deixa de viver sua própria vida e vive através de seus alunos e alunas; ela *esquece de si*.

Consideramos que esta pode ter sido a inspiração para a construção da imagem da professora da telenovela Carrossel. A descrição dela encontrada no portal da telenovela⁴ é de uma

Professora jovem, linda e meiga que leciona ao terceiro ano da Escola Mundial. Para Helena, o ensino caminha lado a lado com o amor. É moderna e atenta nas novas tendências da educação. Helena se torna um referencial para seus alunos. É com ela que eles contam em todas as circunstâncias que enfrentam, sejam elas felizes ou tristes. (Portal do SBT/Carrossel, 2012)

Essa afirmação sobre a professora também é falsa já que sua Pedagogia é tradicional e, portanto, ela não está “atenada nas novas tendências da educação”.

A ideia da mulher como trabalhadora dócil, paciente, dedicada, portadora de missão exemplar e pouco reivindicadora, ao ponto de aceitarem ser chamadas de tias, também é apontada nas críticas feitas por Freire (2002) sobre a construção da imagem das professoras. A esse respeito Freire afirma que

a professora pode ter sobrinhos e por isso é tia na mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isso não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a *professora* em *tia* de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em *professora* de seus sobrinhos só por ser *tia* deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão. (FREIRE, 2002, p.10). Grifos do autor.

Freire (2002) assevera que reconhecer a professora como tia, é também dizer que as boas tias, não brigam, nem se rebelam, e também não fazem greves. Pois, “quem já viu dez mil ‘*tias*’ fazendo greve, sacrificando seus *sobrinhos*, prejudicando-os no seu aprendizado?” (FREIRE, 2002, p,12). O autor reafirma que a tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que exige competência científica, criatividade, amorosidade, mas também capacidade de lutar pela liberdade. No mesmo texto o autor aponta para uma formação significativa que o professor ou a professora devem buscar.

⁴ Portal do SBT/Carrossel, 2012. Disponível em:
<<http://www.sbt.com.br/carrossel/fiquepordentro/?c=5274#.VPIXAHzf-nw>>. Acesso em março de 2015.

Outra crítica similar a esta de Freire pode-se encontrar em Lucero⁵ (2013) que ao escrever uma homenagem pelo dia dos professores na Argentina declara que

Jacinta Pichimahuida, sus historias y la de sus alumnos acompañaron parte de la infancia de muchos de nosotros. Apoyada claramente en el estereotipo de la maestra que hace de su trabajo un apostolado, de manera abnegada y servicial, su compromiso con los problemas sociales puede advertirse desde algún conflicto surgido en el seno familiar de algún protagonista de la serie. Pero nunca vimos a la abnegada Jacinta hacer un paro, caminar en una marcha o reclamar por alguno de sus derechos laborales. Jacinta participando de una huelga hubiera sido un capítulo de "colección" (LUCERO, 2013). (Artigo em anexo)

Pode-se pensar que a questão do magistério por vocação estaria longe dos dias atuais. Porém, a ideia de procurar os cursos de formação de professores apenas por sentir-se vocacionada para o exercício da profissão está ainda latente.

Um levantamento de dados realizado no ano de 2014 na rede Municipal de Educação Infantil da cidade de São Carlos, SP, por ocasião de estudos sobre o tema “Políticas Públicas Municipais de Educação Infantil: diagnóstico e pesquisa”, pesquisa subsidiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do programa Observatório da Educação (OBEDUC), pretendeu-se verificar tanto as características de perfil das crianças atendidas, como de professoras da Educação Infantil.

O relatório da pesquisa realizada está publicado no Caderno de Indicadores, organizado por Afonso Canella Henriques; Anete Abramowicz; Fabiana Luci de Oliveira e foi apresentado no I Seminário de “Políticas Públicas Municipais de Educação Infantil: diagnóstico e pesquisa”, de 19 a 23 de outubro de 2015 na cidade de São Carlos.

Em relação às professoras, cerca de 840 que atuam na rede municipal de São Carlos, foi feito um censo por meio do autopreenchimento de um questionário que totalizou 66 questões voltadas para um retrato demográfico e socioeconômico das profissionais. Ao traçar o perfil das professoras, com destaque para o motivo de escolha da carreira, a pesquisa mostrou que 68% das entrevistadas declaram que esta escolha se deu por sonho, realização pessoal ou **vocação**.

Esta é uma constatação de que até os dias atuais a vocação move as pessoas que pretendem uma formação para o magistério. O problema com isso é

⁵Disponível em: <http://www.rosario.sadop.net/article/showArticle?contId=2712>. Acesso em julho 2015

que a vocação está ligada a emoção acima da razão e por isso, mesmo sendo uma profissão desvalorizada social e politicamente, a ideia de servir como um sacerdócio prejudica a ação de valorizar todo o empenho e formação dedicados a esta profissão. Outra questão que se levanta é, dado que tantos professores valorizam a vocação para o magistério, muitos a preterem no lugar da formação pensando que a vocação resolve todas as questões que surgem na sala de aula.

Diante dos estudos realizados, podemos considerar que a questão do exercício do magistério como sacerdócio e vocação, tem antecedentes históricos relevantes e que ainda nos dias atuais continuam movendo pessoas que aspiram ao professorado. Foram 210 anos de educação jesuítica e nossa escola ainda tem fortes influências.

Um aspecto que atualmente reforça a valorização da imagem da professora comparando-a com o sacerdócio e a vocação é a televisão.

A seguir serão apresentadas algumas considerações feitas a partir de estudos e observações desta pesquisa.

2.5 O sacerdócio e a vocação reforçados pela mídia

A imagem do professor passada pela mídia influencia o conhecimento das pessoas que a assistem. Essa ideia é resultante das pesquisas de Mary M. Dalton (1996), sobre a imagem dos professores apresentada em filmes hollywoodianos que retratam os mestres: “[...] o conhecimento geral sobre as relações entre professores e alunos [...] é criado por construções da cultura popular exibida pela mídia” (DALTON, 1996. p. 98). Para chegar a esse pensamento, Dalton (1996) analisa mais de 20 filmes que têm um professor ou uma professora como um dos personagens principais. Os filmes selecionados foram exibidos nos cinemas dos Estados Unidos, sendo a maioria, filmes estadunidenses. Esses filmes representam mais de 60 anos de história do cinema e cobrem gêneros que vão de drama à comédia, passando pela ação aventureira. Apesar da amplitude, estes filmes contam essencialmente uma história sobre professores: bons professores ou boas professoras que são projetados na tela como luzes brilhantes nas escolas da escuridão. O objetivo da

autora é dar definição para a realidade construída que é a versão particularmente hollywoodiana do bom professor.

Dalton (1996, p.99) afirma que existem análises sobre filmes que retratam o professor e as escolas apresentando-os como salvadores de crianças “das drogas, da violência, de suas famílias e até de si mesmos”. Segundo a autora, os textos analisados mostram que os demais professores são imprestáveis, cínicos, despreparados e não estão dispostos a aceitar o desafio. Apenas o bom professor é tido como santo, ungido, na maioria dos filmes é um homem, e deve separar os alunos bons dos outros para serem salvos antes que seja tarde. Essa forma de apresentar o professor ou a professora mostra estereótipos caracterizados como modelos positivos.

Embora discordando de alguns pontos nessas análises, Dalton (1996) acredita que estes bons professores são julgados assim por estabelecerem boas relações com os alunos mais problemáticos. E, normalmente, estes se tornam aliados, reforçando a tese do bom professor.

O bom professor é visto pelos demais colegas como um estranho, um forasteiro, uma ameaça, e, geralmente, não é benquisto e é antipatizado pelos outros professores. Além disso, segundo Dalton (1996, p.102), “o/a bom/boa professor/a envolve-se com os/as estudantes num nível pessoal, aprende com eles/as e usualmente não se dá muito bem com os/as administradores/as”. Esses professores aparecem mais estreitamente ligados com seus alunos do que com os outros adultos da escola. Por isso, continua a autora, “estes são renegados, fora do grupo, proclamando o individualismo, o herói solitário sempre presente nos filmes hollywoodianos” (DALTON, 1996, p.102).

Dalton (1996) considera que os filmes não centram nas questões curriculares, mas na relação humana entre estudante e professor como sendo superior ao conteúdo e que, normalmente, os professores usam o dia-a-dia para formar seu currículo, aliado ao bom humor como técnica de ensino. Apesar dos filmes terem um papel preponderante na formação e na criação da nossa subjetividade.

No texto apresentado por Dalton (1996), verifica-se que também o professor apresentado pela televisão possui as mesmas características e se ajustam aos mesmos paradigmas. A seguir será considerada essa afirmação da autora voltando o olhar para o professor apresentado na novela da TV, Carrossel, antes, porém far-se-á considerações sobre a televisão e a criança.

2.6 A televisão e a criança

Cerca de vinte anos atrás, Porto (1996) já afirmava que a televisão era o meio de comunicação mais difundido nas residências brasileiras, atraía para si milhares de pessoas, que em seu uso faziam dela o espaço de lazer e entretenimento das famílias. As crianças eram expostas diante dela cada vez mais cedo. Na busca de tempo livre para os afazeres domésticos ou por comodismo, os pais acabavam delegando à televisão o cuidado dos filhos, que passavam horas à sua frente.

Porto (1996, p.25) adverte que a televisão exerce um fascínio nas crianças combinando “a linguagem visual, oral, sinestésica, musical e escrita”. Encontra fórmulas que se adaptam à sensibilidade do ser humano usando “cenários, personagens, sons, imagem, ângulos e efeitos especiais” (PORTO, 1996, p.25). Sem aprofundar temas, mas explorando as emoções e exigindo envolvimento do receptor, usa uma linguagem dinâmica e cativa sua sensibilidade, abolindo totalmente a distinção entre ficção e realidade.

Sua programação é pensada para seduzir, encantar e cativar o público. A autora adverte que:

A mídia, para funcionar, precisa de público e para garantir que fiquem “ligados na telinha”, precisa criar, estimular e/ou se adaptar às necessidades de consumo da classe média; para isso está sempre se alterando. Procura, através de pesquisas de audiência, satisfazer as aspirações e despertar o interesse do telespectador. Cria estratégias que façam com que o supérfluo pareça necessário. (PORTO, 1995, p. 26).

Baccega (2002) explicita que hoje não é possível pensar a realidade sem a televisão, pois ela está no desejo, nos anseios e nas particularidades que compõem a nossa cultura e mais, ela educa. Há mais de cinco décadas de sua implantação no Brasil, com pleno êxito, influenciou gerações a partir de uma programação de vários gêneros, principalmente, com a ficção, com destaque para as telenovelas. Para essa autora,

falar de televisão deve implicar falar do contexto cultural no qual ela está inserida, ocupando-se dos aspectos dominantes da cultura, que regem tanto o enunciador (emissor) quanto o enunciatário (receptor). Um desses aspectos é a assimilação que a televisão faz dos componentes populares da cultura, assenhorando-se deles a partir de suas linguagens, devolvendo-os sob uma roupagem ao qual a TV serve. Ninguém escapa desse sistema de assimilação, caso contrário não publicizará seus pontos de vista. (BACCEGA, 2002. p.7).

Esta mesma autora alerta que quando as crianças chegam à escola já estão audiovisualmente alfabetizadas. A televisão introduziu-se como fonte de educação que não pode ser negada e nem ignorada pela escola. Ela exerce maior influência na cultura e atinge diretamente os sentidos, as emoções, mais do que os livros e a escola.

Baccega (2002) propõe então uma interação da escola para com a televisão. Afirma que “é preciso deixar de ver a televisão como inimiga” (BACCEGA, 2002, p.10) e considerar que o aluno já está alfabetizado nela. Para tirar proveito disso, a escola deve saber usá-la não como substituto do professor, o que ela nunca será, mas como ferramenta de conhecimento para atingir seus objetivos. Para a autora,

A escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos, criados num ecossistema comunicativo que não se restringe à utilização de imagens ilustrativas [...] na verdade, trata-se de outra maneira de ver e de ler, de sentir e apropriar-se do mundo, com relação à qual a escola não pode se omitir.[...] a linguagem escrita, o livro, continuará a ser a chave da primeira alfabetização formal que, em vez de fechar-se sobre si mesma, deve hoje pôr as bases para essa segunda alfabetização que nos abre a múltiplas escrituras, hoje conformando o mundo audiovisual e da informática. (BACCEGA, 2002. p.12).

As análises sobre a televisão não são de consenso entre os autores. Se em Baccega (2002) podemos pensar que a televisão educa e, portanto, deve ser explorada nesse sentido, encontramos em Caparelli (1982) a afirmação de que a televisão educa, mas ou para o bem ou para o mal. Em suas palavras,

Os programas infantis ou educam bem ou educam mal. E aqui é preciso deixar de lado o lugar comum de que os melhores programas são aqueles que têm uma audiência mais numerosa. Isso vale em termos de marketing, mas não no respeito à criança. (CAPARELLI, 1982, p.79).

Em sua análise sobre a programação infantil da televisão brasileira Caparelli (1982) adverte que as crianças estão em processo de formação e não têm condições de decifrar o grande número de mensagens que recebem pela televisão. Os programas, geralmente, são explorados pela iniciativa privada que visa o lucro e não tem o compromisso de educar.

Isso fica evidente na medida em que observamos que ao produzir programas para o público infantil, junto a ele se somam o lançamento de diversos produtos, em geral DVDs, CDs, brinquedos, roupas e diversos acessórios. É notório nos diversos ambientes sociais, e até mesmo na escola, o consumo desses itens a cada novo programa ou novela, há uma massificação no jeito de se vestir, no comportamento

infantil, brinquedos, eletrônicos, dentre outros. O mesmo ocorreu com a divulgação da novela *Carrossel*, objeto deste estudo.

2.7 A novela *Carrossel* e a professora Helena

A novela *Carrossel* teve grande sucesso quando foi exibida no Brasil pelo SBT em 1991, tendo superado em audiência programas consagrados de outras emissoras. A ideia deu tão certo que o SBT decidiu reprisar *Carrossel* em 1993, 1995 e 1996, e em todas as ocasiões, a novela foi muito bem recebida pelo público, em especial o infantil.

Apostando mais uma vez na telenovela, o SBT fez uma refilmagem totalmente brasileira sendo escrita e adaptada por Íris Abravanel e dirigida por Reynaldo Boury. Assim, a telenovela *Carrossel* com elenco brasileiro, foi exibida pelo SBT de segunda a sexta-feira a partir das 20h30min, nos anos de 2012- 2013. Esse *remake* contou com 310 capítulos, foi ao ar no dia 21 de maio de 2012 e terminou no dia 26 de julho de 2013. Em 2015 a telenovela começou a ser reprisada, no horário de 21h15m, e deverá ficar no ar até o segundo semestre de 2016.

Os meios de divulgação do Ibope atingido nas programações televisivas anunciaram que a novela teve audiência recorde para a emissora transmissora e afirmam que há muito tempo o SBT não obtinha uma audiência desta grandeza. Assim publicou a Revista *Veja* (2012, s/n)

"Carrossel" é um remake quase idêntico de uma novela mexicana produzida nos anos 80 e já exibida pelo próprio SBT em 1991 e 1995. Segundo análises dos números do Ibope, ela tem conseguido atrair um público que estava nos canais pagos ou até mesmo longe da televisão. "A novela não é maravilhosa, é apenas correta, mas faltam boas opções de atrações infantis, o que abre espaço para esse fenômeno", diz José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, ex-vice-presidente de operações da Rede Globo.

A escola Mundial e a sala de aula da 3ª série são os principais cenários onde tudo acontece. É aí que a trama se desenvolve em meio à convivência, as descobertas e os problemas enfrentados pelos alunos e onde eles tentam resolver suas questões da melhor maneira possível, contando principalmente com a ajuda da professora Helena que acaba sendo a verdadeira mãe de todos eles.

A história na novela segue o seguinte roteiro, publicado no site do canal SBT/CARROSSEL (2012):

A novela tem início com a chegada de **Helena** à **Escola Mundial** para assumir o cargo de professora efetiva. Helena traz consigo toda sua jovialidade, o desejo de lecionar e a disposição de propiciar aos alunos uma boa formação. Ela é a primeira e a única a conquistar todas as crianças do terceiro ano, batendo de frente com as regras e exigências da impetuosa e rigorosa diretora do colégio, **Sra. Olívia**. Helena está sempre disposta a colaborar com todos, não só conquista a confiança dos alunos, como também acaba se envolvendo com os conflitos pessoais e familiares. Ela passa a ser, além de uma professora, uma grande amiga e conselheira.

Helena encontra no velho **Firmino**, o zelador da escola, um fiel amigo. Os dois agem como conciliadores nos conflitos provocados pela autoritária Olívia, que não gosta da tolerância excessiva da professora com relação aos alunos. Firmino conhece todos os alunos e funcionários da escola e sabe lidar com cada um deles, até mesmo com **Dona Matilde**, a exagerada professora de música, que sempre sofre com as travessuras das crianças e está sempre estressada.

Quando Helena fica doente, a professora **Suzana** chega para substituí-la e acaba cativando também o coração das crianças – Suzana quer o posto de Helena. A professora de música, Matilde, enlouquecida, deixa a escola e é substituída por **Renê**, que forma uma banda com os alunos do terceiro ano e tem um romance com Helena.

A **Escola Mundial** é aberta para todos. Meninos e meninas de diferentes crenças e classes sociais são colocados na mesma sala de aula. A união e a igualdade são pregadas pela professora Helena, mas todos os alunos são tratados individualmente, caracterizando o jeito, a personalidade e as necessidades específicas de cada um. (Grifos do autor)

No mesmo portal do SBT/Carrossel (2012) encontra-se a seguinte descrição dos principais personagens:

Personagens



Professora Helena Fernandes (Rosanne Mulholland)

Professora jovem, linda e meiga que leciona ao terceiro ano da Escola Mundial. Para Helena, o ensino caminha lado a lado com o amor. É moderna e antenada nas novas tendências da educação. Helena se torna um referencial para seus alunos. É com ela que eles contam em todas as circunstâncias que enfrentam, sejam elas felizes ou tristes.



Adriano Ramos (Konstantino Atanassopolus)

Sonhador e criativo, é disperso e inteligente. Não é estudioso, mas tira notas boas, o que é um mistério para os colegas, já que Adriano vive caindo no sono durante as aulas.



Alicia Gusman (Fernanda Concon)

Espoleta e moleca gosta de esportes radicais e brincadeiras de menino. Vai para todos os lugares, até mesmo para a escola, de skate. Veste-se de forma descontraída e sem muitas combinações.



Bibi Smith (Vitória Diniz)

Tem um leve sotaque da língua norte americana e vive usando palavras em inglês para se expressar. Faz a política da boa vizinhança, mas não é muito fã de contato físico ou muita proximidade. Enfrenta alguns problemas de ortografia por ter sido alfabetizada em inglês, mas tira as matérias de letra.



Carmen Carrilho (Stefany Vaz)

Meiga e doce é educada e respeita a todos. Míope, usa óculos grandes de lentes grossas, mas não tem o menor problema com isso. Carmen é madura e enfrenta com sua mãe uma situação muito difícil: o abandono do pai.



Cirilo Rivera (Jean Paulo Campos)

Ingênuo e inocente, Cirilo costuma cair nas peças que seus colegas lhe pregam. Doce e de boa índole, sempre ajuda os amigos. Por ser negro e de família simples, sofre preconceito por parte de Maria Joaquina, menina pela qual se apaixona.



Daniel Zapata (Thomaz Costa)

Aluno exemplar, não se deixa levar pelas más influências. Líder intelectual da turma, não consegue ver um amigo sofrendo, nem em apuros. Por isso, funda a “Patrulha Salvadora”, composta por seus colegas de classe.



Davi Rabinovich (Guilherme Seta)

De personalidade doce, é judeu e muito sensível. A sensibilidade e o fato de ser medroso fazem com que Davi seja visto como o chorão da classe. A única coisa que o prejudica na escola é seu romance com Valéria, já que sempre a encobre em suas confusões.



Jaime Palillo (Nicholas Torres)

Com o coração de ouro, mas sem muitos modos, Jaime é gordinho, bruto e costuma resolver seus conflitos com empurrões. Enfrenta sérias dificuldades pedagógicas, é repetente e come muito e de tudo.



Jorge Cavalieri (Léo Belmonte)

Vizinho de Maria Joaquina, é o menino mais rico da sala. Prepotente e orgulhoso, possui inteligência acima dos padrões de sua idade, é maduro e acha os colegas bobos. Egoísta, Jorge é malvado e tem apenas Maria Joaquina como amiga.



Kokimoto Mishima (Matheus Ueta)

Japonês espevitado e baixinho, sua marca registrada é uma faixa amarrada na cabeça. Tem raciocínio rápido e tira de letra os problemas matemáticos. Capanga de Paulo, sempre faz parte de seus planos mirabolantes.



Laura Gianolli (Aysha Benelli)

Gordinha e sentimental, é a romântica da classe. Está sempre beliscando um pedacinho de comida. Boa aluna, é muito participativa nas aulas. Iludida, volta e meia acredita que algum de seus colegas está apaixonado por ela.



Maria Joaquina Medsen (Larissa Manoela)

Arrogante, pensa que por ser filha de médico, rica e bonita é superior aos seus colegas. Racista e preconceituosa, não mede palavras para ofender seu colega Cirilo, o qual despreza também por gostar dela. Costuma delatar

os colegas a fim de prejudicá-los, é orgulhosa e sempre os humilha quando tem oportunidade.



Marcelina Guerra (Ana Victória Zimmermann)

Amorosa e sensível, a irmã mais nova de Paulo defende os injustiçados sempre que sua coragem permite. Marcelina é facilmente dominada pelo irmão. É a mais baixinha da classe e seus amigos vivem fazendo piadinhas a respeito disso.



Mario Ayala (Gustavo Daneluz)

Mario perdeu a mãe e, desde então, não acredita mais em Deus. Como defesa, maltrata as pessoas e se mantém distante, com medo de se magoar. Adora os bichos e com eles tem contato próximo. Após encontrar um cachorro com a pata quebrada, o adota para si. Rabito, batizado por Mario, se torna seu melhor amigo.



Paulo Guerra (Lucas Santos)

Revoltado e sem limites, está sempre aprontando com os colegas. É fã dos estilingues e zarabatanas. Usa Kokimoto como seu capanga. Seus alvos prediletos são Laura e Cirilo. Muitas vezes, desconta a raiva na irmã Marcelina. O comportamento do menino na escola é reflexo do tratamento que recebe dos pais.



Valéria Ferreira (Maísa Silva)

Sapeca, está sempre metida em confusão ou bolando um plano mirabolante. Inteligente e mandona, é do tipo que tem resposta pronta para absolutamente tudo e uma piadinha sempre na ponta da língua. Sonha em ser apresentadora de TV



Graça (Márcia de Oliveira)

Encarregada da limpeza da escola, é destrambelhada, confusa e escrachada. Fala o que pensa e só se arrepende quando a besteira já está feita. Sua marca registrada é um espanador que leva consigo para todo lado.



Diretora Olívia (Noemi Gerbelli)

Comanda sua escola com mãos de ferro. A cara fechada e a postura rígida são suas técnicas para preservar a disciplina. Faz questão de se impor como autoridade e mostrar seu poder.



Firmino Gonçalves (Fernando Benini)

Nascido em Portugal, veio para o Brasil já mais velho, atrás de melhores oportunidades de trabalho. Sua esposa falece, o que faz com que ele envelheça mais rápido e se acomode com o emprego de porteiro na Escola

Mundial. As crianças se tornam os filhos que nunca teve e os funcionários sua família. (SBT/Carrossel. 2012).

Na telenovela apresentada pela Televisa, a emissora que gravou e transmitiu *Carrusel* no México, o próprio Abel Santa Cruz, autor dos contos originais, fez as adaptações para a televisão mexicana. Vindo da Argentina, em pouco tempo conseguiu traçar o perfil da novela para atender e despertar as necessidades locais.

No quadro 1 apresentamos os caminhos percorridos pela obra de Santa Cruz. Tem-se informações, mas não fontes seguras, de que ainda muito mais apresentações foram feitas, em especial na Argentina na forma de teatro. Portanto, dificilmente se conseguirá uma tabela fiel a todas as apresentações. Como exemplo, enquanto na Argentina, por ocasião do doutorado sanduíche, tivemos informações de que a telenovela foi reprisada há cerca de dois anos antes da realização desta pesquisa, mas não tivemos como verificar essa informação, ficando assim para próximas pesquisas.

Quadro 1 Histórico cronológico da novela Carrossel exibida na Argentina, Brasil e México. Por ano de exibição

PERÍODO	HISTÓRICO CRONOLÓGICO DA NOVELA, POR PAÍSES
1938 -1940	Abel Santa Cruz escreve os Contos de Jacinta Pichimahuida publicados na revista Paturuzú (Argentina)
1950 - 1964	Rádio teatro e Rádio novela (Argentina)
1967	Publicação em livro dos Contos de Jacinta Pichimahuida (Argentina)
1966; 1968; 1974-1975; 1983-1985	Telenovela Jacinta Pichimahuida la mestra que no se olvida Apresentação da novela na Argentina – Canal 9 (a versão Señorita Maestra 1983- 1984 foi transmitida pela ATC e depois pelo canal 9)
1974 e 1977	Filmes: 1- Jacinta Pichimahuida la maestra que no se olvida; 2-Jacinta Pichimahuida se enamora – Argentina
1975	Fotonovela – Jacinta Pichimahuida – (Argentina)
1989;	Televisa transmite a novela de Abel Santa Cruz (México)
1991	SBT transmite a novela <i>Carrusel</i> (Brasil)
1992	Televisa: Carrusel de las Américas – em comemoração aos 500 anos das Américas. Transmitida para toda América Latina (México)
1996	SBT transmite a novela Carrusel de Las Américas (Brasil)
2002	Televisa: Viva los niños (Carrusel 2) (México)
2003	SBT a novela <i>Viva Los Niños</i> (Brasil)

1991, 1992, 1993, 1995, 1996	SBT Reprise da versão de 1989 (Brasil)
1993	Reprise da novela no México
1997	Nova reprise da novela no México
2012 a 2013	SBT <i>Remake</i> da versão de 1989 (Brasil)
2014-2015	Série: Patrulha Salvadora – 1ª e 2ª temporadas - SBT
23 de julho de 2015	“Carrossel, o filme” (SBT e Televisa – México e Brasil)
2015 16/03/2015	Reprise da novela Carrossel (2012/2013) (Brasil)
2016	Filme “Carrossel 2: o sumisso de Maria Joaquina” (SBT) Brasil

Fonte: Informações organizadas pela pesquisadora (VALENTIM, 2016)

No quadro 2 visualiza-se as versões gravadas da telenovela nos três países e as atrizes escolhidas para representar a maestra Jacinta Pichimahuida.

Quadro 2 – Versões da telenovela na Argentina, no México e no Brasil

Novela	Emissora	País	Protagonista	Personagem
Jacinta Pichimahuida, la maestra que no se olvida (1996)	América Televisión	Argentina	Evangelina Salazar; Sílvia Mores; Maria de los Angeles Medrano	Jacinta Pichimahuida
Señorita Maestra (1983 - 1985)	ATC		Cristina Lemercier	
Carrussel (1989)	Televisa	México	Gabriela Rivero	Jimena Fernández
Carrussel de las Américas (1992)			Andrea Legarreta	Lupita Gómez
Viva los niños (2002)			Roseanne Mulholland	Helena Fernandes
Carrossel (2012)	SBT	Brasil		

Fonte: Informações organizadas pela pesquisadora (VALENTIM, 2014)

No quadro 3 apresentamos os principais atores nas três versões da telenovela.

Quadro 3 – Nome dos atores principais nos três países

ARGENTINA	MÉXICO	BRASIL
<i>Jacinta Pichimahuida la maestra que no se olvida/ Señorita Maestra</i>	<i>Carrusel/ Viva los niños!</i>	Carrossel (do México) / Carrossel (versão do Brasil)
Jacinta Pichimahuida	Jimena (Ximena) Fernández	Helena Fernandes
Efraín (porteiro)	Don Fermín Hernandes	Firmino Gonçalves
Directora Ezcurra	Directora Olívia	Directora Olívia Veidder
Palmiro Cavallasca	Jaime Palillo	Jaime Palillo
Cirilo Tamayo	Cirilo Rivera	Cirilo Rivera
Etelvina Baldasarre	Maria Joaquina Villaseñor	Maria Joaquina Medsen
Mercedes "Meche" Ferreyra	Valeria Ferrer	Valéria Ferreira
Aquiles Strabucco	David Rovinovich	Davi Rabinovich

Carola Quiñones	Laura Quiñones	Laura Gianolli
Canuto Carsio	Pablo Guerra	Paulo Guerra
Clavelina Carsio	Marcelina Guerra	Marcelina Guerra
Fito Zabala	Daniel Zapata	Daniel Zapata
Carmen Caricati	Carmem Carrillo	Carmen Carrilho
Aquiles Coco Strabuco	Kokimoto Mishima	Kokimoto Mishima
Bibi Schmidt	Bibi Smith	Bibi Smith
Adrián Salvatierra	Adriano Roman	Adriano Ramos
Eneas Calandrino ou Jorge Batallán (teve um nome no livro e outro na televisão)	Jorge Del Salto	Jorge Cavalieri
Mateo Sagreras	Mário Ayala	Mário Ayala
Pedro Anselmi	Não figurou na versão do México	Não figurou na versão do Brasil

Fonte: Informações organizadas pela pesquisadora (VALENTIM, 2016)

Ainda há informações de que países da Europa e da Ásia também transmitiram a novela, mas essa pesquisa também fica aberta para outros pesquisadores.

O que chama a atenção na novela é exatamente o papel da professora. Na revista Mundo Carrossel, publicada pela editora On Line (2012, p.3), lê-se que,

Roseanne Mulholland dá vida à meiga professora Helena que assume o cargo de professora do terceiro ano na Escola Mundial. Cuidando de dezesseis alunos e dos primeiros conflitos vividos por eles, ela cativa cada uma das crianças.

A imagem transmitida da professora que se apresenta como “santa”, vocacionada para o exercício do magistério, adorada pelos alunos e seus pais. Entende e ajuda a resolver os problemas das crianças incluindo os domésticos tais como o de sair com a turma pela comunidade à procura do cachorro que sumiu de casa e deixou o aluno desconsolado; levar a turma para visitar a avó de um dos alunos que ficou muito triste por causa da doença da senhora; esconder da diretora da escola as notas baixas e as traquinagens da turma, e ainda dar conta dos conteúdos e organizar os trabalhos escolares dentre muitas outras atividades.

Assim, pode-se considerar que o professor de Hollywood e a professora da novela são apresentados como o bom professor, aquele que entende e aceita os alunos como eles são, aconselha, releva, defende, e como verificamos em alguns episódios, coloca-os acima da própria família; considera mais as crianças do que os outros adultos da escola, e demonstra ser o único interessado nos seus alunos. Por outro lado, os demais professores são apresentados como vilões, sempre querendo que os bons professores e seus alunos se deem mal.

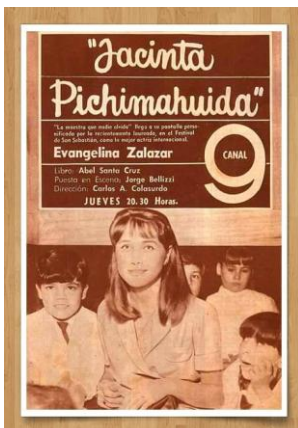
Em defesa de sua turma, a professora não se importa em enfrentar a diretora e outros professores, muitas vezes escondendo os malfeitos dos alunos mais levados. Assim encara várias vezes a ira da diretora, a inveja de outros professores, os pais e a comunidade para proteger seus alunos. Tem sempre ao seu lado o porteiro da escola, além da faxineira e o professor com quem vai formar o par romântico da novela.

A fim de observar a imagem da professora nas novelas, expomos aqui algumas fotos das atrizes selecionadas para representar a *maestra* Jacinta Pichimahuida.

Na Argentina a imagem que mais chamou a atenção é a da primeira atriz no papel, Evangelina Salazar:

Figura 1 Evangelina Salazar

(Evangelina Salazar como Jacinta Pichimahuida, un personaje creado por Abel Santa Cruz emitido por canal 9 en 1966)



Fonte: <http://goldonlinecomisc.blogspot.com.br/2012/06/primeira-versao-da-novela-carrossel.html>

A segunda atriz a interpretar a maestra Jacinta foi Silvia Mores. É também chamada de a maestra esquecida, pois na Argentina a figura mais marcante foi de Evangelina Salazar e substituí-la na figura da maestra foi um papel nada fácil.

Figura 2 – Silvia Mores

Silvia Mores, aos 17 anos, quando começava a interpretar Jacinta Pichumahuida. A foto foi publicada na revista "Gente" em 1968.



Fonte: Blog: <http://jacintapichimahuida.Obolog.es/Silvia-mores-jacinta-ouidada>

A terceira imagem é de Maria de Los Angeles Medrano.

Figura 3 – Maria de los Angeles Medrano



Fonte: <http://alguiensabedondeesta.blogspot.com.br/2008/06/alguien-sabe-dnde-est-mara-de-los.html>;
<https://www.google.com.ar/#q=maria+delos+angeles+medrano+actriz>

Por fim, a quarta imagem que temos da maestra Jacinta na Argentina é de Cristina Lemercier.

Figura 4: Cristina Lemercier.

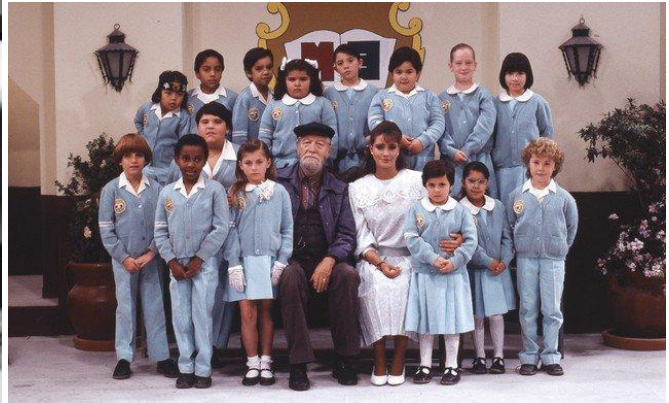
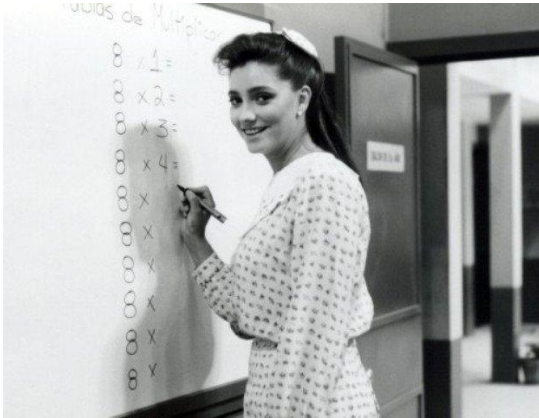


Fonte: <http://teleretrotv.blogspot.com.br/2010/12/hirven-los-recuerdos-nota-palmiro.html>; e <https://www.google.com.ar/search?q=cristina+lemercier+fotos>

A seguir selecionamos imagens das professoras no México. A atriz Gabriela Rivero:

Figura 5 – Gabriela Rivero – a Jacinta do México





Fonte: <http://filmow.com/gabriela-rivero-a222195>;
https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=id9UVrDNHJDJgATdvoWwDw&gws_rd=ssl#q=Gabriela+Ri+vero

A segunda professora do México é Andrea Legarreta, que interpretou Lupita Gómez, a outra Jacinta Pichimahuida do México.

Figura 6 – Andrea Legarreta – a Jacinta Pichimahuida de Vivan los niños



www.esmas.com/vivanlosninos



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=andrea+legarreta+carrusel+niños;>

A Jacinta Pichimahuida brasileira, conhecida como a professora Helena, foi interpretada por Roseanne Mulholland. Na figura 7 conferimos as imagens dessa maestra.

Figura 7 –Roseanne Mulholland –professora Helena, a Jacinta Pichimahuida do Brasil.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=rosanne+mulholland+carrusel>

Como é possível perceber, as imagens das professoras nos três países além de parecidas, refletem um rosto angelical, doce, jovial e muito bonito. Muito fácil de conquistar, deixando crianças apaixonadas e o público em geral com a certeza de ser esse o modelo perfeito de professora. Porém, o que fica evidente é que estas imagens são produtos oferecidos para explorar a venda de artigos fabricados com a marca Carrossel.

Como advertem os pensadores da Escola de Frankfurt, tendo em suas mãos a tecnologia e a ciência, os poderes político e econômico utilizam tais recursos para impedir que os indivíduos tomem consciência da sua condição de desigualdade. Em seu horário de lazer, o trabalhador senta-se à frente da televisão pensando esquecer seus problemas, mas, é nesse momento que absorve os valores que predominam em sua rotina de trabalho. É assim que a indústria cultural exerce controle sobre as massas, convertendo cidadãos conscientes em consumidores passivos.

A seguir, procuramos descrever em mais profundidade esta ação perversa da indústria cultural.

2.8 A indústria cultural revitalizada por meio da vocação e do sacerdócio da professora na telenovela Carrossel

Ao refletir sobre a influência que os meios de comunicação de massa, como a televisão, exercem sobre a sociedade, voltamos nosso pensamento para os primeiros filósofos que denunciaram a linha tênue que separa as fronteiras da informação, do consumo, do entretenimento e da política oportunizada pela mídia, bem como os efeitos nocivos na formação crítica da sociedade, os pensadores da Escola de Frankfurt. Se, para o Iluminismo, o progresso da razão e da técnica seriam os recursos de esclarecimento social, esses autores apontam que estes seriam os instrumentos ideológicos para escravizar o indivíduo na sociedade moderna.

Nesta seção, vamos nos deter no conceito de indústria cultural segundo Adorno e Horkheimer (1985), e verificar a revitalização da mesma na personagem da novela Carrossel.

2.8.1 O conceito de indústria cultural

Adorno e Horkheimer (1985) cunharam o termo indústria cultural em meados do século XX, para designar a manipulação de massas de consumidores a fim de que encontrem o conformismo em suas ações de compradores irreflexivos ou mesmos impulsivos.

A Indústria Cultural se oficializou com estes autores na obra *Dialética do Esclarecimento* em 1947 e sua teoria denuncia a troca de mercadoria presente nas relações sociais. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que tanto o cinema como o rádio, principais meios de comunicação da época, hoje podemos acrescentar também a televisão, não precisam mais se apresentar como arte, pois na verdade não passam de um negócio. Esses meios de comunicação de massas utilizam a arte “como uma ideologia destinada a legitimar todo o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmo como indústria, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.57). Ou seja, aquilo que poderia ser arte e conseqüentemente cultura, é transformado em meros produtos para enriquecer ainda mais os economicamente mais fortes.

Valentim (2001a) destaca que a indústria cultural além de representar a perda da emancipação dos homens também favorece danos a formação da subjetividade cultural da sociedade.

O conceito de “Indústria Cultural” em Adorno, marca a perda da emancipação dos homens, a forma repressiva da formação da identidade da subjetividade social, e ainda, destaca Maar, manipula os sentidos dos objetos culturais, subordinando-os à economia e à política vigente. Além disso, Adorno também aponta para os conteúdos irrefletidos e conformistas da “Semiformação”, que favorecem a fraqueza do eu e estimulam o comportamento segundo os interesses manipulatórios (VALENTIM, 2001. p.77).

Este é o sistema que se apropriam os meios de comunicação e, principalmente, a mídia televisiva para infiltrar-se de maneira imperceptível, entorpecendo os sentidos e os pensamentos individuais com sua democracia ilusória, fazendo então com que o telespectador venha a aderir àquilo que não lhe é necessário.

Para Medrano e Valentim (2001) a televisão é o meio de maior acesso para a população e convence os telespectadores por meio da sedução a adquirir produtos desnecessários e também reforça preconceitos em relação a raças e classes sociais. As autoras afirmam que

um dos instrumentos usados pela Indústria Cultural, de fácil acesso à população, é a televisão. Ela chega à escola, quer por meio de programas governamentais, quer por informações veiculadas pelos professores, alunos, diretores e funcionários. Com isso, cria necessidades que muitas vezes não se tem, por meio dos mais diversos recursos visuais, com efeitos especiais e publicidade, com uma linguagem de sedução e convencimento, despertando o desejo de consumo. Reforça estereótipos muitas vezes criticados por todos nós quanto a preconceitos, raças, classes sociais etc. Desta maneira, contribui para deformar a percepção da realidade, por meio da reprodução de situações que passam a fazer parte do cotidiano. (MEDRANO e VALENTIM, 2001. p.71).

A indústria a que se refere Adorno é a produção e circulação de produtos massificados, padronizados e manipulados de forma a serem consumidos passivamente pelos indivíduos.

A cultura não se refere à liberdade, fruição e contemplação, ao contrário é a mais pura forma de enclausurar a mente e a reflexão crítica. Mas não é assim que ela se apresenta no caso do presente estudo. Ela vem vestida como princesa. Como quem deseja dar acesso aos bens culturais, ela oferece a falsa sensação de conhecimento, da satisfação de ter adquirido um bem que não pode satisfazer. E porque não satisfaz deixa um vazio e o desejo para um novo consumo. Um desejo que não se realiza nunca e que por isso provoca o consumismo.

A seguir mostramos como esta realidade acontece por meio da imagem da professora e também dos outros personagens da novela Carrossel.

2.8.2 A indústria cultural na imagem da professora da novela *Carrossel*

Para a autora da versão brasileira da novela *Carrossel*, Íris Abravanel⁶, “a nova professora Helena é um retrato da princesa dos dias de hoje, como Kate Middleton” (REVISTA CARAS, 2012). A professora da versão nacional ganhou ares mais modernos, e pode ser comparada à “plebéia que conquistou o príncipe William da Inglaterra, e pessoas do mundo inteiro [...] Ela tem aquela coisa da princesa dos dias de hoje. Toda arrumadinha, engraçadinha, do **bem**. Ela é o protótipo da princesinha moderna”, afirma Abravanel (REVISTA CARAS, 2012. Grifos nosso).

A intérprete da professora, Rosanne Mulholland, também aprova o visual e afirma: “Eu acho muito fofo. Ele é certinho, mas é meio moderno também. Não tem uma cara ultrapassada, de freira” (REVISTA CARAS, 2012).

Os figurinistas da trama, ao serem entrevistados pelo site oficial da novela⁷, afirmam que os *looks* são inspirados em princesas modernas, e que a cada capítulo de *Carrossel*, a professora surge com um figurino romântico e delicado, combinando com a meiguice da personagem, como podemos conferir na entrevista a seguir:

Como funcionou a pesquisa para achar o figurino ideal?

- Buscamos ícones de moda, personagens atuais e princesas modernas. Mulheres doces e elegantes que pudessem nos indicar esse universo na atualidade.

Como as roupas são escolhidas para cada capítulo? A prova de roupa é feita quanto tempo antes de cada gravação?

- As roupas são escolhidas de acordo com as cenas do dia da personagem, que momentos e situações a personagem virá na sequência. As roupas são provadas sempre que produzimos peças novas. Isso acontece diariamente. Para eventos especiais nos capítulos, nos antecipamos, pois normalmente precisamos construir ou até consertos são necessários. As roupas do dia a dia podem se repetir sendo coordenadas de formas diferentes e com certo espaço de tempo para a repetição.

A professora Helena tem um lado parecido com uma princesa moderna. Quais características nas roupas fazem com que ela tenha modernidade sem perder a delicadeza?

- O lado princesa da professora Helena está nos pequenos acessórios, na forma delicada e feminina das montagens. Sempre muito comportada, usando sempre *composê* de estampas e tecidos leves. A cintura marcada, as saias e vestidos com cortes evasês dão a ela a graciosidade e feminilidade necessárias ao personagem. (RIBEIRO, 2012).

⁶ Autora compara professora Helena a Kate Middleton: “É o protótipo da princesinha moderna”. In: Revista CARAS | 17 de Maio de 2012 (EDIÇÃO 967 - ano 19)

⁷ Entrevista realizada por Lourival Ribeiro/SBT, e publicada em 9 de Junho de 2012 às 12:42, no site da emissora: <http://www.sbt.com.br/carrossel/>

A partir dessa descrição da composição do personagem que representa a professora, podemos perceber a importância que é dada, inclusive com a riqueza dos detalhes, que vão influenciar os olhares e as mentes, as fantasias, ansiedades, medos, desejos e esperanças dos telespectadores da novela. O modo de endereçamento é claro, o que a princípio se pensava ser uma novela para crianças acaba atingido inclusive suas avós e até uma boa parte da população. Todos acorrem para possuir os produtos mostrados e anunciados como uma tentativa de ter um pouco daquilo que não era para ser real era apenas ficção, mas acaba se materializando a partir dos produtos consumidos. E quanto mais isso acontece mais sucesso a ficção atinge no Ibope.

No texto *Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*, de Elizabeth Ellsworth (2001), traduzido no livro *Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva, a autora apresenta de modo minucioso como os detalhes da construção do filme ou programa de TV se encaminham para alcançar o espectador nos seus interesses mais íntimos. Muito é investido para alcançar aquele para quem o filme ou a novela, é endereçado. Perguntas tais como: Quem este filme pensa que você é, produzem toda uma produção endereçada a esse sujeito que se quer atingir. Nas palavras da autora:

Parece claro que ao falar para esses elementos, um filme tenta encontrar o público que ele imagina e deseja no lugar onde se encontram seus medos e suas esperanças. Mesmo que o público nunca esteja no lugar para o qual o filme fala, o lugar que o filme endereça parece existir como um “lá” abstrato e partilhável, uma posição-de-sujeito imaginada no interior do poder, do conhecimento e do desejo que os interesses conscientes e inconscientes por detrás da produção do filme precisam que o público preencha. Abstratamente ou não, os filmes parecem “convidar” os espectadores reais a essas posições e encorajá-los, ao menos imaginariamente, a assumir e a ler o filme a partir de lá. E os espectadores parecem ser “recompensados” (com o prazer da narrativa, com finais felizes, com experiências coerentes de leitura) por “assumir” e agir a partir daquela posição imaginária, à medida que interpretam o filme. (ELLSWORTH, 2001, p.39).

A leitura dessa autora nos remete ao que Adorno (1985) chama de Indústria Cultural. É exatamente esse encantamento pelo filme ou pela novela que leva o consumidor a desejar os produtos anunciados por esses programas midiáticos. Como já vimos, Adorno afirma que os filmes ou outros programas de televisão, como a novela, definem a si mesmos como indústria e os lucros arrecadados e publicados

por seus diretores não deixam dúvidas de que tais produtos passam a ter uma necessidade social a ponto de as pessoas desenvolverem ansiedade pela aquisição dos seus produtos. Ao verificarmos os tais produtos oferecidos por essa indústria, enxergamos claramente que a própria telenovela cria a necessidade de adquiri-los.

A manifestação da Indústria Cultural na novela Carrossel é nítida quando observamos a presença da exploração das imagens tanto dos alunos como da professora. A lista de produtos comercializados é grande. Podemos apontar alguns, tais como: álbum de figurinhas, Revista Mundo Carrossel, adereços – tiaras, mochilas, fone de ouvidos, bandanas, faixas, e até os próprios uniformes – usados pelos alunos, CDs, DVD, e brinquedos como a boneca Barbie e jogos.

Silva (2016) em sua pesquisa sobre o *merchandising* ocorrido na Telenovela Carrossel do SBT durante a primeira versão de exibição da novela em 2013, afirma que a trama apresentou uma enorme quantidade de produtos para serem vendidos. Em suas palavras,

Apesar do merchandising ser proibido, em Carrossel as crianças se deparavam com uma infinidade de produtos e marcas na trama, embutidas e apreciadas em diálogos entre as personagens e que pretendiam enaltecer os produtos e marcas. Foi um verdadeiro desfile de mercadorias, como chocolates, bonecas, brinquedos, roupas, sabonetes, TVs por assinatura, redes de supermercado, restaurantes fast-foods e até instituição bancária. (SILVA, 2016, p.98)

A autora aponta que Carrossel pode ser comparada a uma máquina de publicidade para moldar crianças e que essa é uma cultura opressora e totalitária que impede o sujeito de fazer reflexões críticas dado que a indústria cultural impede o vínculo entre pensamento e questionamento da realidade. Verifica também o fato de os publicitários da telenovela realizarem o adestramento ao consumo desde a infância levando a criança a entrar no processo de semiformação.

Observemos a reportagem de Mauricio Xavier, publicado na Revista Veja⁸, versão *on line* para verificar como na prática isso acontece. Para um melhor aproveitamento das informações e a comparação com o texto de Adorno (1995) fez-se alguns recortes na referida reportagem. O primeiro deles pode ser comparado

⁸ O fenômeno da novela "Carrossel". 31.ago.2012 |Atualizada em 7.dez.2012 por Mauricio Xavier [colaborou Nathalia Zaccaro]. Fotos de Mario Rodrigues.

com esta afirmação: “A verdade é que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem” (ADORNO, 1995. p.114). Confirma-se essa análise nesse primeiro recorte:

As estatísticas do Ibope criaram uma ciranda animada no departamento comercial. A projeção é que a novela fature 100 milhões de reais com anunciantes, venda de CDs e licenciamento de produtos até seu encerramento, [...] Existem contratos firmados com catorze empresas para o lançamento de oitenta produtos licenciados — metade chegou às lojas em agosto, o restante estará disponível até o Dia das Crianças, em outubro. Carrossel representa cerca de 70% dos artigos administrados por nosso setor”, afirma Fernanda Brozina, executiva de contas da área de licenciamento (XAVIER, 2012).

No próximo recorte da reportagem verifica-se mais uma vez em Adorno (1995, p.115) a comprovação de sua análise. Ele afirma: “A atitude do público que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa”. Compare-se com o segundo recorte da referida reportagem:

Em geral, esses itens evaporam das prateleiras em poucos dias. A Cacau Show, por exemplo, espalhou seis bilhetes dourados em um lote de 200.000 tabletes de chocolate, a 4,50 reais cada um. Os cupons davam direito a uma visita à linha de produção da indústria e às gravações da novela, nos moldes da trama do clássico filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate” (1971). Numa jogada de marketing espertalhona, para dizer o mínimo, colocaram um dos personagens da trama (Jaime) comendo o tal chocolate e encontrando, facinho, facinho, o tal bilhete premiado — depois dessa, que pai consegue convencer o filho de 5, 6 anos de que a probabilidade real de achar outro dentro da embalagem é de 1 em 33.000? O produto sumiu das lojas em vinte dias [...] (XAVIER, 2012).

Outros produtos também fizeram o mesmo sucesso, compare com os três próximos recortes da reportagem de Xavier (2012):

Recorte 1: Álbum de figurinhas

Lançado em 1º de agosto, um álbum de figurinhas teve 150.000 unidades despejadas nas mãos dos consumidores. “É o nosso maior sucesso da linha de entretenimento, só fica atrás do futebol”, conta o diretor-presidente da Panini no Brasil, José Eduardo Severo Martins.

Recorte 3: Bonecos dos personagens

A Estrela, por sua vez, vendeu 100.000 bonecos dos personagens Cirilo, Maria Joaquina, Valéria e Carmen. “Acho que podemos chegar a 500.000, o que representaria um lucro de 15 milhões de reais e seria o nosso maior sucesso na década”, projeta o diretor de marketing, Aires Leal Fernandes.

Recorte 3: Músicas em CD e DVD

A área musical lucra da mesma forma com a trama. O CD com a trilha sonora vendeu 120.000 cópias, o dobro do que era previsto inicialmente. “Estamos ameaçando a hegemonia da cantora Paula Fernandes no primeiro lugar em vendas no país”, diz o produtor musical Arnaldo Saccomani. Uma segunda versão, com novas músicas, e um DVD com clipes musicais dos personagens serão lançados em outubro: a expectativa é que os três produtos cheguem a 500.000 unidades vendidas.

Esses números devem levar à reflexão e estudos não somente econômicos, mas também no que tange a cultura e educação brasileiras. É preciso analisar como a imagem da professora que se apresenta como vocacionada para o exercício do magistério, adorada pelos alunos e seus pais, é ao mesmo tempo o mito que a Indústria Cultural explora para vender seus produtos. Para Horkheimer e Adorno (1985), a explicação está na manipulação exercida pelos economicamente mais fortes sobre a sociedade, eles afirmam que “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (HORKHEIMER e ADORNO, 1985. p.114).

Esses estudos levam a considerar que há uma grande contribuição na análise que se pode fazer, fundamentados na teoria estudada, das imagens do/a professor/a propagadas pela mídia. Quando temos a oportunidade de avaliar a nossa ação frente aos programas exibidos na TV, em especial aos produtos oferecidos como fundamental de serem adquiridos por conta da necessidade que a própria mídia cria em nós, muito provavelmente teremos a liberdade de escolher não consumir tais produtos.

Os estudos também apontam para uma valiosa contribuição que se pode oferecer às crianças que, no caso da novela Carrossel são o seu modo de endereçamento. Para tanto, é necessário um esclarecimento sobre a indústria cultural que envolve a apresentação da novela, principalmente nas imagens da professora e das crianças, podendo-se utilizar as análises de Adorno e Horkheimer (1985), apontando os mecanismos utilizados para estimular o consumo que a trama

oferece. Estas são algumas das muitas contribuições que esse tipo de pesquisa pode oferecer.

A seguir, apresentamos a pesquisa realizada nos três países: Argentina, México e Brasil.

3 A PESQUISA REALIZADA NOS TRÊS PAÍSES: ARGENTINA, MÉXICO E BRASIL

Os procedimentos metodológicos escolhidos para a pesquisa foram um aprofundamento teórico sobre o tema e após foi elaborado um questionário para direcionar as entrevistas. Assim fizemos o levantamento das principais questões cujas respostas poderiam responder nosso problema de pesquisa. Os sujeitos participantes foram escolhidos aleatoriamente desde que tivessem assistido a telenovela *Carrossel*.

Os questionários foram aplicados em cada um dos três países para descobrir como cada um apresentou e recebeu a sua versão da novela e como a imagem da professora marcou as pessoas que a assistiram. Os detalhes da pesquisa serão oferecidos quando nos referirmos a cada lugar em que a pesquisa foi aplicada.

Começamos a descrição pela Argentina, país de origem da trama e onde foi realizada a maior parte da pesquisa com o apoio do programa doutorado sanduíche.

3.1 Na Argentina

Para investigar a imagem da professora criada por Abel Santa Cruz, esta pesquisa estendeu-se até a Argentina, entre os meses de abril a julho de 2015, sendo realizada por ocasião do desenvolvimento da bolsa sanduíche, oferecida pela Capes ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, que, por sua vez, distribui entre os alunos interessados em aprofundar sua pesquisa em outro país.

Com o tema “A *maestra* Jacinta Pichimahuida. Uma investigação sobre a novela, a telenovela, seu autor e sua repercussão na Argentina”, o trabalho foi realizado tendo como orientadora a prof.^a Margarita Pierini, investigadora do Departamento de Ciências *Sociales*, especialista em análise de novelas e docente do curso de letras na *Univerdidad Nacional de Quilmes*, província de Buenos Aires.

A pesquisa realizada teve como objetivo investigar a imagem da professora criada pelo argentino Abel Santa Cruz na novela *Cuentos de Jacinta Pichimahuida*. Esta obra foi adaptada para telenovela e foram apresentadas várias versões com o tema “*Jacinta Pichimahuida, la maestra que no se olvida*”, apresentada no canal 9

(Nove) da televisão Argentina em 1966, 1968, 1974 e 1983. A pesquisa também investigou sobre a vida do autor, e procurou verificar a interferência ou não da indústria cultural nestas versões da telenovela.

Em reunião com a orientadora, discutimos quais as melhores formas de realizar a investigação e decidimos que em princípio seriam realizadas pesquisas bibliográficas sobre o autor, a novela e a telenovela.

Sabemos que os temas sobre escolas e professores fazem parte de muitos estudos e já muitas obras foram publicadas sobre eles, tanto na história, como na filosofia, nas artes e nas várias áreas de literatura. Pensando nisso foram realizadas várias leituras nas quais figuram a imagem do “bom” professor.

De Amicis (2011) e sua obra **Coração**, é um dos textos que, provavelmente, fez parte das leituras de Santa Cruz. Publicado, inicialmente, em 1886, na Itália, espalhou-se rapidamente pela Europa e no final desse século alcançou a América e na Argentina fez parte da leitura dos aspirantes a *maestros*.

Neste texto o autor apresenta o diário de Enrico, um garoto de onze anos que frequentava a escola em Turin. Entremeadado por cartas dos pais e contos mensais ditados pelo professor, Enrico narra episódios de sua vida escolar, que tem como protagonistas alunos dos mais variados tipos, bondoso, malvado, vaidoso, pobre, rico, dentre outros, e um professor cheio de bondade e carinho por seus alunos.

Abalos (1949), na obra **Shunko**, apresenta outro professor que empresta algumas de suas características para a *maestra* de Santa Cruz. É o professor da escola rural, admirado por todos por sua abnegação e dedicação ao trabalho docente. Visita os pais exigindo que enviem seus filhos à escola, usando inclusive a figura de um policial anunciando que a exigência vinha do governo e quem não cumprisse poderia ser preso. Trata as crianças como sendo seus próprios filhos. Tem entusiasmo e alegria ao ensinar, desafia os alunos ao conhecimento, alimenta-os, faz curativos, acompanha-os ao hospital quando necessário, enfrenta tempestades e frio para ajudá-los e a suas famílias.

Pinto (2010) mais conhecido por Ziraldo, na obra **Uma professora muito maluquinha** foi outra indicação de leitura. Tal professora criada pelo autor brasileiro nos anos de 1940 apresenta também algumas características da *maestra* de Santa Cruz, que são contemporâneas.

Santa Cruz (1967), nos **Cuentos de Jacinta Pichimahuida**, cobre de ternura e amorosidade a *maestra* de sua imaginação. A seguir, apresentamos uma síntese dos capítulos dessa obra.

Outro passo dessa pesquisa foi montar uma biografia de Santa Cruz, já que não se encontrou um texto pronto que trouxesse essas informações já organizadas.

Conhecer quem foi Santa Cruz, não foi tarefa fácil. O material publicado encontrado para esta pesquisa foi uma entrevista realizada em 1975 por Aída Bortnik, importante escritora e roteirista da Argentina, e que fez esse trabalho para a revista *Crisis* que o publicou inicialmente no nº23, que saiu em março de 1975. A seguir o texto teve várias publicações, incluindo a compilação, feita por Saíta e Romero (2002) no texto *Grandes Entrevistas da História da Argentina*. Para nosso trabalho usamos esta última publicação, sintetizada na bibliografia do autor.

Para entender o contexto cultural do período histórico do autor foram indicados os textos de Grimson (2014) ***Mitomanias argentinas, como hablamos de nosotros mismos***; Buchbinder et al (2010), ***Los sistemas universitarios de Argentina y Brasil***; Grimson e Fanfani (2015), ***Mitomanias de la educación Argentina***; Bulgheroni (1999), ***Argentina, imágenes de un país***; e Incolla (2012), ***Escuelas, colegios y hospitales***.

Estas leituras foram importantes para entender o histórico cultural do período em que a obra de Santa Cruz foi escrita e televisionada, o contexto social, político em que viveu o autor, e os costumes da época, em especial entre os anos 1938 a 1940, data aproximada em que os contos foram publicados inicialmente na revista *Patoruzú*.

A seguir apresentamos a pesquisa realizada que está organizada da seguinte maneira: primeiramente uma pequena biografia do autor do objeto pesquisado; em seguida a obra **Cuentos de Jacinta Pichimahuida**; para finalizar, com o tema O que pensam os argentinos sobre a novela, relatamos as entrevistas com pessoas que assistiram à telenovela originada dos contos de Abel Santa Cruz.

3.1.1 Pequena biografia de Abel Santa Cruz

O texto a seguir foi organizado a partir da leitura da entrevista de Aída Bortnik, roteirista cinematográfica, nascida em Buenos Aires em 1938. Entrevistou Abel

Santa Cruz em 1975 e a publicação do texto está disponível no link⁹ do jornal Página 12 de dez de fevereiro de 2006 e no livro de Saíta e Romero (2002).

A entrevista teve uma duração de quatro horas e foi publicada com o título “Abel Santa Cruz: que a história termine bem”. Foi realizada em dois encontros, um em dezembro de 1973 e o outro em meados do ano seguinte.

Casado e divorciado várias vezes, aos sessenta e cinco anos se uniu a Eve Ziegler, uma atriz que dizia ter deixado tudo por ele.

Santa Cruz faleceu em Mar Del Plata, Argentina, em quatro de fevereiro de 1995.

3.1.1.1 O menino que gostava de ler

Nascido na cidade de Buenos Aires, Argentina, em 1911, o menino Abel cresceu em uma família de classe média, rodeado de muitas professoras, quatro tias paternas e uma irmã mais velha se dedicavam ao magistério.

Por influência de uma das tias, entrou na escola primária aos cinco anos, no Colégio Roca, uma monumental escola cuja arquitetura é um exemplo de escola-palácio construída no final do século XIX, situada em frente à praça Lavalle, na cidade de Buenos Aires, conforme nos indica Incolla (2012).

A casa em que morava na rua Montes de Oca, era bem grande. Havia dez quartos e três varandas, onde vivia com seus pais, a irmã mais velha, a avó paterna, uma tia e duas pessoas que eram tias de seu pai. No sótão da casa havia dois pianos, um da tia e o outro, os pais ganharam de presente por ocasião do casamento. A família era católica, muito fervorosa e muito fechada em si mesma, viviam de portas adentro (SAÍTA; ROMERO, 2002).

Abel foi um menino muito feliz, sem problemas. Sempre foi alegre e não brincava na rua, pois havia outras distrações para ele. Em casa, havia uma grande biblioteca com livros, sobretudo de textos escolhidos pelas tias professoras. E ele gostava de ler, era apaixonado pela leitura. O que mais gostava de ler era *La moral práctica de Barrau*. Mas também lia muito Salgari, Julio Verne, Mark Twain, Wells.

⁹ <http://www.pagina12.com.ar/diario/verano12/23-62882-2006-02-10.html>

Como castigo por alguma travessura, seu pai deixava-o uma semana sem ler. Era uma tortura, mas ele obedecia. Não lia às escondidas.

Outra alegria que tinha era receber a revista *Billiken*, uma revista infantil semanal argentina, que esperava com muita paixão. Adorava, também, as aventuras de Pinóquio.

Um dia leu em um jornal diário que o time de futebol Boca, estava em primeiro lugar, pensou logo, se é primeiro este time é para mim. Assim tornou-se torcedor do Boca.

Até a adolescência foi muito católico, ia todos os domingos à igreja com sua família. Em oito de dezembro de 1925 tomou a primeira comunhão, foi o melhor aluno de doutrina. Ao longo da vida manteve respeito pela religião da família, mas suas convicções religiosas foram se desgastando aos poucos. Não gostava dessa condição, pois sentia-se muito bem com a consciência religiosa. Foi deixando a igreja, mas continuou guardando alguns princípios como não comer carne na sexta-feira santa conforme havia aprendido com seus pais. Desejava muito recuperar sua religiosidade, pois recordava da felicidade especial que sentia ao ir ao templo. Compara esse sentimento a um tipo de êxtase.

Até os oito e dez anos era muito religioso, pensava em ser padre e sua família ficava contente com isso. Na adolescência, com o despertar do sexo, começou a se desviar da fé e depois não voltou mais.

Aos quatorze anos, escrevia muitos poemas. Começou a apresentá-los em uma emissora de rádio, a *Radio La Nación*. Lia no microfone seus próprios poemas em um programa chamado “*La hora de la Asueroterapia*”, dirigido por um médico curandeiro, doutor Asuero. Mesmo sem entender porque lia poemas nesse programa, ele gostava muito de lê-los (SAÍTA; ROMERO, 2002).

3.1.1. 2 O professor Abel, rádio, cinema e televisão

Aos dezessete anos, tornou-se professor, na escola Mariano Acosta. Tinha sido muito bom aluno no secundário e dirigia a revista do colégio. Sempre gostou muito de ir ao cinema, ia todos os dias. Depois entrou na Faculdade de Filosofia e Letras, graduando-se com Medalha de Ouro.

Entre os anos de 1937 e 1947, exerceu o magistério, além de continuar escrevendo periódicos esportivos na revista *La Cancha* e em *Patoruzú* onde escrevia humorismo.

Casou-se aos 29 anos com uma companheira da Faculdade. Teve quatro filhos, depois de quinze anos separou-se da esposa. Mas tarde, casou-se com Elcira Olivera Garcés, com quem viveu muitos anos.

Desde os anos de 1939, escreveu livretos para o rádio. Porém, usava o pseudônimo de Lépido Frias. Seu primeiro programa ficou nove meses no ar e chama-se *Doña Oliva al olio*, uma propaganda de azeite. Era um programa ao vivo, com público presente, ao meio dia, com meia hora de duração. Sua presença no rádio fez com que conhecesse pessoas influentes que o ajudaram muito. Assim, em 1940, escreveu sua primeira radionovela com o nome de “*Donde la tierra es roja*” e contava a vida de um professor em *Misiones*.

Esse foi só o início. Em 1945 e 1946, tinha três novelas no ar ao mesmo tempo e, em 1947, começou a radionovela “*Que pareja!*”, que ficou por vinte anos no ar. Todos os dias, por vinte anos.

Em 1940 fez sua primeira colaboração para um filme e em 1942 fez uma comédia musical. Depois ficou sem estrear nada por dez anos, mas continuou escrevendo.

Em 1952, voltou com muito sucesso com o filme *Los ojos llenos de amor*. Também transformado em peça para teatro. Nesse ano, também, começou a fazer televisão.

Seus trabalhos faziam muito sucesso na tela. Começou a usar o material do rádio para a televisão e fizeram sucesso até 1972. Alguns também foram usados em fotonovelas.

Ao ser perguntado se estava satisfeito com sua vida respondeu que tinha uma boa vida, frequentava bons restaurantes e tinha uma boa biblioteca (SAÍTA; ROMERO, 2002).

Registramos também uma pequena biografia de Abel Santa Cruz escrita por Luis Roberto (2003)¹⁰:

¹⁰ **Biografía de Abel Santa Cruz** by Luis Roberto. Disponível em:
<http://www.network54.com/Forum/223031/message/1056587232/Biograf%C3%ADa+de+Abel+Santa+Cruz>

Abel Santa Cruz (1911-1995)



Escritor nacido en el año 1911 en Buenos Aires, Argentina. Graduado en filosofía y letras con medalla de oro, de su pluma salieron los más grandes clásicos de la televisión argentina. Antes de llegar a la televisión desarrolló sus talentos literarios en revistas, cine, teatro y especialmente en radio. También fue maestro de grado en una escuela en Villa Devoto en los años 40. En los años 40 y 50 escribía en la revista "Patoruzú" bajo el seudónimo de Lévido Frías. También utilizó el seudónimo de Mauricio Herrera. En el 1952 debutó en la televisión a cargo de los libretos de la comedia familiar "Cómo te quiero, Ana" con Ana María Campoy y José Cibrián. Uno de sus pasatiempos favoritos era coleccionar menús de restaurantes. Fue el creador de la comedia "Cándido Pérez, señoras". Falleció el 4 de febrero de 1995 víctima del cáncer en Buenos Aires, Argentina a los 84 años de edad. El nombre de este extraordinario escritor está escrito con letras de oro en la historia de la radio, el cine, la televisión y el teatro de Argentina, México y toda Hispanoamérica.

Santa Cruz faleceu em setembro de 1995, em Mar Del Prata, aos 84 anos de idade.

Na próxima seção será mostrado o texto que muito interessa a essa pesquisa por registrar os contos da *maestra* Jacinta Pichimahuida os quais deram origem às telenovelas: *Jacinta Pichimahuida la maestra que no se ouvida*; *Señorita Maestra*; *Carrusel*; *Carrusel de las Américas*; *Viva los Niños e Carrossel*. Além de filmes, seriados e peças teatrais.

Chama nossa atenção o fato de que a *maestra* apresentada nos contos é diferente da apresentada nas telenovelas. Enquanto a telenovela procura mostrar uma professora impecável, verificamos que nos contos ela tem muitas falhas como gritar com os alunos, distrair-se com outras coisas que não condizem com a aula ministrada, não presta muita atenção nos alunos a ponto de não ver que estão brigando um com o outro. Deixa-os sozinhos na sala para conversar com outras professoras fora da sala e, até mostra certo preconceito para com o aluno negro.

3.1.2 Os contos de Jacinta Pichimahuida

Ao apresentar o livro que registra os ***Cuentos de Jacinta Pichimahuida***, Benarós (1967), poeta, crítico de arte, historiador, figura emérita da cultura argentina

e amigo de Abel Santa Cruz, afirma que os relatos são matérias colhidas a partir da experiência vivida por Santa Cruz nos anos de aluno e de professor. Para Benarós (1967, p.8), ele “deixou marca indelével na escola onde foi professor, e um delicioso frescor que será um refúgio nas horas de angústia”.

O apresentador dos contos também registra que as pessoas procuravam nas livrarias os livros de Santa Cruz como se fora uma caça ao tesouro, pois todos queriam ler e assim os livros sumiam das prateleiras rapidamente.

Abel Santa Cruz foi um excelente aluno na Faculdade de Filosofia e Letras. Desde esse tempo escrevia poemas e foi lhe oferecido a publicação em um livro. Alguns de seus poemas são ideias que trazem recordações de bondade. Benarós (1967, p.8) cita um deles: “*Esta aldabilla leviana, golpead en mi corazón, sale un conserje de lana, con palabras de algodón*”.

Além de poemas, Santa Cruz fez peças para teatro, rádio, televisão, dentre outros trabalhos. Foi incansável leitor e trabalhador.

Sobre os contos de Jacinta Pichimahuida, Benarós afirma que “*La tierna Jacinta Pichimahuida y su batallón variopinto de escolares disímiles, pertenece ya a la fábula – humana y duradera – del hombre de la calle, tan dilatada en su presencia*” (BENARÓS, 1967. p.9).

Esse apresentador relata que os contos são como um perfume para a infância, como o aroma de um fruto saboroso, e, retratam a verdadeira ternura e a riqueza do mundo.

Para Benarós (1967) o quadro pintado por Santa Cruz – jogos, amores, ciúmes, ressentimentos, heroísmo, mesquinhez, grandezas, misérias, galanteios femininos precoces -, tem uma radiografia evidente de material capturado ao vivo, enquanto aluno e no trabalho como professor.

Santa Cruz dedica *Os cuentos de Jacinta Pichimahuida* “*A los maestros de escuela, mis Hermanos*”. Ele contém 28 contos no seu total, sendo que a três deles o autor dá continuidade em outro usando I e II para finalizar a história. Como veremos, nem todos se referem diretamente a *maestra* Jacinta, mas em todos vamos ver retratados um ou mais alunos dessa professora.

A partir desta breve apresentação do autor e do texto, vamos relatar sinteticamente os contos de Jacinta Pichimahuida ressaltando que Abel Santa Cruz é, ao mesmo tempo, autor e figurante das histórias.

3.1.2.1 Episódios narrados

No livro de Santa Cruz (1967), encontramos os vários episódios nos quais a figura da maestra se vai construindo. É importante destacar que o autor se coloca como um dos alunos da sala de Jacinta Pichimahuida. Por isso nos contos, vai usar o pronome na primeira pessoa do singular e do plural.

A seguir apresentamos uma síntese de cada um dos episódios valorando, em especial, a atuação da maestra Jacinta. Esta síntese está apresentada em forma de quadro para uma melhor visualização dos contos e da imagem da professora em cada um deles. Nos anexos registramos uma tradução mais detalhada desses contos.

Quadro 4 - Relação e síntese dos contos, e a imagem da mestra Jacinta Pichimahuida

Contos	Síntese dos contos	Imagem da professora de acordo com os contos
Branco e Negro I e II	O autor cita a escola, os alunos, e as desavenças entre Cirilo (negro), Etelvina (branca) e Canuto (o que engana Cirilo dizendo que ele pode se tornar branco).	A figura da <i>mestra</i> não se mostra aqui; talvez o autor queira deixá-la fora do <i>bulling</i> e preconceito sofrido pelo aluno negro, ou, quem sabe, mostrar que muitos professores não notam esse problema entre os alunos.
Graciela	É a aluna que melhor faz mapas na turma da professora Jacinta Pichimahuida. Seus mapas são quase mais perfeitos do que os que a professora desenha. O autor cita que os alunos do terceiro ano, viviam sob o amoroso chicote de Jacinta Pichimahuida. Ela era exigente, fazia questão de mapas bem feitos ou então teriam que ser refeitos. Quando algum aluno fizesse mal feito, Jacinta Pichimahuida ameaçava o aluno, colocando o dedo indicador no nariz dele e dizia coisas horríveis e ameaçadoras. “Um dia concretizou suas ameaças: - Olha esse mapa! – Levantou meu caderno com dois dedos como um frango morto. A classe delirava em risadas. – Isso é um mapa? Isso é ridículo! Você limpou as mãos com esta página? Amanhã me traga outro mapa e bem feito senão estarás reprovado em geografia”.	Para o autor Jacinta usa o chicote com amor; é exigente; faz questão de que as tarefas sejam bem-feitas.
Batata assada	Aqui Santa Cruz destaca todo o amor que uma avó tem por seu neto. Relata a história do garoto que voltando para casa, vindo da escola, passa pela casa	A figura da <i>maestra</i> não se mostra aqui de maneira explícita

	da avó, que já o espera com uma batata assada na brasa. Com riqueza de detalhes, mostra o amor que a avó empenha para satisfazer a fome do menino e a alegria dele ao devorar a melhor batata assada do mundo.	
Convite	Aqui é narrado o primeiro namoro entre o garoto de doze anos e a menina de onze, alunos da mesma turma da professora Jacinta.	Cita apenas que os protagonistas são seus alunos.
O vestido celeste	O episódio narra as desavenças entre os alunos da professora Jacinta, em especial entre Etelvina, a menina mais rica da turma que está fazendo aniversário, e Clavelina, uma menina bonita, inteligente a ponto de causar desconforto e competitividade entre as duas.	A professora não aparece nesse episódio, os alunos mesmos resolvem a questão.
Mapas	O autor se coloca como um dos alunos da maestra Jacinta e recorda com nostalgia da geografia no ensino primário. Relata o que aprendia ao estudar rios, planícies, relevos, vales, montes, verdes folhas e celestes mares. Não gostava das cifras como por exemplo a população de uma cidade, a extensão de outra, isso não interessava, porque não entendia.	Se compararmos esse conto com o Graciela, observamos que além de exigente com a cartografia, o conteúdo dado pela mestra Jacinta era grande para o terceiro ano, e nem todos os temas tratados eram interessantes para os alunos.
Ortografia	Quando a mestra ditava as mais difíceis orações, Viñuela as escrevia com a maior satisfação, sem nenhum erro e com infalível delicadeza. Cada vez que Jacinta lhe fazia um elogio, dizia para a turma: “aprendam com o menino Viñuela, que não comete nenhum erro”. A professora Jacinta não gostava que ele delatasse os colegas, várias vezes o corrigiu por isso e até falou com aspereza que ao invés de delatar os colegas deveria ensiná-los a escrever certo e pensar que todos podem cometer erros. Ela dava a impressão de que em algum momento ia pegar em falta o aluno soberbo. Quando esse dia chegou, Jacinta, felicíssima, se plantou frente ao menino, e quase lhe esfregou na cara a página do ditado. Incipiente era uma coisa – tímido, pueril, - e insipiente era outra – ignorante, que não sabe, que não estudou. Todos riam, davam gargalhadas e jogavam bolinhas de papel nele, e Jacinta falou satisfeita: “Te disse que um dia íamos rir muito de você, eu te disse!”. O aluno quis vingar-se da professora e não demorou em arrumar uma palavra que ela não conhecesse. Jacinta empalideceu. As crianças olhavam para	Aqui podemos ver uma mestra vingativa e que ao mesmo tempo provoca a vingança do aluno. Ela também grita com o aluno para se defender. As próprias crianças percebem isso e não concordam com a atitude da Jacinta.

	ela e depois para ele. Que faria a mestra? Quis defender-se e para defender-se gritou. Sem necessidade.	
Esperito	Nesse conto, Santa Cruz (1967), relata a história do aluno Mateo Sagreras, um garoto esperto, que criava tartarugas. Ele tinha uma avó muito bondosa, que fazia doce de laranja como ninguém e que um dia ficou gravemente enferma. Esse conto destaca um amor incondicional, do menino para com os animais; dele para com sua avó e sua mãe; dos colegas, e da professora.	Ela sempre se interessava de coração por tudo o que acontecia com seus alunos [...] Enquanto falava com o menino, Jacinta acariciava sua cabeça, dizendo palavras maravilhosas de conforto. Fazia tudo para que o menino esquecesse o drama familiar. Aqui o autor relata o carinho que a professora tem por seus alunos. Não apenas com palavras, mas com carícias e afetos. Muda seu plano de ensino para consolar um aluno entristecido.
1924	Abel Santa Cruz (1967), conta que um dia de 1924, Jacinta deu uma sugestão: “Meninos, colemb em um caderno velho, as notícias mais importantes publicadas no jornal diário desse ano” (p.77). Disse isso em março ou abril de 1924. Ele, e quase todos os alunos fizeram isso. Escolheu um caderno velho, a mãe colocou uma capa preta, ele colou algumas figuras na capa, e foi escolhendo as notícias e colando no caderno. Jacinta exigiu que não escolhessem notícias policiais, mas que fossem de ciências, de teatro, de cinema. A professora acompanhava as notícias que eram coladas e se encontrasse alguma não recomendada, marcava com lápis vermelho: não quero isso. Depois de algum tempo, um dos alunos, revendo a tarefa, fechou o caderno satisfeito com as lembranças que a atividade que realizara a pedido da mestra Jacinta, haviam lhe proporcionado.	O autor mostra no conto que as tarefas escolares da mestra Jacinta podiam até parecer sem sentido para o momento, mas mesmo depois de muito tempo trouxeram satisfação.
Bombinhas no rabo do gato I e II	Santa Cruz (1967) escreve dois contos sobre esse tema. No primeiro narra o dia em que comprou um grande rojão com um dinheiro que havia ganho de seu tio e, com os colegas da sala da maestra Jacinta, resolveram soltá-lo. Conta os detalhes dos preparativos, a forma como resolveram soltar e o resultado final, como o rojão incendiado, como um relâmpago entrou por uma janela aberta da casa rica. No episódio seguinte, narra a trama dos meninos para satisfazer o pedido de Andrea. Arrumar um gato, comprar as bombinhas, escolher o local, a data e a hora para que a menina enferma	Mais um conto que narra as travessuras dos alunos de Jacinta mas não se refere a figura dela.

	<p>pudesse ver de sua janela, o gato correndo por causa das bombinhas estourando atrás dele.</p>	
Anis	<p>Aqui o conto volta-se para o menino negro e pobre, Cirilo Tamoyo. Um dia chega na escola com uma nota de cinco pesos, que para a época era muito dinheiro. As crianças sempre curiosas queriam saber como ele conseguiu tanto dinheiro. Várias suposições são levantadas, até a de que o garoto pudesse ter pego o dinheiro de alguém. Cirilo explica que na verdade a mãe havia lhe dado o dinheiro para que ao sair da escola passasse na venda e comprasse uma lata de anis para oferecer ao padrinho do menino que viria visitá-los e gostava muito dessa guloseima.</p>	<p>O episódio, é quase todo narrado tendo a sala de aula como cenário, mas a professora não é mencionada.</p>
Uma violeta para Graciela	<p>Nesse conto o autor vai tratar mais uma vez da questão da paixão infantil entre meninos e meninas da classe da professora Jacinta. Um dos meninos traz para a sala uma mini violeta seca, dentro de um plástico transparente. Os meninos acham uma bobeira, mas as meninas vão passando a pequena flor de mão em mão e dizendo palavras carinhosas, delicadas e amáveis. Quando a violeta chegou à mão de Graciela, a menina mostrou-se emocionada, pois esta era sua flor preferida. Olhou para o garoto que trouxera a violeta seca e quando os olhares se encontraram o menino entendeu o pedido, porém o mimo era de sua avó que por sua vez o ganhou do avô quando ainda namoravam. O menino procurou a mestra e contou-lhe o acontecido. Queria dar o presente a menina, pois gostava dela.</p>	<p>Jacinta envolveu-o com uma cautelosa nuvem de raciocínio. Depois a mestra deslumbrou o menino com um sorriso maravilhoso, tocou-lhe o ombro pedagogicamente O episódio mostra como a mestra demonstra confiança para com as crianças que a procuram até por motivos sentimentais, que nem sempre são compartilhados com os adultos.</p>
O festival da Cooperadora I e II	<p>Era uma festa com o objetivo de angariar fundos para a escola. Todas as turmas tinham uma participação e apresentavam uma atividade para a comunidade presente. O mais esperado era o teatro que Jacinta dirigia muito bem com seus alunos. Todos deviam saber a entrada no palco, onde deveriam postar-se, suas falas, a música e os passos da dança. A mestra exigia que tudo saísse perfeito. A mestra não escalou Cirilo para participar, mas um aluno sugeriu que ele fizesse papel do escravo que servia café para os dançarinos e ela aceitou. A mestra Jacinta muito nervosa,</p>	<p>[...] o teatro que Jacinta dirigia muito bem com seus alunos[...] A mestra exigia que tudo saísse perfeito. [...] A mestra não escalou Cirilo para participar [...] [...]um aluno sugeriu que ele fizesse papel do escravo que servia café para os dançarinos e ela aceitou. A mestra Jacinta muito nervosa, cuidava dos últimos detalhes da decoração, e das crianças [...]Jacinta lhe deu um beijo.</p>

	<p>cuidava dos últimos detalhes da decoração, e das crianças. Um dos dançarinos passou mal na hora de entrar em cena, a professora faz de tudo para reanimá-lo, mas o público começa a reclamar pedindo que o teatro começasse. Jacinta não teve outra saída, mandou entrar os alunos no palco. Cirilo acabou substituindo o outro dançarino e o fez de maneira maravilhosa. No final, foi abraçado pelos colegas e Jacinta lhe deu um beijo. A mestra Jacinta não é tão delicada com Cirilo quando o deixa de lado na participação da festa. O autor relata que um outro colega vai falar com ela e mesmo assim ela se mostra desdenhosa, e, só com a insistência do menino é que resolve escalar Cirilo para o teatro fazendo papel de escravo. Ela só vai reconhecer seu talento depois do sucesso que ele faz, e praticamente sozinho, salva a peça do teatro que acaba sendo a parte mais importante da festa.</p>	
Sábado à tarde	<p>Este é outro episódio onde o autor se apresenta também como narrador da história e participante da mesma. Relembra os sábados à tarde quando lavavam a escola. As meninas e os meninos faziam esse trabalho juntos. Todos levavam os produtos de limpeza, sabão, panos, esponjas, estopas, polidores e lustra-móveis. Era a aventura de sábado à tarde, era como se fossem os donos de tudo, a escola era deles. Esqueciam a geografia, os filósofos, os decimais, o pretérito perfeito. O importante era limpar as carteiras. E elas ficavam melhoradas com a limpeza, e as crianças ficavam felizes. Era um tremendo orgulho, ver o branco sujo tornar-se um branco bem limpo. Orgulho de todos os alunos.</p>	<p>O conto não mostra se a professora participava ou não da limpeza da escola. Só destaca a alegria que as crianças sentiam ao realizar tal tarefa.</p>
Selos	<p>Santa Cruz (1967), começa o conto falando de como as pessoas gostam de colecionar coisas. As crianças em especial gostam muito de colecionar figurinhas. Jeremias, o aluno novo, juntava selos e na caixinha estava sua coleção de selos, era um filatélico. As crianças ficaram boquiabertas. Não era comum que os meninos colecionassem selos. A caixinha correu de mão em mão até que todos olhassem aqueles papezinhos vermelhos, verdes e azuis, depois a caixinha voltou às suas mãos, ele a fechou e passou a falar sobre filatelia.</p>	<p>A mestra Jacinta anotou as informações do aluno novo, e logo depois se dirigiu aos demais, descreveu os méritos do recém-chegado, pediu que o recebessem com amor. A professora continuou falando com “eloquentes palavras sobre companheirismo”, depois, acariciou a cabeça do novo aluno, que se chamava Jeremias, e indicou um banco para que ele sentasse. A figura da mestra mostra-se mais uma vez como uma</p>

		<p>pessoa amável, carinhosa e afetuosa. Ensina também aos alunos que devem amar e respeitar os outros, no caso, um garoto novato.</p>
O invejoso	<p>O autor apresenta no conto, Calandrino, o protótipo do menino invejoso. A história transcorre em um dia chuvoso. Poucos alunos compareceram na aula. No recreio não puderam sair para o pátio, pois esse parecia uma piscina. A maestra Jacinta estava na sala dos professores. Sem ter muita opção a menina Berta começou a desenhar a paisagem vista pela janela. Era uma boa desenhista. Logo todos se interessaram pelo seu desenho. Calandrino resolveu desenhar a mesma paisagem.</p> <p>Ao terminarem, o menino insistiu para que os colegas escolhessem o melhor desenho. Os colegas olharam, compararam e escolheram o desenho de Berta. Para resolver a questão resolveram chamar a professora, e, para que ela viesse mais rápido decidiram jogar um banco no chão e com o barulho atrair a professora para a sala. A poucos segundos Jacinta chegou como um projétil e buscou as vítimas. Surpresa teve que admitir sua falha. Olhou para o desenho de Berta, olhou bem para o outro. Logo sinalizou o caderno de Berta, disse que se tratava de um desenho precioso.</p> <p>Jacinta Pichimahuida era uma enciclopédia insubornável e o que ela dissesse seria um decreto ou o amém. Depois, saiu agilmente para a conversa com as outras mestras. Inconformado Calandrino colocou os dois cadernos juntos, e como se fosse sem querer, deixou o caderno da menina cair na poça de água deixada pela chuva. Todos viram o caderno afundando-se na lama.</p>	<p>Nesse conto encontramos uma maestra deveras negligente para com seus alunos. Primeiro por não ficar junto a eles já que não podiam sair da sala por causa da chuva. Segundo por que tiveram que chamar sua atenção com muito barulho para que ela viesse até eles. E por fim, porque não valorizou um momento delicado de competição entre eles, deixando que as coisas ficassem ainda pior do que antes.</p>
O intelectual	<p>Dentre os contos de Jacinta Pichimahuida, Abel Santa Cruz (1967), mostra as intrigas e brigas entre os alunos. Desta vez, vai contar sobre a briga entre Fito Zabala e um menino do quinto ano chamado Martín Cabreiro, que era bem mais alto e forte do que Fito do terceiro ano. A notícia da briga se espalhou por toda escola, assim todos os alunos sabiam que teria uma briga depois da aula. Já fora da escola, todos se juntaram ao redor dos lutadores. Cabreiro começou dando um</p>	<p>A maestra não é mencionada nesse episódio. Quem sabe a intenção de Santa Cruz (1967), fosse a de mostrar que as brigas são coisas de crianças e que na maioria das vezes os professores nem ficam sabendo que elas existiram.</p>

	salto jogando os pés para acertar o rosto de Fito, que se desviou agilmente. Vários golpes foram repetidos e o garoto do terceiro ano desviava-se de todos, até que conseguiu dominar o adversário, jogando ao chão e travando seus braços.	
O peixinho	A Cooperadora da escola sempre organizava rifas para ajudar no sustento da escola. Para aquela festa, um admirador de Jacinta doou um peixinho para ser rifado. O peixinho ficaria na sala até o dia da festa, quando seria entregue para o sortudo. As crianças ficaram eufóricas com a presença do pequeno peixe na sala de aulas com eles.	A professora que Santa Cruz mostra nesse conto é atraente, tem admiradores que a cercam com sorrisos e amores e até favorecem seu trabalho doando prêmios para o sorteio na festa da escola. Ela também divide os cuidados com o peixinho com os alunos, confiante de que eles estavam preparados para realizar essa tarefa.
Guloseimas	Santa Cruz (1967) dedica esse conto para descrever as guloseimas que as crianças de Jacinta gostavam de comer. Não as comidas que suas mães preparavam, mas aquelas que eram adquiridas na escola ou ao redor dela. Eram guloseimas daquela época tão primitivas como apetitosas: as tortilhas de açúcar queimada, maçãs caramelizadas, chupetinhas feitas com caramelo duro, torrão japonês que era cortado com um martelinho, churros recheados com doce de leite, balas que vinham embrulhadas em papéis que oferecia sorteios de prêmios ou com figurinhas para colar em álbuns, e o caramelo de nome meia hora uma espécie de castanha pequena e dura que levava meia hora dentro da boca, não menos que isso para terminar.	O autor cita o nome da mestra apenas para destacar que a sua turma de alunos gostava do tipo de doces apresentados.
Liliana Taroli	Santa Cruz (1967) conta sobre uma menina cujo nome não era muito atraente, mas a menina sim. O que mais chamava a atenção dos meninos é que ela tinha cabelos lindos, muito lindos. Ela tinha um hábito, cada dia aparecia na escola com um novo penteado, assim os meninos ficavam aguardando sua chegada para admirá-la, já que cada dia se mostrava mais linda do que o outro. Todos a queriam bem, mas Etelvina não. Ela se achava a aristocrata da escola, para os meninos da escola, porém, no aspecto pejorativo da palavra. Ela era orgulhosa, racista, parecia que tinha sempre um chicote para dar nas costas dos oprimidos. Era bonita sem dúvida, porém a sua beleza era fria. A beleza de Liliana tinha uma	Mais um conto em que Santa Cruz narra os fatos de desavenças e tristezas ocorridos entre as crianças, mas a figura da mestra não é destacada por ele, nem mesmo para interferir no caso que envolvia assuntos complicados entre as crianças como as intrigas, a inveja, o uso de tinta para os cabelos que não era comum entre as crianças da época.

	vibração, uma humanidade viva e popular.	
A escarapela	<p>A mestra Jacinta ficou encantada com a escarapela usada por um dos alunos, porém, durante o recreio a escarapela foi furtada. As crianças se agitam, a mestra entra para acalmar as crianças. Em seguida, falou com voz colérica fazendo com que todos os alunos a temessem, mandou que todos entrassem para a sala de aula. Haveria de averiguar todos os alunos até encontrar a escarapela.</p> <p>O autor afirma que a mestra Jacinta, com a voz como um trovão, dirigiu-se aos alunos dizendo: “A escarapela desse menino desapareceu quando o atropelaram na fila, o que significa que um aluno desta sala pegou a escarapela. Quem foi? Jacinta já estava alterada, perguntando quem foi. Então um aluno contou para a professora que vira um aluno no recreio querendo ficar com ela. A mestra Jacinta, louca de raiva, avisou que deveria devolver a escarapela ao amigo. Como ele insistiu que não estava com ela, a professora então disse-lhe para mostrar o que tinha nos bolsos, do guarda pó, depois das calças e nada. A discussão continuou até que Jacinta disse que ele estava suspenso das aulas por três dias e só voltaria se a mãe viesse com ele. Uma aluna começa a chorar, todos olham silenciosamente para a mestra e vimos que também ela estava assombrada e perplexa. Ela olhava para Cirilo e para Etelvina e juntou os detalhes. Então disse: “Cirilo e Etelvina fiquem aqui, os demais saiam da sala.</p>	<p>O conto mostra um grande envolvimento da mestra. Inicialmente para destacar e reforçar a questão de patriotismo com o uso da escarapela pelo aluno. Depois uma ação importante na solução do problema do furto entre as crianças. Outro destaque também para a proteção da criança envolvida no furto, sem acusá-la diante dos demais, e tratando a questão de forma particular com o suspeito e o autor do furto.</p>
Nero	<p>Na aula de História, Jacinta Pichimahuida se empolgou e trocou a história nacional pela batalha do Riachuelo, foi para o Tiber e chegou ao Coliseu, e falou de Nero. Alguns dos alunos já tinham uma vaga ideia dessa história, já tinham visto o filme ‘Quo Vadis?’ e para eles Nero era um gordo envolto em um lençol e que levava na cabeça uma coroa de plantinhas. Jacinta começou fazendo uma descrição das tropas de Cesar e informou com que impiedade sacrificava os mártires e como incendiara a cidade de Roma e olhava a cidade incendiando do alto de seu trono e tocava sua lira. Ao terminar sua exposição, Jacinta, como sempre fazia, pediu para os alunos fazerem um</p>	<p>Os destaques para a figura da professora apresentada no conto ficam sobre o fato de que ela se desvia do conteúdo programado para o terceiro ano, passa uma atividade que reforça o conteúdo não programado e fica tão envolvida na leitura da revista que nem ao menos sente o cheiro do fósforo sendo aceso e usado para ameaçar os colegas e queimar o caderno de um deles. Ela não se dá conta da briga entre os alunos da sala que leva até a atos de violência entre eles com soco na cabeça.</p>

	<p>resumo da história contada. O autor descreve que enquanto isso “Jacinta lia a “Para Ti”, e estava absorvida no romance da novela. Nesse momento, dois alunos se desentenderam, Patiño, irritou-se com a atitude de Canuto, deixou seu trabalho por um instante, foi até onde ele estava e deu-lhe um grande soco na cabeça e voltou para sua tarefa. O outro suava de raiva e se contorcia e jurava vingança. Logo o menino Potiño pediu permissão para ir ao banheiro e Jacinta lhe concedeu sem levantar a cabeça submersa na leitura que fazia.</p>	
Material Escolar	<p>Nesse conto Abel Santa Cruz apresenta o material escolar usado pelas crianças de seu tempo. São materiais usados pelos alunos da mestra Jacinta.</p>	<p>A professora é citada apenas para mostrar que era grande a lista de materiais usados por seus alunos.</p>
Férias de inverno	<p>Nas férias os alunos tinham que fazer muitos deveres escolares. A mestra Jacinta dividia as páginas que deveriam ser feitas cada dia, mas o autor conta que ficavam embriagados pela liberdade e deixavam passar o tempo. Os deveres só eram lembrados nas últimas horas do paraíso. Era uma tortura: verbos, cópias das lições, tabuadas de multiplicação. Conta que certa vez a mestra Jacinta Pichimahuida trouxe uma notícia que causou grande alegria na turma. Já próximo das férias de inverno, avisou aos alunos que não daria tarefas. Como seriam apenas dez dias, disse que poderiam desfrutá-los sem preocupações.</p>	<p>A figura da mestra Jacinta nesse conto é de alguém que se compadece dos alunos no período das férias e permite que se divirtam nesse tempo sem terem que usá-lo para fazer atividades escolares.</p>
Jardim Zoológico	<p>Neste conto, Santa Cruz relata a alegria de um passeio ao jardim zoológico com a professora Jacinta. O passeio estava delicioso, olhavam cada animal com atenção, com os olhos cheios de curiosidade. Por fim chegaram perto das jaulas onde estavam as hienas. Quando deram por si, viram Cirilo aproximando-se da jaula. Gritaram com ele, pediam para voltar, mas nada ele seguia firme e já estava diante da jaula. As crianças começaram a chamar pela mestra Jacinta e quando ela chegou ele já estava com as mãos e os braços dentro da jaula. Agora todos estavam espantados, a hiena continuava a rir-se e aproximou-se do menino deixando-se acariciar por ele. Cirilo passou as mãos sobre a enorme cabeça do animal e esse parecia um gato doméstico</p>	<p>O conto revela a figura de uma professora que mostra autoridade sobre os alunos ao organizá-los para a entrada no zoológico, mas também é mestra distraída e até displicente ao expor seus alunos aos perigos que podem ser encontrados no contato das crianças com animais selvagens.</p>

	<p>ronronando em busca de mais carícias. Cirilo era um maravilhoso vencedor! Voltou para junto dos amigos e da mestra saltando de alegria. Todos felicitavam o aluno negro, Jacinta nem sabia o que dizer. Mas ele esperava o que diria sua amada Etelvina. Ela aproximou-se, sorriu e disse: “- Que valente! Te felicito. Esteve muito bem. Cirilo começou a caminhar e foi retirando-se de junto dos amigos. Ele estava com o rosto banhado em lágrimas.</p> <p>O autor termina o conto dizendo que o menino negro chorava enquanto seu rosto resplandecia, seu sorriso transfigurava abençoado, feliz, e seus lábios tinham a forma de um coração.</p>	
--	---	--

Fonte: Resumo elaborado a partir da nossa tradução do livro *Cuentos de Jacinta Pichimahuida*, Abel Santa Cruz, 1967.

Ao finalizar os estudos do livro que deu origem a radionovelas, peças teatrais, revistas de fotonovelas, filmes e telenovelas que alçaram voos da Argentina para outros países, podemos observar que ele representa um momento educacional importante para a época. Por meio de sua leitura, podemos identificar além da *maestra*, também a escola, os alunos, os costumes, as questões sociais do momento, as intrigas entre os alunos.

O modelo de mestra apresentado na novela revela uma professora que tem autoridade sobre os alunos, é amorosa, carinhosa, preocupa-se com o bem-estar dos alunos e seus familiares. Mas, ao mesmo tempo, tem muitas falhas e deixa a desejar em questões que são fundamentais para o bom funcionamento da sala de aula. Santa Cruz mostra nesse texto uma *maestra* normal, com virtudes e defeitos, mas ao compararmos com a professora da telenovela, verificamos que “os defeitos” foram retirados.

Somos levados a pensar o porquê desta mudança. E a resposta bem poderia ser que havia um interesse maior por trás dessa imagem. Politicamente a Argentina vivia um momento de ditadura. Seria esse o modelo de *maestra* virtual que se queria moldar nos *maestros* verdadeiros?

3.1.3 Trinta, quarenta, cinquenta anos depois, o que dizem os argentinos sobre Jacinta Pichimahuida, a *señorita maestra*

A Argentina foi escolhida após verificar-se que o autor, que deu origem à novela *Carrossel* transmitida no Brasil, foi o argentino Abel Santa Cruz, nascido em Buenos Aires, em 1911.

Após contatos com amigos investigadores no Congresso de História da Educação, realizado no México em 2014, descobriu-se uma professora doutora da Argentina cuja especialidade era a investigação sobre novelas. Ao estreitar os contatos, a investigadora doutora Margarita Pierini, da *Universidad Nacional de Quilmes*, Buenos Aires, aceitou orientar a pesquisa.

Logo após a chegada na Argentina iniciamos os trabalhos, adaptando o projeto e em especial as questões das entrevistas que seriam realizadas.

Foram feitas várias leituras que deram suporte teórico ao trabalho a ser realizado. O primeiro passo foram leituras direcionadas a conhecer Abel Santa Cruz, conforme já descrito anteriormente.

Depois desta preparação, decidimos que seriam selecionadas dez pessoas homens e mulheres, que assistiram à telenovela. Dentre elas, cinco que sejam ou tenham sido professoras e outras cinco que escolheram outras profissões. A justificativa é que nossa visão poderia ser ampliada se pudéssemos ouvir tanto os professores, como também pessoas que escolheram e exercem outras profissões para percebermos melhor a influência da figura da *maestra* sobre estas pessoas. Como vamos observar no quadro 3, mais dois sujeitos foram incluídos por desejarem fazer parte da pesquisa, portanto foram entrevistados por meio de questionário e também em conversa particular, 12 pessoas.

Foi muito interessante observar que assim que começávamos a falar sobre o assunto da pesquisa, as pessoas logo se interessavam e cada um queria contar um pouco da história da novela que havia assistido. Todos falavam com entusiasmo e mostravam-se felizes por estarem sendo entrevistados. Mesmo pessoas que não estavam no rol dos entrevistados queriam falar sobre o tema.

Os entrevistados receberão nomes fictícios e será especificado a formação profissional e o ano em que assistiu a telenovela.

No quadro a seguir podemos verificar os primeiros dados coletados a partir da pesquisa realizada entre os meses de abril a julho de 2015.

Quadro 5 – Relação dos entrevistados, a formação e profissão que cada um exerce e o ano em que assistiu a novela

NOME	FORMAÇÃO/PROFISSÃO	ANO QUE ASSISTIU A TELENOVELA
Estela	Professora primária aposentada	1966; 1968; 1974-1975; 1983-1985
Haida	Professora primária aposentada	1966; 1968; 1974-1975; 1983-1985
Roberto	Organização Bancária/Escritor	1966
Vani	Prof ^a História e Francês/ Blogueira (criou um blog sobre Jacinta Pichimahuida – “Jacintólogos”)	1983-1985
Vera	Psicóloga/ psicóloga escolar	1974-1975; 1983-1985
Paulina	Letras/Professora universitária	1974-1975
Marcel	Bibliotecário/Pós graduação em Gestão de Meios Comunitários	1974-1975
Grabriela	<i>Maestra Normal/Bibliotecóloga</i>	1974-1975
Sebastião	Comercio internacional/gerente de vendas	1983-1985
Ivete	Recursos Humanos incompleto/ vendedora	1983-1985
Fábio	História/Professor Ensino Médio	1983-1985
Karla	Professorado (nosso ensino fundamental)	1983-1985

Fonte: Organizado pela autora da pesquisa a partir do questionário e das entrevistas realizadas em Buenos Aires, 2015.

Assim temos: cinco professores, dois bibliotecários, dois que trabalham com vendas, uma blogueira (que também é professora), uma psicóloga escolar e um escritor.

Cada um dos entrevistados foram contactados antes, pessoalmente ou via email. Depois de aceitarem foi encaminhado um questionário com as questões (em anexo) e marcada uma data para a devolução. Todos foram avisados de que após a entrega do questionário respondido seria marcada uma data para uma entrevista pessoal a partir das questões repondidas. As conversas foram gravadas e depois transcritas. Apenas uma professora não pode comparecer ao encontro pessoal, mas as dúvidas foram sanadas via email.

A seguir vamos apresentar as questões da pesquisa feita por meio de questionário, e as respostas dos indivíduos entrevistados.

a) Ano em que assistiu a telenovela

A primeira questão da entrevista foi justamente sobre o ano em que assistiu à novela e para que recordassem colocamos o nome da atriz que representou a *maestra* em cada uma das versões apresentadas na televisão. Os anos e os nomes

das atrizes foram recolhidos do jornal Clarín (em anexo), um diário de Buenos Aires publicado em 03/05/2000. O artigo nos informa que:

Se mãe é uma só, Jacinta Pichimahuida foram muitas desde seu lançamento em 1966, na tela do Canal 9. Escrita por Abel Santa Cruz, aquele primeiro elenco foi encabeçado por Evangelina Salazar, a *maestra* de avental branco e gesto angelical que recomendava a seus alunos: os que se portam bem vão para o céu. Os que se portam mal, ao inferno. [...]. Em 1968 no mesmo canal, Silvia Mores substituiu Evangelina. [...]. Uma terceira versão de Jacinta (1974) recaiu sobre Maria de Los Angeles Medrano, que também protagonizou a fotonovela homônima e a versão cinematográfica (1977). [...]. A quarta versão foi rebatizada como Señorita Maestra (1983) e para cumprir o papel de Jacinta Pichimahuida foi convidada a atriz Cristina Lemercier. (O Clarín, 03/05/2000. Tradução nossa).

Resumimos as repostas na Tabela 1

Tabela 1 Versão da novela assistida pelos entrevistados e atriz que representou a Maestra Jacinta Pichimahuida

ANO	ATRIZ	Nº DE ENTREVISTADOS QUE ASSISTIRAM A VERSÃO
1966	Evangelina Salazar	3
1968	Silvia Mores	2
1974-1975	Maria de Los Angeles Medrano	6
1983-1985	Cristina Lemercier	7

Fonte: Entrevistas realizadas pela pesquisadora em Buenos Aires, 2015.

Como podemos verificar algumas pessoas assistiram a mais de uma versão da telenovela, demonstrando que de fato estavam cativados pela história narrada. Esses indivíduos afirmaram que não se cansavam de ouvir e ver os mesmos episódios repetidamente.

b) Influência da telenovela

Aqui a questão foi dissertativa e obtivemos as seguintes repostas:

Estela: “Sim, assistia em todas as tardes, eu gostava muito da maneira em que Jacinta tratava as crianças, sua doçura, e como queria ajudar os alunos”.

Haida: “Quando a novela começou a ser transmitida, eu cursava os estudos secundários para obter o título de professora normal. Quando comecei com minhas práticas docentes, ao vivenciar alguma experiência similar a algum capítulo da série televisiva tratei de atuar como houvera feito Jacinta”.

Roberto: “Não”

Vani: “A telenovela retratava muito da realidade educativa da época, assim que não se pode dizer que as crianças estiveram diretamente influenciadas por ela. Era quase um reflexo do que passava nas salas de aula, claro que mais dramático para a ocasião ou com algum exagero aqui e ali. O que se notou foi que repetíamos as frases que pronunciavam os personagens como “me ferve a cabeça”, de Palmiro Cavallasca ou “não, eu só queria dizer” de Cirilo Tamoyo”.

Vera: “Notei a influência mais tarde, creio que quando cresci me dei conta de como foi forte essa escola, tão rígida e sobretudo pensava na prolixidade e asseio que se pretendia”.

Paulina: “Não sei se influenciava, mas na escola falávamos o que se passava na novela e algumas situações nos faziam pensar nos personagens”.

Marcel: “Devo admitir que não me recordo muito acerca da novela suponho que é porque na época eu tinha 11 e 12 anos e a novela era para crianças menores. Além disso já se pensava que novela era coisa de meninas.

Grabriela: “na realidade o modelo de maestra e estudantes que se mostrava na novela nos anos em que assisti, representavam em parte o que na realidade escolar sucedia habitualmente: a imposição do ‘normal e esperado’ e a atitude maternal e altamente vocacional das maestras. Praticamente nesses anos (década de 1970), não havia maestros (homens) nas escolas urbanas bonaerenses. Só podia encontrá-los nas escolas rurais, ocasionalmente”.

Sebastião: “Não recordo algum fator de influência na minha infância. A não ser as frases chavão que os meninos usavam como: “me ferve a cabeça”, de Cavallasca.

Ivete: “Sim, influenciou no sentido de despertar um desejo de querer estudar, ir ao colégio”.

Fábio: “No que diz respeito a mim, sentia-me sensibilizado pela depreciação a que era exposto a personagem de Cirilo Tamoyo e as dificuldades sócio econômicas de outros personagens como Siracusa, Palmiro Cavallasca”.

Karla: “Não, influencia sobre minha pessoa não e sobre as crianças que me rodeavam tampouco.

Podemos visualizar sinteticamente as respostas na Tabela 2

Tabela 2 – Influência da telenovela na vida dos entrevistados

Sim	Não/ou não lembra	Outras respostas
5	5	2

c) As crianças imitavam cenas da novela

Essa questão teve dois tipos de respostas. Em primeiro haviam duas respostas fechadas para se escolher uma. Em segundo pedia-se detalhes para qualquer que fosse a resposta da primeira. Assim na primeira parte da resposta a esta questão temos:

Tabela 3 – Crianças imitavam as cenas da novela? Resposta fechadas

Sim, poucas vezes	Sim, várias vezes	Não respondeu
3	7	2

Na segunda parte da questão pedimos detalhes da resposta anterior e notamos que dois dos entrevistados não fizeram nenhum comentário das respostas. Quatro deles responderam que as crianças divertiam-se imitando Palmiro Cavallasca (o Jaime Palillo na versão brasileira) que quando não sabia alguma coisa sempre repetia: “Me ferve a cabeça”. Nas mesmas respostas também encontramos que gostavam de imitar o Cirilo (o menino negro) e a Etelvina (Maria Joaquina) (a menina branca e rica). Dois responderam que imitavam os jogos que as crianças da escola televisada realizavam no recreio.

A *maestra* também era imitada pelas crianças que assistiam à novela. Nas brincadeiras que faziam sobre a escola da novela muitos queriam ser a professora Jacinta.

As crianças também gostavam de imitar os alunos. Haida conta que:

Durante a transmissão da segunda temporada da telenovela em 1974, desempenhava minha tarefa docente em uma pequena escola de um bairro periférico em minha cidade e meus alunos de 3º ano sempre repetiam algumas frases das crianças da telenovela, como: “me ferve a cabeça”, “são coisas da vida”, e ao final da aula despendiam-se dizendo: “Até amanhã Senhorita” (HAIDA, 2015)

d) Pensamentos sobre a *maestra* da telenovela

Para esta questão foram apresentadas cinco alternativas como respostas. Nota-se que não estava escrito que era para escolher apenas uma das respostas, e mesmo concordando que mais de uma resposta poderia ser dada, todos os

entrevistados escolheram somente uma alternativa como resposta. Na Tabela 7 verificamos as respostas dadas.

Tabela 4 – Percepção dos entrevistados sobre a maestra Jacinta

1- Uma boa maestra	2- Uma maestra dos contos de fadas	3- Uma maestra normal	4- Um mal exemplo de maestra	5- Outro
8	2	0	0	2

Abaixo das respostas foram deixadas algumas linhas em branco. Vários entrevistados usaram-nas para comentar suas respostas embora isso não tenha sido solicitado. Alguns comentários foram assim:

Marcel: “tenho uma vaga recordação que poderia se qualificar como uma boa *maestra*, dentro das expectativas do que naquele tempo se entendia por educação”.

Vani: “Realmente uma boa *maestra*. Eu tive uma *maestra* assim também. Por outro lado, a história de Jacinta Pichimahuida foi real, por isso não se trata de uma *maestra* de contos de fada”.

Karla: “A *maestra* da novela tinha uma lista de docente perfeita, sabia não ficar irritada e era extremamente animada”.

Vera: “Sempre muito à disposição dos alunos, como se não tivesse vida própria”.

Grabriela: “Um estereótipo do que ‘deveria’ ser a *maestra* da escola primária: doce, abnegada por seus alunos, com alta vocação docente a ponto de envolver-se na vida pessoal dos alunos, sumamente elegante em seu cuidado pessoal sem deixar de ser humilde, por ser uma *maestra* que vem do interior para a capital Buenos Aires, talvez em busca de seus sonhos. Inclusive na apresentação da telenovela, o canto de abertura dizia: Jacinta, Jacinta Pichimahuida, É nossa, nossa melhor amiga; Sendas cruzadas por teu amor, de tua mão com a minha, aprendemos o melhor”.

e) O que chama atenção na *maestra*

Aqui foram dadas três alternativas para escolha da resposta. Mais uma vez não foi assinalado que deveria ser dada apenas uma alternativa como resposta, deixando o entrevistado à vontade para a escolha que lhe parecesse melhor. Ao final também foi pedido que dessem detalhes da resposta escolhida, embora nem todos os entrevistados quiseram apontar os detalhes.

Na Tabela 5 podemos visualizar as respostas:

Tabela 5 – Chamou mais a atenção na maestra

A vocação para o ensino	A formação para ensinar	O cuidado com os alunos
6	4	9

Notamos que embora dois dos entrevistados não deram respostas a esta questão, os demais além de responder, assinalaram também mais de uma alternativa como resposta. Chama nossa atenção que a maioria assinala o cuidado com os alunos como sendo o destaque da professora Jacinta Pichimahuida, e a alternativa menos assinalada é a formação para o ensino como se a formação fosse de menor importância.

Quatro entrevistados deixaram os seguintes detalhes para esta questão:

Karla: “Jacinta era uma *maestra* muito doce que privilegiava o cuidado com o estado de ânimo dos alunos acima do ensino”.

Fábio: “Me chamava atenção a sensibilidade e o envolvimento com os estudantes; como se preocupava com o social”.

Vera: “Muito atenta aos alunos, até demasiado”.

Gabriela: “A maioria dos alunos queriam ter uma maestra como a Jacinta”.

f) Possibilidade de imitar a *maestra* Jacinta hoje

Esta também foi uma questão dissertativa. Dois entrevistados não responderam. As respostas coletadas foram:

Ivete: “Sim, creio que sim. Porém em menor medida, pois o grau de compromisso é menor”.

Vani: “Sim, sem dúvida. Não só é possível imitá-la. Posso citar o caso de um maestro meu do primário que era exatamente como ela. Saía para visitar as casas dos alunos quando notava que tinham problemas pessoais e eles podiam consultá-lo quando apresentavam uma dúvida existencial ou não soubessem o que fazer frente a uma dificuldade”.

Sebastião: “Não. Hoje, há outro contexto e os estudantes requerem outro tipo de *maestra* para lhes ensinar”.

Marcel: “Não, em absoluto. Hoje a educação se encontra focada em resolver situações muito distintas daqueles tempos. Os níveis de violência de hoje nos acercam perigosamente é o que vemos nas séries norte-americanas. Ainda mais

com as políticas educativas dos governos neoliberais dos anos de 1990, se produziu uma caída muito importante na qualidade da educação que se dá nas escolas, tanto no nível público como no sistema privado”.

Grabriela: “Não creio que se possa imitar a *maestra* Jacinta hoje porque a realidade social e docente é mais complexa e mudou muito nessas últimas décadas. Creio também que os ‘modelos sociais’ estão se desarticulando em vários extratos da sociedade, inclusive nas escolas”.

Fábio: “É difícil, já que a *maestra* de hoje tem que trabalhar nos três turnos por razões econômicas e não alcança o tempo para essas tarefas de atenção e maior compromisso com os alunos. Os sistemas de assistência social é que cumprem esse papel, ainda que insuficiente”.

Karina: “Hoje em dia é muito difícil levar a cabo essa lista de qualidades que a Jacinta tinha. Vivemos em uma sociedade carente de valores e extremamente agressiva. O papel do professor está muito limitado.

Estela: “Hoje em dia é muito difícil pela situação em que vivem os jovens, falta de acompanhamento dos pais na escola e o diálogo familiar”.

Haida: “Atualmente ser docente é uma árdua tarefa que implica um desafio e que requer saber escutar, acompanhar, valorizar conquistas, incentivar o desejo de superação constante... o que se consegue com paciência, compreensão e tolerância que caracterizava a Jacinta Pichimahuida”.

Roberto: “Seria ideal, porém difícil. As leis atuais e a ruptura social existente a partir da intolerância comprometeriam a continuidade laboral da *maestra* e seu envolvimento com as crianças e suas famílias”.

g) Desejo de imitar a *maestra* Jacinta Pichimahuida

A pergunta aqui sugere três alternativas de respostas: sim, um pouco; sim, várias vezes; e não. E no final pede uma justificativa perguntando: por quê? Na tabela abaixo vamos visualizar as respostas dadas na primeira parte da questão.

Tabela 6 – Imitar a *maestra* Jacinta Pichimahuida

Sim, um pouco	Sim várias vezes	Não
5	4	3

Para a justificativa encontramos que:

Estela: “Sim, várias vezes, porque sentia que tinha vocação e dedicação na docência, algo que sentia e sinto por essa profissão que sempre amei, e me deixou lindas recordações”.

Haida: “Sim, um pouco, porque considero que de alguma maneira durante meus 35 anos de docente o fiz pondo-me a par do meu aluno, andando no seu passo para ajudá-lo, guiá-lo, dar-lhe forças, propondo-lhe metas e meios para alcançá-las”.

Roberto: “Não, porque não sou maestro. Entretanto nos cursos que realizo com os alunos de distintos colégios e escolas, busco esta relação de confiança, respeito e interesse pelo outro e suas inquietudes e necessidades. Busco deixar-lhes uma mensagem positiva”.

Vani: “Sim um pouco, por sua qualidade de ser humano e sua bondade inata e pela responsabilidade com que desempenhava sua profissão”.

Vera: “Não, porque tenho outro modelo de *maestra*. A personagem de Jacinta eu penso que está muito relacionada com o discurso da ditadura militar do meu país”.

Marcel: “sim, várias vezes. Porque poderia servir como exemplo para comparar distintas épocas que viveu o país. Não digo que os tempos passados foram melhores, simplesmente seria bom comparar o bom e o mal de cada época”.

Grabriela: “Não, porque representa um estereótipo.

Sebastião: “Sim, poucas vezes. Porque é uma boa pessoa”.

Ivete: “Sim, poucas vezes, porque é comprometida com sua vocação e se relaciona mais profundamente com seus alunos”.

Fábio: “Sim, várias vezes, porque quando conheço os alunos com maior profundidade, geralmente em dias especiais (de chuva, por exemplo), descubro seus problemas sociais por meio do diálogo com eles”.

Karla: “Sim, várias vezes. Em várias oportunidades se poderia imitar a *maestra* Jacinta, mas como disse anteriormente, vivemos em outro tipo de sociedade, por isso não é possível imitá-la totalmente”.

Paulina, não respondeu à questão, pois disse que não se recorda muito da *maestra*.

h) Desejo de parecer-se com a *maestra*

Para a resposta a esta questão foram dadas três alternativas de escolha, e abaixo foi dada a oportunidade para que pudessem justificar suas escolhas.

Na Tabela 10 podemos visualizar essas alternativas e também a escolha dos entrevistados.

Tabela 7 – Parecer-se com a *maestra*

Em seu modelo de ensino	Em sua maneira de ajudar os alunos	Em sua elegância
2	9	1

Esta questão não foi respondida por três dos entrevistados. Assim nota-se que os que responderam sentiram-se à vontade para assinalar mais de uma alternativa dada.

Em relação a justificativa, quatro participantes da pesquisa deixaram sem respostas, dos que responderam, colhemos as seguintes informações:

Estela: “Em seu modelo de ensino e na maneira de ajudar os alunos. Porque sempre estava predisposta para atender qualquer situação que surgisse a seus alunos”.

Haida: “Em sua maneira de ajudar os alunos. Porque estando atento as necessidades do outro, colaborando no que se pode, sendo generoso com o que se tem, com o que se sabe, com o que se é, estaria contribuindo com o próximo para que sirva a todos”.

Roberto: “Em sua maneira de ajudar as crianças, porque creio que as crianças, para começar, necessitam ser respeitadas e cuidadas. Precisam saber que podem contar com os adultos e confiar neles”.

Vani: “Assinalo as três respostas porque gostaria de me parecer com a *maestra* Jacinta na forma de ensinar, na maneira em que ajudava as crianças e em sua elegância, pois a maneira em que se escolhe a vestimenta é um reflexo da personalidade que se tem”.

Vera: “A maneira em que ajudava seus alunos, estava sempre atenta, conhecia o que se passava com seus alunos e suas famílias”.

Ivete: “Gostaria de imitar sua maneira de ajudar as crianças, porque creio que é importante ajuda-los nos dias de hoje. Estar perto deles, ensiná-los a ser boas pessoas”.

Fábio: “a maneira como ajudava as crianças em especial o tratamento que dava aos alunos, por seu modo de estimulá-los e contê-los também. Mas principalmente por seu amor dedicado a eles”.

Karla: “em sua maneira de ajudar os alunos, pois, tinha todo o tempo necessário para ocupar-se deles, tanto dentro da sala de aula como fora dela. Hoje em dia os docentes carecemos desse tempo”.

i) Comentários sobre a telenovela, sobre a *maestra* Jacinta Pichimahuida, sobre a escola, os alunos, a diretora, outros funcionários da escola.

Para esta questão do questionário, julgamos necessário deixar um espaço para que os entrevistados ficassem livres para dizer o que quisessem sobre os temas apontados.

Abaixo vamos relatar as respostas dadas pelos entrevistados.

Estela: “Era a situação que todo docente queria ter, sair-se bem diante de diversas situações apresentadas pelos alunos. Coisa que hoje em dia é muito difícil e complicado.

Haida: “Jacinta: estereotipo de *maestra* maternal, de gesto angelical, cheia de amor e dona de uma infinita paciência. Efraín: porteiro de uns 70 anos, protetor dos alunos e que carinhosamente chamava "blancas palomitas" (por causa do uniforme que usavam um jaleco branco). Diretora: senhora impulsiva, mal-humorada, autoritária, resmungona. Caballasca: grande, robusto, pouco aplicado, duro de entender, bom, defensor de seus companheiros. Cirilo: menino de pele morena, humilde, simpático, crédulo, enamorado. Meche: loura, usava óculos, travessa, risonha, brincalhona, piadista. Etelvina: menina de pele branca, rica, filha de um doutor, altiva, convencida, metida, intolerante. Siracusa: terrível, travesso. Anselmi: bom, sentimental, amante dos animais. Carola: robusta, comia a todo momento. Bibi: estudiosa, tímida.

Roberto: “Creio que o que vimos na novela e que graças a Deus, eu pude viver na própria carne e desfrutá-lo, é o que hoje já não vemos em geral. Falta de vocação, desinteresses, divisão social, proliferação de abusos e abusadores e poucos comprometidos é o que reina hoje e faz desejar aqueles tempos.

Vani: “Tudo nessa novela era um deleite para mim. A *maestra*, os alunos, porque neles via o reflexo de meus próprios companheiros de escola com os arquétipos básicos: o gordinho bom, a menina romântica, o ingênuo apaixonado, a

travessa que desfruta mais jogando com os meninos que com as meninas, a menina metida com seu equivalente masculino, o estudioso, o justiceiro, a menina que tem problemas em casa, a doce chorona por quem os meninos se derretem, os maus que estão sempre à beira de serem expulsos. Não faltava nada. A diretora severa, mas no fundo boa era a que mais ou menos todos tínhamos nas nossas escolas, a secretária com cara de poucos amigos, mas muito diligente em seu trabalho. O porteiro sem família e bonachão, que fazia das crianças seus afetos cotidianos. ‘Jacinta Pichimahuida’ tinha e tem todos os ingredientes para perdurar na memória do telespectador que pode disfrutar dela em qualquer das versões”.

Vera: “Eu gostava de ver a novela, acompanhar as histórias, embora não fossem muito reais, eu gostava de Meche uma personagem mais rebelde, menos fina do que outras meninas, mais divertida. Lembro também do porteiro da escola como um protagonista importante da história, com muita presença entre os alunos e a maestra, um companheiro ideal”.

Paulina: “Em algumas ocasiões menciono em um encontro de gente conhecida, e de minha idade, os personagens para referirmos a algo que se parecem. A mais lembrada é Etelvina (má companheira, pessoa que acusa ou delata alguém, insolente com a *maestra*), e Caballasca, o menino que parecia não entender nada”.

Marcel: “Não é muito o que me recordo da novela. O que mais recordo são alguns personagens e as características deles. Lembro-me da menina Etelvina, era muito competitiva; Palmiro Caballasca, o tipo aluno ‘burro’ como se dizia antes, ou seja, que tinha dificuldades para aprender, como seu sobrenome, que indica cavalos, como sinônimo de selvagem e para completar o estereótipo do menino gordinho. Por último lembro que havia um menino chamado Cirilo que era afrodescendente (situação quase inédita na televisão argentina que quase sempre se tratou de ocultar qualquer raiz que não seja européia), ou seja negro e por consequência pobre. Tenho também alguma lembrança da *maestra*, loura (como sinônimo de superioridade) e uma grande contradição: seu sobrenome de origem *mapuche* (aborígene), Pichimahuida”.

Gabriela: “Segundo recordo a novela foi transmitida pelo canal 9, por volta das 17h30m quando as crianças do turno da tarde saíam da escola e podiam chegar a sua casa para assistirem (a transmissão da televisão naquela época começava ao meio dia). Com relação aos personagens, recordo que a diretora representava o

estereótipo da autoridade, mas revelava uma grande estima por Jacinta porque ela era a maestra modelo e um ser humano mui sensível para com a realidade dos alunos. O porteiro Efraim era outra figura especial e querido por todos, um imigrante espanhol que recebia as crianças e a maestra Jacinta na porta com um lindo sorriso e com a célebre frase: entrem pombinhas brancas. Os alunos representavam as diferentes classes sociais e culturais: a menina rica e inteligente (loura e de olhos celestes, Etelvina Baldasrre); o menino negro e pobre (Cirilo Tamoyo); o menino obeso, um tanto torpe e de poucas luzes para o estudo (Palmiro Caballasca); outra menina gordinha que comia muito (sanduiches); o menino de descendência japonesa; e os outros meninos e meninas que formavam o grupo escolar bem parecidos com os que na realidade sucediam nas escolas dessa época”.

Sebastião: “Naquela época a telenovela foi muito observada pelos jovens. Havia poucos programas na televisão, poucas opções para os meninos. A maestra Jacinta era o único programa que se tinha para assistir nesse horário, por isso é o que todos viam”.

Ivete: “Foi uma história em que a maestra era toda coração, os alunos todos queriam-na como professora. A diretora era muito ríspida e os demais funcionários da escola eram bons seres humanos.

Fábio: “Eu gostei muito da telenovela, assim como meus companheiros. Jacinta Pichimahuida me parecia uma excelente maestra, sensível e comprometida com o aspecto social de cada aluno. Seu envolvimento com os sentimentos deles era mui digno de ser resgatado. Meu personagem favorito era o Cirilo, com sua abnegada perseverança na paixão por Etelvina. Era cômico o aluno Palmiro Caballasca com suas frases e comentários sobre as dificuldades de aprendizagem que tinha. O porteiro também era muito amável e amistoso com os alunos. A diretora era muito severa”.

Karla: “A novela destes anos mostra o perfil de uma diretora com demasiados limites; uma maestra carinhosa; alunos de distintas classes sociais; e pessoas envolvidas com os alunos e com a escola.

j) Opinião pessoal sobre a novela criada por Abel Santa Cruz.

Para encerrar a pesquisa os entrevistados poderiam deixar suas impressões e opiniões pessoais sobre a telenovela baseada no conto de Abel Santa Cruz.

Estela: “Muito bom escritor de telenovelas que chegavam ao coração da gente”.

Haida: “Série televisiva em branco e preto emitida diariamente pelo canal 9. Contava a história da vida cotidiana de uma maestra e seus alunos em uma escola primária pública da Capital, Buenos Aires, onde a discriminação social e/ou socioeconômica são os eixos dos conflitos”.

Roberto: “Oxalá se seguissem escrevendo este tipo de novelas, com roteiros são e formativos. Lamentavelmente tudo o que se vê desde vários anos parece escrito intencionalmente para destruir os valores das crianças e suas famílias. O pior é que logram seu objetivo”.

Vani: “Uma novela que jamais será esquecida, porque contém os ingredientes básicos da vida escolar e cotidiana de muitas crianças de minha geração, quando a infância era só estudar, jogar e ser amado por um grupo familiar”.

Vera: “A novela teve muito êxito entre nós, todos a assistiam. Tinha muito a ver com nossa vida cotidiana, com o que acontecia com muitos meninos e meninas, e por outro lado, apresentava coisas diferentes, por isso gerava tanto interesse”.

Marcel: “Não tenho muito o que dizer. Simplesmente posso comparar as características das novelas para crianças daqueles tempos com as de hoje que cada vez mais mostram as diferenças de classes sociais (por exemplo hoje as crianças das telenovelas já não são mais das escolas públicas) e as temáticas sempre transcorrem em lugares de classes médias ou diretamente altas.

Grabriela: “A maioria das novelas desses anos foram escritas por Abel Santa Cruz, além de livros, revistas, teatros e roteiros cinematográficos. Sem dúvida tem sido muito profícua sua trajetória como escritor desse gênero. Com respeito a novela Jacinta Pichimahuida, poderia destacar que nos anos em que vi eu tinha oito anos, e gostava muito de brincar, mas não queria perder as histórias e ver as personagens. A novela mostrava o que fazer e o que não fazer em cada um dos papéis que eram representados”.

Sebastião: “Um bom produto que hoje considero não se adapta mais a realidade em que vivemos. Um mundo globalizado com influências muito fortes do capitalismo.

Ivete: “Era uma novela criada para a época (1983), mostrando uma relação boa entre a docente e os alunos. Fazia parte do paradigma que reinava em nosso país”.

Fábio: “Como um comentário pessoal, quero deixar que é uma recordação muito cativante. Os conflitos dos alunos e as intervenções da maestra com muito tato. Uma obra realmente inesquecível.

Karla: “Foi uma novela que marcou uma parte da nossa infância, com uma maestra que todo mundo desejava ter”.

Ao finalizar os estudos realizados e as investigações sobre Abel Santa Cruz e seu texto mais conhecido entre os argentinos, Jacinta Pichimahuida a *maestra* que não se esquece, encontramos que tanto nas leituras como nas entrevistas, desde os anos de 1960 e até hoje, 2015 a *maestra* não foi esquecida. Merece destaque o fato de ao compararmos a professora dos contos e a da telenovela, é nítida a diferença entre as duas. Nos contos verificamos uma professora mais real, que tem muitas falhas como a de deixar os alunos realizando tarefas enquanto lê uma revista que aparentemente não tem nada a ver com o tema estudado; desviar-se do tema da aula empolgando-se com outro que não se refere ao assunto a ser tratado; deixar de lado o aluno negro que dança muito bem, mas nem é notado pela professora até que se destaque frente a uma platéia; deixar os alunos sozinhos para conversar na sala dos professores. Já na telenovela estes descuidos não estão em cena, tanto que é vista como uma professora perfeita.

Ela continua sendo lembrada pelos argentinos como um modelo de professor para sua época, e para alguns um modelo que faz falta para as escolas e para os alunos atuais. Isso foi possível observar pela maneira como ela é retratada nos textos lidos e também na forma saudosa como os entrevistados falaram dela.

Embora reiteradamente os entrevistados negavam a existência da influência da indústria cultural e da exploração por meio da venda de produtos anunciados nas transmissões dos capítulos da novela, em nossa investigação pela internet encontramos fotos de álbuns de figurinhas; disco de vinil contendo gravação das músicas cantadas na apresentação da telenovela; um grupo de alunos vestidos com camisetas que estampavam uma marca de roupas a serem vendidas; uma das professoras e alguns alunos apresentando uma caixa de Maisena; propaganda de crianças/atores da telenovela comendo pão com uma determinada marca de maionese (Anexos).

3.2 No México

Nossa pesquisa mostra que nesse país, as transmissões da telenovela aconteceram como no quadro a seguir.

Quadro 6 - Histórico cronológico da novela no México

A NOVELA CARROSSEL NO MÉXICO	
1989	<i>Carrussel</i>
1990	Musical <i>La Magia de Carrussel</i>
1992	<i>Carrussel de Las Américas</i> - Comemorando os 500 anos do descobrimento da América
2002	<i>Viva Los Niños</i>

Fonte: Organizado a partir de informações colhidas pela pesquisadora (2014)

No México, a pesquisa foi realizada por ocasião do XI Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, nos dias seis a nove de maio de 2014, realizada na cidade de Toluca. Nessa ocasião apresentei o trabalho: México e Brasil, a imagem do professor na novela Carrossel: um estudo sobre a vocação para o magistério e a atuação da Indústria Cultural.

Depois de apresentado o trabalho, como de praxe, há o momento de perguntas e debate sobre o tema apresentado. Vários congressistas se manifestaram, não só do México, mas também do Chile, da Colômbia e do Brasil. Do México um professor relatou que estava sendo discutida no país uma nova elaboração das leis para a educação e que na propaganda que aparecia em especial na televisão, mostrava a imagem da *maestra* Ximena (para nós, Helena), ao referir aos professores. De certa forma, ela também é tida como uma *maestra* perfeita e, portanto, um modelo de professor para o país. Isso causava um desconforto para os professores mexicanos.

Um debatedor da Colômbia relatou que isso também acontecia em seu país. A professora da novela era sempre apontada como modelo a ser imitado pelos demais professores.

Com relação à pesquisa escrita só foi possível recolher informações de cinco professores. As questões são iguais às que foram aplicadas aos professores aqui no Brasil. A seguir vamos ver o que os professores mexicanos pensam sobre a novela e a professora apresentada na novela *Carrussel*. Começaremos pela última questão que é dissertativa e pede para relatar as impressões sobre a novela, a professora e

a escola. Assim como fizemos com os entrevistados da Argentina, aqui também vamos usar nomes fictícios para os professores entrevistados no México.

Bela afirma: “Creio que a situação da novela é um pouco utópica já que desafortunadamente nem todos os *maestros* têm a vocação que mostra a professora da novela e tão pouco seu caráter. Também as crianças da novela são diferentes das que temos em nossas salas. Seus interesses já não são os mesmos. Estão mais dispersos e não tem o mesmo respeito pela autoridade, nesse caso pela professora, que tinham antes”.

Sarita registra: “É só uma novela, fora da realidade, sobretudo na atitude da professora e os alunos. Provavelmente seria uma boa maneira de ensinar, porém é complicado”.

Marisa deixa o seguinte comentário: “Me parece que as situações e o contexto escolar são aspectos idealizados, não tão parecidos com a realidade atual. Não descarto a ideia de que puderam existir escolas ou salas de aulas com essa dinâmica de trabalho, com alunos e professores similares, porém essa ideia é muito remota. De maneira muito pessoal, me convenceram muitos capítulos. Por ser algo que ocorre na vida escolar, na interação com as vidas pessoais, com os problemas, com as emoções e sentimentos de todas as pessoas envolvidas na sala de aula, envolvidas tanto na escola como na comunidade. E são principalmente as crianças que abrem essas possibilidades de conhecer, em sua inocência nos abrem o coração e isso é o melhor que um professor pode encontrar em sua profissão. As telenovelas produzidas nesse tempo me parecem que tratavam de projetar um ideal sobre a ética de uma sociedade conservadora, apegada a costumes mais ou menos honestos. Os problemas das pessoas mostravam seu lado mais sensível, sem violência (ou pelo menos sem a violência que degenera o ser humano, como ocorre nas telenovelas da atualidade, carentes de mensagens positivas e saturadas de estereótipos)”.

Maria respondeu apenas que viu poucos capítulos e lhe pareceu uma novela muito sentimental.

Nora registrou o seguinte depoimento: “Eu acredito que se pretende com os meios de comunicação representar um professor modelo que está fora da realidade educacional mexicana (pelo menos na Escola pública, a qual pertenço). Um pequeno número de crianças no grupo, o acesso a computadores e à Internet, a facilidade de abordar a aprendizagem e a participação de crianças, requerem mais

elementos: a concepção de uma resposta educativa de acordo com as necessidades de cada uma das crianças do grupo, uma verdadeira participação dos pais na aprendizagem dos filhos, o apoio das autoridades da educação, condições escolares e do ambiente de trabalho são determinantes aos objetivos escolares. Além disso, o modelo de professor proposto, é de um professor que aceita o que lhe dizem, sem questionar, segue as regras e transcende mais por sua assistência em situações familiares das crianças do que na realização de aprendizagem para a vida - que é o que realmente lhe compete”.

A seguir vamos observar as respostas às questões objetivas.

Quadro 7 – Síntese das respostas objetivas da entrevista com os professores do México.

Questões	Bela	Marisa	Maria	Nora	Sarita	%
1 assistiu a novela	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	100
2 notou influencia da novela nos alunos	Muitas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Algumas vezes	Não	80
3 notou alunos usando produtos anunciados na novela	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	100
4 alunos queriam que a professora imitasse a <i>maestra</i> da novela	Algumas vezes	Não	Sim	Não	Não	40
5 notou se isso aconteceu com outros professores	Não	Não	Algumas vezes	Não	Não	20
6 é possível imitar a <i>maestra</i> da novela	Algumas vezes	Algumas vezes	Frequentemente	Poucas vezes	Algumas vezes	100
7 Como vê a <i>maestra</i> da novela	Boa professora	Boa professora	Boa professora	Modelo ruim	Conto de fadas	60
8 gostaria de imitar a <i>maestra</i> da novela	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	Não	Não	60
9 o que chama mais atenção na <i>maestra</i>	A vocação para ensinar	a forma de envolver-se com alunos	O cuidado com os alunos	Nada	No cuidado com os alunos	80
10 em que gostaria de parecer-se com ela	Na forma como ensina	Dedicar-se mais	Em nenhum momento	Em nenhum momento	Na forma como ensina	60

Fonte: questionário aplicado entre os dias 6 a 9 de maio de 2014, na cidade de Toluca, México.

A pesquisa mostrou que apesar de a maioria dos professores mexicanos entrevistados não concordarem com o modelo de professor apresentado pela novela, 60% desejam parecer-se com ela em algum momento; em 80% dos entrevistados a *maestra* chama a atenção ou na maneira como cuida das crianças ou na sua forma de ensinar. 60% gostariam de imitá-la; 60% acham que é uma boa professora; 100% concordam que é possível imitá-la; 40% afirmam que os alunos gostariam que se parecesse com a mestra da novela; 100% notaram que os alunos

usaram os produtos anunciados pela novela; 80% notaram que a novela influenciou os alunos.

Observamos que os índices são deveras altos tanto para a aceitação da mestra, como para o consumo de produtos provindos da novela. Embora o discurso das professoras entrevistadas dê a ideia de repúdio principalmente para com a *maestra* Jimena (ou Jacinta Pichimahuida).

3.3 No Brasil

Relembremos a seguir a transmissão da novela no Brasil.

Quadro 8 – Novela Carrossel no Brasil

HISTÓRICO DA NOVELA CARROSSEL NO BRASIL	
1991	Transmissão da novela <i>Carrussel</i> pelo SBT
1996	Transmissão da novela <i>Carrussel de Las Américas</i> - SBT
2003	Transmissão da novela <i>Viva Los Niños</i> - SBT
1991, 1992, 1993, 1995, 1996	Reprise da versão de 1989 - SBT
2012 a 2013	<i>Remake</i> da versão de 1989 - SBT
09 de Julho de 2015	Estreia de “Carrossel, o filme” – SBT e Televisa
2014-2015	Série: Patrulha Salvadora – 1ª e 2ª temporadas - SBT
2015 16/03/2015	Reprise da novela Carrossel (2012/2013) - SBT
2016	Filme “Carrossel 2: O sumisso de Maria Joaquina” – SBT (Paris filmes)

Fonte: Dados coletados por meio de leituras em jornais, artigos, revistas e internet, e organizados pela pesquisadora (2016)

Como nos referimos acima, a pesquisa sobre a novela Carrossel no Brasil foi realizada em três momentos: questionário para alunas do curso de Pedagogia; depoimentos; questionário para professores e crianças. No primeiro apresentamos a pesquisa numa sala de aula do curso de Pedagogia de uma Faculdade no interior de São Paulo, no dia 28 de janeiro de 2014. Estavam presente vinte e três alunas e apenas uma não respondeu ao questionário com sete questões abertas.

Também aqui o nome das pessoas entrevistadas foi preservado e utilizado nomes fictícios.

A primeira questão foi: Você observa alguma influência da novela Carrossel sobre as crianças, se sim, quais são. Responderam sim 100% das entrevistadas.

Algumas respostas foram muito parecidas por isso optamos por não repeti-las. As selecionadas foram:

“As crianças começaram a agir como as personagens da novela, em suas brincadeiras e no modo de falar. Carrossel influencia muito as crianças” (Deise, 2014).

“As crianças querem usar os uniformes e fazer o papel na vida real de cada personagem da novela. Elas querem sentir que são parte da novela” (Elisa, 2014).

“Particularmente e sinceramente não assisti a nenhum capítulo sequer. Mas ouço falar que a influência sobre as crianças é fora do normal, tanto desejando uma professora igual, quanto por objetos materiais mostrados na novela” (Wilma, 2014).

“As crianças querem ser iguais as do Carrossel e querem ter o que eles têm” (Katarina, 2014).

“Creio que a única influência foi o aproveitamento da mídia para que o comércio fosse aquecido” (Alice, 2014).

“Observando a novela, as crianças querem ter uma professora igual, ou seja, uma santa e isso é praticamente impossível em um mundo humano com pessoas humanas e com seus defeitos” (Joice, 2014).

As demais respostas são próximas a essas, com maior índice para o fato de que as crianças desejam ter uma professora igual a da novela Carrossel e obter os mesmos objetos dos personagens.

A questão número dois foi: As crianças cobram do seu professor atitudes iguais as da professora de Carrossel? Quais?

As respostas foram: 4 não responderam; 4 afirmam que não; e 14 responderam que sim, as crianças cobram atitudes iguais as da professora Helena. A maioria das entrevistadas apontam que as atitudes mais cobradas se referem a bondade, afeto, carinho, compreensão, beleza, vestimenta, postura, paciência, amizade, conselhos, atenção, que não grite com os alunos e adoram chamar a professora real de “professora Helena”. Nota-se que ninguém cobra um ensino de melhor qualidade.

A terceira questão é se existe a possibilidade de imitar a professora virtual em suas aulas e de que maneira. As respostas dadas foram: 15 - sim; 3 - não; 2 - sem respostas e duas argumentaram que os professores de hoje não têm paciência com as crianças e por outro lado as crianças não têm o respeito que deveriam ter pelos professores. Com relação ao que se pode imitar, a maioria respondeu que as

professoras reais devem ser mais pacientes, bondosas, dedicadas, amorosas, carinhosas, amigas, afetuosas, atenciosas, conselheiras, inovar a didática de ensino, ter autoridade na medida certa, ser flexível e ajudar na solução dos problemas dos alunos. Aqui aparece alguém querendo uma didática de ensino com melhor qualidade.

Apenas uma aluna respondeu que “não é necessário imitar a professora, mas ter uma boa formação para trabalhar em sala de aula de forma criativa”. Outra aluna respondeu que não é possível imitar a professora porque ninguém é “santa”.

Em quarto lugar foi perguntado: Como você vê a professora virtual? Concorde com suas atitudes em relação aos alunos? Seis pessoas não responderam a essa questão. As demais respostas foram:

“Uma professora fora da realidade, não concordo com esse modelo de professora” (Thaina, 2014)

“Vejo como algo não tão real. Algumas atitudes concordo, como ser amiga, paciente, conselheira, mas também deve tomar sua postura de autoridade quando necessário” (Ana Lucia, 2014).

“Vejo que ela é uma verdadeira “santa” ou colocada como isso. O ser humano não é perfeito. Algumas de suas atitudes são boas por ela tentar ajudar e entender os alunos” (Jaqueline, 2014).

“Calma e serena, nem sempre concordo com suas atitudes”.

“Apresenta-se como uma profissional perfeita, sem falhas, bem diferente dos profissionais da vida real” (Dirce, 2014).

“Ela sempre resolveu os problemas em sala de aula, buscando prevalecer o carinho, o amor e a união. Concorde com ela” (Elisa, 2014).

“Sim, ela tem uma boa relação com os alunos, por isso consegue atingir seus objetivos” (Gabriela, 2014).

“Eu a vejo como uma professora eficiente, principalmente em sua relação com as crianças” (Joice, 2014).

“Ela é apenas um marketing” (Ana Maria, 2014).

“Ela é uma professora dos sonhos. Nem sempre concordo com seus métodos” (Zenia, 2014).

“Eu a vejo como um marketing”

“Eu vejo como um modelo perfeito. Mas sabemos que não existe perfeição” (Débora, 2014)

“Sim ela é uma excelente profissional, mas não é fácil fazer as coisas do modo como ela faz” (Tamires, 2014).

“Em parte eu concordo com ela, mas sabemos que é necessária a disciplina para que a educação aconteça” (Wisley, 2014).

A quinta questão foi: Você acha que é mais importante ter vocação ou formação para o magistério? Por quê?

A tabela a seguir sintetiza a primeira parte das respostas dadas pelas alunas.

Tabela 8 - Vocação ou formação para o magistério

Vocação	Formação	Vocação e Formação	Em branco
8	3	9	2

Fonte: questionário aplicado a alunas do 5º semestre do curso de Pedagogia – FATEB – em 28 de janeiro de 2014.

As participantes da pesquisa que optaram pela formação como sendo mais importante, afirmam que sem a formação não é possível desenvolver a vocação. Já as que optaram pela vocação concordam que sem a vocação a formação fica sem sentido. As demais afirmam que uma complementa a outra, portanto vocação e formação devem caminhar juntas.

Em relação à sexta questão aplicada, se comprou algum produto anunciado pela novela, duas alunas responderam que sim, compraram tiaras, CDs e pulseiras. Vinte responderam que não compraram nada.

Na última questão, porque não compraria os produtos anunciados na novela, uma resposta ficou em branco, seis colocaram a palavra não e as demais responderam que não tiveram interesse ou não tinham filhos porque senão provavelmente teriam comprado.

Ao refletir sobre as respostas destas futuras professoras, observamos que existe forte influência da mídia sobre suas ideias e opiniões. Mas, é preciso destacar que algumas já começam a ter uma posição mais crítica em relação a imposição da indústria cultural por meio da novela Carrossel.

A segunda parte da pesquisa realizada no Brasil refere-se a três depoimentos que foram escritos por pessoas que foram convidadas a participar da pesquisa por terem vivenciado momentos importantes com a telenovela.

O primeiro depoimento surgiu a partir do debate realizado no México. Entre os congressistas que participavam da apresentação e do debate, estava também uma brasileira, aluna do curso de pedagogia da Universidade de São Paulo (USP).

Natali afirmou que fora assistir à apresentação porque o tema chamou-lhe a atenção e queria saber o que seria dito sobre a professora que a inspirou, ainda na infância, a seguir o caminho do magistério. Seu sonho sempre foi ser igual à professora Helena.

Convidei-a para responder o questionário e prontamente aceitou. A seguir vamos considerar seus relatos.

Ela afirma que assistiu à novela quando criança e pelo que lembra, passava em vários horários, tanto a noite como na hora do almoço. Nesse último horário ela estava em casa e assistia a todas as apresentações. O que mais gostava na novela era da professora com seus alunos, eram unidos e pareciam um pouco com sua realidade escolar. A professora que tinha na primeira série se parecia muito com a professora Helena.

Ao ser perguntada sobre o que não gostou na novela relata que “Não gostei quando acabou...”. Outra coisa que a aborrecia eram os preconceitos que tinham em relação ao menino Cirilo.

Em relação aos produtos oferecidos para compra no horário da novela, relata que não se lembra de nada que fosse oferecido, mas queria ter o uniforme, “lembro de que todas as minhas amigas no colégio e eu queríamos ter o uniforme igual ao deles”.

Sobre a professora Helena, afirma que era “A professora perfeita. Ela é bonita, sempre arrumada e boa de coração. Sempre justa e está do lado dos alunos”. Queria que sua professora real pudesse imitar a professora virtual no seu jeito calmo de falar, na bondade, no carinho com os alunos e no cuidado dela para com todos. Afirma que queria muito ser aluna da professora Helena.

Dentre os alunos de Carrossel, escolheria ser a “Valéria, pois ela era muito falante e sempre aprontava muito”. Mas não desejava ser o Cirilo (o garoto negro que sofria *bulling*), mas com quem mais se identificava e não queria ser é a Laura, pois sofria muito *bulling* na escola, por ser a gordinha comilona.

Este relato de experiência com a telenovela revela que existe uma grande possibilidade de as crianças serem influenciadas pelo que assistem na televisão e passarem a moldar suas vidas a partir daquilo que as tocam, emocionam,

identificam. A entrevistada afirma que faz Pedagogia pela influência da professora virtual.

O segundo depoimento é o de uma professora do Ensino Fundamental, em uma cidade interior de São Paulo. Ao ser convidada para dar esse depoimento, a professora afirmou que sentia-se lisonjeada e passou a relatar sua experiência de criança assistente da novela. Foi pedido que escrevesse seu testemunho e ela registrou o seguinte:

Aaaah, a Professora Helena...

Meu momento preferido era o de sentar para assistir Carrossel, depois de ter brincado o dia todo, muitas vezes de escolinha (imitando-a), imaginando como continuaria a trama de “ontem”... Como é bom relembra esta parte de minha infância. Pois bem, comentando sobre estes momentos, lembro bem de como aquela professora chamava a minha atenção, talvez por ser meiga, doce, carinhosa e por ser bonita, sim bonita, pois as crianças (ditas terríveis naquela sala de aula) se derreteram quando a professora foi apresentada a classe, facilitando aproximação da maioria dos alunos, criança também é seletiva; lembro que gostaria de ter uma professora como aquela e nas minhas brincadeiras imaginárias sempre conversava com ela, abraçava, me via exercendo o papel da personagem Valéria da novela, pois mesmo sendo “levada” ela tinha atenção e carinho da professora, então era a personagem com quem me identificava. Talvez a personalidade da Professora Helena tenha chamado atenção também pela diferença de como era com os alunos e como os professores daquela época (pelo menos os que tive contato quando criança) agiam em sala de aula, ou seja, não eram nada meigos, com voz mansa, nem esbanjavam afetividade como a personagem da telenovela, que muitas vezes se colocava como amiga, como mãe, pelo contrário, lembro que eu morria de medo dos meus professores, fazia tudo certinho para não levar bronca na frente dos colegas. Sinceramente a Professora Helena, com seu jeito meigo e enorme paciência, era amada por todos, era a professora que eu sonhava para mim e ser quando crescer, tanto é que me formei professora e hoje, embora não seja tão permissiva quanto ela naquela época, trago boas recordações e sinto que esta personagem foi importante em compor a minha personalidade enquanto Educadora. Em minha rotina tento tornar minha convivência com os alunos o mais agradável possível, sendo afetuosa e buscando atender suas necessidades com um olhar mais amplo, tendo em vista as suas carências afetivas, criando assim maior vínculo e confiança, afinal, é muito mais prazeroso aprender com quem a gente gosta, digo por experiência própria, que na minha vida estudantil passaram professores dos quais sinto uma imensa gratidão por terem contribuído tanto pela minha formação. Carrossel era um encanto de novela na minha época, anos 90, recordo que ficava deslumbrada com a escola, aquela sala de aula, os alunos vestindo uniformes (as meninas de saia, os meninos de calças), para mim pode ser considerado um dos maiores clássicos da tevê, eu que vivi momentos mágicos assistindo aquela história, era como se eu mesma estivesse dentro daquela sala de aula. Hoje vejo, mesmo na versão mais nova da novela, como a Professora Helena faz referência da vida das crianças, bem como os demais personagens, por estar envolvida em sala de aula, pude acompanhar como chegavam agitados, na expectativa do próximo capítulo da novela e na comparação da professora com a personagem principal da trama brasileira de Carrossel, contudo, atento-me que nem tudo o que se passa na novela (ou mídia em geral) deve ser encarado com naturalidade, devemos ser críticos para poder atuar e intervir com bom

senso diante do que as crianças assistem e consideram como absoluto só porque foi interpretado por um personagem do qual sintam uma afinidade, mas voltando a narrativa, foi uma grande emoção relembrar a infância falando da famosa Professora Helena. (Angela, 2014).

Nesse depoimento notamos como a mídia educa e tem influência sobre o subjetivo das pessoas. Aliás, os dois depoimentos citados revelam esta mesma ação.

O terceiro depoimento foi registrado a partir da conversa com uma amiga professora do Ensino Fundamental séries finais, na cidade do interior do Estado de São Paulo. Ela relatou o seguinte:

Com o objetivo de corroborar com a formação de futuros profissionais é que relatarei as experiências vivenciadas enquanto professora da 5ª/série, 6º ano na Escola em que ministro aulas desde 2009. Esta vivência tem por objetivo explicar uma experiência vivida no período em que se estenderam até o ano 2013 quando os alunos estavam cursando o 8º ano.

Os alunos desta série em questão acompanhavam a série (Carrossel).

Estando em contato com o enredo cotidianamente, começaram a colocar em prática as vivências vistas na série. Todos os alunos da sala receberam o nome do personagem que mais se identificava, isto é, gordinho, de cor, briguento, bagunceiro, com mais posses, repetiam no cotidiano as mesmas falas da novela, as brincadeiras feitas com o personagem Cirilo e Jaime, era repetida com comentários pouco gentis, mesmo sabendo que seriam chamados a refletir sobre o comportamento inadequado. Faziam perguntas do tipo: Baleia é um mamífero? Ou se parar de tomar sol muda de cor?

Na sala nenhum deles respondiam ao chamado do colega se o nome não fosse do personagem em questão. Eles se corrigiam quando a conversa era entre eles. Programavam festas para as professoras que mais se identificavam com eles ou as que aceitavam essas homenagens. Faziam muita bagunça nas demais aulas.

Em uma das aulas eles colocaram o lixo cheio de papel para que caísse quando a professora abrisse a porta. Na mesma semana jogaram bolinhas de papel (como aconteceu na novela Carrossel), foi tanto que precisou da intervenção dos inspetores. A professora ficou chocada com a atitude dos alunos e aborrecida pediu demissão e não quis mais dar aulas naquela escola.

Hoje (ano 2014) estão no 9º ano, algumas alunas freqüentam festas e namoram, outras se envolveram afetivamente com alunos do Ensino Médio. O rendimento na aprendizagem é abaixo do esperado para a série, pois eles se dispersam com facilidade, não se misturam com as demais classes, nas atividades desenvolvidas pela escola, eles se negam a participar, mesmo com muitas intervenções cotidianas e pontuais.

Quando questionados dizem: Não queremos e ninguém pode nos obrigar ou impor que façamos aquilo que não queremos. (Noemi, 2014).

Como podemos observar, os depoimentos relatados são controversos, dois relatam atos de alegria causada pela novela e o outro atos muito tristes. Assim como

encontramos na pesquisa realizada. Porém a maioria dos entrevistados revela mais alegria do que tristeza.

Em artigo sobre O Magistério e a mídia, Miranda (2006), afirma que a mídia hoje é um aparato tecnológico que junta e manipula textos, imagens e sons, criando e reproduzindo diversos produtos da cultura e do conhecimento. Para este autor,

O magistério tem como desafio a reflexão sobre a formação de posturas diante da mídia, tanto em relação à sua utilização quanto em relação ao consumo ou uso de seus produtos [...] a tarefa do magistério consiste em educar um ser que não se deixe enganar (MIRANDA, 2006, p.1).

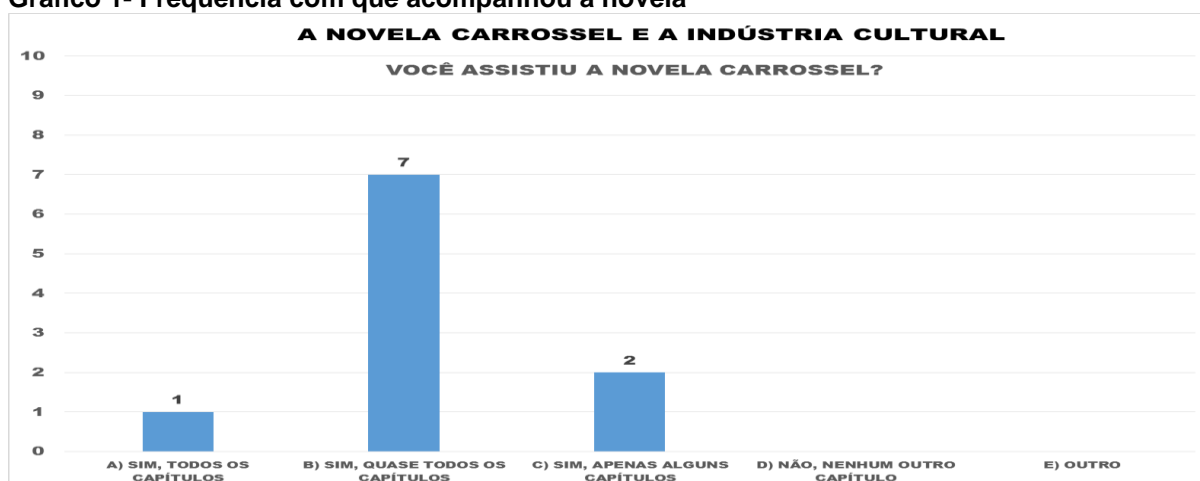
Ao estudar sobre as definições da palavra magistério, Miranda (2006) registra que encontrou que esta palavra vem do latim e quer dizer dignidade, ofício de chefe, meio de curar e tratamento (de uma enfermidade) por meio de erudito. Ao autor ocorreu então a questão: O que devemos tratar por meio do magistério? Ele acredita que esse é o desafio para pensar posturas diante da mídia, quer em relação à sua utilização, quer em relação ao consumo de seus produtos.

A terceira parte da pesquisa foi realizada junto com algumas alunas do sétimo semestre do curso de Pedagogia. Elas se dispuseram a trabalhar na pesquisa e aprender como realizar um trabalho científico. Os dados colhidos fizeram parte do seu trabalho de conclusão de curso (TCC) sob minha orientação e também foram utilizados para essa tese.

A pesquisa iniciou com leituras e discussões de textos que tratavam sobre a indústria cultural e a novela Carrossel. Depois elaboramos o questionário para as entrevistas que deveriam ser pessoais, dividimos as tarefas e ao final, nos reuníamos para ler e discutir os dados coletados e decidir a elaboração dos mesmos.

Com relação aos professores participantes da pesquisa foram feitos gráficos que representam as respostas dadas às questões feitas, como podemos observar a seguir.

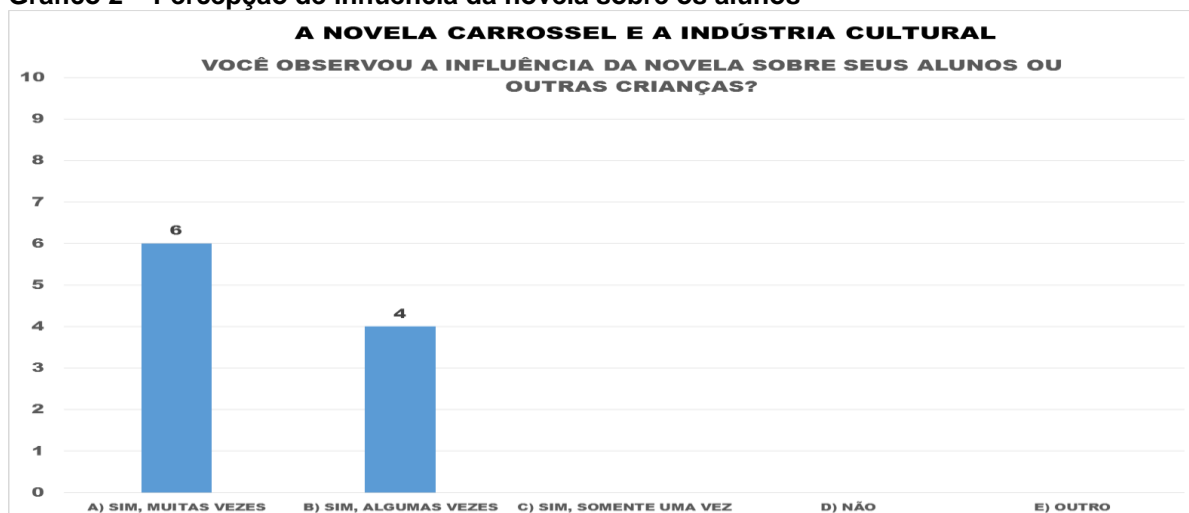
Gráfico 1- Frequência com que acompanhou a novela



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Como podemos conferir, a maioria dos professores entrevistados assistiram quase todos os capítulos da novela Carrossel. Alguns afirmaram que assistiam para que no dia seguinte pudessem acompanhar as crianças que certamente comentariam os assuntos tratados na novela.

Gráfico 2 – Percepção de influência da novela sobre os alunos



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

A partir dos dados podemos verificar que os professores notaram que a novela influenciou os alunos. Segundo esses docentes as influências foram notadas pela própria atitude das crianças em sala de aula ou nas brincadeiras do recreio.

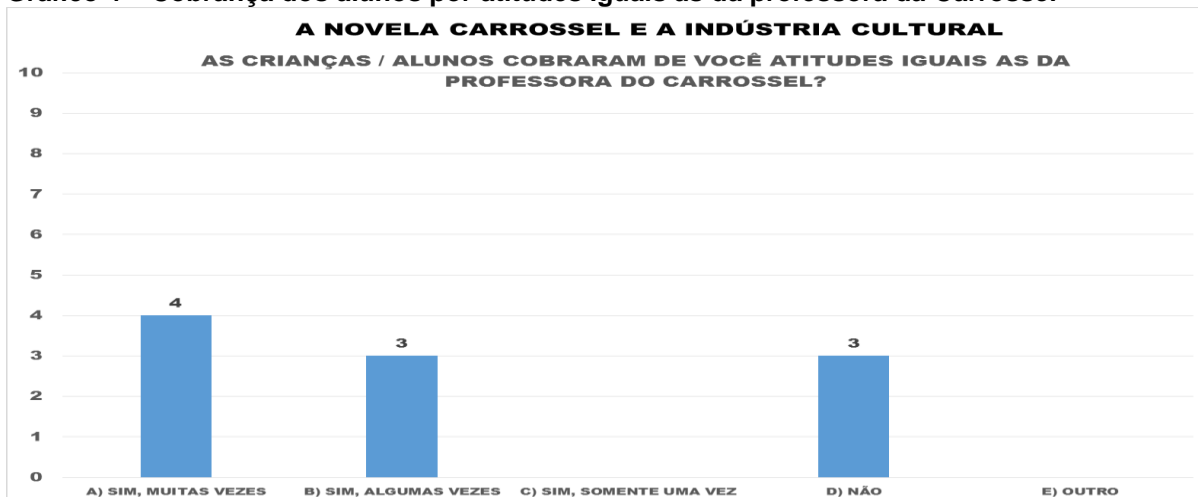
Gráfico 3 – Utilização de adereços dos personagens da novela pelos alunos



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Aqui é possível notar que os 10 professores entrevistados viram as crianças usando os produtos veiculados na novela, sendo que 80% observaram muitas vezes esse fato ocorrido. Constatamos assim que a indústria cultural conseguiu seu êxito na venda dos produtos produzidos para o consumo das crianças que assistiram à novela e marcou sua presença no comportamento das crianças.

Gráfico 4 – Cobrança dos alunos por atitudes iguais as da professora da Carrossel

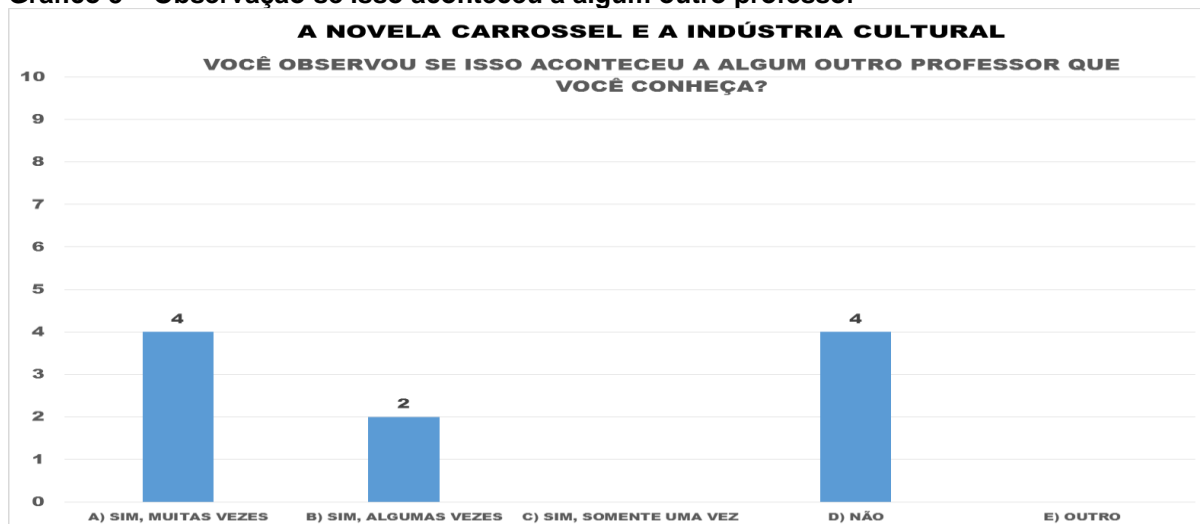


Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Percebemos que 70% dos professores foram cobrados para serem iguais à professora Helena. É interessante destacar que foram raras as cenas em que a professora virtual realmente dava aulas. Pela observação de capítulos da novela, verificamos que cada vez que a professora da novela começava a dar aulas algo acontecia e o tema não era terminado, ou seja, ela nunca deu uma aula para os seus alunos. Logo, podemos notar que quando as crianças querem ter uma

professora igual à Helena não estão se referindo aos conteúdos das aulas que ela ensinava.

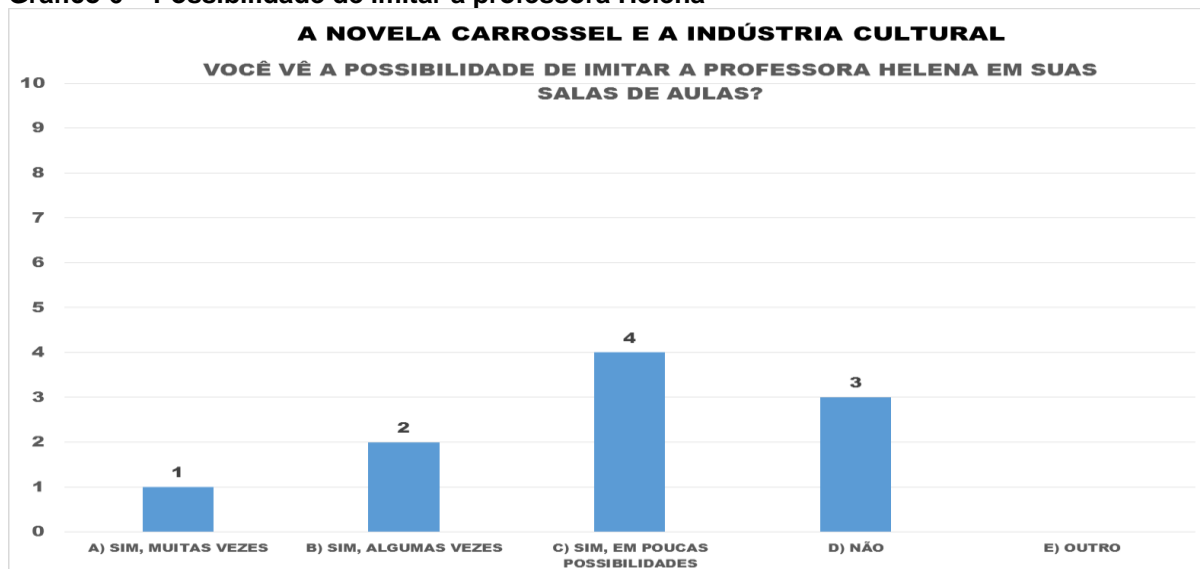
Gráfico 5 – Observação se isso aconteceu a algum outro professor



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Mais uma vez notamos que a maioria dos professores percebeu que também outros colegas seus receberam a mesma cobrança. Isso demonstra que não temos um caso isolado, mas de fato as crianças de modo geral desejaram ter professoras como a Helena.

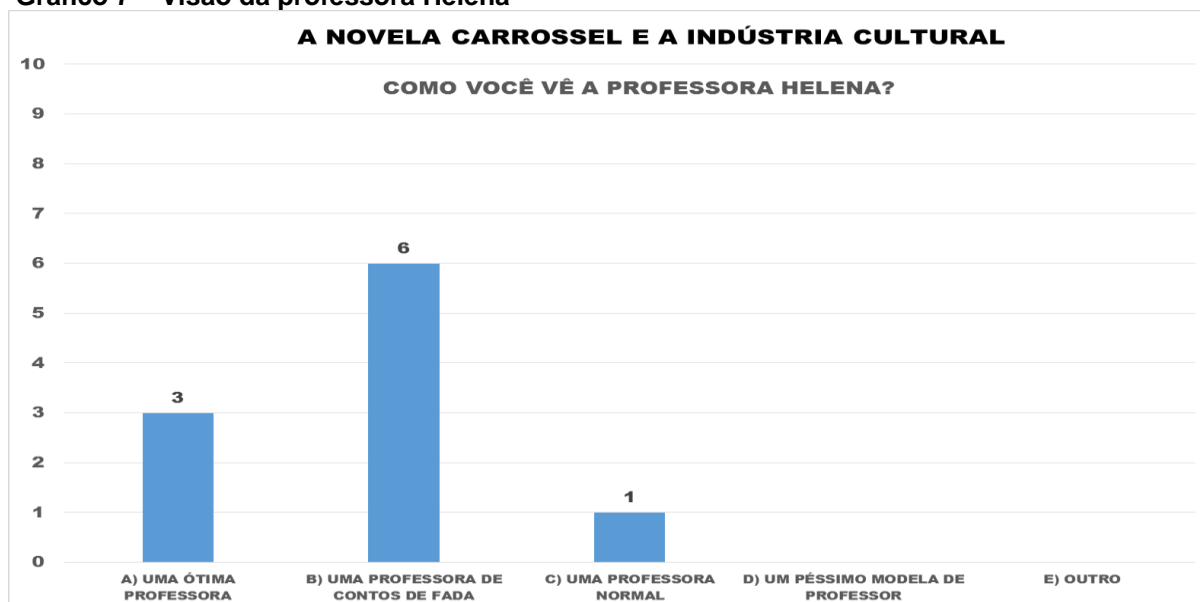
Gráfico 6 – Possibilidade de imitar a professora Helena



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

A pesquisa mostra que a maioria dos professores aceita que é possível imitar a professora virtual em suas aulas reais. Mais uma vez, 70% das professoras entrevistadas acabam se rendendo às crianças, a mídia e até a indústria cultural e desejam imitar a professora da novela.

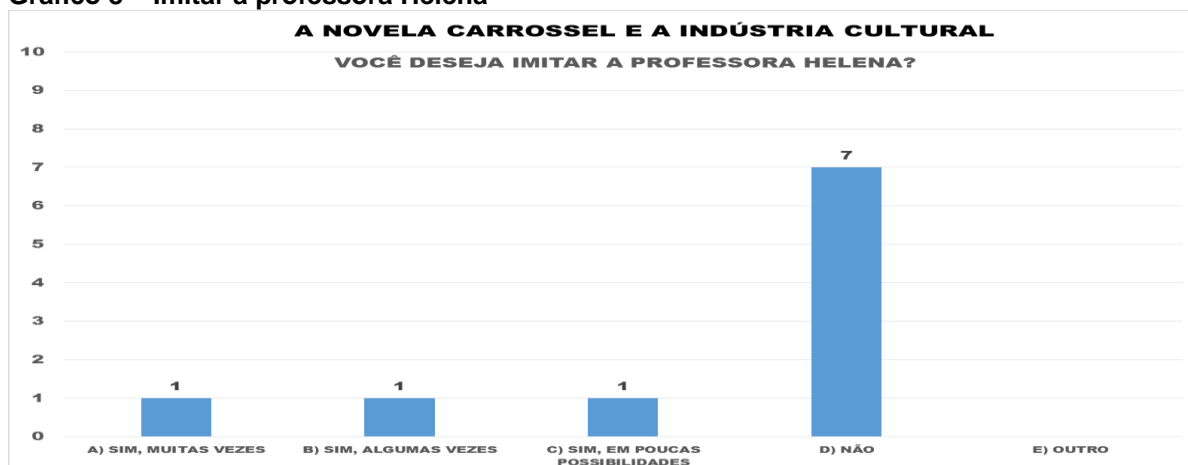
Gráfico 7 – Visão da professora Helena



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

A maioria concorda que a professora da novela se apresenta como um conto de fadas. Embora, podemos notar que alguns entrevistados concordam que ela seja uma ótima professora. Essas respostas confirmam o que nos referimos na questão anterior.

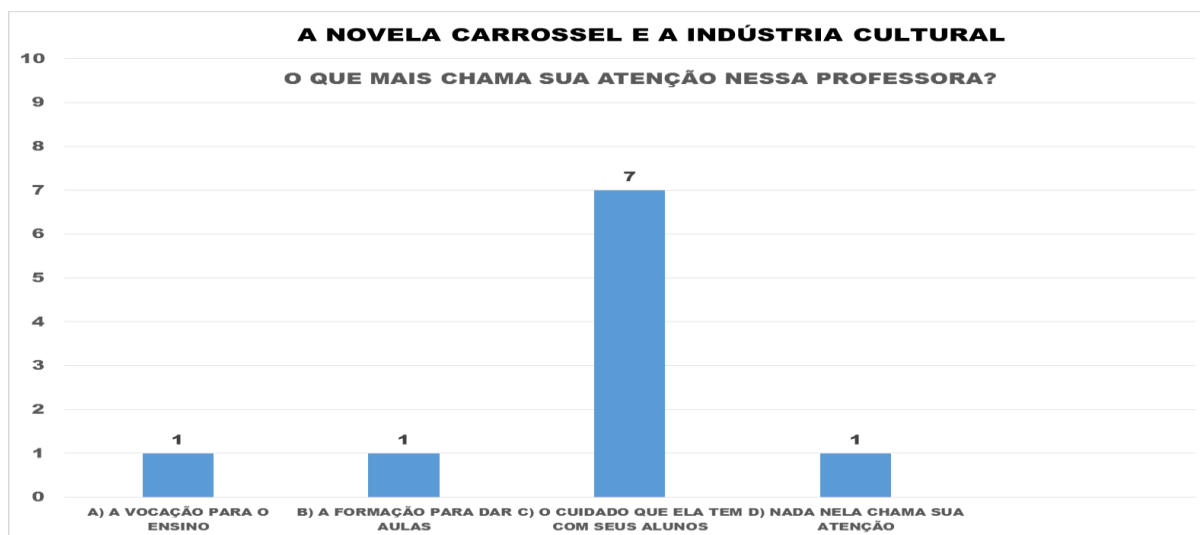
Gráfico 8 – Imitar a professora Helena



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Verificamos que 30% dos entrevistados concordam em imitar a professora virtual, porém a maioria, 70% não quer ser como ela. Comparando essas informações com as do gráfico 6, vemos uma certa incoerência nas respostas dadas. Já que acima afirmam que é possível imitar a professora da novela e aqui assinalam que não desejam imitá-la.

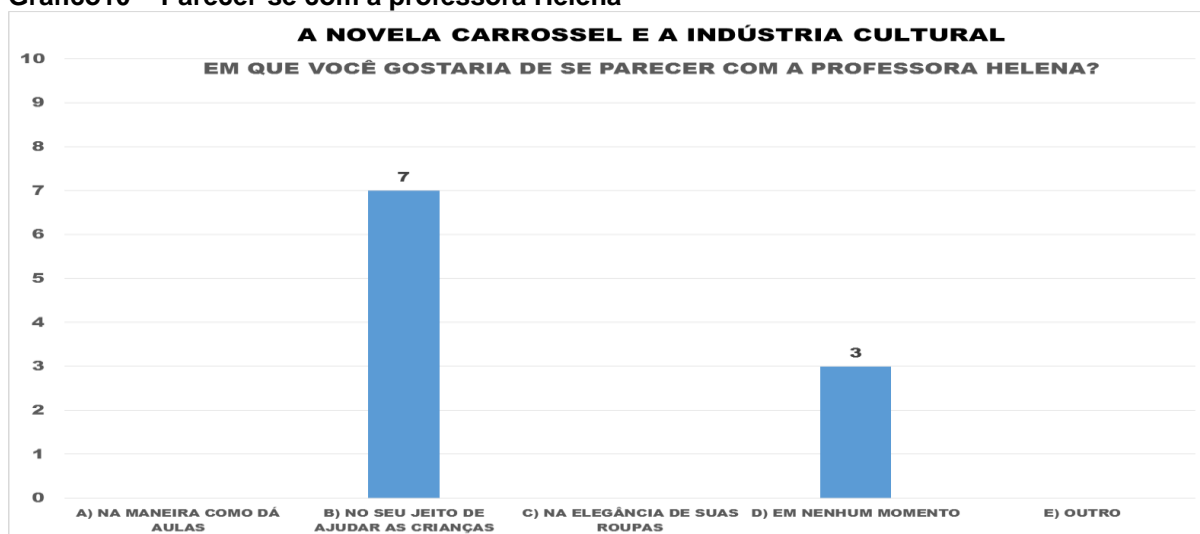
Gráfico 9 – Chama sua atenção nessa professora



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Analisando o Gráfico 9 e os dados descritos podemos perceber que os cuidados enfatizados de forma até exacerbada durante as cenas da novela, surtiram efeitos na massa telespectadora, pois 70% dos entrevistados admiram os cuidados que ela tem com seus alunos e destacam essa característica como ponto importante em sua personagem. Mas se compararmos com o gráfico oito notaremos também que a maioria sabe que não é possível imitar a professora Helena, por não ter uma escola tão bonita, limpa e organizada como a “Escola Mundial”. As salas de aulas reais não têm apenas 16 alunos para serem ensinados e educados. Isso sem citar outras condições materiais, físicas, salariais das quais passam os professores fora da ficção.

Gráfico10 – Parecer-se com a professora Helena



Fonte: questionário aplicado aos professores selecionados pela pesquisa (2014)

Notamos que 70% dos professores entrevistados desejam ajudar seus alunos como a professora virtual e 30% não desejou em nenhum momento. Aqui encontramos mais uma vez que a maioria dos entrevistados querem imitar a professora em suas atitudes com os alunos, em relação à ajuda que ela dá as crianças, que como já vimos vai desde esconder as traquinagens até dar injeção em cachorro ou procurar o cachorro perdido pelo bairro. Os professores desejam ser do tipo que os alunos desejam mas sabem das dificuldades para alcançar esse alvo.

A seguir, registraremos o depoimento que algumas professoras deixaram no final do questionário.

Admiro muito a sensibilidade da professora Helena para lidar com seus alunos, tanto na área da educação como na área pessoal. A diretora foi uma louca estressada sem dom nenhum a sua profissão. Os demais funcionários eram divertidos, mas o que atraía mesmo os alunos e cativava era sem dúvida a professora, muito raro nos dias de hoje, pois se vê muito desrespeito. Viu-se na novela o quanto é importante a dedicação. (Profª Mara, 2014).

O que chama a atenção nesse depoimento da professora Mara é a valorização que dá para o “dom”, que também pode ser entendido como vocação que a diretora não tem e no final o valor para dedicação da professora como se fossem elementos principais para o exercício do magistério. Mas, como podemos observar no decorrer dessa pesquisa, nem a vocação e nem a dedicação podem garantir um bom profissional da educação. Reiteramos que não estamos desvalorizando a importância da relação professor/aluno até para que o aprendizado seja favorecido, mas nossa tese defende o fato de que a formação não pode ser

desmerecida por alguém que pense que já tem a vocação e não precisa de investir na formação para o exercício do magistério.

Vejam os depoimentos de outra professora entrevistada:

Mesmo não tendo acompanhado a novela na íntegra, tive a oportunidade de assistir alguns episódios que me permitiram perceber uma característica bem marcante na prática dessa professora. Uma relação de afeto bem consolidada com os alunos e uma parceria exemplar com a família e comunidade. Outro aspecto bastante significativo em sua postura era a forma como mediava os conflitos entre as crianças, exercendo um papel de muita confiança e respeito. A maneira como conduzia as situações e suas boas intervenções criavam um ambiente saudável e geravam atitudes reflexivas contribuindo com eficácia na formação do senso crítico. Enfim, um modelo que hoje não condiz com nossa realidade. Infelizmente o professor de hoje não é valorizado nem respeitado tendo em vista o papel tão importante que exerce na sociedade. A família em grande maioria, não participa da vida escolar de seus filhos e o cenário gera muita desmotivação. Boa prática como a da professora Helena ainda são vistas em nosso contexto educacional, porém, mantidas pelos dons e pela paixão em ensinar. A nossa sociedade seria bem melhor se fosse dada à Educação o valor que ela realmente merece. (Prof^a Tatiane, 2014).

Na fala dessa professora vemos alguns aspectos contraditórios a respeito do papel que deve exercer o professor. Se por um lado, ela pensa que o sucesso da professora se constrói pela relação de afeto para com as crianças e suas famílias, e pela mediação nos conflitos gerados entre as crianças, a ponto de construir uma formação crítica, por outro lado, ela afirma que esse modelo não serve para a nossa realidade. Outra questão é a afirmação de que as boas práticas são mantidas pelo dom e pela paixão ao ensino. Contudo, defendemos que as boas práticas de ensino não se sustentam apenas pelo dom e pela paixão, mas principalmente por uma boa formação.

Nos depoimentos a seguir observamos posicionamentos semelhantes tanto em relação à novela como do papel do professor.

A novela Carrossel retratou o dia-a-dia de um grupo de crianças e tinha como pano de fundo a escola Mundial e cenário principal a sala de aula. Porém o foco eram as alegrias, problemas e conflitos dos alunos e seus familiares; o desenvolvimento escolar, o processo ensino aprendizagem não foi trabalhado, nem apresentado. O papel da professora ali era mediar, ajudar participar da vida desses alunos e conseqüentemente de suas alegrias ou conflitos o que foge totalmente o papel de professor. A atribuição por ela desempenhada em nada condiz com as necessidades de alunos reais e com a profissão de professor. (Prof^a Alessandra, 2014).

Em outro depoimento encontramos a seguinte afirmação da professora:

Tive uma ótima impressão na novela, principalmente da professora Helena, em alguns pontos achei perfeito como a vocação para o ensino, a doçura e a preocupação em ajudar seus alunos e isto é um requisito muito importante em um professor porque muitas vezes o problema que a criança está vivendo em casa acaba refletindo no seu comportamento dentro da sala de aula e nós temos que perceber isso. Mas em relação à doçura muitas vezes deixamos de lado em razão da indisciplina que os alunos têm. (Profª Thaisa, 2014)

A próxima entrevistada soube fazer uma leitura trazendo muitos dados importantes para sua reflexão enquanto profissional da educação. A partir das cenas da novela fez a leitura de sua realidade. Ela disse:

A professora da novela infantil nos remete à imagem já esquecida pela nossa sociedade. A imagem de um profissional acima de tudo respeitado e valorizado, por seus alunos, pais e sociedade. Uma situação da qual não condiz com o momento em que vivemos, onde muitas vezes o que ocorre entre família e escola é somente conflitos e desentendimentos. Haja visto a ideia de família apresentando nos episódios da novela, pais atenciosos e presentes dentro da escola. E a influência que a professora exercia sobre essa comunidade, muitas vezes atravessando as barreiras dos muros da escola. A representação de sociedade apresentada na novela, por mais carentes que fossem as famílias demonstravam ter valores sociais. No qual a figura da professora se fazia conselheira e amiga, um posto perdido há muito tempo. Daquela figura de professora interpretada na novela somente o avental sobre o vestido, o giz o quadro negro, o livro didático sobre o braço e o amor a profissão. Uma figura que os meios de comunicação os governos têm orgulho de reproduzir até os dias atuais. A imagem de um profissional mal remunerado que exerce quase filantropia frente à sociedade. (Profª Aline, 2014).

O depoimento desta professora merece destaque, pois, delata os meios de comunicação e o governo que exaltam a imagem de uma professora fictícia como sendo modelo para os professores que possuem uma realidade que nem se compara com a apresentada na ficção. Eles querem convencer as pessoas de que é assim que a escola funciona e de que todos os professores têm condições de ser tal e qual a professora Helena.

Registramos a seguir mais um dos depoimentos a partir das professoras entrevistadas. As impressões sobre a novela para essa professora foram que

A novela resgata alguns valores como respeito e honestidade, além de estar atualizada com a realidade. O contexto social das crianças, privilegia as mais abastadas, em uma escola ideal (irreal), com funcionários com características idiossincráticas, porém irreais também. As salas têm poucos alunos e tudo parece estar perfeito dentro da trama dos acontecimentos. Como novela destinada ao público infantil, Carrossel mantém seu papel responsável de mostrar uma convivência/ comportamento de atitudes ideais. (Profª Luciane, 2014).

Os depoimentos apresentados permitem observar que vários dos entrevistados denotam apreço pela novela e pela professora. Até percebem a presença e a exploração da indústria cultural sobre os telespectadores, mas não tomam consciência do mal causado às crianças e suas famílias. Santos et al (2014) destaca que existem motivos afetivos que enlaçam o sujeito estafado de seu dia cansativo que procura no universo ficcional uma sensação de satisfação pessoal pretendendo preencher a lacuna emocional e sentimental. Assim procura a telenovela como uma fuga da realidade, e tentativa de satisfação. Para esse autor,

Fuga da realidade ou Escape pode ser caracterizado pelo envolvimento que o telespectador tem no universo ficcional das telenovelas mexicanas, pois para os entrevistados, essas tramas os levam para outro universo, os deixando fora da realidade, pelo menos no período em que estão assistindo as novelas. Seria uma forma de escape/fuga da rotina, realidade em que o telespectador vive. (SANTOS et al., 2014, p. 11-12).

A seguir será apresentada a pesquisa feita com 20 crianças de escolas da cidade de Birigui, SP escolhidas com o único critério de que tivessem assistido a novela Carrossel. Ressalta-se que essas entrevistas também foram realizadas em parceria com as alunas do curso de pedagogia da FATEB. As respostas do questionário foram registradas pelas pesquisadoras visto que algumas crianças ainda estavam na fase de alfabetização e não conseguiam ler as questões e escrever as respostas.

Para um melhor acompanhamento das respostas dadas, vamos registrar aqui as perguntas feitas nas entrevistas com as crianças. Foram as seguintes:

- 1- Você assistiu à novela Carrossel? Por quê?
- 2- O que você mais gostou na novela?
- 3- Teve alguma coisa que você não gostou? Por quê?
- 4- Você comprou (ou alguém deu para você) alguma coisa (tiara (da Valéria ou da Maria Joaquina), caderno, mochila, roupas, álbum de figurinhas, CD/DVD) igual os das crianças da novela? Se a resposta for positiva, responda a seguir Qual ou quais?
Seus amigos ou amigas também compraram? O que?
Teve alguma coisa que você gostaria muito de ter, mas não conseguiu comprar? O que foi?
- 5- O que você acha da professora Helena?
- 6- Algumas vezes a sua professora se parece com a professora Helena? Quando?
- 7- Em que a sua professora poderia imitar (fazer igual) a professora do Carrossel?
- 8- Você gostaria de ser aluno(a) da professora Helena? Por quê?
- 9- Qual dos alunos da novela você gostaria de ser? Por quê?
- 10- E qual deles você nunca desejaria ser? Por quê?

11- Em poucas palavras o que você acha dos seguintes personagens da novela:

Diretora Olivia:

Prof. René

Profª Suzana:

Firmino:

Graça:

Alunos da Escola Mundial:

Escola Mundial:

12- Você gostaria de falar mais sobre a novela?

Após a coleta dos dados, fizemos a leitura das respostas e sintetizamos como relatado a seguir:

Criança 1

A criança revelou que, apesar de não ter adquirido nenhum produto da novela teve vontade de comprar, e não comprou por motivos financeiros. Verificamos aqui que a criança mesmo sendo parecida com o ator Cirilo não gostaria de ser ele, negro e pobre.

Criança 2

Esta criança chama a nossa atenção pelo consumismo, pois além de já ter adquirido vários produtos da novela, mostra-se interessada em comprar outros. A criança também declara que sua professora da vida real é parecida fisicamente com a professora fictícia.

Criança 3

Percebe-se nesta entrevista que a variedade de produtos existente para atrair os telespectadores atinge-os, pois, verificamos na entrevista que é grande o interesse da criança em adquirir cada vez mais produtos da novela, logo identificamos a grande influência que a novela teve na vida desta criança.

Criança 4

Ao analisarmos a entrevista, facilmente, percebemos que além do consumismo da criança pelos produtos, apresenta-se aqui a visão estereotipada da aparência física, pois ao ser perguntado qual aluno a criança não queria ser, ela responde que não gostaria de ser o Jaime porque ele é gordo.

Criança 5

A criança e seus amigos possuem vários produtos diversificados da novela, e ainda sentem vontade de ser o verdadeiro aluno da professora Helena mostrando-se assim encantado pela novela.

Criança 6

Constatamos nessa entrevista que além do consumismo da criança, também, se fez mais uma vez presente a questão de estereótipos de beleza, quando a crianças em poucas palavras descrevem a diretora Olivia como muito gorda e a professora Helena como muito bonita.

Criança 7

Percebe-se a fascinação da criança entrevistada com relação à novela, afirmando que é muito legal e divertida, também relata que comprou o DVD para poder assistir os personagens da novela em qualquer horário que a novela não é transmitida.

Criança 8

Nesta entrevista verificamos que mesmo a criança tendo comprado poucos produtos, relata que seus amigos compraram vários e de tipos diversificados, mostrando mais uma vez o domínio da Indústria Cultural por meio da novela.

Criança 9

A criança faz uma relação de sua professora real com a protagonista da novela, e os elementos relacionados são em sua bondade, ternura e beleza, colocando-a como uma princesa. Isso confirma o real interesse da novela, que é o de transmitir essa imagem de professora meiga, carinhosa, doce, preocupada com os alunos e linda, uma verdadeira princesa.

Criança 10

Na entrevista, podemos identificar como a criança imita os alunos da novela Carrossel, por meio das roupas e acessórios, até nos atos, pois a criança entrevistada mostra algumas vezes atitudes parecidas com as da Valéria (personagem representada por Máisa Silva), além de ser extremamente vaidosa.

Criança 11

A entrevista mostra que a criança caracteriza a professora Helena por meio do seu padrão de beleza, ao ser questionada sobre o que sua professora deveria fazer para se parecer a professora Helena, ela fala na aparência e não nas atitudes constatando mais uma vez qual é a imagem da professora que a novela quer transmitir para seus telespectadores.

Criança 12

A criança destaca que gostaria que sua professora fosse igual à professora da novela Carrossel, pois ela não passava atividades para os seus alunos, assim observamos que a novela pode influenciar as crianças não só no consumo de produtos, mas também na sala de aula.

Criança 13

A entrevista mostra que, mesmo a criança não aprovando algumas atitudes dos alunos da novela, não deixou de adquirir os produtos lançados pela marca Carrossel. Aqui também a entrevistada enfatiza a falta de diálogo que existe nas escolas de hoje entre professores e alunos.

Criança 14

Nessa entrevista, a criança só não comprou um produto da novela porque não tinha condições financeiras, no entanto teve vontade de comprar. E ao ser questionada sobre qual aluno gostaria de ser, responde que é o Paulo, porque ele fazia muitas travessuras. Nota-se que a criança entrevistada se identifica com a personagem a ponto de deixar-se influenciar, imitando suas traquinagens representadas na novela.

Esta influência também foi identificada nos depoimentos das professoras Angela e Noemi, outras professoras no Brasil, e também nos entrevistados do México e da Argentina. Isso demonstra que de forma geral a ficção é imitada na vida real.

Criança 15

Por meio dessa entrevista, é possível ver como a criança se sente deslumbrada pela novela achando tudo lindo e maravilhoso, despertando nela a

vontade de ter os produtos lançados. Notamos um olhar de tristeza quando perguntamos se ela tem algum produto da novela, afirmou que tem vontade, porém, a família não tem condições.

Criança 16

A criança relata a necessidade de adquirir mais produtos da novela, pois ao ser questionada se possui algum tipo de produto ela diz: somente roupas e figurinhas. Acha pouco o que tem, mesmo dizendo que não tem nada, que gostaria de ter e não teve. Notamos que o interesse em adquirir os produtos não é nem por necessidade e nem pelo desejo próprio da criança, mas unicamente por ter sido influenciada para comprar mais. Podemos identificar uma das marcas da indústria cultural, ou seja, ela produz/fabrica um desejo que nunca se realiza.

Aqui, mais uma vez, conseguimos constatar a influência dos personagens sobre as crianças, pois, a criança entrevistada demonstra preconceito e não gosta de brincar com crianças negras, mesmo o pai sendo afro descendente. Nas brincadeiras em casa, o pai é sempre o Cirilo, ela não admite que ele seja outro personagem pela cor. Ela deseja ser a Maria Joaquina, mesmo que a personagem seja branca e ela negra. Registramos que o pai estava presente nesta entrevista.

Criança 17

O consumismo foi, mais uma vez, constatado. A criança entrevistada comprou vários produtos da novela Carrossel, e ainda se mostrou insatisfeita, pois queria mais para satisfazer o desejo criado pela indústria cultural. Observamos aqui que esse tipo de desejo nunca é satisfeito já que uma vez adquirido o produto, imediatamente outro desejo é criado.

Criança 18

O perfil da professora Helena, transmitido pela novela, foi destacado pela criança quando ela diz que a professora parece uma princesa. Nota-se aqui que a novela conseguiu atingir seus objetivos, ou seja, transmitir a imagem de uma professora perfeita.

Criança 19

A criança entrevistada revela que assiste a telenovela com os pais. Os pais que assistiram as versões mais antigas acabam assistindo junto com seus filhos a

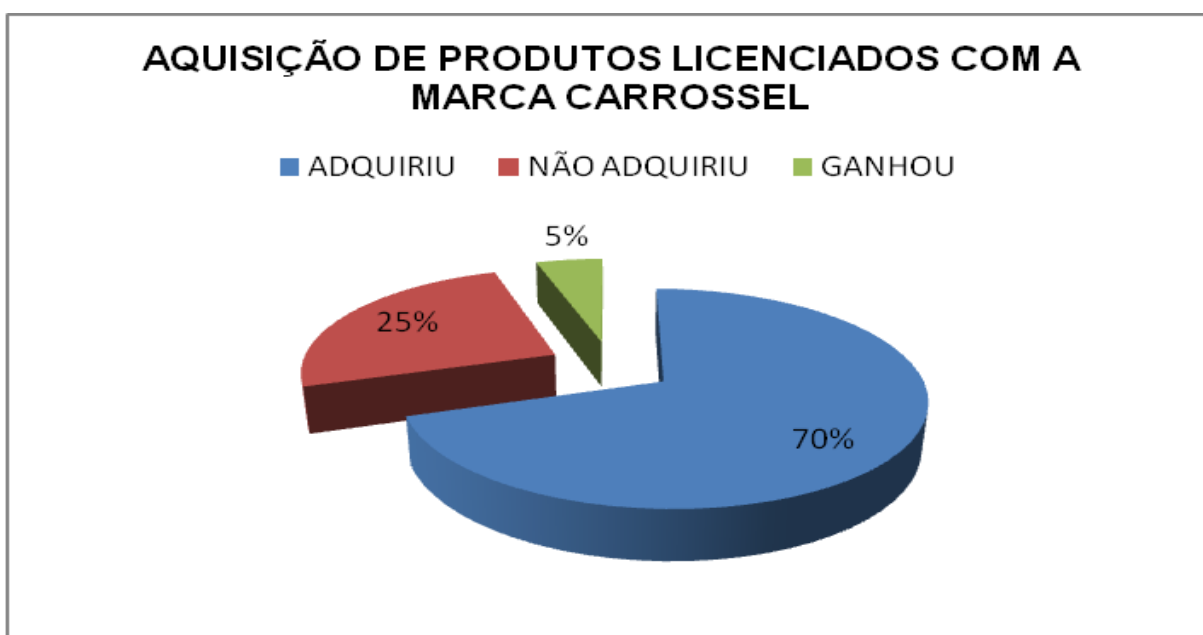
versão mais atual. Isto foi verificado em mais entrevistas, a família participando junto com as crianças, incluindo avós.

Criança 20

Essa entrevista mostra a influência da novela sobre a criança que se espelha no personagem Cirilo, pois assim como ele, o entrevistado também é de família pobre, e acredita que vai ficar rico igual ao personagem no final da novela e poder comprar todos os produtos que tiver vontade de comprar.

A partir das entrevistas com as crianças foi elaborado o gráfico a seguir, mostramos o consumo das crianças entrevistadas em relação aos produtos anunciados na novela.

Gráfico 11 – Aquisição de produtos licenciados pela marca Carrossel



Fonte: pesquisa realizada com 20 crianças em idade escolar na cidade de Birigui/SP entre os meses de julho a dezembro de 2014.

O gráfico mostra que grande parte dos entrevistados adquiriu diversos produtos licenciados com a marca Carrossel. Das crianças entrevistadas 70% foram induzidas pelas ações da indústria cultural em conjunto com a Novela Carrossel, 5% não realizou uma compra direta, mas foram presenteadas com algum produto por alguém. E 25% não adquiriram nenhum produto da marca, mas relataram que foi por falta de recursos financeiros.

Destacamos que a indústria cultural não pode ser demarcada apenas na forma como cria no interior das pessoas a necessidade de adquirir produtos.

Adorno (1995b) mostra como a indústria cultural coisifica às pessoas, levando-as a identificar suas personalidades pelo que tem e não pelo que são. A isso o autor vai chamar de caráter manipulador. Ele afirma que: “Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador — o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão — eu o denominaria de o tipo da *consciência coisificada* (ADORNO, 1995b, p.130).

Continuando sua análise Adorno (1995b) examina que a técnica torna as pessoas tecnológicas. O problema é que na relação atual com a técnica existe algo exagerado, irracional, patogênico, pois,

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios - e a técnica é um conceito de meios dirigidos à auto conservação da espécie humana - são fetichizados, porque os fins - uma vida humana digna - encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Afirmações gerais como estas são até convincentes. Porém uma tal hipótese ainda é excessivamente abstrata. Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz. (ADORNO, 1995b. p.132-33).

Se transpusermos esta análise de Adorno (1995b) para em que os meios tecnológicos, no caso deste estudo a televisão, influenciam as pessoas para o consumo exacerbado, podemos afirmar que a imagem da professora Helena ensina para que Auschwitz se repita. Ensina as crianças desde a primeira infância que o ter é mais importante que o ser e, quando não puder ter, poderá utilizar a violência para conseguir o que quer. Já que nesse mesmo texto, Adorno afirma que é na primeira infância que se forma o caráter da pessoa, tanto para o bem como para o mau. Além do que, verificamos uma intolerância por parte das crianças entrevistadas para com o diferente, o menino negro e pobre, e uma valorização da criança branca e rica. Uma admiração pelo menino que pratica maldades, o Paulo, e, uma intolerância para com os gordinhos, as personagens de Jaime e Laura. Para que Auschwitz não se repita é preciso se opor a essas práticas.

Como nos alerta Adorno (1985b, p. 121), quando afirma

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. [...] É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. [...] É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a cerca de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autoreflexão crítica.

Consideramos estas palavras de Adorno muito pertinentes para uma reflexão entre a representação que a imagem apresentada tem para as crianças entrevistadas, que a nosso ver, representam uma boa parte das que assistem à novela (que continua sendo reprisada ainda hoje na televisão, e, portanto, ainda influenciando muitas crianças), e, a educação que queremos para a primeira infância. Se aceitarmos que é neste momento que se forma o caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, é necessário que essa educação seja dirigida para a autoreflexão. Esse é um dos caminhos indicados por Adorno para se evitar a repetição de Aushwitz. O outro caminho é o esclarecimento geral capaz de produzir “um clima intelectual, cultural e social que não permita tal repetição”. (ADORNO, 1985b, p.123).

A seguir, serão examinadas algumas imagens e alguns discursos coletados nesta pesquisa.

3.4 Examinando as imagens e os discursos das pesquisas

Almeida (2009) analisando os afrescos pintados por Giotto na Capela degli Scrovegni, Pádua, afirma que as imagens são como caracteres com os quais anotamos aquilo que deve ser levado à memória e que se as imagens ficam bem impressas na mente a memória não esquece.

Esse autor ressalta a importância das imagens como meio e instrumento da construção de mitos, e sua utilização como expressão sensorial para dar realidade visual e existencial às inúmeras personagens fictícias, construindo assim os mitos da sociedade em que vivemos. Para o autor:

A construção da memória artificial ocorre como um processo “natural” e intrínseco à produção das imagens em movimento para grande público. Também uma produção de realidades visuais, em histórias e personagens

inexistentes, tanto inventadas, quanto baseadas em pessoas e fatos documentados. (ALMEIDA, 2009. p. 51).

Entendemos que a afirmação acima alerta que ao assistirmos a um filme e, podemos incluir uma telenovela, ficamos envolvidos num processo de recriação da memória. Vejamos o fragmento a seguir

O cinema, ao mesmo tempo, cria ficção e realidades históricas, em imagens agentes e potentes, e produz memória. Uma arte (no sentido atual) ao mesmo tempo um artifício. Artifício que produz **conhecimento real e práticas de vida**. (ALMEIDA, 2009. p. 53. Grifos nosso).

Trazendo esse conhecimento para a pesquisa sobre a imagem da professora Helena da telenovela Carrossel, podemos entender como parte considerável das pessoas entrevistadas traz essa imagem e representação para a vida real, considerando-a como uma professora perfeita e um modelo ideal de magistério a ser seguido na prática. Essa verdade encontrou-se nas falas de professores no Brasil, no México e na Argentina e também nos das crianças participantes da pesquisa. Ou seja, para eles a imagem artificial é verdadeira. Foi impressa na memória e, portanto, tornou-se um conhecimento real e aceito na vida prática.

A constatação do fato de que a professora fictícia é considerada a professora ideal, pode ser analisada por alguns ângulos. O primeiro pode vir da imagem visual, como podemos notar em cada versão da telenovela foi escolhida uma linda jovem com sorriso e olhar cativantes. A beleza é atraente aos olhos de crianças, jovens e adultos. E este é o ideal de beleza imposto como o padrão de beleza que todos ou todas desejam ser.

Outro ângulo dessa imagem de professora pode ser o corpo. Todas as professoras nas várias versões da telenovela são magras, atraentes em suas roupas, de maneira a mostrar o corpo com medidas perfeitas que a professora ideal precisa ter.

As atrizes/professoras argentinas vestiam um elegante guarda-pó branco que era a marca de alunos (chamados carinhosamente pelo porteiro de pombinhas brancas) e professores da escola pública da época. As professoras mexicanas já apresentam uma vestimenta que lembra uma roupa de boneca enquanto as crianças vestiam uniforme azul claro, também elegante para a época. No Brasil, a professora vestia-se como uma princesa atual, imitando a realeza da Inglaterra e as crianças uniformes mais característicos de escolas privadas e não das públicas como na

origem argentina. A roupa chama atenção e atrai tanto para o desejo de ter igual como para o consumo.

Ainda pode-se destacar o ângulo de um relacionamento perfeito entre professora e alunos. A professora sempre entende o aluno, aceitando-o e defendendo-o, mesmo quando está agindo de forma incorreta. Em vários capítulos as crianças irritam a diretora, maltratam outros professores e até os próprios colegas da turma, mas podem contar sempre com a defesa e a ajuda da professora Helena.

A professora também possui um ângulo ideal de ajuda a alunos e famílias em dificuldades. Sejam quais forem os problemas ela tem a solução certa. Quem não quer uma professora assim? Todos querem. Mas quem pode ser essa professora? Ninguém. Ela não existe. Não devemos nos enganar a ponto de acreditar que é possível ser ou ter uma professora ideal. Porque não existe sociedade ideal, Platão (1965) a desejou a ponto de projetá-la, mas não a teve. Também não existem homens/mulheres perfeitos por isso não teremos professores perfeitos. É nisso que devemos pensar, refletir e mudar.

Voltando para a análise de Almeida (2009) verificamos que as imagens, além de evocação e reconstrução da memória são uma produção estética em linguagem da realidade, para serem vistas e ouvidas, “um afresco em movimento, uma arte da memória” (ALMEIDA, 2009. p. 57). Uma arte para mostrar verdades e persuadir o espectador.

Vejamos como isso acontece no plano de imagens apresentadas em alguns capítulos da telenovela Carrossel.

O primeiro capítulo começa com as crianças acordando e se preparando para ir à escola em seu primeiro dia do terceiro ano. As imagens que chamam a atenção são primeiro as das crianças e a seguir do quarto onde dormem e do interior das casas. Cirilo, o menino negro e pobre, tem um quarto bem simples, uma cama velha de madeira com a pintura arranhada, roupas penduradas na parede, mostrando a falta de um guarda-roupas, brinquedos velhos, coisas armazenadas numa estante de plástico azul. No quarto nada combina com nada e mais parece um lugar onde se guarda de tudo. Contrastando com ele, a segunda cena mostra a casa de Maria Joaquina, a menina bela e rica, seu quarto é cheio de luxo e beleza sem igual. A cama de ferro com detalhes adornando o acabamento. Toda pintada em branco está coberta com uma bela colcha branca com detalhe azul na cabeceira. Ao lado da cama, um aparador branco e um espelho na parede todos com detalhes em relevo.

A menina se arruma na companhia de uma empregada que tenta ajudá-la a escolher os enfeites para os cabelos indicando um deles, mas é rechaçada pela menina que diz não ter pedido sua opinião. Mostrando a arrogância que vai acompanhar sua personagem nos demais capítulos da telenovela.

Duas cenas e muitas imagens que imprimirão na memória dos telespectadores verdades mentirosas. A produção estética utilizada nos móveis, cortinas, quadros da parede, lençóis das camas, brinquedos, fotografias, material escolar, revelam a riqueza com seus luxos ou a pobreza com sua simplicidade. Ao mesmo tempo em que encham os olhos com a beleza, convidam crianças e adultos assistentes para adquirirem os produtos bonitos e novos e a rejeitarem os feios e usados.

As primeiras cenas que mostram a professora, também revelam muito do que se deve pensar sobre ela ou a imagem que se deve construir a seu respeito.

A professora fictícia é colocada na condição de iniciante. As imagens iniciais mostram como a professora se prepara para ir à nova escola (a Escola Mundial) dar sua primeira aula. Ainda em casa as cenas são de nervosismo a professora confere seu material para ter certeza de que não está esquecendo-se de nada. A mãe entra em cena, a professora pede a ela que lhe deseje sorte, elas se abraçam e a mãe diz: “Eu tenho certeza que está pronta para ir, **você tem as ferramentas mais importantes que uma professora precisa: amor e pureza no coração**”. Isso reforça o que dizia Agostinho (2014).

Podemos afirmar que essas não são as ferramentas mais importantes para uma professora iniciante. Gatti (2010) afirma em relação à profissionalização docente, que aos professores implica a obtenção de um espaço autônomo, próprio a sua profissionalidade e o seu valor é reconhecido pela sociedade. Assim sendo, livra-se do imprevisto, do professor missionário, do professor quebra-galho, artesão, tutor, meramente técnico, para adentrar a uma concepção do profissional que enfrenta problemas complexos e variados e constrói soluções na sua ação usando seus recursos cognitivos e afetivos. A profissionalização é acompanhada por uma autonomia crescente, por elevação do nível de qualificação, uma vez que a aplicação de regras exige menos competência do que a construção de estratégias.

A seguir, as cenas mostram que ao chegar à Escola Mundial pela primeira vez a professora iniciante vê-se perdida e encantada ao mesmo tempo. Entra e se depara com crianças dos mais variados comportamentos brincando, brigando e

correndo pela escola. Ninguém vai recebê-la ela continua entrando até que o zelador esbarra nela e pergunta se ela é a famosa professora Helena. Depois das apresentações, ele começa a mostrar-lhe a escola dizendo: “como você já viu, esse aqui é o pátio onde as praguinhas fazem a maior bagunça”. Embora a cena mostre que ao chamar as crianças de praguinhas o zelador o faz de forma carinhosa, logo ele informa que o aluno mais levado da escola será seu aluno.

Seguindo ainda no primeiro capítulo, temos uma sequência de cenas mostrando crianças do terceiro ano criando problemas:

1ª- a arrogância da criança rica (Maria Joaquina: “não sou obrigada a aguentar essa gatinha”, referindo-se as demais colegas da turma que foram se apresentar a ela); ela será amada por Cirilo, que por sua vez, sofrerá *bullying* e desprezo da menina ao longo da novela.

2ª- o aluno encenqueiro (Paulo arranca a boneca preferida das mãos de sua irmã, a aluna Marcelina, e leva o brinquedo para outro colega, Kokimoto, pedindo-lhe que a transforme em um monstro);

3ª- o mesmo aluno dá susto na professora de música (Paulo recebe de Kokimoto uma rã e a coloca no teclado do piano, fechando-o. Quando a professora Matilde, já veterana na escola, abre o piano leva um grande susto e passa mal).

4ª- O aluno pobre e negro se apaixona pela menina branca e rica que despreza e maltrata o menino. (Cirilo olha para Maria Joaquina e se encanta por ela a menina é áspera, orgulhosa e arrogante com ele. Na sala de aula chama-o de sujo).

5ª- Agressão física entre os alunos. (Cirilo chega por trás e dá um chute nas pernas de Paulo. Eles discutem e se agarram pelo colarinho depois de trocar palavras agressivas, eles se soltam. A garota gordinha e comilona da turma se aproxima e elogia a coragem de Cirilo por ter enfrentado o menino que causava confusão. Ela é xingada por Paulo de tonta balofa.

Essas cenas podem assustar e mesmo apavorar qualquer professor, mas principalmente, o iniciante. Contudo, Helena não se abala e acata tudo com a maior naturalidade, mostrando que uma professora não precisa preocupar-se com esse tipo de crianças e que tudo está sob seu controle e será resolvido com amor e pureza de coração.

A professora novata é encaminhada até a diretora da escola. Essa já mostra que é de linha dura. Quase não deixa a professora falar, interrompendo-a para que a

sua palavra sempre prevaleça. A diretora informa que, como em todas as escolas, ela encontrará os alunos santos e os diabinhos. Retira um enorme livro da prateleira e diz à professora que lerá para ela alguns trechos do manual da Escola Mundial. Depois vão até a sala de aula e com a diretora no comando, apresenta a sala e os alunos, sempre mantendo a mesma postura de quem domina. Apresenta-a aos alunos como a professora Helena Fernandes, a professora fixa da turma. Diz às crianças que exigirá uma postura de amor aos estudos e disciplina. Depois vira-se para a professora e diz: viu? É assim que se controla uma classe.

Assim que a diretora se retira, a professora diz que fará a chamada para conhecer os alunos. Por não achar as chaves do armário, sai da sala e encontra-se com a servente. Ao saber que ela era a professora do 3º ano, a servente diz que aquela era a pior classe da escola e que iria fazer muitas orações por ela.

Ao voltar para a sala percebe que as chaves estão sobre a mesa, fica desconfiada, mas não percebe que alguns alunos prepararam uma armadilha para ela. Vai abrir o armário, Cirilo corre e se coloca no lugar dela, recebendo um banho de farinha branca na cabeça. Mesmo sabendo quem foram os alunos que aprontaram contra ela, esconde a traquinagem da diretora que chega à sala para ver o motivo das gargalhadas.

Paralelo a essas cenas a novela vem mostrando a angústia da professora de música que sofrera uma agressão emocional dos mesmos alunos do terceiro ano que colocaram uma rã no teclado do seu piano. A professora veterana estava inconsolável com a brincadeira de mau gosto e a diretora chamou a professora iniciante para mostrar o que havia acontecido. Ela não se abala. Ao ser convidada para acompanhar o início da aula da professora de música, aceita e afirma que seria bom, pois assim poderia conhecer melhor os seus alunos.

As imagens mostradas continuam sendo de uma professora inabalável, que encara tudo com muita tranquilidade e naturalidade. Demonstrando que esta deve ser a atitude de qualquer professor.

Ainda no primeiro capítulo tem uma cena intrigante entre a professora e a aluna gordinha. Está no horário do recreio, a menina se delicia com um sanduíche de presunto. A professora a observa a cada mordida prazerosa que a menina dá saboreando seu lanche. Depois se aproxima e diz para a menina: um quilo hoje, outro quilo amanhã, e quando quiser recuperar sua silhueta será muito tarde. Percebemos o preconceito e a intolerância para com as crianças gordinhas,

mostrando que o que importa não é a saúde da criança, mas a sua silhueta, o corpo magro como se só assim a criança será bonita e feliz. O padrão de beleza é imposto pela mídia inclusive para as crianças.

Outro fato que chama a atenção na escola virtual é o papel materno desenvolvido pela professora Helena. O destaque é para o cuidado que ela tem pelos alunos e não para o ensino e aprendizagem dos mesmos, como se o cuidar fosse mais importante do que o ensinar.

Para Nóvoa (2007), a escola deve estar centrada na aprendizagem. Por isso faz uma distinção difícil de ser vista atualmente entre o conceito de escola e o conceito de espaço público de educação. Para o autor existe uma enorme confusão porque a escola transbordou, assumiu muitas missões que levam os dois conceitos a serem confundidos. De acordo com Nóvoa, (2007, p.8), “Só é possível defender uma escola centrada na aprendizagem se defendermos o reforço desse espaço público da educação”. Na novela isto fica claro, a professora assume outras funções que não se referem ao ensino e valoriza essas funções como sendo as mais importantes para a ação do professor na escola.

Nóvoa (2007) também apresenta que dados fornecidos pelos debates das políticas educativas tendem a ver a escola como um serviço que se presta à família das crianças e não como uma instituição de ensino. Para esse autor é preciso recusar todas as tendências que apontam a escola como um serviço e afirmá-la como uma Instituição. Contudo, o contrário disto é apresentado na ficção e boa parte dos telespectadores aceita como se esta fosse a responsabilidade da escola.

Segundo Nóvoa (2007), admite-se o excesso das missões da escola, e o excesso de pedidos que a sociedade nos faz e, ao mesmo tempo, aumenta a fragilidade do estatuto docente. Os professores têm perdido o prestígio e a escola tem nos atribuído tantas missões e nos feito tantos pedidos, e ao mesmo tempo fragilizado o nosso estatuto profissional.

Muitas outras cenas ainda podem ser levantadas e analisadas a partir dos textos estudados, pela riqueza de análise crítica que se pode fazer no sentido de contribuir para pensar nossas escolas, alunos e professores. Porém, as análises já realizadas cumprem o objetivo deste trabalho, de mostrar que muitas cenas são imitadas pelas crianças das escolas reais, e que muitas crianças pelo Brasil querem ser alunos da professora Helena e procuram satisfazer esse desejo consumindo os

produtos usados por suas personagens preferidas, aumentando o lucro já exorbitante das empresas.

Outro fato que chama a atenção nas pesquisas realizadas é o posicionamento dos professores entrevistados. Ao analisarmos o conteúdo da coleta dos dados, percebemos certa falta de um posicionamento crítico por parte de alguns professores.

Começando pelos entrevistados no país de origem da novela, localizamos uma influência muito grande da imagem da professora fictícia na conduta dos professores reais. De modo geral os entrevistados demonstram certa nostalgia por aquele modelo de professor apresentado na tela desde os anos sessenta.

No México observa-se no discurso dos professores frente a imagem da professora na telenovela, um posicionamento ambíguo, crítico e ao mesmo tempo com possibilidades de reprodução dessa imagem de professor na sala de aula.

No Brasil, não é diferente. Encontramos professores que fazem uma reflexão crítica sobre a telenovela, mas em sua maioria, tanto dos estudantes do curso de Pedagogia como dos professores entrevistados acreditam que a professora Helena pode ser imitada na sala de aula. Mas não se deve ter como referência para a sala de aula alguém cuja imagem representa a exploração com a venda de produtos para as crianças. Em segundo lugar ela não é referência de professora interessada em ensinar os alunos, pois a aprendizagem escolar nem aparece em cena. Esta professora defende os alunos mas, não ensina os alunos a se defenderem sozinhos.

A análise que podemos fazer a partir dos escritos de Adorno, em especial sobre a Educação após Auschwitz, é que uma educação na contramão da violência deve considerar a fetichização da técnica como uma ameaça à capacidade de amar as pessoas. É grande a possibilidade de a criança desenvolver ódio por aquela que possui mais coisas do que ela. Além do que a que tem mais, pode pensar que tem o direito de mandar nas demais só pelo fato de ter mais condições de consumo, como se isso lhe desse poder sobre os que não têm essa condição. Estes são alguns apontamentos sobre os quais, Adorno (1995) aconselha, deve-se fazer uma auto-reflexão crítica.

4 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar como a novela Carrossel e a imagem da professora Helena, são usadas pela indústria cultural, a fim de explorar a venda de seus produtos.

Com esta pesquisa de doutorado, compreendemos como as ações da indústria cultural se revitalizam na novela Carrossel, cujo objetivo é despertar nas pessoas e em especial nas crianças, o desejo incessante de adquirir produtos, em sua maioria, desnecessários. Mas não foi detectada apenas a exploração econômica, verificamos também a distorção da cultura e, principalmente, da cultura escolar.

Observamos a exploração cultural realizada em meio aos veículos de comunicação de massa, em especial, a televisão que é hoje o meio de comunicação de mais fácil acesso para população em geral. Os autores estudados e apresentados recomendam uma observação da família ao que a criança assiste na televisão e o tempo empregado em frente a ela. Embora esteja comprovado que a televisão educa, é preciso considerar que ela educa para o bem ou para o mal.

As investigações mostraram que essa exploração se fez presente em todos os países pesquisados, embora na Argentina não tenha sido tão observado, pois a novela foi assistida há mais de trinta anos e os entrevistados não notaram tanto a ação da indústria cultural. Contudo, foram encontradas por meio desta pesquisa, fotos de álbuns de figurinhas, dos alunos anunciando marca de roupas, do disco de vinil com a gravação das músicas cantadas na telenovela, de propaganda da maisena e da maionese, todas estas fotos podem ser visualizadas nos anexos deste trabalho.

A venda de produtos se mostrou mais forte aqui no Brasil e as pesquisas mostraram que a maioria das crianças que participaram da pesquisa adquiriu os produtos anunciados pela telenovela. Os professores também observaram o uso dos produtos entre seus alunos.

Outro ponto investigado foi a questão da exploração da imagem do bom professor a partir do modelo identificado na professora da novela. Esta questão deixou alguns dos professores participantes da pesquisa bem confusos, pois ao mesmo tempo em que negavam a imagem como modelo a ser seguido, respondiam que desejavam imitá-la em suas aulas. Verificamos que os professores também

foram influenciados pela indústria cultural no sentido de “comprar” uma imagem que foi manipulada para ser imitada e isso inclusive formou a subjetividade de alguns que decidiram fazer magistério para ser igual à professora Helena.

Foram poucos os que estavam convictos de que não é possível imitar a mestra da telenovela, tanto em sua “santidade”, como na “vocação” que muitos pensam ser a questão mais importante para o exercício do magistério. Foram poucos os que perceberam que a formação é mais requisitada para essa profissão e, portanto, devemos investir mais nela e não ficar esperando pela vocação que muitas vezes não se tem ou não dá conta do trabalho docente.

Se pensarmos que só a vocação é que faz um bom professor voltaríamos à Idade Média e seguiríamos a lista de Santo Agostinho para cumprir os sacrifícios da vocação para o magistério. Mas a nossa análise nos escritos de Max Weber nos indica que a vocação é apenas um sinal de que precisamos nos preparar para receber a formação com a qualidade necessária para exercer qualquer trabalho a que nos sentirmos vocacionados.

Não queremos afirmar que a relação entre o professor e aluno deva excluir o afeto, o carinho, a delicadeza, o respeito, dentre tantas outras coisas. E nem dizer que o professor ou professora deva descuidar-se de sua aparência para dar aulas. Apenas queremos reiterar que essas coisas já devem fazer parte da formação para um bom profissional, preparado para o ensino. Ou seja, ninguém precisa ser “santa”, nem princesa, ou desfilar toda aquela lista de bons adjetivos da professora Helena para ser um bom professor.

A vocação, segundo entendemos em Weber, faz parte da formação que adquirimos ao longo dos anos em que nos preparamos para o exercício do magistério, ou seja, ela pode ser adquirida junto com a formação. É preciso estar consciente de que ela não é a docilidade, a delicadeza, a preocupação que devemos ter com os alunos e seus problemas, muito menos a beleza e os adereços para serem usados enquanto professores.

Os estudos ajudaram a formular que vocação significa preparo, conhecimento, ciência, sabedoria.

A hipótese de que a imagem da professora Helena é revitalizada pela indústria cultural para explorar a venda de produtos anunciados tanto pelos alunos, como pela própria professora ou nos intervalos da apresentação da telenovela, foi

percebida na pesquisa realizada por meio de entrevistas, revistas, portais da internet e jornais.

Nossas reflexões apontam que a indústria cultural não apenas se apresenta na venda dos produtos anunciados, mas na forma de mudar inclusive o comportamento das pessoas, em especial as crianças, que não só desejam adquirir os produtos, mas também ser como os alunos da escola fictícia e ter uma professora como a da telenovela. Concordamos com Adorno quando alerta para a consciência coisificada que pode ser criada a partir do desejo infundo de adquirir coisas. A frustração de não conseguir pode gerar a violência, o que seria uma volta às condições que criaram Auschwitz.

Os resultados da pesquisa mostram que os modelos, no caso deste estudo, o da professora, são lançados tanto por conveniências políticas como por questões sociais, econômicas e morais, mas eles devem servir apenas para nossa observação e análise reflexiva sobre o que está por trás desse modelo apresentado. Consideramos que a professora Helena não deve ser referência. Uma boa professora não deve explorar seus alunos e nem mesmo usá-los para extorquir outras crianças. Não devemos imitar uma professora que deixa de lado o ensino escolar para supervalorizar questões de qualquer outra ordem na sala de aula. A relação professor-aluno é importante e impulsiona a aprendizagem, mas o ensino escolar que, como o próprio nome sugere, só será dado na escola, não deve ser substituído ou suprimido e até desprezado como se vê na telenovela.

É preciso ter consciência de que o professor perfeito não existe, por isso, a necessidade de uma formação contínua o que aprimora a nossa vocação para o exercício do magistério. Mas também existe a necessidade dos incentivos como melhores condições de trabalho, acesso à cultura, a novas tecnologias e a salários dignos da vocação a que fomos formados. Esse é o espaço que precisa ser preenchido e valorizado pela sociedade, pela política, pelos cursos de formação e por cada um que escolheu o magistério como profissão.

REFERÊNCIAS

- ÁBALOS, Jorge Washington. **Sunko**. Tucumán, Argentina: La Raza, 1949.
- ADORNO, Theodor W. A Filosofia e os professores. In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.
- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.
- ADORNO, Theodor W. Tabus acerca do magistério. In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995c.
- ADORNO, Theodor W. *Televisão e formação*. In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995d.
- ADORNO, T. W. Teoria da Semiformação. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. **Educação e Sociedade**, revista de ciências e educação, 56, p. 388-411, ano XVII, dezembro de 1996.
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113-156
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ALMEIDA et all. Ana Rita Silva. Linguagem e Afetividade: A construção subjetiva da professora em suas narrativas, **Fractal: Revista de Psicologia**, Aracaju, n.1, Jan-Abr. De 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/616>>. Acessado em março de 2015.
- ALMENDRA, T. (2012). **Remake de Carrossel**. Disponível em:<<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/07/remake-de-carrosselvai-abordar-preconceito-para-que-criancas-aprendam-a-se-defender.htm>>. Consulta em fevereiro de 2015.
- A LÍNGUA das mariposas. Direção: José Luis Cuerda. Espanha, 1999. 96 min. Título em espanhol: La lengua de las mariposas.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e educação: a escola e o livro**. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 24, p. 7 a 14, maio/ago. 2002.
- BARBON, J. (2015). **Carrossel Ganha Filme**. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2015/01/1581440-novela-carrosselganha-filme-em-julho-conheca-dia-a-dia-dos-atores.shtml>>, ARTIGO DE JULIA BARBON, PUBLICADO EM 28/01/2015. Acesso em março de 2015.
- BASSO, Sílvia Eliane de Oliveira. **O conceito de vocação em Max Weber**. Umarama, Pr: Akrópolis, v.14. nº 1: jan./mar., 2006. p.25-30

BENARÓS, León. Veintitantos años despues...(casi prologo a una sonriente y enternecida nostalgia). In: **Cuentos de Jacinta Pichimahuida**. Buenos Aires: Ediciones Dintel, 1967.

BORGES, Fabrícia Teixeira. **A professora que vemos nos filmes**: construção da identitária e significados da docência. Campinas, vol. 32, p. 30, set/dez. 2012.

BORTNIK, Aída. Entrevista com Abel Santa Cruz. **Revista Crisis**, nº 23, março de 1975.

BUCHBINDER, Pablo... [et.al.]. Los sistemas universitários de Argentina y Brasil: uma perspectiva histórica y comparada de su evolución desde medianos del siglo XX. In: **Apuntes sobre la formación del movimiento estudiantim argentino (1943-1973)**. Buenos Aires: Final Abierto, 2010.

BULGHERONI, Raul. **Argentina, imagenes de un pais**. Buenos Aires: Ediciones Bidas, 1999.

CACAU SHOW Será Notificada Pela Promoção com Carrossel. (2012) Disponível em:<<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/cacau-show-sera-notificada-sobre-promocao-comcarrossel>>. Acesso em fevereiro de 2015.

CACAU SHOW I Visita à Fábrica de Chocolates Show. (2012) Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=MQZH-fUZGL8>>. Acesso em fevereiro de 2015.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CASTELLO, Luis A.; MÁRSICO, Claudia T. **Oculto nas palavras**: dicionário etimológico para ensinar e aprender. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CAPARELLI, S. A Produção Cultural para Criança. In: **Televisão Programas Infantis e a Criança**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982.

CARROSSEL Bate Record's de Vendas de Produtos Licenciados. (2013). Disponível em:<<http://coisasdenovela.pop.com.br/carrossel-bate-records-de-vendas-de-produtos-licenciados/>>. Acesso em janeiro de 2015.

CONAR Proíbe Ações de Merchandising para Crianças – PVD News. (2012) Disponível em:<<http://www.pvdnews.com.br/conar-merchandising/#sthash.3KzBCEXO.dpuf>>. Acesso em março de 2015.

DALTON, Mary M. O currículo de Hollywood: quem é o bom professor, quem é a boa professora. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v. 21 n.1, p. 97 -122 – jan/jun, 1996.

DE AMICIS, Edmondo. **Coração**. Cosac Naify: São Paulo, 2011.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. SILVA,

Tomaz Tadeu da. (org.). Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001. (Coleção Estudos Culturais, n.7)

FABRIS, Elí T. Henn. O Cinema Hollywoodiano ensinando como ser homem e mulher. **Educação e Comunicação**. Site:

http://www.ufrgs.br/neccso/word/texto_eli_cinemashollywoodianos.doc

FARIA, A. (2012). **Carrossel Vira Capa da Revista Veja**. Disponível em:< http://sbtaudiencia.blogspot.com.br/2012_08_26_archive.html>. Acesso em dezembro de 2014.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro globo**. São Paulo: Globo, 1995

FRANCA, Leonel S. J. **O método pedagógico dos jesuítas**: o Ratio Studiorum. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água. 2002.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação**. Ciência e Educação, v.11, n.2, p.327-345, 2005.

GRIMSON, Alejandro. **Mitonomias Argentinas**, como hablamos de nosotros mismos. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

GRIMSON, Alejandro y FANFANI, Emilio Tenti. **Mitomanias de la educación Argentina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

HENRIQUES, Afonso Canella; ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana Luci de. (orgs.) I Seminário “**Políticas Públicas Municipais de Educação Infantil: diagnóstico e pesquisa**”. São Carlos, 2015. CD-ROM.

HISTÓRIA, Elenco e Personagens da Novela Carrossel SBT 2012.

Disponível em:

<http://resumo-das-novelas.com/atores-personagens/historia-e-personagens-da-novela-carrossel-sbt-2012/#tabela6> – acesso em maio 2013

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: Horkheimer, Max e ADORNO, Theodor. **Textos Escolhidos**, p.31-68. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

INCOLLA, Maria de las Nieves Arias. **Escuelas, colégios y hospitales**. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2012.

KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antonio. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.

LEFÈVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Depoimentos e discursos**. Uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (org.); **História das mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo – SP. Contexto, 2006.

LUCERO, Martin. **Feliz día Del Maestro... De Jacinta Pichimahuida a Carlos Fuentealba**. Disponível em:

<http://www.rosario.sadop.net/article/showArticle?contId=2712>. Acesso em julho 2015

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisas em Educação Abordagens Qualitativas. In: **Evolução da Pesquisa em educação**. Métodos de Coleta de Dados: Observação, Entrevista e Análise Documental. São Paulo: EPU, 1986.

LUIS ROBERTO. **Arquivo de telenovelas y biografias**. Abel Santa Cruz (1911-1995). 25 de jun de 2003. Disponível em:

<http://www.network54.com/Forum/223031/message/1056587232/Biograf%C3%ADa+de+Abel+Santa+Cruz>

Acesso em maio 2015

MARTHE, Marcelo. **Com mucho açúcar**. Disponível em:

http://veja.abril.com.br/220801/p_149.html. Acesso em junho 2013

MEDRANO, Eliziara Maria de Oliveira; VALENTIM, Lucy Mary Soares. **A Indústria Cultural invade a escola brasileira**. Campinas, Cadernos Cedes, ano XXI, n.54, agosto, 2001.

NOMELINI, A. (2012). **Look's da Professora Helena**. Disponível em:

<<http://www.sbt.com.br/carrossel/fiquepordentro/?c=5274#.VPIXAHzf-nw>>. Acesso em março de 2015.

NUNES, Ruy Afonso Costa. **História da Educação na antiguidade cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo**. São Paulo: Editora da USP, 1978.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: difusão europeia do livro, 1965. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2013/08/te1-platc3a3o-a-republica.pdf>

Acesso em novembro de 2015.

PINTO, Ziraldo Alves. **Uma Professora Muito Maluquinha**. 2. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

PORTAL do SBT, CARROSSEL, 2012.

Disponível em: <http://www.sbt.com.br/carrossel/>

Acesso em março de 2015

PORTO, Tânia Maria Esperon. **Televisão e Escola: escolas paralelas?**. São Paulo, Comunicação e Educação, v.4, p.25-30, set./dez. 1995.

Revista **Caras** | 17 de Maio de 2012 (EDIÇÃO 967 - ano 19). São Paulo: On line.

Revista **Mundo Carrossel**. São Paulo: On line, SBT, ano 1, nº1, 2012.

RIBEIRO, L. (2012). **Sbt vence prêmio Marketing Best com Carrossel**. Disponível em:< <http://www.sbt.com.br/carrossel/fiquepordentro/?c=3642#.VNX6RObF9cA>>. Acesso em março de 2015.

SANTA CRUZ, Abel. **Cuentos de Jacinta Pichimahuida**. Buenos Aires: Ediciones Dintel, 1967.

SANTOS et all. Allistin Fellipe Nascimento. **As telenovelas Brasileiras Também Choram**: motivos para audiência das telenovelas mexicanas no Brasil, *Revista Anagrama*: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, n. 2, jul-dez. De 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/8740/798>>. Acesso em abril de 2015.

SAITA, Silvia y ROMERO, Luis Alberto. Abel Santa Cruz. In: **Grandes entrevistas de la historia argentina (1879-1988)**. Buenos Aires: Suma de Letras Argentina S.A., 2002.

SBT TERÁ QUE TIRAR PROMOÇÃO DO AR. Folha do sul online (2012). Disponível em:<<http://www.folhadosulonline.com.br/noticia.php?id=10954>>. Acesso em fevereiro de 2015.

SERRA, Amanda. **Maria Joaquina de "Carrossel** acredita que último capítulo irá ultrapassar a audiência do "JN". Do UOL, em São Paulo, 28/05/2013, 07h10. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/28/maria-joaquina-de-carrossel-acredita-que-ultimo-capitulo-ira-ultrapassar-a-audiencia-do-jn.htm>. Acesso em junho de 2013.

TRALDI, Maria Cristina; DIAS, Reinaldo. **Monografia passo a passo**. Campinas: Alínea, 2011.

TOLLEDO, M. G. B. **De Frente com Gabi**. (2013). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=CH8w-OnHZR8>>. Acesso em janeiro de 2015.

VALENTIM, Lucy Mary Soares. Elementos Introdutórios para a filosofia e a educação no pensamento adorniano. Araraquara, **Cadernos de Educação**, v.2, p. 69-83, 2001.

VAQUER, G. **Sbt Começa a Divulgar Reprise de Carrossel**. (2015). Disponível em:<<http://natelinha.ne10.uol.com.br/novelas/2015/01/27/sbtcomecaadivulgarreprise-de-carrossel-veja-chamada-84909.php>>. Acesso em março 2015

XAVIER, M. **O Fenômeno da Novela Carrossel**. (2012). Disponível em:< <http://vejasp.abril.com.br/materia/carrossel-audiencia/>; e>. Acesso em novembro de 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

_____. **Ciência e Política- duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ZUIN, Antonio Álvaro. **Adoro odiar meu professor**. O aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, n. 97)

APÊNDICES

1 Questionário da pesquisa na Argentina

INVESTIGACIÓN SOBRE LA TELENOVELA “JACINTA PICHIMAHUIDA, LA MAESTRA QUE NO SE OLVIDA” O “SEÑORITA MAESTRA” - ARGENTINA

Hola, mi nombre es Lucy Mary Soares Valentim (lucyvalentim@gmail.com). Estoy realizando mi doctorado en Educación en el programa de pos graduación de la Universidad Federal de São Carlos, SP, Brasil. El título de mi tesis es: Argentina, México e Brasil: A Imagem Docente na Novela Carrossel apresentada nos três países: Vocação e Formação para o Magistério e a Indústria Cultural. Soy profesora en la Facultad de Ciencias y Tecnología en la Ciudad de Birigui – São Paulo – Brasil.

En este momento me encuentro en la Argentina para realizar una parte de mi investigación, relacionada con las diferentes versiones de la novela Jacinta Pichimahuida y el recuerdo que conservan sus espectadores sobre las imágenes de la escuela y la maestra que se ofrecía en ellas.

Si usted acepta participar de esta encuesta, permitiendo que sus respuestas sean divulgadas a través de este proyecto, por favor conteste las siguientes preguntas. La entrevista también incluye un contacto personal con el fin de profundizar en sus respuestas.

Su nombre:

Fecha Nascimento:

Estudios realizados:

Email:

1 – En que tiempo vio la telenovela Jacinta Pichimahuida, la maestra que no se olvida?

- 1966 – (Evangelina Salazar)
- 1968– (Silvia Mores)
- 1974 - 1975 – (María de los Angeles Medrano)
- 1982 - 1985 – (Cristina Lemercier - Señorita Maestra)

2 – ¿Notó usted la influencia de la telenovela sobre usted y sobre otros niños?
¿En que lo influenció?

3 – ¿Usted vio si los estudiantes / niños imitaban las escenas de la novela?

- () Sí, a menudo
() Sí, algunas veces

Detalles: _____

4 – ¿Qué piensa usted de la maestra de la telenovela?

- () Una buena maestra
() Una maestra de cuentos de hadas
() Una maestra *normal*
() Un mal modelo de maestra
() Otro

5 - ¿Qué es lo que más le llamó la atención de la maestra?

- () La vocación para la enseñanza
() La formación para enseñar
() El cuidado que tiene con sus estudiantes

Detalles: _____

6 - ¿Usted piensa que es posible imitar a la maestra de la tele en la escuela de hoy?

Detalles: _____

7 – ¿Le gustaría imitar a la maestra Jacinta Pichimahuida?

- () Sí, a menudo
() Sí, algunas veces
() No

Por qué: _____

8 - ¿En qué cosas le gustaría parecerse a ella?

() En su modelo de enseñanza

() En su manera de ayudar a los niños

() En su elegancia

Por qué: _____

9 - En las siguientes líneas, deje sus comentarios sobre la telenovela, sobre la maestra Jacinta Pichimahuida, los alumnos de la escuela de la ficción, la directora, los maestros y otros empleados.

10- ¿Puede dedicar un comentario personal a la novela creada o a su autor Abel Santa Cruz?

2 – Questionário da pesquisa no México

Questionário da pesquisa realizada no México.

INVESTIGACIÓN EN UN CARRUSEL NOVELA - México y Brasil

Hola , mi nombre es Lucy Mary Soares Valentim, (lucyvalentim@gmail.com) . Soy un estudiante de doctorado en el programa de posgrado de la Universidad Federal de São Carlos, SP , Brasil. Si usted acepta participar en esta investigación y permitir que sus respuestas son parte del análisis y se difunden a través de este documento, por favor conteste las siguientes preguntas. Gracias.

Su nombre / email

1 - Usted asistió la novela Carrusel?

- Sí, todos los capítulos
 - Sí, casi todos los capítulos
 - Sí, sólo unos pocos capítulos
 - No, ningún capítulo
 - Otro
-

2 - ¿Te diste cuenta la influencia de la novela en sus alumnos o de otros niños?

- Sí, a menudo
 - Sí, algunas veces
 - Sí , sólo una vez
 - N^o
 - Otro
-

3 - ¿Fue testigo de los estudiantes / niños usando un puntal (adorno, mochila, ropa, álbum de cromos , CD / DVD) novela igualdad de niños ?

- Sí, a menudo
 - Sí, algunas veces
 - Sí, sólo una vez
 - No
 - Otros.
-

4 - Los niños / estudiantes que pagan la misma actitud de Carrusel de la maestra?

- Sí, a menudo
 - Sí, algunas veces
 - Sí, una vez
 - No
 - Otros.
-

5 - ¿Ha notado si hubiera sucedido a cualquier otro maestro lo sabe?

- Sí, a menudo
 - Sí, algunas veces
 - Sí, una vez
 - No
 - Otros.
-

6 - ¿Ve la posibilidad de imitar la Helena profesor en sus clases?

- () Sí, a menudo
 () Sí, algunas veces
 () Sí, pero en un par de posibilidades
 () No
 () Otro

7 - ¿Cómo ve el maestro de la novela?

- () Un buen profesor
 () Un maestro de los cuentos de hadas
 () Un profesor de la normalidad
 () Un mal modelo de profesor
 () Otro

8 - ¿Quiere imitar a la maestra Elena?

- () Sí, a menudo
 () Sí, algunas veces
 () Sí, algunas veces
 () No
 () Otro

9 - Lo que realmente llama la atención de este maestro?

- () La vocación para la enseñanza
 () La formación para enseñar
 () El cuidado que tiene con sus estudiantes
 () No hay nada que llama la atención
 () Otro

10 - ¿Qué le gustaría parecerse a ella?

- () En el camino se enseña
 () En su camino para ayudar a los niños
 () En la elegancia de su ropa
 () En ningún momento
 () Otro

11 - En las siguientes líneas, dejan sus impresiones de la novela, profesora Helen, los alumnos de la escuela virtual (Colegio del Mundo), el director, los maestros y otros empleados.

3 Questionário da pesquisa no Brasil

3.1 Para professores:

PESQUISA SOBRE A NOVELA CARROSSEL – Brasil

Olá, meu nome é Lucy Mary Soares Valentim (lucyvalentim@gmail.com) . Sou estudante de doutorado no programa de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil. Se você concorda em participar dessa pesquisa e permitir que suas respostas façam parte da análise e sejam divulgadas por meio desse trabalho, por favor, responda as questões a seguir. Grata.

Seu nome/email

Há quanto tempo é professor?

Se julgar necessário pode marcar mais de uma resposta:

1- Você assistiu à novela Carrossel?

- Sim, todos os capítulos
 - Sim, quase todos os capítulos
 - Sim, apenas alguns capítulos
 - Não, nenhum capítulo
 - Outro
-

2- Você observou a influência da novela sobre seus alunos ou outras crianças?

- Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Sim, somente uma vez
 - Não.
 - Outro
-

3- Você presenciou alunos/crianças usando algum adereço (tiara, caderno, mochila, roupas, álbum de figurinhas, CD/DVD) igual os das crianças da novela?

- Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Sim, só uma vez
 - Não.
 - Outro.
-

4- As crianças/alunos cobraram de você atitudes iguais as da professora do Carrossel?

- Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Sim, uma vez
 - Não.
 - Outro.
-

5- Você observou se isso aconteceu a algum outro professor que você conheça?

- Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Sim, uma vez
 - Não
 - Outro.
-

6- Você vê a possibilidade de imitar a professora Helena em suas salas de aulas?

- Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Sim, mas em poucas possibilidades
 - Não
 - Outro
-

7- Como você vê a professora da novela?

- Uma ótima professora
 - Uma professora de contos de fada
 - Uma professora normal
 - Um péssimo modelo de professor
 - Outro
-

8- Você deseja imitar a professora Helena?

- Sim
 - Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Não
 - Outro
-

9- O que mais chama sua atenção nessa professora?

- A vocação para o ensino
 - A formação para dar aulas
 - O cuidado que ela tem com os seus alunos
 - Nada nela chama sua atenção
 - Outro
-

10- Em que você gostaria de se parecer com ela?

- Na maneira como dá aulas
 - No seu jeito de ajudar as crianças
 - Na elegância de suas roupas
 - Em nenhum momento
 - Outro
-

11- Nas linhas a seguir, deixe suas impressões sobre a novela, a professora Helena, os alunos da escola virtual (Escola Mundial), a diretora, demais professores e funcionários.

3.2 Pesquisa para Crianças:

PESQUISA SOBRE A NOVELA CARROSSEL – com Crianças –

Olá, meu nome é Lucy Mary Soares Valentim (lucyvalentim@gmail.com). Sou estudante de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil. Estou realizando uma pesquisa que fará parte de minha tese de doutoramento. Se você concorda que seu filho(a) participe desta pesquisa, permitir que suas respostas façam parte da análise e sejam divulgadas por meio desse trabalho, e que a entrevista seja fotografada e/ou filmada/gravada, por favor, assine na linha abaixo. Esta pesquisa não tem nenhum objetivo financeiro, está sendo realizada apenas para fins científicos. Comprometo-me a não divulgar o nome de seu filho, evitando assim qualquer constrangimento a ele. Grata.

Seu nome: _____

CPF: _____

Assinatura: _____

Endereço ou email: _____

Nome da criança: _____

Entrevistador: _____

Local e data: _____

ENTREVISTA:

1- Você assistiu à novela Carrossel? Por quê?

2- O que você mais gostou na novela?

3- Teve alguma coisa que você não gostou? Por quê?

4- Você comprou (ou alguém deu para você) alguma coisa (tiara (da Valéria ou da Maria Joaquina), caderno, mochila, roupas, álbum de figurinhas, CD/DVD) igual os

das crianças da novela? Se a resposta for positiva, responda a seguir Qual ou quais?

Seus amigos ou amigas também compraram?

O que?

Teve alguma coisa que você gostaria muito de ter, mas não conseguiu comprar? O que foi?

5- O que você acha da professora Helena?

6- Algumas vezes a sua professora se parece com a professora Helena? Quando?

7- Em que a sua professora poderia imitar (fazer igual) a professora do Carrossel?

8- Você gostaria de ser aluno(a) da professora Helena? Por quê?

9- Qual dos alunos da novela você gostaria de ser? Por quê?

10- E qual deles você nunca desejaria ser? Por quê?

11- Em poucas palavras o que você acha dos seguintes personagens da novela:
Diretora Olivia:

Prof. René

Profª Suzana:

Firmino:

Graça:

Alunos da Escola Mundial:

Escola Mundial:

12- Você gostaria de falar mais sobre a novela?

4 Resumo dos Contos

NOTA: A tradução foi realizada de forma livre pela autora da pesquisa. Está anexada aqui nos apêndices para futuras pesquisas.

Branco e Negro I e II

Santa Cruz (1967) descreve nos dois primeiros capítulos a odisséia do garoto negro e pobre, que apaixonado pela menina branca e rica, deseja ardentemente transformar-se em branco. Nas palavras do autor lemos que: “[...] nosso aluno Cirilo Tamoyo, aquele robusto etíope em miniatura, tendo um coração como uma imensa rosa ardente, quis ser branco [...]” (p.13).

Para apimentar mais a situação do menino negro de bom coração, o autor coloca a menina branca que vai desdenhá-lo em todos os momentos e um colega de classe maldoso que tornará a vida do garoto uma tortura, deixando-o sempre em situações de desconforto diante dos demais colegas da sala. Estas três personagens destacam-se nesses dois capítulos.

A figura da maestra não se mostra aqui. O autor cita apenas a escola, os alunos, e as desavenças entre Cirilo, Etelvina e Canuto.

Graciela

Esse episódio apresenta a menina que, embora não seja uma aluna brilhante, se destaca como quem melhor faz mapas na turma da professora Jacinta Pichimahuida. Seus mapas são quase mais perfeitos do que os que a professora desenha.

Logo no início do conto Santa Cruz (1967) relata que: “Quando cursávamos aquele terceiro ano sob o amoroso chicote de Jacinta Pichimahuida, alguns e algumas faziam a cartografia com inteligência” (p. 37).

Contudo, existiam alunos que não conseguiam desenhar mapas. E é aí que entra a figura da professora. Ela é exigente, faz questão de mapas bem feitos ou então terão que ser refeitos. Santa Cruz (1997), relata esse caso a seguir.

Jacinta Pichimahuida queria mapas bem feitos e depois de contemplar, com horror, os meus, me ameaçava, punha o dedo indicador no meu nariz e me dizia coisas horríveis e ameaçadoras. Um dia concretizou suas ameaças: - Olha esse mapa! – Levantou

meu caderno com dois dedos como um frango morto. A classe delirava em risadas. – Isso é um mapa? Isso é ridículo! Você limpou as mãos com esta página? Amanhã me traga outro mapa e bem feito senão estarás reprovado em geografia! Me subiu desde o estomago uma pesada melancolia sem esperanças. Eu não sabia fazer mapas! Sentei-me em um banco como um trapo, com as pernas moles [...] (p.39) (tradução nossa)

Assim, verificamos o lado de professora exigente, quase injusta com um aluno que não conseguia cumprir com a tarefa exigida. É interessante observar que o autor começa o conto afirmando que o “chicote” da maestra é amoroso e depois relata sua dor causada pela professora ao rejeitar sua tarefa malfeita.

Batata assada

Aqui Santa Cruz destaca todo o amor que uma avó tem por seu neto. Relata a história do garoto que voltando para casa, vindo da escola, passa pela casa da avó, que já o espera com uma batata assada na brasa. Com riqueza de detalhes, mostra o amor que a avó empenha para satisfazer a fome do menino e a alegria dele ao devorar a melhor batata assada do mundo.

A figura da maestra não se mostra aqui explicitamente, mas como são seus contos podemos imaginar que esse amor incondicional de avó pode ser também um reflexo do amor que se espera encontrar em Jacinta Pichimahuida. Ou talvez, mostrar que o mesmo amor deve ser o da maestra em satisfazer a fome dos alunos pelo conhecimento.

Convite

Aqui é narrado o primeiro namoro entre o garoto de doze anos e a menina de onze, alunos da mesma turma da professora Jacinta. Os primeiros galanteios, o primeiro convite para ir ao cinema, as piadinhas dos colegas, e como quase sempre, termina com uma coisa sem muito sentido.

Ao mesmo tempo em que relata a beleza da garota, a atração que sente por ela, fala também de como se esconde dos colegas para que ninguém o veja com uma menina da escola.

Encerra o conto relatando que em um momento do filme fica agitado e sem querer bate o cotovelo nela. Ela o chama de grosseiro e mal-educado. Levanta-se e sai do cinema. Ele até quis chamá-la de volta, mas o filme estava mais interessante. Esqueceu a garota e envolveu-se com o espetáculo.

Penso que nesse conto Santa Cruz (1967) quis revelar a inconstância dos sentimentos dos pré-adolescentes.

Se compararmos com o conto Graciela, podemos afirmar que a bronca que levou da professora pela atividade mal realizada, causando melancolia e desesperança, pode ser substituída por algo mais relevante que ela fizesse. Assim, como a inconstância do sentimento de atração e paixão pela namoradinha, pode ser trocado pela atração da arte fílmica.

O vestido celeste

O episódio narra as desavenças entre os alunos da professora Jacinta, em especial entre Etelvina, a menina mais rica da turma que está fazendo aniversário, e Clavelina, uma menina bonita, inteligente a ponto de causar um certo desconforto e competitividade entre as duas. Etelvina sente-se ameaçada por ela.

Para a festa, todos os colegas são convidados, menos Clavelina. Justo ela que via a festa como uma oportunidade para usar seu vestido novo azul celeste.

A professora não aparece nesse episódio, e os alunos mesmos resolvem a questão. Um garoto amigo comum entre as duas desventuradas, usa de astúcia e convence Etelvina dizendo que é bom que Clavelina não seja convidada para a festa porque não tem vestido para ir. Imediatamente Etelvina vai convidar a colega para sua festa.

Mapas

O autor se coloca como um dos alunos da maestra Jacinta e recorda com nostalgia da geografia no ensino primário. Relata o que aprendia ao estudar rios, planícies, relevos, vales, montes, verdes folhas e celestes mares. Não gostava das

cifras como por exemplo a população de uma cidade, a extensão de outra, isso não interessava, porque não entendia. O que teria que ver aqueles números com a verdadeira geografia em ação, aquela que mostrava os animais típicos de cada região, a atração pelas selvas com suas raízes viventes, dos rios por onde viajavam canoas de finas pontas.

Para Santa Cruz (1967), essa era a geografia para o coração e a mente das crianças, as flores, os répteis, a fauna e a flora era o que fascinava as crianças. E por certo não se lembrariam da cartografia dos primeiros anos escolares. A menos o mapa da Pátria, que desde cedo já conheciam e era fácil de reproduzir. Gostavam de pintar as serras com lápis marrom, as cordilheiras unidas, as selvas verdes e os rios com tinta azul em várias tonalidades.

Encerra o episódio desejando que a vida os leve por caminhos do turismo e que aqueles mapas infantis se convertam em viagens e que pelos caminhos possam recordar: pinte esse rio!

Nesse conto verificamos um pouco do conteúdo da disciplina geografia para o ensino fundamental da época. Conteúdo esse não muito distante do que se propõe hoje para o ensino de geografia.

Se compararmos esse conto com o Graciela, observamos que além de exigente com a cartografia, o conteúdo dado pela maestra Jacinta era grande para o terceiro ano, embora nem todos os temas tratados fossem interessantes para os alunos.

Ortografia

Aqui o autor conta a história de Valentín Viñuela, aluno da maestra Jacinta Pichimahuida, especialista em gramática e em particular na ortografia. Escrevia redações excelentes sobre qualquer tema.

Quando a maestra ditava as mais difíceis orações, Viñuela as escrevia com a maior satisfação, sem nenhum erro e com infalível delicadeza. Cada vez que Jacinta lhe fazia um elogio, dizia para a turma: “aprendam com o menino Viñuela, que não comete nenhum erro!” (p.66).

O menino ficava orgulhoso e olhava a todos com ar de superioridade, e, embora fosse um bom menino, bastava que alguém se equivocasse com alguma

palavra para que ele acusasse: “Senhorita, esse menino escreveu uma palavra errada” (p. 66).

A professora Jacinta não gostava que ele delatasse os colegas, várias vezes o corrigiu por isso e até falou com aspereza que ao invés de delatar os colegas deveria ensiná-los a escrever certo e pensar que todos podem cometer erros.

Mas o aluno esboçava um sorriso sarcástico e dava a entender que todos podiam equivocarse menos ele.

Essa atitude do menino aborrecia a maestra que batia na mesa com a mão suja do pó de giz e dizia: “você acredita que é infalível, meu filhinho. Vamos rir muito de você no dia em que te equivocares” (p.67).

O menino era respeitoso, não dizia nada em contra. Jacinta Pichimahuida mandou-o sentar-se e dava a impressão de que em algum momento ia pegar em falta o aluno soberbo.

O conto continua afirmando que as consequências todos os alunos pagavam, pois, a maestra os submeteu a uma sequência de ditados bombardeados com orações difíceis. Um dia, porém, Jacinta ditou entre outras orações, uma que foi fatal. Ela dizia: “Homens que nunca estudaís: sereis insipientes” (p. 67). O menino escreveu incipientes. Equivocou-se, é natural. A reação da professora é narrada pelo autor assim:

Jacinta, felicíssima, se plantou frente ao menino, e quase lhe esfregou na cara a página do ditado. Incipiente era uma coisa – tímido, pueril, - e insipiente era outra – ignorante, que não sabe, que não estudou. Viñuela se defendia, foi preciso consultar um dicionário e só depois o menino se convenceu e sentou-se com olhos cheios de água. Todos riam, davam gargalhadas e jogavam bolinhas de papel nele, e Jacinta disse satisfeita: Te disse que um dia íamos rir muito de você, eu te disse! (SANTA CRUZ, 1967, p. 68)

O episódio continua contando que o menino ficou com o orgulho ferido. Nasceu naquela hora o sentimento de vingança e velozmente cresceu. Precisava descobrir uma palavra que Jacinta não soubesse escrever corretamente.

Não demorou muito e achou a palavra. Quando a maestra pediu para fazer uma redação sobre um animal de estimação, o menino escolheu o tema Meu Petiso (de pequena estatura, baixinho). Jacinta pensou ter pego o aluno em mais um erro, assinalou a palavra com um lápis vermelho, e disse escreva “petizo” com z não com s, mas o garoto defende-se:

- Senhorita, petiso é um argentinismo?
- Claro.
- Senhorita, nós que somos argentinos pronunciamos o z?
- Não menino. Não o pronunciamos.
- Então, se não o pronunciamos e a palavra é argentina, para que íamos escreve-la?

Jacinta empalideceu. O silogismo, verdadeiro ou não, havia causado uma extraordinária impressão. As crianças olhavam para ela e depois para ele. Que faria a maestra? Quis defender-se e para defender-se gritou. Sem necessidade. Viñuela olhou para a turma, e compreendeu que estavam do seu lado. Enquanto sentava-se, murmurou: Perdoame senhorita, você tem razão. Porém sabia que a batalha estava ganha. Jacinta estava envergonhada ou com ira. O menino sentiu-se vingado (p.71, tradução nossa).

Assim Santa Cruz (1967) encerra o episódio, da desavença entre a maestra Jacinta e seu aluno Valentin Viñuela por causa da ortografia.

Aqui podemos ver uma maestra vingativa e que ao mesmo tempo provoca a vingança do aluno. Ela também grita com o aluno para se defender. As próprias crianças percebem isso e não concordam com a atitude da Jacinta.

Esperto

Nesse conto, Santa Cruz (1967), relata a história do aluno Mateo Sagreras, um garoto esperto, que criava tartarugas. Ele tinha uma avó muito bondosa, que fazia doce de laranja como ninguém e que um dia ficou gravemente enferma.

Os colegas, que sempre iam a sua casa para ver as tartarugas, viram chegar um médico que foi direto para o quarto da avó. Também perceberam o silêncio tenso e o medo existente naquela casa. No dia seguinte contaram para a maestra Jacinta o que tinham visto. Ela sempre se interessava de coração por tudo o que acontecia com seus alunos. Foi perguntar ao garoto como estava a avó.

Enquanto falava com o menino, Jacinta acariciava sua cabeça, dizendo palavras maravilhosas de conforto. Fazia tudo para que o menino esquecesse o drama familiar. Falaram de tartarugas e os olhos do aluno se encheram de brilho. Descrevia cada uma das que criava em casa com muita satisfação, em especial a maior de todas, que atendia quando a chamava pelo nome. Tinha um amor especial por ela.

Porém, logo um colega da turma, ficando de pé, disse que a carne de tartaruga era deliciosa e que o caldo feito com ela fortalecia os mais débeis enfermos e ressuscitava até os mortos. O garoto esperto fixou os olhos no colega que havia feito aquela revelação.

Com a cabeça quente e sentimentos de angústia e esperança o garoto voltou para casa. Beijou a mãe, tomou café com pão e perguntou da avó. A mãe encheu de lágrimas os olhos de fada, e o coração do menino se partiu. Foi até a porta do quarto, olhou a cabeça da avó enfiada nos travesseiros e na mesinha ao lado muitas caixas de remédios que o médico havia receitado.

Logo, foi ao fundo da casa onde as tartarugas estavam quietinhas, com as cabeças escondidas no casco, protegendo-se do frio daquela tarde.

Duas horas mais tarde, a mãe acendeu as luzes da cozinha para preparar o jantar. Lá estava o menino que trazia nos braços a maior de suas tartarugas, a favorita e imensamente amada, aquela que atendia a sua voz e comia cenouras em sua mão. Entregou para a mãe o animal querido e dizendo: "Toma mamãe, matá-la e faze um caldo para minha avozinha" (p.76). A avó não morreu.

Esse conto destaca um amor incondicional, do menino para com os animais; dele para com sua avó e sua mãe; dos colegas, e da professora.

Aqui o autor relata o carinho que a professora tem por seus alunos. Não apenas com palavras, mas com carícias e afetos. Muda seu plano de ensino para consolar um aluno entristecido.

1924

Abel Santa Cruz (1967), conta que um dia de 1924, Jacinta deu uma sugestão: "Meninos, colem em um caderno velho, as notícias mais importantes publicadas no jornal diário desse ano" (p.77). Disse isso em março ou abril de 1924. Ele, e quase todos os alunos fizeram isso. Escolheu um caderno velho, a mãe colocou uma capa preta, ele colou algumas figuras na capa, e foi escolhendo as notícias e colando no caderno.

Jacinta exigiu que não escolhessem notícias policiais, mas que fossem de ciências, de teatro, de cinema. A professora acompanhava as notícias que eram coladas e se encontrasse alguma não recomendada, marcava com lápis vermelho:

não quero isso. No final do ano o caderno parecia um monstro, sem sentido. Guardou-o numa estante qualquer.

Quarenta e três anos depois, encontrou o caderno e se pôs a lê-lo, recordando nomes, feitos, ideias. A música tinha nomes surpreendentes. Viu muitas notícias antigas de Buenos Aires, Japão, Nova Zelândia. Pessoas, filmes, artistas, quantas coisas pode lembrar.

Fechou o caderno satisfeito com as lembranças que a tarefa que realizara a pedido da maestra Jacinta, haviam lhe proporcionado.

O autor mostra no conto que as tarefas escolares da maestra Jacinta podiam até parecer sem sentido para o momento, mas mesmo depois de muito tempo trouxeram satisfação.

Bombinhas no rabo do gato I e II

Santa Cruz (1967) escreve dois contos sobre esse tema. No primeiro narra o dia em que comprou um grande rojão com um dinheiro que havia ganho de seu tio e, com os colegas da sala da maestra Jacinta, resolveram soltá-lo. Conta os detalhes dos preparativos, a forma como resolveram soltar e o resultado final, como o rojão incendiado, como um relâmpago entrou por uma janela aberta da casa rica.

Ficou estarecido com a cena e ele e um dos colegas não conseguem fugir como fizeram os demais. Uma mulher vai até a janela e cai sobre eles um grande medo. Da boca da mulher saem as mais terríveis palavras: sem vergonhas; cafajestes, eu vou lhes ensinar!

Uma criada desceu e abrindo a porta, fê-los entrar. Foram até a sala que estava com a janela aberta. Pensavam que receberiam umas palmadas. A senhora perguntou com palavras severas se foram eles que haviam acendido aquele rojão. O colega que estava junto, usando o plural, confirmou embora não havia sido ele. Disse que queriam dar explicações. A senhora se pôs de lado e apontou uma porta, fazendo-os entrar. Eles entraram amedrontados, e então viram que o rojão entrara e queimara uma peça azul celeste onde estavam alguns brinquedos. Havia também uma cama e uma poltrona onde estava sentada uma linda menina de oito ou dez anos, com os joelhos cobertos com uma manta.

A menina, com voz suave pediu que entrassem. O companheiro de Abel, logo estendeu a mão e cumprimentando-a sorriram e disseram seus nomes: Fito, Andrea.

Começaram a conversar sobre tudo e riam, enquanto o amigo observava atentamente o local. Depois, Fito se afastou e apresentou-o para a menina dizendo que ele fora quem colocara fogo no rojão. Andrea estendeu a mão e perguntou como era colocar fogo em um rojão. Ele sentou-se ao lado numa banquetta e falou inclusive dos vários tipos de rojões, busca-pés e acabou contando que as vezes amarravam bombinhas no rabo dos gatos só para vê-los correr desesperados. A menina ria muito e pedia para contar mais coisas. Nisso entrou um homem que logo perceberam ser um médico.

O médico se alegra ao ver a menina rindo e ela conta o motivo das gargalhadas. Todos riem. Os meninos se despendem e a garota diz que gostaria de ver um gato correndo com bombinhas amarradas ao rabo.

No episódio seguinte Santa Cruz (1967) narra a trama dos meninos para satisfazer o pedido de Andrea. Arrumar um gato, comprar as bombinhas, escolher o local, a data e a hora para que a menina enferma pudesse ver de sua janela, o gato correndo por causa das bombinhas estourando atrás dele.

Tudo pronto, e lá se vai o gato correndo apavorado e a menina da janela dava gargalhadas e batia palmas alegremente. Até que o não planejado acontece. O gato desesperado ao invés de subir numa árvore como de costume, subiu pela casa da tia de Andrea. A menina se afasta da janela e aparece a tia esbravejando e xingando os meninos. É que o gato era dela.

Mas um conto que narra as travessuras dos alunos de Jacinta mas não se refere a figura dela.

Anis

Aqui o conto volta-se para o menino negro e pobre, Cirilo Tamoyo. Um dia chega na escola com uma nota de cinco pesos, que para a época era muito dinheiro. As crianças sempre curiosas queriam saber como ele conseguiu tanto dinheiro. Várias suposições são levantadas, até a de que o garoto pudesse ter pego o dinheiro de alguém.

Cirilo explica que na verdade a mãe havia lhe dado o dinheiro para que ao sair da escola passasse na venda e comprasse uma lata de anis para oferecer ao padrinho do menino que viria visita-los e gostava muito dessa guloseima.

O episódio, é quase todo narrado tendo a sala de aula como cenário, mas a professora não é apresentada.

Uma violeta para Graciela

Nesse conto o autor vai tratar mais uma vez da questão da paixão infantil entre meninos e meninas da classe da professora Jacinta.

Um dos meninos traz para a sala uma mini violeta seca, dentro de um plástico transparente. Os meninos acham uma bobeira mas as meninas vão passando a pequena flor de mão em mão e dizendo palavras carinhosas, delicadas e amáveis. Quando a violeta chegou à mão de Graciela, a menina mostrou-se emocionada, pois esta era sua flor preferida. Olhou para o garoto que trouxera a violeta seca e quando os olhares se encontraram o menino entendeu o pedido, porém o mimo era de sua avó que por sua vez o ganhou do avô quando ainda namoravam.

O menino procurou a maestra Jacinta e contou-lhe o acontecido. Queria dar o presente a menina, pois gostava dela. O autor narra o diálogo entre aluno e maestra.

Jacinta envolveu-o com uma cautelosa nuvem de raciocínio: não a violeta era algo mais que uma flor seca envolvida em um plástico transparente. Era um símbolo. _ Claro senhorita. E poderia provocar a curiosidade ou o desejo de algum desavisado. _ Naturalmente senhorita. – Além disso, para a avó era uma página de sua vida já não recuperável. _Lógico senhorita. E para a avó deveria levar de volta o mimo. _Entendi senhorita. Depois a maestra deslumbrou o menino com um sorriso maravilhoso, tocou-lhe o ombro pedagogicamente (p. 108).

O conto continua narrando que o menino foi para casa e contou o acontecido para a avó. No dia seguinte, a menina foi convidada para ir até a casa do menino e a avó ofereceu-lhe um chá com biscoitos e bolos. Conversaram sobre a escola, a professora, mas a menina evitava falar da violeta. Sempre mudava o assunto. Depois se despediram e ela foi para casa aliviada porque o assunto não foi conversado.

Na aula da manhã seguinte, a maestra Jacinta chamou Graciela para conversarem, a menina aproximou-se da mesa da professora e viu que ela tinha alguma coisa entre as mãos. Jacinta pegou em suas mãos e deu-lhe um presente dizendo que alguém havia pedido para entregar-lhe. Era a linda

violeta dentro do envelope transparente e trazia junto um bilhete: “Eu também me chamo Graciela” (p.110).

A menina procurou o rosto do amigo e olhou-o para enviar-lhe um silencioso telegrama de amor.

O episódio mostra como a maestra demonstra confiança para com as crianças que a procuram até por motivos sentimentais, que nem sempre são compartilhados com os adultos.

O festival da Cooperadora I e II

Para esse tema, Santa Cruz (1967) também vai usar dois capítulos dos contos para relatá-lo. Começa explicando que a Associação Cooperadora da escola, além das contribuições normais, fazia dois festivais anuais para levantar fundos de ajuda para a escola. Os alunos recebiam todos os dias no recreio, um pãozinho e um copo de leite quente. Além disso, ganhavam o uniforme composto por um avental branco, uma blusa de frio e um par de meias.

A escola adquiria uma vida especial e fantástica nesse período das festas. Nada de ditados, matemática ou geografia. Todos se envolviam com a festividade, uns decoravam poesias para declamar no dia, outros ensaiavam músicas, mas, o mais esperado era o teatro que Jacinta dirigia muito bem. Todos deviam saber muito bem a entrada no palco, onde deveriam postar-se, suas falas, a música e os passos da dança. A maestra exigia que tudo saísse perfeito.

O destaque do conto fica sobre Cirilo Tamoyo. O menino não sabia declamar poesia, cantava mal, e a maestra não o escalou para a dança. Vendo-o sentado num canto, um colega chamou a maestra e disse-lhe que o menino dançava muito bem. Mas a professora já havia escalado os dançarinos e ele não estava incluído.

O colega então sugeriu que ele poderia, pelo menos, ser uma espécie de garçom fingindo que servia chá para os participantes enquanto representavam as falas na sala de estar antes de iniciar a dança, afinal os escravos sempre faziam isso na casa dos ricos. A maestra Jacinta aceitou a sugestão e o menino negro adorou a ideia de participar do teatro, principalmente porque ficaria perto de Etelvina, a menina loira e rica por quem era apaixonado.

Depois de quase dois meses de ensaios, o tão esperado dia da festa chegou. Quase todos os moradores do bairro estavam presente. As crianças muito ansiosas,

mas impecáveis nas suas roupas. A maestra Jacinta muito nervosa, cuidava dos últimos detalhes da decoração, e das crianças. Passava a todo momento por eles perguntando as mesmas coisas: todos já chegaram? Não esqueceram suas falas?

A festa começa, o diretor faz a abertura, as autoridades elogiam a escola, a diretora e as professoras pela iniciativa. A apresentação das crianças começa e os últimos são os alunos do terceiro ano, da maestra Jacinta. Pouco antes da abertura das cortinas para a apresentação do teatro o menino dançarino que fazia par com Etelvina, avisa a professora que não poderia entrar no palco pois sentia-se muito mal. A professora faz de tudo para reanimá-lo, mas o público começa a reclamar pedindo que o teatro começasse. Jacinta não teve outra saída, mandou entrar os alunos no palco. Iniciaram os diálogos e no momento da dança, Etelvina que estava deslumbrante em seu vestido de festa, ficou sentada na poltrona.

Cirilo Tamoyo que já havia se colocado no lugar em que deveria ficar durante a dança, olha para a linda menina e num ímpeto atravessa o palco, estende-lhe a mão e a tira para dançar. Ela aceita e agradece. Os dois começam a dançar lindamente. O público aplaude de maneira calorosa. O menino se empolga e dança melhor ainda. O casal passa a ser a atração da festa.

Santa Cruz (1967) narra a dança entre os dois da seguinte maneira:

Etelvina dançava graciosamente e Cirilo Tamoyo, inspirado pelo contato com a estrela infinitamente querida, criava passos inéditos e misteriosos, entregava-se a manobrar e remexer o corpo de maneira bem popular [...] só existia ele, ninguém mais que ele, negro porém prodigioso, negro, porém iluminado. Negro, porém dominador! Terminou a dança e houve uma ovação como se fora uma tormenta. [...] Saudamos o público dobrando a cabeça para frente e apontando para Etelvina, como se o mérito fosse todo seu. Então alguém gritou: O negro! E outras vozes se juntaram e começaram a repetir: O negro! O negro! Cirilo tomou a mão de Etelvina com as pontas dos dedos e os dois se adiantaram para frente. O local foi tomado por um barulho tão grande como se fora uma manada de elefantes gritando [...] foi um alarido de amor, de admiração, de gratidão. Fecharam-se as cortinas. Todos saíram da cena sob grandes rumores de aplausos. Cirilo foi abraçado pelos colegas. Jacinta lhe deu um beijo [...] (p. 132).

O espetáculo termina com Cirilo muito feliz, não pela dança que fizera, mas por ter dançado com Etelvina e ganhado dela um sorriso e uma piscada de olho.

O autor mostra com esse conto, mesmo carregado de preconceito racial, a superioridade do menino negro mesmo quando ele mesmo nem se preocupa com ela.

A maestra Jacinta não é tão delicada com Cirilo quando o deixa de lado na participação da festa. O autor relata que um outro colega vai falar com ela e mesmo assim ela se mostra desdenhosa, e, só com a insistência do menino é que resolve escalar Cirilo para o teatro fazendo papel de escravo.

Ela só vai reconhecer seu talento depois do sucesso que ele faz, e praticamente sozinho salva a peça do teatro que acaba sendo a parte mais importante da festa.

Sábado à tarde

Este é outro episódio onde o autor se apresenta também como narrador da história e participante da mesma. Relembra os sábados à tarde quando lavavam a escola. As meninas e os meninos faziam esse trabalho juntos. Todos levavam os produtos de limpeza, sabão, panos, esponjas, estopas, polidores e lustra-móveis.

As três primeiras horas do sábado, passavam rápido como um tobogã. Assim que soava o sino, ao invés de saírem todos correndo, preparavam a sala, tirando tudo o que poderia se estragar com a água. Arregaçavam as mangas do guarda-pó, pegavam as ferramentas: sabão, panos de limpeza, lustra-móveis e tudo o que levavam para a limpeza.

Era a aventura de sábado à tarde, era como se fossem os donos de tudo, a escola era deles. Esqueciam a geografia, os filósofos, os decimais, o pretérito perfeito. O importante era limpar as carteiras. E elas ficavam melhoradas com a limpeza, e as crianças ficavam felizes. Era um tremendo orgulho, ver o branco sujo tornar-se um branco bem limpo. Orgulho de todos os alunos.

O conto não mostra se a professora participava ou não da limpeza da escola. Só destaca a alegria que as crianças sentiam ao realizar a tarefa.

Selos

Santa Cruz (1967), começa o conto falando de como as pessoas gostam de colecionar coisas. As crianças em especial gostam muito de colecionar figurinhas.

O destaque do conto, é a chegada de um novo aluno. O autor relata esse momento assim: “A maestra Jacinta anotou as informações do aluno e logo depois se dirigiu a nós, descreveu os méritos do recém-chegado, pediu que o recebêssemos com amor” (p.140). A professora continuou falando com “eloquentes palavras sobre companheirismo” (p.140), citando grandes personagens da história que se destacaram pela dedicação aos outros, como *Las niñas de Ayohuma*, a infância de Franklin, e recordou o menino Sarmiento (que se tornou no respeitado General Sarmiento da Argentina) e que dedicou-se em amar as pessoas desde menino.

Depois, Jacinta acariciou a cabeça do novo aluno, que se chamava Jeremias, e indicou um banco para que ele sentasse. Dividia a carteira com uma menina, a Meche, uma aluna alegre e cheia de iniciativas, disposta a quebrar a barreira do som com suas gargalhadas.

O menino sentou-se e abriu a bolsa com os materiais escolares. Foi tirando devagar e arrumando cada um sobre a carteira, os demais alunos olhavam para ele atentamente. Nada faltava, ali estava o tinteiro, os lápis, a borracha, e até uma flanela para deixar tudo limpo. Depois de alinhar tudo com muita disciplina, colocou uma caixinha à sua direita que chamava a atenção e curiosidade de todos: “O que haveria naquela caixinha? Era muito pequena para que coubesse figurinhas e todo varão que se preze, levava figurinhas em uma caixa para a escola.

Cirilo Tamoyo não se conteve e foi até o garoto perguntando-lhe o que havia na caixinha. Antes que ele respondesse, Canuto, o aluno sempre disposto a fazer maldades, falou bem alto: deve estar cheia de bichos, ou abelhas venenosas que picam. A menina que estava ao lado, ficou apavorada e apontando para a caixinha perguntou ao menino o que tinha ali.

Jeremias respondeu que juntava selos e que na caixinha estava sua coleção de selos, era um filatélico. As crianças ficaram boquiabertas. Não era comum que os meninos colecionassem selos. A caixinha correu de mão em mão até que todos olhassem aqueles papezinhos vermelhos, verdes e azuis, depois a caixinha voltou às suas mãos, ele a fechou e passou a falar sobre filatelia.

A figura da maestra mostra-se mais uma vez como uma pessoa amável, carinhosa e afetuosa. Ensina também aos alunos que devem amar e respeitar os outros, no caso, um garoto novato.

O invejoso

O autor apresenta no conto, Calandrino, o protótipo do menino invejoso. A história transcorre em um dia chuvoso. Poucos alunos compareceram na aula. No recreio não puderam sair para o pátio, pois esse parecia uma piscina. A maestra Jacinta estava na sala dos professores. Sem ter muita opção a menina Berta começou a desenhar a paisagem vista pela janela. Era uma boa desenhista. Logo todos se interessaram pelo seu desenho. Calandrino resolveu desenhar a mesma paisagem.

Ao terminarem, o menino insistiu para que os colegas escolhessem o melhor desenho. Os colegas olharam, compararam e escolheram o desenho de Berta. Inconformado, Calandrino propôs que os desenhos fossem julgados pela maestra.

Santa Cruz (1967), relata que:

Jacinta Pichimahuida era uma enciclopédia insubornável e o que ela dissesse seria um decreto ou o amém. Íamos chamá-la. Logo supomos que havia uma maneira mais rápida de atrair sua presença e depois de levantar um banco o deixamos cair em terra. A poucos segundos Jacinta chegou como um projétil e buscou as vítimas. Surpresa teve que admitir sua falha. Olhou para o desenho de Berta, olhou bem para o outro. Logo sinalizou o caderno de Berta, disse que se tratava de um desenho precioso y saiu agilmente para a conversa com as outras maestras (p.155-156).

Todos olharam para Calandrino, e viram que havia ódio em seus olhos. Como as crianças riram dele, ele prometeu vingança. Ninguém deu importância pois achavam que ele esqueceria. Olharam pela janela e lá estava o sol, a chuva havia passado e eles finalmente puderam sair da sala.

Despediram-se da maestra Jacinta e saíram para ir as suas casas. Calandrino os alcançou e disse que com a claridade do sol poderiam ver melhor os desenhos e com certeza iam ver que o dele era o melhor, sem pensar nas más intenções dele, os meninos chamaram Berta e pediram que ela mostrasse mais uma vez seu desenho. A menina abriu a bolsa, tirou o caderno e abriu no desenho.

Calandrino colocou os dois cadernos juntos, e como se fosse sem querer, deixou o caderno da menina cair na poça de água deixada pela chuva. Todos viram o caderno afundando-se na lama.

Nesse conto encontramos uma maestra deveras negligente para com seus alunos. Primeiro por não ficar junto a eles já que não podiam sair da sala por causa da chuva. Segundo por que tiveram que chamar sua atenção com muito barulho para que ela viesse até eles. E por fim, porque não valorizou um momento delicado de competição entre eles, deixando que as coisas ficassem ainda pior do que antes.

O intelectual

Dentre os contos de Jacinta Pichimahuida, Abel Santa Cruz (1967), mostra as intrigas e brigas entre os alunos. Desta vez, vai contar sobre a briga entre Fito Zabala e um menino do quinto ano chamado Martín Cabreiro, que era bem mais alto e forte do que Fito do terceiro ano.

O menino grande o chamara para uma briga. Todos os colegas viram os insultos, inclusive Meche a menina por quem estava apaixonado. Ele nada pode fazer, pois sabia que não tinha forças para lutar com Cabreiro. Mas ao chegar em casa falou para o pai que queria aprender jiu-jitsu. O pai concordou.

Algum tempo depois, valendo-se do seu tamanho, o menino do quinto ano provocou novamente o garoto do terceiro, que já há cinco meses estava aprendendo a defender-se com a técnica japonesa. Desta vez aceitou o desafio e combinaram que a briga ficaria para a saída da escola. Os colegas de Fito, procuravam dissuadi-lo da briga, mas ele respondeu seguro que poderiam ficar tranquilos, pois agora ele já sabia se defender.

A notícia da briga se espalhou por toda escola, assim todos os alunos sabiam que teria uma briga depois da aula. Já fora da escola, todos se juntaram ao redor dos lutadores. Cabreiro começou dando um salto jogando os pés para acertar o rosto de Fito, que desviou-se agilmente. Vários golpes foram repetidos e o garoto do terceiro ano desviava-se de todos, até que conseguiu dominar o adversário, jogando ao chão e travando seus braços.

A maestra não é mencionada nesse episódio. Quem sabe a intenção de Santa Cruz (1967), fosse a de mostrar que as brigas são coisas de crianças e que na maioria das vezes os professores nem ficam sabendo que elas existiram.

O peixinho

A Cooperadora da escola sempre organizava rifas para ajudar no sustento da escola. Dez centavos o número e os prêmios eram sempre os mesmos por tradição: uma caixa de lápis de cor, um exemplar do livro “*Corazón*”, uma bola número dois, uma boneca e um balão de ar.

Para aquela festa, um admirador de Jacinta doou um peixinho para ser rifado. O peixinho ficaria na sala até o dia da festa, quando seria entregue para o sortudo. As crianças ficaram eufóricas com a presença do pequeno peixe na sala de aulas com eles.

Santa Cruz (1967, p.168-169) relata que:

Jacinta Pichimahuida, sensata e cuidadosa como sempre, havia pedido instruções ao senhor Patiño, que as forneceu com mil amores e sorrisos. Indicou cada cuidado como quanto tempo deveriam trocar a água, a quantidade de cloro que deveria ser colocada, e deixou uma caixinha onde estava o alimento, nós escutamos atentos a todas as instruções e quando ele se foi, Jacinta bateu na mesa e disse: - Crianças. Falta uma semana para o sorteio. Enquanto isso, vocês cuidarão do peixinho em pequenos grupos.

Formaram sete grupos de quatro alunos e Jacinta distribuiu um dia para cada grupo de modo que todos pudessem desfrutar em alguns momentos dos cuidados para com o peixinho.

Canuto Carsio, que era do grupo da terça-feira, arrumou uma confusão com Strabucco do grupo de quinta-feira. Dizia que o peixinho não ia durar até quinta-feira e provocava o grupo com gozações. Strabucco acabou se irritando, foi até a carteira de Canuto e bateu-lhe com força no rosto. Canuto ficou verde mas não reagiu pois o outro menino era bem maior que ele. Contudo, jurou dentro de si que se vigaria do colega.

Uma decisão da maestra Jacinta fez com que Canuto encontrasse o momento para sua vingança. Ela disse “Menino Strabucco, quando o domingo chegar, no momento da rifa do peixinho, você levará o aquário da nossa sala até o pátio onde ocorrerá o sorteio” (p.171).

Chegou o domingo do festival, muita gente estava na escola. E depois das apresentações que se faziam para os pais e para a comunidade do bairro, todos são chamados para o sorteio das rifas. No momento em que seria aberta a rifa do peixinho e Strabucco levava o aquário, Canuto deixou o pé no meio do caminho e seu colega tropeçou. Foi uma grande confusão, peixe pra um lado, água para o

outro e o menino foi ao chão. A plateia não chegou a ver o que estava acontecendo e o sorteio continuou.

Canuto ouviu com espanto que o seu número fora sorteado.

A professora que Abel mostra nesse conto é atraente, tem admiradores que a cercam com sorrisos e amores e até favorecem seu trabalho na escola doando prêmios para o sorteio na festa. Ela também divide os cuidados com o peixinho com os alunos, confiante de que eles estavam preparados para realizar essa tarefa.

Observa-se, entretanto, que não há um acompanhamento do trabalho dos alunos pela maestra, tanto que a desavença entre os alunos surge, eles brigam, e não há intervenção dela, como se ela não prestasse atenção ao que os alunos faziam.

Guloseimas

Santa Cruz (1967) dedica esse conto para descrever as guloseimas que as crianças de Jacinta gostavam de comer. Não as comidas que suas mães preparavam, mas aquelas que eram adquiridas na escola ou ao redor dela.

Eram guloseimas daquela época tão primitivas como apetitosas: as tortilhas de açúcar queimada, maçãs caramelizadas, chupetinhas feitas com caramelo duro, torrão japonês que era cortado com um martelinho, churros recheados com doce de leite, balas que vinham embrulhadas em papéis que oferecia sorteios de prêmios ou com figurinhas para colar em álbuns, e o caramelo de nome meia hora uma espécie de castanha pequena e dura que levava meia hora dentro da boca, não menos que isso para terminar.

Todas estas guloseimas eram compradas pelas crianças na escola, ou fora dela no portão, na esquina, do outro lado da rua. As crianças sabiam bem onde encontrar essas delicias.

O autor cita o nome da maestra apenas para destacar que a sua turma de alunos gostava destes tipos de doces.

Liliana Taroli

Santa Cruz (1967) conta sobre uma menina cujo nome não era muito atraente, mas a menina sim. O que mais chamava a atenção dos meninos é que ela

tinha cabelos lindos, muito lindos. Ela tinha um hábito, cada dia aparecia na escola com um novo penteado, assim os meninos ficavam aguardando sua chegada para admirá-la, já que cada dia se mostrava mais linda do que o outro.

Todos a queriam bem, mas Etelvina não. Ela se achava a aristocrata da escola, para os meninos da escola, porém, no aspecto pejorativo da palavra. Ela era orgulhosa, racista, parecia que tinha sempre um chicote para dar nas costas dos oprimidos. Era bonita sem dúvida, porém a sua beleza era fria. A beleza de Liliana tinha uma vibração, uma humanidade viva e popular.

Etelvina não aguentava que uma colega fosse mais bonita que ela. Até Cirilo Tamoyo, que todos sabiam apaixonado por Etelvina, já havia dito que Liliana tinha os cabelos mais lindo do mundo. Era preciso aniquilar sua rival.

Na aula seguinte apareceu na escola com os cabelos tingidos. Para aquela época era uma grande novidade. Todos a rodeavam e perguntavam como fez aquilo. Parecia uma procissão de gente atrás dela.

Na volta para casa todos falavam de Etelvina e seus cabelos pintados. As mães se horrorizavam, levantavam as mãos para o céu e condenavam a frivolidade do mundo de então, e diziam que se fossem a mãe daquela menina haveriam de surrar a menina réproba.

Todos aguardavam como seria o dia seguinte. Como aparecia Liliana? E Etelvina?

Mas, Etelvina faltou na aula. E no dia seguinte também, e no outro não apareceu. Alguém telefonou para ela, disse que estava muito bem e que estava cuidando de uma tia doente. Ninguém acreditou, Etelvina era incapaz de cuidar de alguém.

Cirilo resolveu averiguar. Foi até a casa, entrou pelos fundos, subiu numa árvore e dali avistou sua amada. Quando ela olhou pela janela, ele perdeu o pé e caiu daquela árvore. Assustou-se ao ver que os lindos cabelos cor de ouro, agora estava todo colorido com mechas pintadas de cores absurdas e indecentes, negras, verdes, azuis, avermelhadas e amarelas. Parecia um espantalho. O rosto molhado de lágrimas que caiam até na boca desdenhosa.

Mais um conto em que Santa Cruz narra os fatos de desavenças e tristezas ocorridos entre as crianças, mas a figura da maestra não é destacada por ele, nem mesmo para interferir no caso que envolvia assuntos complicados entre as crianças

como as intrigas, a inveja, o uso de tinta para os cabelos que não era comum entre as crianças da época.

A escarapela

Quando chegava alguma data especial na escola, os alunos usavam um elemento a mais no uniforme, a escarapela. Era uma florzinha de pano azul celeste e branca, presa no bolso do guarda pó, no lado do coração. A mãe, sempre que prendia a escarapela no uniforme, avisava para tomar cuidado de que ninguém a roubasse, pois era muito comum, no caminho para a escola, alguém passar a mão, arrancá-la e sair correndo pela rua sem que pudesse ser alcançado.

O menino Abel, para não correr tal risco, ao sair de casa retirou sua escarapela e a guardou no bolso da calça, só voltando a colocá-la depois de ter adentrado os portões da escola.

Sua escarapela era atraente pois tinha ao centro um escudo em relevo, com os campos pintados em celeste e branco e dois ramos dourados que ladeavam o escudo. Era uma divisa muito bonita e chamava a atenção.

Quando entrou na classe, todos olharam e ficaram comovidos. Os colegas o rodearam para ver de perto e colocar a mão para sentir a escarapela. A maestra Jacinta também ficou encantada e o levou até a direção dizendo: “Senhor diretor, veja que linda essa escarapela que traja este menino” (p.186). O diretor colocou a mão direita sobre seu ombro e elogiou sua conduta patriótica.

No horário do recreio, Cirilo Tamoyo procurou Abel e queria trocar a escarapela por um jogo de cartas. Foi em vão suas tentativas de conquistar o amigo para a troca por mais que insistisse. O sino tocou para a formação das filas e entrada na sala. Todos saíam correndo e Abel foi “atropelado” por alguém, que nem chegou a ver. Na fila, em meio a confusão, a maestra entra para acalmar as crianças e vai caminhando pela fila até chegar perto dele. Olhou espantada e perguntou onde estava a escarapela. O menino olha e então percebe que havia sido roubado e começa a chorar. Chora alto, grita, enxuga as lágrimas com a manga da blusa e continuava gemendo e chorando.

Jacinta procurou acalmá-lo e disse: “não chores, ela aparecerá” (p.190). Em seguida, falou com voz colérica que fazia com todos os alunos a temessem, mandou

que todos entrassem para a sala de aula. Haveria de averiguar todos os alunos até encontrar a escarapela.

Todos entraram, as meninas estavam comovidas com o que acontecera ao amigo, Clavelina chegou a oferecer a sua escarapela, mas ele não aceitou, queria a dele.

O autor firma que a maestra Jacinta, com a voz como um trovão, dirigiu-se aos alunos dizendo: “A escarapela desse menino desapareceu quando o atropelaram na fila, o que significa que um aluno desta sala pegou a escarapela. Quem foi?” (p.191)

O menino Abel tinha uma suspeita com nome e sobrenome, Cirilo Tamoyo, pois ele insistira muito que queria a escarapela. Chegou a oferecer seu jogo de cartas em troca. Mas Abel não era um delator, por isso quando Jacinta lhe pergunta se ele tem algum suspeito diz que não.

Jacinta já estava alterada, perguntando quem foi. Então Canuto, que vira a insistência de Cirilo para trocar a escarapela, contou para a professora que vira um aluno no recreio querendo ficar com ela.

O autor narra o acontecido nas seguintes palavras:

És certo? Me perguntou Jacinta. Um menino queria tua escarapela? Abaixei duas vezes a cabeça em sinal de aprovação. Quem era? Quem foi? Pensei em Cirilo, mas não queria acusa-lo por isso respondi: Me esqueci. Jacinta percebeu minha delicadeza e não insistiu comigo. Mas, disse: - Muito bem, você esqueceu. Vamos ver se o menino Canuto Carsio tem memória melhor. Canuto, quem queria a escarapela? O menino delator meneou a cabeça e disse: - Não, não digo. Eu me lembro quem foi mas não devo dizê-lo. Nunca direi o nome desse menino. Não é porque seja negro que eu vou acusa-lo. [...] Jacinta disse friamente: Cirilo, de pé. O menino se levantou cabisbaixo. – Tu arrancaste a escarapela? O menino abriu e fechou a boca e não disse nada. – tens que me responder – Você pegou a escarapela desse menino? Se me responde agora, nada te acontecerá. Cirilo nada dizia. – Vamos Cirilo, foi você? Jacinta insistia já quase perdendo a paciência. Cirilo então quase gritou: Sim. Então Jacinta estendeu a mão e pediu: - entregue-me. – Não posso respondeu o menino, não a tenho. - Então onde a puseste? A resposta foi incrível: Eu a comi. Alguns alunos riram, mas Jacinta franziu as sobrancelhas e disse: - o que disseste? – Eu a comi. (SANTA CRUZ, 1967, p. 194)

A maestra Jacinta, não aceitava a resposta do menino. E então louca de raiva, avisou que era impossível que ele a tivesse comido, e que deveria devolver a escarapela ao amigo. Mas Cirilo continuava insistindo que não tinha como devolver,

pois, a havia engolido. A professora então disse-lhe para mostrar o que tinha nos bolsos, do guarda pó, depois das calças e nada.

A discussão continuou até que Jacinta disse que ele estava suspenso das aulas por três dias e só voltaria se a mãe viesse com ele.

Então aconteceu um imprevisto. Do lado onde estava as carteiras das meninas ouviu-se um soluço de choro. Jacinta virou a cabeça e os demais alunos também olharam, era Etelvina. Ficaram admirados, chorando porque fora expulso o aluno negro que ela desprezava? Olhamos silenciosamente para a maestra e vimos que também ela estava assombrada e perplexa. Ela olhava para Cirilo e para Etelvina e juntou os detalhes. Então disse: “Cirilo e Etelvina fiquem aqui, os demais saiam da sala” (p.198).

Os alunos saíram desorientados. Nunca souberam o que aconteceu ali dentro da sala com Etelvina, Cirilo e a maestra Jacinta.

Quando voltaram para a sala, Cirilo estava feliz, Etelvina com os olhos baixos, e na mão da maestra estava a escarapela. Ela me disse: “Foi uma brincadeira. Cirilo não a havia comido. Toma.”(p. 198).

Mesmo sem saber o que tinha acontecido na sala, o menino Abel percebeu que sua escarapela estava com o mesmo perfume que Etelvina usava.

O conto mostra um grande envolvimento da maestra. Inicialmente para destacar e reforçar a questão de patriotismo com o uso da escarapela pelo aluno. Depois uma ação importante na solução do problema do furto entre as crianças. Outro destaque também para a proteção da criança envolvida no furto, sem acusá-la diante dos demais, e tratando a questão de forma particular com o suspeito e o autor do furto.

Nero

O autor, nesse conto vai relatar a aula de História. No programa desta disciplina para o terceiro ano, tratava unicamente de temas locais. Em uma das aulas da história pátria, relata que a maestra Jacinta se empolgou e foi caminhando pela história. Nas palavras do autor:

Jacinta Pichimahuida se empolgou e trocou a história nacional pela batalha do Riachuelo, foi para o Tiber e chegou ao Coliseu, e falou

de Nero. Alguns de nos já tínhamos uma vaga ideia dessa história, já tínhamos visto o filme 'Quo Vadis?' e para nós Nero era um gordo envolto em um lençol e que levava na cabeça uma coroa de plantinhas. Jacinta começou fazendo uma descrição das tropas de Cesar e nos informou com que impiedade sacrificava os mártires e como incendiara a cidade de Roma e olhava a cidade incendiando do alto de seu trono e tocava sua lira (SANTA CRUZ, 1967, p.202).

No começo, os meninos estavam até gostando da história, porque segundo o autor, esse negócio de colocar fogo nas coisas parecia uma coisa interessante. Mas Jacinta continuou a história e foi dizendo que Nero acusou os cristãos de terem incendiado a cidade e todos os romanos saíram perseguindo, torturando e matando os cristãos.

Passaram a detestar Nero. E ficaram felizes quando souberam que Nero morrera como um cachorro, celebrando sua solidão, seu pânico, sua abominação e seu suicídio.

Ao terminar sua exposição, Jacinta, como sempre fazia, pediu para os alunos fazerem um resumo da história contada.

Enquanto faziam o trabalho, o menino Canuto fazia brincadeira e atrapalhava os colegas que queriam terminar o trabalho. Acendia um fósforo e aproximava dos colegas dizendo que era Nero e que ia queima-los. E dizia a frase "morrerás cristão" (p.203).

O autor descreve que enquanto isso "Jacinta lia a "Para Ti", e estava absorvida no romance da novela" (p. 203).

O menino Patiño, irritou-se com a atitude de Canuto, deixou seu trabalho por um instante, foi até onde ele estava e deu-lhe um grande soco na cabeça e voltou para sua tarefa. O outro suava de raiva e se contorcia e jurava vingança.

Patiño terminou de escrever sua composição e depois adornou-a com um desejo de Nero tocando a lira e a coroa foi desenhada com flores vermelhas. Era uma beleza de pintura. Logo o menino pediu permissão para ir ao banheiro e Jacinta lhe concedeu sem levantar a cabeça submersa na leitura que fazia.

Então Canuto, aproveitou para realizar sua vingança. Acendeu um fósforo e o colocou sobre o trabalho do colega, fechando o caderno.

Patiño regressou para a sala. Jacinta lhe perguntou se já havia terminado a composição. Ele respondeu que sim. Então ela pediu que ele o trouxesse para que

ela pudesse ver. Ele trouxe e quando ela abriu o caderno ele ficou roxo. Havia um buraco com as bordas chamuscadas. Ele não conseguia dizer nada.

Jacinta levantou o caderno de maneira que toda classe pudesse ver, e disse: “O menino Patiño não só se conformou em pintar um incêndio mas quis dar-nos uma sensação exata dele” (p.204). Voltou-se para o garoto ainda apavorado e disse-lhe: “Sabe como se chama isso que fizeste? Isso se chama propriedade. Embora tenha sido um pouco exagerado, não o repita mais. Porém como mostrou inteligência, eu te felicito. Cinco!” (p.204).

Canuto Carsio ficou tão pálido que as sardas do seu rosto pareciam ter sido feitas à mão. Então Cavallasca, com sua voz rouca, estirou sua mão ao delator e disse: “morrerás cristão” (p.205).

Os destaques para a figura da professora apresentada no conto ficam sobre o fato de que ela desvia-se do conteúdo programado para o terceiro ano, passa uma atividade que reforça o conteúdo não programado e fica tão envolvida na leitura da revista que nem ao menos sente o cheiro do fósforo sendo aceso e usado para ameaçar os colegas e queimar o caderno de um deles.

Ela não se dá conta da briga entre os alunos da sala que leva até a atos de violência entre eles com soco na cabeça.

Material Escolar

Nesse conto Abel Santa Cruz apresenta o material escolar usado pelas crianças de seu tempo. São materiais usados pelos alunos da maestra Jacinta. Ele relembra na lapiseira levavam um lápis Faber número 2 usado para escrever. Outro Faber número 1 para desenhar e o número 3 para pintar.

Eram simples lápis cilíndricos, de boa madeira, vermelho, verde, amarelo e o branco que nunca se gastava.

Os alunos pequenos, como os do terceiro ano, usavam lápis de cera, que muitas vezes eram quebrados de propósito.

As réguas, normalmente de madeira, tinham 30 centímetros. Os esquadros de ponta aguda, muitas vezes servia para brincadeiras de arma. O compasso, para ser usado, encaixava-se um lápis Faber em um tipo de anel para poder utilizá-lo.

Outro material que não faltava no estojo, era um limpador de ponta do tinteiro, fabricado pelas mães. Era normalmente de feltro, e não se encontrava a venda nas

lojas que vendiam o material escolar. Ele tinha a forma de estrelas presas pelo meio porque tinham três, uma de cada tamanho.

O tinteiro de vidro cheio de água tingida de azul celeste, ou rosa ou de verde. O lápis vermelho de ponta grossa, o caderno San Martin, a caneca de alumínio, o apontador como um pequeno mapa do mundo. Tudo se foi.

A professora é citada apenas para mostrar que era grande a lista de materiais usados por seus alunos.

Férias de inverno

Santa Cruz (1967) lembra as férias escolares de inverno, que começavam no dia dez de julho. Mas, se o tempo estivesse bom, as aulas seguiam o seu curso. Os alunos ficavam agoniados sem saber se teriam as férias ou não.

Já as férias de verão, estavam garantidas e por isso eram as preferidas dos alunos. No mesmo dia em que começavam as aulas sabíamos que elas iam terminar.

O período de férias de inverno eram mais doces para os alunos da manhã. Esses pequenos heróis que encaravam o frio, chegavam na escola com as pernas frias, sonolentos. Muitos tinham tomado café da manhã de pé e apressadamente para sair correndo e chegar a tempo na escola. Por isso eram os verdadeiros carentes das férias invernal, para ficar mais tempo na cama quente e tomar com calma seu leite com café matinal.

Nas férias os alunos tinham que fazer muitos deveres escolares. A maestra Jacinta dividia as páginas que deveriam ser feita cada dia, mas o autor conta que ficavam embriagados pela liberdade e deixavam passar o tempo. Os deveres só eram lembrados nas últimas horas do paraíso. Era uma tortura: verbos, cópias das lições, tabuadas de multiplicação.

Conta que certa vez a maestra Jacinta Pichimahuida trouxe uma notícia que causou grande alegria na turma. Já próximo das férias de inverno, avisou aos alunos que não daria tarefas. Como seriam apenas dez dias, disse que poderiam desfrutá-los sem preocupações.

Só Canuto reclamou. Disse que ela não deu tarefas para não ter que corrigir depois. Justo ele que nem fazia as tarefas normais.

A figura da maestra Jacinta nesse conto é de alguém que se compadece dos alunos no período das férias e permite que se divirtam nesse tempo sem terem que usá-lo para fazer atividades escolares.

Jardim Zoológico

Neste conto, Santa Cruz (1967, p. 215) relata a alegria de um passeio ao jardim zoológico com a professora Jacinta. Ele começa dizendo:

Jacinta Pichimahuida bateu na mesa com o lápis vermelho. – Meninos, silêncio. Na terça feira faremos uma excursão. Então agitamos as mãos, falamos em voz alta, ríamos uns com os outros cheios da mesma emoção. A maestra acrescentou: iremos ao Jardim Zoológico. Deliramos de alegria e gratidão. [...] resplandecíamos de satisfação [...].

Desenhavam animaizinhos com as mãos e cada um queria falar de seu bicho preferido. Canuto para estragar um pouco a alegria começou a falar das hienas e dizia que eram ferozes e comiam as pessoas mortas invadindo os cemitérios. Queira assustar as crianças, mas Cirilo afirmou que não tinha medo delas e poderia tocá-las e até acaricia-las quando fossem ao Zoológico.

Chegou o dia do passeio, todos subiram no veículo que os conduziria até o local. O motorista levantou o rosto para o céu e discutia com Deus. As maestras se desesperavam sem dar conta de todas as crianças. Provocavam as pessoas que passavam pelas ruas, abriam as janelas, mexiam com os colegas.

Ao chegar no local, desceram com um bando de carneiros, um atropelando os outros. Milagrosamente as maestras, Jacinta e a senhorita Nevares, conseguiram organizar a turma e entraram no Zoológico.

O passeio estava delicioso, olhavam cada animal com atenção, com os olhos cheios de curiosidade. Iam de um lado para outro observando tudo.

Por fim chegaram perto das jaulas onde estavam as hienas. Quando deram por si, viram Cirilo aproximando-se da jaula. Gritaram com ele, pediam para voltar, mas nada ele seguia firme e já estava diante da jaula. As crianças começaram a chamar pela maestra Jacinta e quando ela chegou ele já estava com as mãos e os braços dentro da jaula. A professora chamava por ele, as meninas escondiam o rosto, outras caíram ao chão. Todos estavam em pânico. Até a hiena grudou-se na parede do outro lado da jaula e começou a rir. Agora todos estavam espantados, a

hiena continuava a rir-se e aproximou-se do menino deixando-se acariciar por ele. Cirilo passou as mãos sobre a enorme cabeça do animal e esse parecia um gato doméstico ronronando em busca de mais carícias. Cirilo acariciou o lombo e o animal sorria alegrando-se convertendo-se em uma espécie acessível e social.

Cirilo era um maravilhoso vencedor! Voltou para junto dos amigos e da maestra saltando de alegria. Todos felicitavam o aluno negro, Jacinta nem sabia o que dizer. Mas ele esperava o que diria sua amada Etelvina. Ela aproximou-se, sorriu e disse: “- Que valente! Te felicito. Esteve muito bem. E talvez, arrependida de sua brandura, levantou o ombro desdenhoso e se pôs a contemplar a calda de um pavão real” (p.226).

Cirilo começou a caminhar e foi retirando-se de junto dos amigos, o menino Abel foi atrás dele e perguntou aonde ia. Ele olhou para o amigo e viu que estava com o rosto banhado em lágrimas.

O autor termina o conto dizendo que o menino negro chorava enquanto seu rosto resplandecia, seu sorriso transfigurava, abençoado, feliz, e seus lábios tinham a forma de um coração.

O conto revela a figura de uma professora que mostra autoridade sobre os alunos ao organizá-los para a entrada no zoológico, mas também é maestra distraída e até displicente ao expor seus alunos aos perigos que podem ser encontrados no contato das crianças com animais selvagens, como vemos no acontecido com Cirilo.

ANEXOS

NOTA: Registros deixados para futuras pesquisas

A Jornal Argentino Clarin

<http://edant.clarin.com/diario/2000/03/05/c-01003d.htm>



Una historia inolvidable

Si madre hay una sola, en cambio, Jacinta Pichimahuida hubo muchas desde su debut en 1966, por la pantalla de Canal 9. Escrita por Abel Santa Cruz, aquel primer elenco fue encabezado por Evangelina Salazar, la maestra de delantal blanco y gesto angelical que recomendaba a sus alumnos: Los que se portan bien, van al cielo. Los que se portan mal, al infierno. Entre las blancas palomitas que poblaban el aula, figuró María del Carmen Valenzuela, en el papel de Etelvina Baldasarre. En esta primera versión, el alumno Palmiro Caballasca fue interpretado por Oscar Elizarán. En 1968 y por el mismo canal, Silvia Mores reemplazó a Evangelina, quien, luego del casamiento con Palito Ortega, fue convocada por Canal 11 para integrarse al staff de La pícara soñadora. Una tercera versión de Jacinta (1974) recayó sobre María de los Angeles Medrano, quien además protagonizó la fotonovela homónima (52 capítulos semanales) y la versión cinematográfica. El filme (1977) lo dirigió Enrique Cahen Salaberry y secundaron a Medrano las, por entonces, niñas Graciela Cimer y Gabriela Toscano. La cuarta versión fue rebautizada como Señorita maestra (1983) y para cubrir el rol de Jacinta Pichimahuida se llamó a Cristina Lemercier. El rol de Etelvina, una vez más, estuvo a cargo de la ya fallecida Graciela Cimer. En 1995, cuando murió Abel Santa Cruz, la cadena Televisa ponía en el aire Carrousel, la versión mexicana de la inmortal Jacinta Pichimahuida

B- Jornal Argentino – Página 12

Página12

◀ | ▶ Viernes, 10 de febrero de 2006 | Hoy

VERANO12

ABEL SANTA CRUZ



Por Sylvia Saíta y Luis Alberto Romero

El guionista y autor teatral Abel Santa Cruz nació en Buenos Aires en 1911. Graduado en la Facultad de Filosofía y Letras con medalla de oro, escribió guiones cinematográficos, más de sesenta piezas teatrales e innumerables radioteatros, donde abordó diferentes géneros: comedias románticas, melodramas, musicales, comedias costumbristas. En 1939 escribió su primer radioteatro, Doña Oliva al olio, para Radio Belgrano, y al año siguiente debutó en cine con el guión de Un señor mucamo. En 1942 comenzó su labor teatral con Esta noche, filmación, interpretada por Tita Merello y Augusto Codecá. Fue en 1946 cuando obtuvo su primer éxito de público con el programa radial ¡Qué vida ésta, señor!, suceso al que le siguió ¡Qué pareja!, también en radio. Mientras tanto, escribió, bajo el seudónimo de Lépido Frías, en la revista Patoruzú. En los años cincuenta, llevó al teatro las obras Los ojos llenos de amor, con Angel Magaña, Ladroncito de mi alma, comedia con pasajes musicales, con Lolita Torres, Juan Carlos Mareco y Ramón Garay, Los maridos de mamá, y batió un record al escribir en sólo tres días Hay que bañar al nene, interpretada unas semanas después por Juan Carlos Thorry y Berta Ortigosa. En 1952 debutó en televisión con Cómo te quiero Ana, interpretada por José Cibrián y Ana María Campoy, al que le siguieron Nuestra galleguita (después Carmiña), Nostalgias del tiempo lindo (después Malevo), Doctor Cándido Pérez, Jacinta Pichimahuida, Papá Corazón, Pinina quiere a papá, entre otras. En cine, trabajó con diversos directores cinematográficos, como Saraceni, Schlieper, Ayala, Carreras y Cahen Salaberry. En el momento en que se le realizó esta entrevista, había escrito los guiones de setenta y cinco películas, entre las que se destacaron Los

maridos de mamá (1955), Catita es una dama (1955), Quinto año nacional (1961), Testigo para un crimen (1963), La familia hippie (1969), El profesor hippie (1969), Papá Corazón se quiere casar (1974). La entrevista, que duró cuatro horas y se publicó bajo el título “Abel Santa Cruz: ‘que la historia termine bien’”, se llevó a cabo en dos encuentros: el primero en diciembre de 1973, y el segundo a mediados del año siguiente. Se realizó poco antes del estreno de la película Carmiña, su historia de amor, que provenía del éxito del teleteatro. Casado y divorciado varias veces, a los sesenta y cinco años se unió a Eve Ziegler, una actriz que declaraba públicamente haber dejado todo por él. Murió en Mar del Plata el 4 de febrero de 1995.

La guionista cinematográfica Aída Bortnik nació en Buenos Aires en 1938. Fue profesora en las cátedras de Guión Cinematográfico en la Escuela Grupo Profesional de Cine (1979 a 1981), en la Escuela Superior de Artes Cinematográficas (1981 a 1983) y en el Taller de Autores Teatrales y Cinematográficos (1981 a 1983). Es miembro fundador de Teatro Abierto y participa en el Consejo Académico de la Universidad del Cine. Publicó La isla (1979), Papá querido (1981), Primavera (1984), Domesticados (1982). Escribió los guiones de las películas La tregua, Una mujer, Crecer de golpe, La isla, Pobre mariposa, La historia oficial, Tango feroz y Caballos salvajes.

C – Publicação por ocasião do dia do professor na Argentina

10/09/2013

<http://www.rosario.sadop.net/article/showArticle?contId=2712>Feliz día Del Maestro... De Jacinta Pichimahuida a Carlos Fuentealba

Por Martín Lucero - Secretario General SADOP Rosario



Jacinta Pichimahuida, sus historias y la de sus alumnos acompañaron parte de la infancia de muchos de nosotros. Apoyada claramente en el estereotipo de la maestra que hace de su trabajo un apostolado, de manera abnegada y servicial, su compromiso con los problemas sociales puede advertirse desde algún conflicto surgido en el seno familiar de algún protagonista de la serie. Pero nunca vimos a la abnegada Jacinta hacer un paro, caminar en una marcha o reclamar por alguno de sus derechos laborales. Jacinta participando de una huelga hubiera sido un capítulo de "colección". Quizás demasiada transgresión para la época. Y un mensaje fuerte para los parámetros político culturales del momento. Además, "Señorita Maestra" era una "ficción" y no tenía por qué reflejar la realidad con precisión "documental".

Sin dudas la actualidad del trabajo y la profesión docente poco tienen que ver con el "Modelo Señorita Maestra". Las demandas sociales emergentes, y cada vez más complejas que la realidad impone, dejan poco margen para la neutralidad ideológica del docente. Mucho menos para pensar la escuela como una fortaleza donde los problemas quedan en la puerta. Es imposible educar prescindiendo de los compromisos que impone la realidad: trabajar por la inclusión social, reclamar mayor inversión del Estado en bienes e infraestructura, exigir la permanente mejora de las condiciones salariales, de trabajo y formación profesional, demandar la implementación de planes que fomenten la equidad educativa y la igualdad de oportunidades, son reclamos que ocupan la agenda docente.

La imagen de la Carpa Blanca, los actos contra las políticas de ajuste de los noventa, las movilizaciones en ocasión de reivindicaciones gremial integran el acervo simbólico de un gremio docente que asume la lucha en defensa de la educación como bandera propia y como demanda social.

Es raro ver cómo muchos detractores de los maestros hablan con un sesgo despectivo de la "proletarización docente". Acusan a los maestros de pensar más en "sus intereses sectoriales" que en el bien común y exhiben como prueba que "no les importa dejar los niños sin clases". Y de manera enfática sostienen que ya no se trabaja "por vocación". Paradójicos

razonamientos que no se sostienen en la cotidianeidad: ¿Qué más fuerte que la vocación de trabajar por el otro y el futuro de la patria que la de ir a enseñar todos los días en un contexto social cambiante y demandante, muchas veces en condiciones desfavorables y con una limitada cantidad de herramientas o recursos que provee el Estado? Hace falta mucha vocación para encarar semejante tarea. Y mucho espíritu de lucha para rebelarse contra la realidad y tratar de mejorarla. Hay incluso quienes, como Carlos Fuentealba, han dejado su vida en esa militancia.

Quienes oponen es su ideario el "Modelo Señorita Maestra" al "Modelo Docente Proletario" cometen varios errores, pero principalmente dos. En primer término la lucha por las convicciones no puede entenderse como negación de la vocación. Y en segundo lugar Jacinta Pichimahuida era un personaje de ficción que representaba un estereotipo de maestra, mientras que Carlos Fuentealba fue un maestro de verdad, comprometido con su valores e ideales. Un hombre de su tiempo.

Es por eso que en este Día del Maestro, y en homenaje a todos los educadores, enarbolamos con orgullo y determinación el mandato que dice "Educamos por vocación y Luchamos por Convicción". Vocación por formar a los argentinos de hoy para que se puedan realizar con plenitud y equidad en nuestro país.... Y Convicción de luchar todos los días por un país justo, inclusivo e igualitario.

A todos los compañeros que abrazaron con innegable compromiso y amor la tarea de educar al prójimo: Feliz día... Y Gracias.

D- Publicación de la versión primaria de la novela en la Revista Patoruzú



“Cuando miré aquel retrato largamente... (Macedonio Fernández, “Pasajes de recién nacido”).”

DONACION

Cayeron los torrentes de aplausos

habló del arte, de la pobreza, de la perseverancia, halló manera para recordar que el cronista de “Ultima Hora” era sobriamente suyo y que todo eso se lo debíamos a él y luego, sin razón aparente, cantamos “Salve, argentina, bandera azul y blanca” y “Fue la lucha tu vida y tu elemento.”

Apenas hablamos terminado de beber cuando vino el portero con una noticia fabulosa: ¡Jamaban de “Ultima Hora”! Bola Herrera, dándose una importancia horrible, corrió a atender. Luego salió al patio y nos hizo formar nuevamente.

—¡Niños!... dijo— ¡Una gran noticia! La casa de música Max Gluckman, enterrada del problema que sufre este artista pobre... ¡scaba de donar un bandoneón, que le será entregado mañana. Hubo un alarido, aplaudimos, dejamos caer sobre las espaldas de Cirilo Tamayo una montaña de palmas o de trompas que pesaban como adobe. Bola Herrera pidió silencio.

—¡Y hay algo más, niños! Nos rois la impaciencia y de ahí mismo en obituario se llegó al silencio.

—¡Dejen oír, dejen oír!

—El director del diario me pide que mañana el alumno Tamayo sea acompañado por una delegación de su grado, con la señorita Jacinta y sus padres! La sinfonia no había sido perfecta y primero supusimos que deberían acompañarnos los padres de la maestra. Pero el niño negro había entendido y así lo gritaba, chorrando orgullo.

—¡Vienen mamá! ¡Vienen papá!

Nosotros estábamos sobreexcitados hasta la locura. ¡La delegación! ¿Quiénes formarían parte de la delegación? E iba un tumulto, un aproximarse en masa al director.

—¡Yo, señor! ¡Yo, señor!

Tincho Zabala puso dos dedos en alto impudientemente repentina compostura.

—A mí me parece, señor... —dijo— que deben acompañar al niño Cirilo Tamayo los que tocan en la orquesta. Recordaré la orquestista nacida gracias al espíritu de iniciativa de Ignacio Favieri, prohibida fanáticamente por la señorita Nevaras y causante, a la postre, de toda esa excitante aventura. Hubo ses y ses de desconcierto pero el director aplaudió la idea y entonces quedó constituido el equipo que sería protagonista o testigo del suceso: Ignacio Favieri, serrucho; EbeVina Balasarre, guitarra; Strabucoo, triángulo; Tincho Zabala, piano; Canuto Carbio, armonía. El niño de primero superior, que tocaba el violín, cuando supo que debería ir a un diario cayó en tierra y lloraba de tal manera y con tanta fuerza que para cubrir su plaza, me eligieron a mí.

Cuando salimos de la escuela, ese día, Cirilo Tamayo corrió en busca de sus padres para darles la tremenda noticia.

Un recuerdo escolar del señor LEFRIO FRIAS

Pero Tincho Zabala lo esperaba en la esquina, sombriamente.

—Cirilo, ome...
—¿Qué quieres?
—¿Vos sabés de veras tocar el bandoneón?

Yo estaba presente y recuerdo, como si la tuviese ahora y aquí delante, la desventurada cara de Cirilo, súbitamente gris.

—No. No sé. Nunca sé. Nunca aprendí. Tincho estaba pensativo.

—¿Y si mañana, en el diario, te piden que toques, vos qué hacés?
El niño negro tenía una fe ciega en sus propias fuerzas y una atroz confianza en la Providencia.

—¡Yo toco! —gimió—. ¡Agarro y toco! Tincho meneó la cabeza.

—No, Cirilo, mañana, cuando vayas al diario, vendate la mano derecha. Si te preguntan algo, decí que te cortaste y que no podés tocar.

Pero ésta es otra historia, como decía el muy estimado Rudyard Kipling.

EN aquel memorable día de 1924, el tiraje de “Ultima Hora” aumentó considerablemente. Casi todos veníamos un ejemplar del periódico, abierto en aquella página maravillosa: Cirilo Tamayo, de guardapolvo blanco y negro rostro ataligado, con un bandoneón sobre las rodillas. El cronista Varaha, sobrino de Bola Herrera, director del colegio, había escrito una nota llena de parrafadas. Ya conocéis el título: “Un artista pobre busca el instrumento que lo llevará a la fama. Es que continúa la lucha de razas en la Argentina?” Y seguían luego dos columnas de apretada escritura en las que consignaba los datos referentes a nuestro condiscipulo. Y terminaba diciendo: “Esperamos que los lectores de “Ultima Hora” respondan con su loable generosidad, nunca desmentida y colaboren para que ese artista en germen, obenga el instrumento que necesita para entegar al mundo, en raudales armoniosos, todo el tesoro musical que atesora su alma.”

No se hablaba en el barrio de otra cosa, y Cirilo Tamayo pasó a ser el rey de la parroquia. Creo que hasta le pedían los autógrafos. Bola Herrera creyó prudente reunir a la escuela en el salón de música y propinarles un impetuoso discurso mientras a su lado estaba de pie el alumno negro, muerto de miedo. Lo había sujetado por el hombro y con cada una de sus ademanes rubios, Cirilo era proyectado hacia atrás y hacia adelante, como una pelota. Bola Herrera

UN DRAMA EN LA AGENDA

P. M. MINCO

Publicar una solitaria
determinando que nuestra
compañía viene
aquando.

19

Pagar facturas de solitarias
frente más aquí al vino

23

UN RECUERDO ESCOLAR DEL D. LEPIDO FRIAS

"El zorro provocaba al perro"... (Roy Chapman Andrews, "Un estornudo en la selva")

Cirilo Tamayo, después de soplarle, a los saltitos, la mano donde lo mordiera el zorro, aulló de rabia y movió y removió con sólidos puntapiés la bolsa del animalito.

—¡Desgraciado! ¡Yo te voy a dar! ¡Morderme a mí! ¡Aprende, aprende!

Cuando la bolsa quedó inmóvil supusimos que Cirilo Tamayo había ultimado el zorro a zapatazos. Nos recorrió una racha de pánico y nos miramos los unos a los otros, pálidos, como en presencia de una horrible desventura.

—Hay que averiguar... —dijo luego Tincho Zabala. Eran las doctas palabras de la prudencia.

—Sí, hay que averiguar.

Otro compañero y yo nos inclinamos, levantamos la bolsa, dejamos escurrir el cuerpo de Barrullo, que permaneció en tierra, con los ojos cerrados, inmóvil hasta el horror.

—¿Viste? —gemía Strabucco, con su gran nariz que apuntaba al cielo—. ¡Lo mataste, criminal asesino! ¡Lo mataste!

BOCADILLOS FACILES

Por FERRO



—Yo salgo mañana para Europa, constructor... pero ya sabe... ¡Quiero una buena casa! ¡No me escatime hierro! ¡Mucho cemento! ¡Carteras de primera! ¡Mucha cerámica!

LOS PERROS



Nos agachamos para observar de cerca al infeliz animal sacrificado por la cólera de un irresponsable. Fue entonces cuando alguien dió el grito de alarma:

—¡Se mueve!

—Ah, nosotros, nada más que cándidos ejemplares de la raza humana, desconocíamos la astucia del zorro! Ignorábamos que a menudo "se hacia el muerto". De improviso, como disparado por una cerbatana, atravesó el aire, vivo hasta el delirio, y empezó a correr Ramon Falcón arriba mientras nosotros íbamos tras él, a las zancadas, con alaridos que levantaron al barrio en vilo:

—¡Atajen!

—¡Es un zorro! ¡Está vivo!

—¡Atajen, atajen!

¿Quién podría atajar al viento? Una buena señora que volvía de la feria, con la bolsa de hule, arrojó al aire las hortalizas recién compradas, dió alaridos de horror e intentó intructuosamente subir a un árbol.

Entonces aparecieron los perros. De improviso, porque sí, como si obedecieran a un código inapelable, olieron al enemigo tradicional y de cada puerta, de cada hueco, de cada árbol, de cada meandro del barrio en armas, surgió un perro loco de rabia, de gula y de sangre que echaba a correr detrás del zorro, desgarrando el aire con ladridos como batallas. Barrullo no perdió la cabeza. Al llegar a la esquina de San Pedrito, dobló a la izquierda, mientras tras él aumentaba el infierno de los gritos, los ladridos y el redoble cada vez más horrible de la persecución. Luego tomó por Rivadavia, otra vez a la izquierda, pasó como una flecha frente al cine Minerva, cruzó la bocacalle y de improviso estuvimos otra vez en José Martí.

—¡Atajen, atajen!...

Había allí un garaje inmenso y flamante, donde llega-

¡ESA VIEJA ENEMISTAD ENTRE ZORROS Y PERROS!

ba y desde donde partía el ómnibus ocho, que entonces era de color rojo. Allí se metió el zorro, con la barandina detrás, através dos hileras de botellas de kerosene que cayeron y se rompieron con estrépito y de pronto, increíblemente, mágicamente... ¡desapareció!

Sí, desapareció. ¡Cosa de brujas! Los perros acudieron en vano a su olfato ancestral, castigado y desdibujado por los vahos de la ciudad, a base de nafta, aceite quemado y lavandina. Inútilmente requisamos hasta el último rincón del garaje. Nada. ¡Nada! Los perros, al final, se retiraron con la cola entre las piernas y mirándose con desconfianza. Cirilo Tamayo lloraba apoyado en el surtidor de nafta. ¡Nada! Barrullo se había evaporado.

¿Evaporado? ¡Caramba, no! Porque en la "Crítica" de aquella noche pudimos leer un epígrafe que decía: "Ex-cándalo producido por un zorro en el interior de un ómnibus de la línea Ocho. Mordió a dos personas". ¡Se había escondido abajo de un asiento, el muy animal! Y apareció entre las piernas de un italiano verdulero justo cuando el ómnibus se detenía en la esquina de Rivadavia y Camacurá.

¡NOS TIENTAN!...

Por BATTAGLIA



UN RECUERDO ESCOLAR DEL DR. LEPIDO FRIAS



"¿No tiene vida más que decirme?" (T. S. Blot, "Cooktail Party")

A quifaza era una preciosa y una atrocidad encrucijada. Jacinta Pichmahuida había elegido como temas de redacción para el examen de fin de curso "Los bomberos" y "Retrato de mi maestro". Ah, infausa decisión del destino! Yo era tema "Los bomberos", pero mi corazón ardió por atrapar el otro asunto y desarrollarlo con mi infinito amor en él. Llegué, entonces, a una determinación increíble: yo sería temas A y B, yo escribiría primero uno, el que me placía sin perturbarme, y luego el otro, el que me pertenecía sin satisfacción. Me arrojé sobre la página como el náutrago sobre la paeila.

Mi descripción de la Jacinta y sus alrededores excedió la frontera de la simple admiración infantil, hizo añicos a todas las aduanas pueriles y convirtiéase, sin demerito, en pieza digna de compararse, en farvor, a lo que el Dante escribía sobre Beatriz, o Petrarca sobre Laura. Pues conseravo prolijamente un rimerro de cuer-

LA INFRACCION

nos y de carpetas escolares, extraligo aquella tejana página, amarillenta ya, y señalo en ella, para vuestro aplauso, sentencias como estas:

"Sus manos son como las flores del jardín de la pedagogía", "Cuando ella sonrre nuestros corazones cantan", "Su pelo... sus ojos... sus dientes... su voz". Creedme, me meta miedo. Y terminaba yo de poner punto final y aprestábame a desarroliar el segundo tema, cuando la sangre se me convirtió en una subbita y helada salsa. Porque había sonado la campana y la Jacinta daba palmades y decía:

—Terminó la hora. A entregar los exámenes. ¡Pronto, niños! ¡Bos exámenes! ¡A entregáelos, a entregáelos!

Entregué mi examen, con el corazón convertido en un andrujo. Pasada ya la euforia sobrevenía el espanto. Había cambiado de tema y vosotros, los que tenéis dardes que el cambio de tema fué castigador con el lápiz rojo, implecable dibujador del in. Durante una pausa apóstata renegué de mi locura. Era el examen de fin de curso y para satisfacer mi ternura yo mismo me clavaba en la cruz. Intenté una vaga y una balbuceante defensa:

—Señorita, señorita...

—¿Qué quieres?

—Yo quise hacer los dos temas y no me alcanzó el tiempo.

La Jacinta no interpretó el horror de mi situación, ignoró que había traspuerto

el orden de los temas legítimos y me respondió, con una sonrisa:

—No importa. Mientras haya escrito el tugo.

¡Oh, Dios! Me resigné a la catástrofe y esperé la sanción de la maestra con un estoicismo japonés. Pasaron dos días, dos largos días en que peded un obstinado haza kiri. Luego la Jacinta corrigió los exámenes y trajo a clase el fajó de páginas manuscritas, cubierto con tapas de cartulina celeste. Lo depositó sobre la tabla del escritorio y empezó a leer las notas. A medida que se aproximaba a mí, yo me iba achicando dentro del papiete y cuando pronunció mi nombre, quedé hecho una anecha, un despedazado protozoario que recobró sus formas y se enderezó como una pértiga cuando aquella bonita voz de carnelito dijo:

—Suficiente.

—¿Cómo? Es que Jacinta Pichmahuida, linace infalible que descu- bria a diez pasos una tífide mal puesta o la ausencia de una coma, dentro del fárrago más intrincado, no había advertido mi substitución? Levanté mis ojos arrasados al mismo tiempo de espanto, de incredulidad y de gozo y al comunicarlos con la mirada de ella, comprendí.

—Suficiente.

Porque en los ojos de la maestra oscilaba una lucecita de gratitud, de satisfacción y, sobre todo, de coquetaría halala.

ES INTERMINABLE EL ETERNO FEMENINO

gada y complacida. Después la Jacinta acomodó sin necesidad un manajo de bucles dorados, carraspedó dos veces—hasta la carraspera sonaba lindo en ella— y me entregó estas palabras que sólo entendíamos ella y yo:

—Muy bien. Has escrito muy bien. Cometiste una pequeña incorrección, pero como los motivos fueron muy nobles... voy a disculparte. ¡Por esta sola vez!

¡NOS TIENTAN!...

Por BATAJUA



E- Noticia publicada em jornal por ocasião da apresentação do *remake* da novela na argentina

18.00 (9) JACINTA PICHIMAHUIDA

RETORNO

Vuelve hoy este tele-teatro ideado por Abel Santa Cruz, que en sus comienzos fuera protagonizado por Evangelina Salazar, y que mantuvo siempre tan entretenidos a los chicos con las historias que transcurren en un colegio de barrio. La maestra trata, por todos los medios, de poner solución a los problemas de sus alumnos ya sea en el establecimiento o en los hogares de los pequeños. En esta oportunidad, la historia se desarrolla en el último año primario, donde al finalizar el período lectivo cada uno tomará un rumbo distin-



to. La obra es interpretada nuevamente por Cristina Lemercier, a quien acompañan Laura Tuny, Julio Silva, Gloria Torres y Omar Lefosse, entre otros.

F- Publicação em revista de notícias sobre Abel Santa Cruz por ocasião do 40 anos da Televisão Argentina

ABEL SANTA CRUZ

MAESTRO DE MAESTRAS



Es uno de los reyes de la telenovela argentina y acaba de vender los derechos de veinte obras a la televisión mexicana por más de dos millones de dólares. Carrusel, la versión de Televisa de Jacinta Pichimahuida, se convirtió en un éxito en Brasil y llegó a puntos tan distantes como Turquía, Japón, Corea del Sur y Portugal. Aquí apenas supera los dos puntos de rating.

Jugador por herencia, hincha de Boca por camiseta, escritor de telenovelas de profesión y ahora millonario en dólares, Abel Santa Cruz está radiante: acaba de vender a Televisa los derechos de veinte de sus obras. "Es un contrato para no trabajar nunca más en la vida", asegura este hombre cuya pasión declarada es el ocio. Dos millones doscientos cincuenta mil dólares es la cifra que decidió a Santa Cruz a abandonar su vieja máquina de escribir. Mientras tanto, Televisa —el canal mejicano monstruo— se ocupa de sacarle jugo al contrato. Carrusel, la versión mejicana de la antológica Jacinta Pichimahuida de los años 70, más tarde convertida en *Señorita Maestra* de la mano de Cristina Lemerrier, está dando la vuelta al mundo. Brasil, Japón, Corea del Sur, Turquía, Portugal son algunos de los países que ya se rindieron frente al encanto simple —¿facil arriesgaría algún crítico?— de la dulce maestra. En Brasil, hasta el presidente Collor de Mello recibió a la versión mexicana de Evangelina Zalazar: Gaby Rivero. El entusiasmo de los cariocas por Carrusel hizo incomodar a la red O Globo. La novela superó ampliamente en rating a su noticiero.

El extraño regreso de Jacinta Pichimahuida

Nada se pierde, todo se transforma, podría ser su frase de cabecera. Fiel a su costumbre de sacarle horas al trabajo para hacerse una escapada a Las Vegas (ya fue veinte veces en 16 años), ir a ver fútbol o box, escuchar tangos o leer a Sábato; fue un maestro en reciclar sus trabajos. Sus obras



Gaby Rivero, la actriz mexicana que interpreta a Jacinta y sus alumnos. A Santa Cruz le gustaba más la versión local, de las que prefiere la primera.

parecen bolas de nieve, a medida que pasa el tiempo cosechan más ganancias. Su maestra "esa que me dio tantas satisfacciones", comenzó a escribirla en los años 40 en la revista *Patoruzú*, y se inspiró en su propia historia. Jacinta Pichimahuida se llamaba su maestra del primario y el autor asegura que era tan bondadosa como su versión televisiva, "aunque gorda y matrona". Jacinta Pichimahuida, *Señorita Maestra* —en la Argentina— y *Carrusel* en México fue la zaga en televisión. *Papá Corazón*, otro éxito de los años 70 con Andrea del Boca y Norberto Suarez, se transformó, Televisa mediante, en *Mundo*

de *Juguete*. Hoy, la misma idea de esa tira pero de diferente autoría, encabeza la tabla de posiciones en la carrera del rating: *Regalo del cielo*. Hace un mes en México se estrenó una novela suya, *La pícaro soñadora* basada en una película que hizo en el año 55 con Mirtha Legrand y Alfredo Alcón. La famosa *Nuestra Gallegui-ta*, ya la había hecho en radio como *María Sombra*, más tarde fue *Carmiña*, en Brasil se conoció como *La muchacha que vino de lejos* y en Perú se grabó nuevamente con el nombre de *Natacha*.

Santa Cruz expone a manera de excusa una teoría según la cual sólo existen 23 situa-



MAESTRO DE ...

su vida de estudiantes sin pelos en la lengua". Ese día suspiró aliviado, la realidad pintada por sus nietos no llegaba a ser tan irritante como la que presentaba Socorro. Abel Santa Cruz, con cinco matrimonios en su haber, cuatro hijos y doce nietos, sigue siendo un moralista, y un buen padre, a su entender. "Ninguno de mis hijos pone bombas ni fuma marihuana, con eso me conformo", afirma. El sexo y las malas palabras en televisión lo aburren. Programas como *Atrévete* le parecen buenos pero con exceso de sexo. Prefiere las comedias blancas, sus preferidas son: *Amigos son los Amigos*, *Grande Pa* ("es el Cándido Pérez que yo hice hace mucho tiempo"), *Los Libonatti*, *La Familia Benvenuto* y sobre todo *Siglo XX Cambalache*.

Su buen ojo para los negocios está a la vista, pero también le tocó perder plata. "Con *El Oriental* estuve gil. Perdí un montón de plata. Se lo vendí por unos pesos más a un empresario peruano, y fue un éxito en toda Latinoamérica y en la costa oeste de los Estados Unidos. Yo pensaba: una novela ambientada en 1927 en Buenos Aires... *Alvear*, *Yrigoyen*, *Lisandro de la Torre*, el tango, los malevos, la timba... Jamás podía funcionar en el exterior, y mató". En Estados Unidos, cuando viajaba con su mujer, Eve Ziegler, 30 años menor y actriz en *El Oriental*, la gente la reconocía. "Una vez en Las Vegas nos tocó un tirador cubano que presumía de haber estado en la mafia en la época de Batista. Sabía de tango una enormidad y su novela preferida era *El oriental*. Hasta le pidió un autógrafo a mi mujer, pero el muy desgraciado no nos tiró ni una bola". Es un jugador desafortunado pero perseverante, lo lleva en la sangre. Su padre ganó La Grande cuando él era chico y cambió su destino de humilde zapatero y toda la familia pasó a vivir en el barrio de Flores. Se enorgullece de haber podido estudiar y aun hoy sigue viéndose con sus compañeros del Normal ("con los que quedan vivos, claro, aunque son bastantes, unos 18 o 20"). Uno de ellos, el más ilustre, era Julio Cortázar. Juntos se recibieron en el 32. Compartían la pasión por el box y juntos iban a las peleas de Justo Suarez, el Torito de Mataderos. Luego, no solo los caminos literarios fueron opuestos, también la vida los separó. "Lo vi algunas veces en París, pero él ya estaba muy alejado de nuestras cosas. Por ejemplo, en vez de Escuela Normal decía Escuela de Papagayos... Ya una vez que dijo eso nos causó muy mala impresión". Ahora es millonario y no sabe bien que hará con tanto dinero. Por el momento colecciona lechuzas que, hasta que algo le demuestre lo contrario, le traen toda la suerte que puede desear.

Constanza Brunet
Fotos: Alejandro Querol



La esposa del gobernador Ramón Palito Ortega cuando era Jacinta. Evangelina Zalazar es la preferida del autor.

UN CARRUSEL DE JACINTAS

Una niña rica, petulante y algo racista, un niño negro y pobre enamorado de ella, un gordito centro de las cargadas y una maestra dulce y hermosa que los quiere a todos. ¿Quiénes son? Cualquiera argentino se apurará a contestar: Etelvina Baltasarre, Cirilo Tamayo, Palmiro Caballasca y Jacinta Pichimahuida. Para los fanáticos de *Carrusel* —que por el momento no alcanzó éxito en la Argentina— los nombres son otros, pero la historia permanece. María Joaquina, Cirilo, Jaime Palillo y Ximena Fernández son el grupo que en la ficción sufre y ríe todos los días en países tan disímiles como Brasil y Japón, Portugal y Turquía. La intérprete mexicana es Gaby Rivero. Sus antecesoras argentinas fueron: Evangelina Zalazar (la preferida del autor, "¡Era tan dulce!"), María de los Angeles Medrano y Cristina Lemerrier. Las consentidas Etelvinas fueron dos: Mariquita Valenzuela y Graciela Cimer, quien en 1989 se suicidó tirándose de

una terraza.

Otros alumnos siguen gozando de fama: Pablo Codevila, Daniel Lago y Gloria Carrá.

Abel Santa Cruz prefiere las versiones argentinas a *Carrusel*: "La veo un poco lenta, los chicos recién empiezan y los veo vacilantes. Lo que pasa es que actores como los argentinos no hay, la velocidad, la inteligencia, el sentido europeo que tienen. Eso sí, ellos nos matan con la producción". En *Carrusel*, por ejemplo, armaron una carrera en autos de verdad en miniatura entre dos chicos en el autódromo de la ciudad de México.

En los años 80, decreció en Argentina el interés por las aventuras y desventuras de las "palomitas blancas", ahora *Carrusel* vuelve a la carga pero ya nada es lo mismo. Eso parece decirle el público con el promedio de 2.5 puntos de rating que consigue diariamente el ciclo mexicano.

Jacinta x dos: A la izquierda María de los Angeles Medrano y abajo la última maestra argentina, Cristina Lemerrier (se llamó Señorita Maestra)



G – Síntese do capítulo 63º da telenovela na Argentina

"SEÑORITA MAESTRA"

(JACINTA PICHIMAHUIDA)

AUTOR: ABEL SANTA CRUZ

CAPÍTULO 63º

SÍNTESIS:

Jacinta se hizo cargo de sexto grado. Los chicos agradecen la acción de la señora Bengoa. Susana y Alfredo Batallán, padres de Jorge, comentan la posibilidad de inscribirlo en una escuela del municipio. Madre e hijo se oponen pero Batallán resuelve inscribirlo en la escuela del barrio, la de Jacinta Pichimahuida.

REPARTO:

PABLO
 JACINTA PICHIMAHUIDA
 ANSELMI *FERNANDO FLORENTIN*
 EFRAIN
 SECRETARIA
 DIRECTORA
 ETELVINA
 SIRACUSA
 MECHE
 PALMIRO
 CAROLA
 † ETELVINA
 CIRILO
 TITO
 GABY
 ANA
 CARMEN
 STRABUCCO
 KIMOTO
 ADRIAN
 CLAVELINA
 CATALINA
 MARÍA LUISA BENGOA
 IRMA
 CRIADA
 ROMUALDO
 PANCHO
 ELOÍSA
 JORGE
 SUSANA
 SEÑORA MATATEU
 FELIPE
 ALFREDO BATALLÁN
 CECILIA
 AMANDA
 FERMINA

POLICÍA EXTRA
 ALUMNOS EXTRAS

ESCENOGRAFÍA:

25-3-83

Elenco:

- Cristina Lemercier.....Jacinta Pichimahuida.
- Omar Lefosse.....Palmiro Cavallasca.
- Marcelo Fabián (Fabián Rodríguez).....Cirilo Tamayo.
- Teresa Galatti.....Carola Quiñones.
- Fernando Florentín.....Pedro Anselmi.
- Gabriel Canci.....Tito Zabaleta.
- Graciela Cluso.....Carmen Caricatti.
- Gabriel González.....Canuto Carsio.
- Gloria Torres.....Clavelina Carsio.
- Alejandro Jarak.....Coco Strabucco.
- Gloria Carrá (ó Curra).....Meche Ferreyra.
- Marcelo Piraíno.....Jorge Batallán.
- Laura Tuny.....Etelvina Baldasarre.
- Julio Silva.....Siracusa.
- Roberto Barchetta.....Juripuri.
- Andrea Rodríguez.....Bibi Smith.
- María Fernanda.....Valentina.
- Patricia Castell.....Señora Directora.
- Norma Angeles.....Madre de Meche.
- Jorge Barreiro.....Dr. Baldasarre.
- María Danelli.....Amanda Baldasarre.
- Hernán Belarde.....Pablo Marciano.
- Ricardo Castro RíosAlfredo Batallán.
- Rey Charol.....Juan Tamayo.
- Sonia de Rosa.....Paula Tamayo.
- Héctor Fernandez Rubio.....Efraín, el Portero.
- Stella Maris Lanzani.....Fermina.
- Nené Malbrán.....Eloísa Cavallasca.
- Dora Luján Martínez.....Sra. Matateu.
- Romualdo Quiroga.....Señor Cavallasca.

H – Propagandas da telenovela na Argentina

CRISTINA LEMERCIER
en
SEÑORITA MAESTRA
de ABEL SANTA CRUZ

Con
HECTOR FERNANDEZ RUBIO
como EFRAIN

y la actuación especial de
ROMUALDO QUIROGA

REPARTO

CAVALLASCA	Omar Lefose
CIRILO	Marcelo Rodríguez
TITO	Gabriel Canci
ANSELMI	Fernando Florentin
SIRACUSA	Julio Silva
CAROLA	Teresa Galati
CARMEN	Graciela Clusó
CLAVELINA	Gloria Torres
ETELVINA	Laura Tuny
MECHE	Gloria Curra
ANA	Fabiana Tuny

DIRECCION
martha reguera

SEÑORITA MAESTRA
La gran creación de ABEL SANTA CRUZ

con **CRISTINA LEMERCIER**

DE LUNES A VIERNES



TELE 2 DOS
El canal de las noticias



LOS N° 1 ESTAN EN EL 2

I – Apresentação dos atores da telenovela em Praça Pública e num estádio na Argentina



J - Álbum de figurinhas da novela



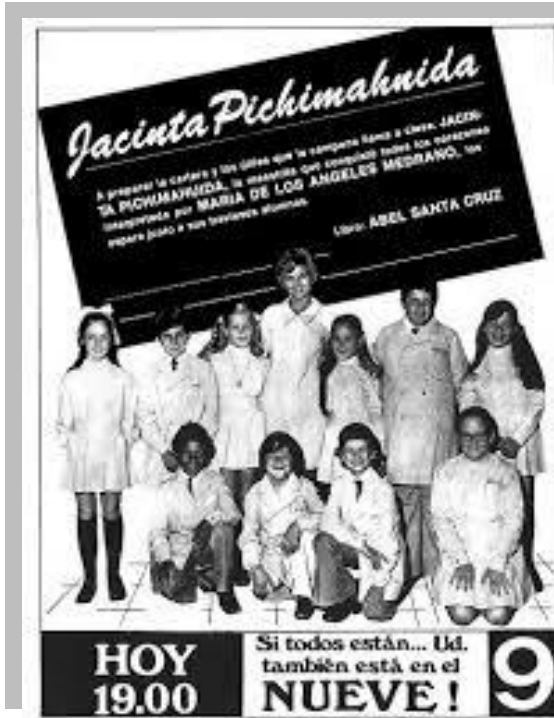
K – Capa da revista tv que exhibe a “senhorita maestra” e seus alunos – 15 de abril de 1983, Buenos Aires, Argentina; Propagandas



L- Página no facebook “senhorita maestra – 32 anos” – criada e mantida pelo ator Omar Lefosse, que fez o papel de Palmiro Caballasca – o Jaime na versão brasileira.



M – Propaganda da telenovela –



PARA ESTA MAESTRA NO HAY VACACIONES

Una versión de Jacinta Pichimahuida renovada comenzó a emitir ATC bajo el título de "Señorita maestra", guión perteneciente a Abel Santa Cruz, protagonizado por Cristina Lemercier. Precisamente charlamos con Cristina quien nos comentó:

—Este es el primer protagonista absoluto de mi carrera y espero no defraudar a quienes depositaron en mí la confianza para llevar adelante el proyecto.

Al pasar recordamos que Evangelina Salazar —concuñada de Cristina—, María de los Angeles Medrano y María del Carmen Valenzuela interpretaron a la dulce maestra, durante otras épocas de nuestra TV por Canal 9.

—Esta versión —prosigue C.L.—, es totalmente renovada, mejor dicho actualizada. Los chicos fueron seleccionados entre una gran cantidad de postulantes. Comenzamos a grabar a comienzos de diciembre



DE LA MANO DE CRISTINA LEMERCIER VOLVIO A LA TV "JACINTA PICHIMAHUIDA"

para tener varios capítulos de reserva. La trama muestra permanentemente la problemática de cualquier chico común que concurre a una escuela más los propios conflictos que debe sobrellevar a nivel personal y profesional un docente.

—Por último Cristina, ¿cómo está tu familia y tu relación con tu marido, Freddy Tadeo?

—Perfecta. Tanto mis hijos —3 en total—, como mi marido están muy bien y eso es lo más importante para mí. Además Freddy, que había abandonado hace tiempo su carrera, ha decidido retomarla y en los próximos meses volverá a grabar. Todos estamos entusiasmados con esta nueva posibilidad artística que se le presenta.

N – A novela também foi para o teatro



ES EL REGISTRO DE... COMO EN TODOS... GRADOS Y TODAS LAS... UELAS, HAY ANGELES... Y DEMONIOS...

TODOS LOS CHICOS SON BUENOS...

NO PUEDO SER TAN OPTIMISTA COMO USTED... LE CONTARE COMO SON ALGUNOS DE ELLOS...

LVINA BALDASARRE... MEJOR ALUMNA... DE MUY... NA FAMILIA... UN... QUITO DESPRECIATIVA...

CLAVELINA CARCIO, UN DESASTRE EN MATEMATICA, LA TOCAN CON UNA PLUMA Y LLORA...

CAROLA QUINONES... COME A TODAS HORAS... ES EL ALMA ROMANTICA DEL GRADO.

ARMEN CARICATI, BUENA ALUMNA... NO HACE MAS QUE... ECER Y ENTENDIDA EN... CINEMATOGRAFO...

MERCEDES FERREIRA... LE DICEN MECHE ¡EL TERREMOTO! SANTAFECINA Y SIEMPRE HACIENDO BROMAS

FITO ZABALA... EL HERMOSO BRUMMEL... LIMPIO DE ALMA, DE CUERPO Y DE ROPA... TODAS SE ENAMORAN DE EL...



CORREO DE FITO



Queridos Amigos:

Entramos en el segundo mes de nuestra revista, y ya hemos recibido muchísimas cartas de ustedes, felicitándonos, señalándonos errores y omisiones, sugiriendo cosas por hacer...

Por eso, desde hoy, yo asumiré la responsabilidad de contestar las cartas de ustedes en esta página, abriendo así un franco diálogo entre nosotros.

Además, les iré informando de todo lo que pensamos hacer, ya que tenemos varias ideas, como la que encontrarán en este número y que es la creación del CLUB AMIGOS DE JACINTA PICHIMAHUIDA, y como otras que incluiremos semana tras semana, para que todos podamos unirnos y expresarnos, en un verdadero vínculo de compañerismo regido por la amistad.

Agradecemos a todos los que nos escriben e invitamos a que lo hagan quienes aún no nos han escrito, que gustosamente responderemos a vuestras inquietudes.

Hasta la próxima semana, amigos!

Fito



FALTA UN PERSONAJE
 "...quiero felicitar a la Revista Fotovisión de Jacinta, pero le reclamo un error ya que compré los primeros capítulos y veo que omiten a un personaje como Anselmi... Creo que la revista está muy bien y también quiero saber la ficha técnica de los pibes que están fabulosos en la TV y en la revista... Prosperidad con la revista en 1975".

José B. Herrera
 LOMAS DE ZAMORA

Estimado Compañero José
 Gracias por tus augurios y felicitaciones para nuestra revista, y te aclaramos que Anselmi será incluido más adelante, ya que como te habrás dado cuenta comenzamos la historia de JACINTA desde el principio, o sea desde 4º Grado. Anselmi "entra" en la obra a partir del 5º Grado, como recordarás, o sea después de estas vacaciones. Supongo que la "ficha técnica" a que te referís son los datos de nosotros. Veremos de complacerte en la sección del CLUB AMIGOS DE JACINTA que hoy comenzamos.

YO YA LAS COLECCIONO
 "...su Revista me gusta mucho... todos los chicos están tan bien como en TV, especialmente Strabucco que me encanta... yo ya las colecciono, así puedo tenerlas completas..."

Julia R. Furgossi
 CAPITAL FEDERAL

Estimada Amiga Julia:
 Gracias a vos también por seguir nuestra revista que tratamos de hacerla mejor cada día, y gracias en nombre de Strabucco. Y ya que mencionás que las coleccionás, te habrás dado cuenta que la numeración de las páginas es consecutiva para que efectivamente puedas tener toda la historia completa.

¿POR QUE HAY DOS JACINTAS?
 "...la Revista está fabulosa y la leí desde el principio y como ví a Jacinta desde que empezó en televisión les digo que está igual que como yo la ví... ustedes tienen a MARIA DE LOS ANGELES MEDRANO que hizo siempre a Jacinta pero ahora en TV la cambiaron... ¿por qué hay dos Jacintas una en la revista y otra en televisión?... sería lindo que fuera siempre la misma..."

Ana María C. Buono
 CAPITAL FEDERAL

Estimada Ana María:
 Agradecemos tus conceptos por nuestra revista y en cuanto a las "dos" Jacintas que te referís, te aclaro que MARIA DE LOS ANGELES MEDRANO, que es nuestra Jacinta en la revista y en la obra de teatro, ya dio explicaciones suficientes por los medios especializados de su deseo de abandonar momentáneamente la televisión. Y como JACINTA debía seguir, la actriz MARIA DEL CARMEN VALENZUELA hizo gentilmente el papel y muy bien. Lo importante es que JACINTA PICHIMAHUIDA es una sola, o sea la maestra amiga y compañera que todos tuvimos, tenemos o deseamos tener.

NO LA CONSIGO
 "...me trajo mi padrino la Revista Jacinta y como yo veo el programa me interesa tenerla siempre... quise comprarla pero no la consigo... quiero que me la envíen todas las semanas o díganme donde puedo comprarla..."

Néstor José Alvarez
 LA PLATA

Amigo Néstor:
 Nuestra Revista salió solamente en la Capital Federal y Gran Buenos Aires, por haberse agotado la edición. Pero ya comienza a salir nuevamente en todo el

país desde el número 1. Así que podrás comprarla semanalmente en el kiosco de tu barrio.

QUE LA REVISTA MEJORE
 "...quiero comentarles mis opiniones sobre la revista... la idea me pareció genial... pero encuentro varios puntos en su contra... mis intenciones son de que esta revista sea perfeccionada... a nosotros los chicos nos gustaría que la revista mejore porque realmente nos interesa muchísimo".

Claudia Mabel Capel
 SAN ANDRES

Estimada Amiga Claudia:
 Debés comprender lo que significa lanzar una revista para tener en cuenta tus observaciones que son correctas en general. Es el deseo nuestro también el perfeccionar la revista al máximo y en eso estamos empeñados, como lo podés comprobar al incluir estas secciones nuevas. En cuanto a una de tus críticas referentes a la repetición de lo que ocurre en los programas de TV, te aclaramos que JACINTA PICHIMAHUIDA en revista es tal cual sale en televisión, ya que es nuestra intención el que todos puedan poseer la historia para siempre.



Agradecemos cartas recibidas de muchísimos amigos más y tratamos de contestar las máximas posibles. Quien quiera escribir a esta dirección, debe hacerlo a:

CORREO DE FITO
 "JACINTA PICHIMAHUIDA"
 Suipacha 190 - 6º piso
 BUENOS AIRES

P - Produtos anunciados na Argentina

Roupas



Maisena:



Había una vez una casita...
con paredes de galletitas, techos de alfajores, chimeneas de caramelos...
y adentro... torta y más torta...
Daba pena comerla... pero estaba riquísima. Y claro, era toda de **MAIZENA**,
preparada especialmente por su Departamento de Economía Doméstica.

Sigue nuestras travesuras todos los jueves, a las 20.30, por Canal 9

MAIZENA es elaborada por Refinerías de Maíz S. A.

Tucumán 117, Capital



Evangelina Salazar, la popular Jacinta Pichimahuida del programa homónimo, maestra ejemplar y "segunda madre" de sus alumnos, accedió gentilmente a una invitación de la firma Maizena que auspicia el programa y concurre, acompañada por todos sus alumnos, a visitar las maternidades Peralta Ramos, Pardo y la del Hospital Fernández en adhesión al Día de la Madre. Evangelina y los pequeños actores se solazaron en el reparto de obsequios a las recientes y futuras madres internadas que recibieron con evidentes muestras de alegría la visita. Así se puso de manifiesto una vez más, la enorme popularidad de que gozan Maizena y "los chicos de la Jacinta" unidos esta vez en una irrenunciable misión de solidaridad social.

Maionese



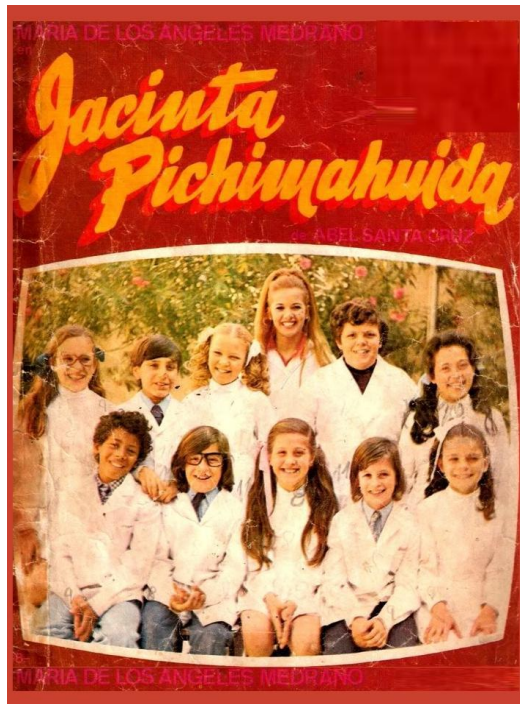
**Será por la coronita
que mayonesa ri-k
se deja comer más?**

Vos sabés
por qué
Ri-k tiene
coronita?

Claro, las cosas
muy buenas
tienen coronita.

Ri-k, la
mayonesa
con coronita
es de
Molinos.

Fotonovelas



Disco de Vinil – Músicas da Telenovela



Filme



PRODUTOS ANUNCIADOS NO MEXICO:

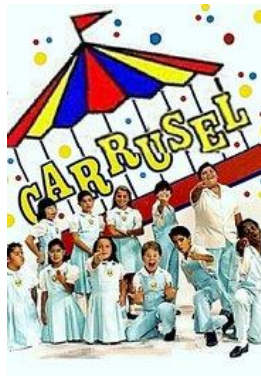
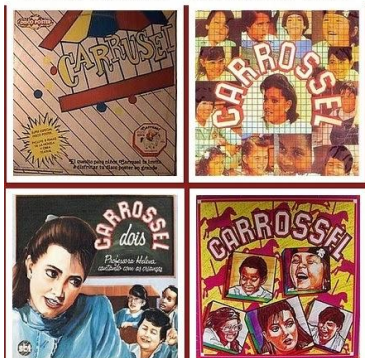
Bonecos



Música em discos de vinil, CDs e DVDs



Trilha Sonora - Carrossel 1991



Q- Blog na Argentina



Vanesa Montacuto para Jacinta Pichimauida Versión: MARIA DE LOS ANGELES MEDRANO.

Queridísimos Jacintófilos:

¿Ustedes sabían que "Visú-Visú", el introito silbadito de la presentación de "Señorita Maestra" tenía letra? Paso a explicarme; no la tuvo en sus inicios, cuando era simplemente un tema instrumental más, para nada vinculado a Jacinta Pichimahuida, pero luego, cuando la serie televisiva se puso de moda, pensaron componer una canción basados en aquella pegadiza melodía. La grabó el conjunto musical infantil "Sport-Billy" (aquel "Parchís" argentino que sólo duró tres temporadas) , precisamente en un LP donde en el lado "A" los "Parchís" eran protagonistas y el "B" se les reservaba a ellos. Ignoro si tuvo el éxito buscado, porque aparte de mí, no conozco a nadie que recuerde esa letra, compuesta penosamente para la circunstancia.

La bautizaron "Querida Maestra" y decía más o menos así:

QUERIDA MAESTRA

Las clases ya comienzan

y con mis amiguitos

volvemos a estudiar

(¡A estudiar!)

Y nuestra señorita,

de franca y fiel sonrisa

un beso nos dará

(¡Al llegar!)

Reír, cantar, jugar

Las horas disfrutar,

de nuestras alegrías

a todos contagiar.

Las clases ya comienzan

y con mis amiguitos

volvemos a estudiar

(¡A estudiar!)

Con muchas alegrías

volvemos a la escuela

con ganas de empezar

(¡De empezar!)

Aprender a leer,

Aprender a escribir

la historia y geografía

del mundo descubrir.

Lalalalalala...(etc, etc)

No está muy jugada, pero algo es algo. Lo malo es que no recuerdo al responsable de la letrita de la cancioncita y mi disco (sí, debo confesar que lo compré...ajem...ajem..) está guardado en un lugar, por ahora, poco alcanzable...así que se los voy a deber para la próxima ¿Me perdonan?

En cambio, les puedo comentar, como curiosidad, que "Visú-Visú", sin letra, está en el LP "Telejuegos", el mismo de "Gomma-Gomma", con Cécile Charré y su perrito Alfonso en la tapa.

Buenas Tardes

VANESA MONTACUTO CHAMINAUD.

Ainda o Blog de Vanesa



El blog de Nostalgiosa - Mi blog - Facebook Twitter Google+ Publicado em 9/11/2011

Jacinta Pichimahuida; entre realidad y ficción

Jacinta Pichimahuida ¿Cuánto de ficción y cuanto de realidad se ocultan en esta sencilla trama de la avispada maestra y su grupo de inquietos estudiantes? Lo necesario, creemos nosotros, como para mantener el interés del público en pie durante más de seis décadas. Las dosis justas de ambos ingredientes han sido utilizados por Abel Santa Cruz y sus colaboradores a la hora de hacer de la historia de "la Jacinta" algo imperecedero y recordado por generaciones.

Por supuesto, se trata en un principio, de una historia verídica: Jacinta Pichimahuida narra las vivencias escolares del mismo Abel Santa Cruz en la escuela Roca y en ella se traza la semblanza de varios de sus compañeros de grado, animándosele también nuestro hombre a resumir en pocas palabras la cultura de los tempranos años 20' y hasta a ejercer un sano derecho a crítica contra cuanto hipocresía se le atravesara en el camino. Todo esto es cierto y puede disfrutarse de un modo especial en su libro "Cuentos de Jacinta Pichimahuida", recopilación - por cierto incompleta - de los relatos cortos con el mismo tema que aparecieron a fines de los años 30' en la revista "Patoruzú", pero también es verdad que la forma en la que Don Abel eligió llevar su pequeña maravilla al público, es ficcional. No me refiero a los hechos, casi todos enteramente verídicos, sino a la glamorización de los mismos por parte de la narrativa del autor y el cierre de cada pequeño capítulo con su conclusión y moraleja, algo que sin ser necesariamente falso, sólo puede ser dado cuando los años traen experiencia y una visión de perspectiva sobre el pasado que necesariamente deben estar ausente al momento de vivir la situación, sobre todo si quien la vive es un chico.

A la hora de trasladar a Jacinta y a sus chicos a la radio, también debió haber un reajuste de la historia original a la narrativa ficcional propia del radioteatro, y si bien no hemos tenido casi referencias de los "queridos oyedores" seguidores de "Jacinta Pichimahuida" en su etapa radial, es probable que allí haya comenzado a perfeccionarse la forma que tomarían los posteriores episodios televisivos. De pequeños aguafuertes porteños, de estudiantina primitiva, la maestra de apellido mapuche y sus Baldasarres y Tamayos, pasarían a

transformarse en personajes de un largo y amado teleteatro, sin perder nada de su realidad de haber sido, pero ya adquiriendo perfiles nitidos de heroes de celuloide

Quedaría, sin duda, la historia de Cirilo comprándole el ungüento mágico a dos compañeros estafadores y racistas, pero Fito Zabala no regalaría ya su violeta prensada a Graciela, sino que quien otorgaría el presente sería Strabucco y habiendo desaparecido la pobre Graciela del aula, la emocionada receptora tomaría el nombre de Meche. También usurparía Coco Strabucco, muchas de las aventuras sucedidas a Santa Cruz en persona...pero claro. Don Abel tuvo la modestia de no incluirse en la telenovela y las historias donde él aparecía hubieron de ser reformadas...

La versión Salazar-Mores, la primera televisada, se mantuvo en su conjunto, bastante fiel al libro original y según cuentan quienes pudieron disfrutarla, fue tierna en un grado que no se vio en sus subsiguientes refritos. Se la tomó como base para "Jacinta Pichimahuida; la Maestra que no se olvida" (1974) y para "Señorita Maestra" (incluimos, como no podía ser de otro modo a "Carrusel", "Carrusel de las Américas" y "Vivan los Niños", adaptaciones mexicanas de la historia argentina), estas dos ya muy ricas en cambios y hasta delirios en lo concerniente a la narración que había servido de punto de partida al radioteatro y la primera puesta en escena televisiva.

La más sorprendentemente ficcional de todas las "Jacintas" - exceptuando "Vivan los Niños", pero estamos hablando aquí de refritos argentinos - fue la de María de los Angeles Medrano, que pese a ser una de mis favoritas, por momentos estuvo a punto de derrapar a causa de sus continuas llamadas a la fantasía. No está nada mal rendirse de vez en cuando a la imaginación, pero a veces, los adaptadores del guión se pasaban en lo que a concesiones se refiere. No voy a incluir en ese desliz al famoso capítulo donde Etelvina Baldassarre era secuestrada, el cual debió resolverse como si el secuestro no hubiera tenido lugar, mostrando a una Etelvina despreocupada y feliz en clase al día siguiente, sin dar explicaciones ni ninguna aclaración pertinente. Al parecer, gente vinculada al poder, había llamado al canal para "apretar" a los responsables de su puesta en el aire, argumentando que el secuestro iba a ser "traumático" para los pequeños espectadores... A mi modo de ver, nada de malo había en mostrar un secuestro siendo éstos moneda corriente en el país en ese entonces...y habiéndose producido, dicho sea de paso, desde la noche de los tiempos, no podían sorprender a nadie el que una hija de un rico integrante de la clase alta argentina fuese privada de su libertad para poder así sus captores pedir rescate.

La ficción "peligrosa" de tiempos de Medrano se orientaba a asuntos bastante más inocentes en apariencia, pero que tornaban el relato en totalmente inverosímil. Esta comenzó a aparecer en "Jacinta..." después de la primera temporada, cuando los espectadores ya la habían consagrado como éxito. Las vacaciones en Mar del Plata - temporada 1975 - fueron un "piedra libre" para imaginar delirios de todo tipo, desde el descubrimiento por parte de los chicos de un grupo de contrabandistas que traficaban obras robadas, hasta el ingreso en un castillo habitado por peligrosos maleantes...El inicio de la etapa escolar puso pañitos fríos sobre la exaltada imaginación de los autores (Santa Cruz ya no estaba a cargo del ciclo), pero hubo algunas incursiones en ridiculeces de este tipo incluso durante la asistencia de los alumnos de Pichimahuida a clases (extraterrestres comunicándose con los humanos por medio de telepatía, más ladrones, pero esta vez interesados en quedarse con los fondos de la escuela y hasta inescrupulosos adivinos cuya finalidad era afanarse cuanto objeto de oro tuviera la gente). Fuera de esto, la versión Medrano es impecable, fresca, simpática y con esos geniales toquecitos de audacia que la hacen única en su género.

Otras historias como aquella de la niñita que moría de tristeza por no ver florecer su jardín (y estaban en pleno invierno) y a quien los alumnos trataban de engañar buenamente plantando flores de papel que luego se transformarían en flores reales, no deja de tener su cuota de poesía, aunque es claramente inverosímil, pero este tipo de ficciones fantásticas no llegaron a ser moneda corriente en "Jacinta Pichimahuida". Por el contrario, no logró evitarse el ridículo al incluir la historia de Cirilo Tamayo y su pato hablador.

Mucho más discreta fue en este sentido "Señorita Maestra", la adaptación de los años 80'. Como en las dos anteriores, hubo "Patrulla Salvadora" - la banda secreta sólo para varones, organizada por los chicos del aula de Jacinta - y esta vez el secuestro de Etelvina pudo verse de principio a fin. Se resolvía muy simplemente: la Patrulla Salvadora la hallaba, gracias al concurso de "Rabito", el perro de Anselmi, los maleantes iban presos y la rubia engreñida se veía liberada. También se mantuvo el episodio en el que la mamá de Etelvina era salvada de una muerte segura por la transfusión de sangre facilitada por la madre de Cirilo...Una gran lección con moraleja, pero ciertamente ausente del relato original de Santa Cruz, ya que las transfusiones no se practicaban aún cuando él asistía a la primaria. Los nombres de los protagonistas de varios de los relatos fueron intercambiados una vez más y la nena inválida de la casona más señorial del barrio será transformada en Catalina, una estudiante dulce y vivaz a un tiempo, que se curará milagrosamente y entrará a formar parte del conocido rebaño de blancas palomitas.

En una palabra, mucho se agregó a las verdaderas vivencias de Abel Santa Cruz, si bien la mayoría conserva el espíritu de sus relatos acerca de sus años de escolar y en su conjunto, el relato no ha resultado perjudicado. Meche, Cavallasca, la Jacinta, y el mismo Don Abel nos sonríen desde una descolorida foto en sepia porque gracias a "Patoruzú", a la radio y a la televisión, ellos no han sido olvidados. Ya han entrado con bombos y platillos a la memoria colectiva argentina. ¿Quién no ha oído nunca hablar de Jacinta Pichimahuida, aún sin tener bien en claro de quién se trata? Y esto no es ya ficción, señores. Se trata de algo real...¡Bien real!

Vanesa.

R- SANTA CRUZ

Entrevista - Entrevistado por Aída Bortnik - Crisis, N° 23, marzo de 1975

–¿Cómo es su familia?

–Yo soy de clase media. De una familia llena de maestros. Cuatro tías paternas y mi hermana se dedicaron al magisterio. También mis cuatro hijos son maestros.

“Entré al primario a los cinco años, aprovechando la influencia de mi tía, en el Colegio Roca. Vivíamos en Montes de Oca, en una casona inmensa con diez habitaciones, de esas que había en Barracas, todavía existe y está tal cual, con sus tres balcones a la calle... Vivíamos allí todos, mis padres, mi hermana mayor, mi abuela paterna, mi tía mimada, que ahora tiene ochenta años, y dos personas mayores, tías de mi padre. Teníamos hasta un sótano y dos pianos, uno de mi tía, otro regalado a mis padres para su casamiento. Eramos una familia muy católica, muy creyente, muy cerrada. Vivíamos de puertas adentro. Me recuerdo como un chico feliz, sin embargo. Siempre he sido alegre y aunque no conocía la calle había otras distracciones. Teníamos una gran biblioteca, sobre todo libros de textos, claro, por las maestras... Todavía recuerdo uno: La moral práctica de Barrau. Y leía mucho Salgari, Julio Verne, Mark Twain, Wells. Para castigarme por alguna travesura, por ejemplo, mi padre me dejaba una semana sin leer. Imagínese, tanto me gustaba... Y yo cumplía ¿eh? No hacía trampas, jamás leía a escondidas. También recibía el Billiken... me acuerdo que lo esperaba con una pasión. Adoraba las aventuras de Pinocho. Un día leí en el diario que Boca iba primero y me hice de Boca, hasta ahora. Yo dije, ¿primero? ¡Esto es para mí!, y sigo siendo de Boca.

–Su familia era muy católica, ¿y usted?

–Yo también, hasta la adolescencia fui muy creyente, muy creyente. Ibamos todos los domingos a la iglesia, el 8 de diciembre de 1925 tomé la primera comunión. Fui el mejor alumno de la doctrina.

–¿Y ahora?

–Bueno, a lo largo de la vida sigo manteniendo un respeto doméstico por la religión. Mis convicciones religiosas se han desgastado un poco, desgraciadamente.

–¿Por qué desgraciadamente?

–Porque me hacía mucho bien tener conciencia religiosa. Ahora, bueno, un Viernes Santo yo no como carne, pero porque mis padres no lo hacían... Me gustaría recuperarme religiosamente. Recuerdo el tipo especial de felicidad que me daba el templo. Ese tipo de éxtasis... Ramón del Valle Inclán tiene una frase muy hermosa, ¿quiere tomarla textualmente?: “El éxtasis es el goce de sentirse cautivo en el círculo de una emoción que aspira a ser eterna”. ¿No es hermosa?

–¿A qué atribuye el deterioro de su religiosidad?

–A que el despertar del sexo comenzó a desviar mi atención. Yo quería ser cura, ¿sabe? Y mi familia estaba loca de contenta... (Se distrae con una sonrisa beatífica.) Yo creo... yo interpreto ahora que fue eso, el despertar del sexo... porque a los ocho, a los diez años yo era muy religioso... Y mire, hace un tiempo creí que podría recuperarme, fue cuando conocí a Monseñor Villena, él fue nuestro asesor religioso cuando preparamos El hombre que volvió de la muerte para Narciso Ibáñez Menta. Y teníamos larguísimas charlas. El hubiera podido volver a darme fe. Pero lo perdí de vista, lo trasladaron a San Rafael, Mendoza, y nunca supe

de él. Me hubiera hecho muy bien. (Vuelve a quedarse con la misma sonrisa, como si escuchara algo que no quiere repetir.)

–Usted me dijo que debutó en la radio de pantalón corto. ¿Cómo fue eso?

–Recitando poemas en Radio La Nación. Poemas propios, ¡eh! En “La hora de la Asueroterapia”, un programa del doctor Asuero, un curandero que en el ’30 tocaba el trigémino y curaba la parálisis y la piorrea. Fue recibido por Yrigoyen y después lo metieron preso. Me acuerdo de que La Razón estaba a favor y Crítica en contra del curandero. Lo que nunca pude entender yo mismo es por qué se recitaba poesía en medio de la “asueroterapia”. Yo mandaba poemas y leyeron varios. Entonces un día me presenté, tenía 14 años, y comencé a leerlos yo mismo en el micrófono.

–¿A qué edad fue maestro?

–A los diecisiete. Me recibí en el Mariano Acosta. Allí dirigía la revista del colegio; cuando me fui, al año siguiente la dirigió Cortázar. Es lindo eso, ¿no? Bueno, en el secundario y siempre yo era muy buen alumno, muy estudioso, nunca tuve problemas. Imagínese que iba al cine todos los días, era loco por el cine y mi familia me dejaba ir porque yo cumplía con todo. Bueno, después entré en Filosofía y Letras, me recibí en el ’39 con medalla de oro. Y del ’37 al ’47 ejercí la cátedra y el magisterio. También hacía periodismo deportivo en la revista La Cancha y en Patoruzú, allí también hacía humorismo. Y en el ’39 me casé.

–¿Con quién?

–Con una compañera de Facultad. Nuestra primera hija murió a los seis meses, en el ’40. Después tuvimos cuatro hijos. Vivíamos al principio en Villa Devoto, donde yo era maestro. Después nos mudamos a Villa Urquiza, a una casa que más tarde compré, una casa linda de dos plantas. Allí vivíamos todos, con mis padres y mi hermana, hasta mi separación en el ’54. Esa fue una tragedia familiar, nos disgregamos y todo el mundo sufrió mucho. En estos casos siempre sufren también los inocentes, sobre todo los inocentes. Bueno, me casé con Elcira (Olivera Garcés). Pero después de seis años nos separamos. Toda la culpa fue mía. Yo era celoso hasta la neurosis, insoportable. No nos vimos por ocho años. Y ahora, desde el ’66, estamos otra vez juntos. Y ahora somos una pareja de hierro. Estamos muy unidos. Yo estoy más sereno. (Sonríe. Se pone pícaro de pronto.) Hice experiencias, claro, tuve mis años locos... Pero todo eso pasó y aprendí.

–Así que usted estuvo casado quince años con su primera mujer y seis con la segunda y después, a los cuarenta y cinco, ¿no?, hizo sus experiencias, las que no había hecho en la adolescencia.

–Claro, supongo que es eso. Yo era muy tímido, terriblemente tímido con las mujeres y alguna vez tenía que pasar. Pero; ya pasó.

–¿Cuándo empezó a escribir libretos para radio?

–Profesionalmente en el ’39, pero con pudoroso seudónimo. El programa era: Doña Oliva al olio, por la propaganda de un aceite. Yo lo firmaba Lépido Frías. Lépido por Marco Antonio Lépido, el tribuno romano. Frías no sé de dónde salió... Bueno, ese programa duró nueve meses. Iba media hora al mediodía, con intermedios musicales de la orquesta de Rodolfo Biagi, “Manos Brujas”. Con público presente y todo. Como se hacía antes. Bueno, yo ya estaba en el ambiente y hablé con gente y finalmente pude escribir mi primera novela en el ’40, por Splendid. Donde la tierra es roja, se llamaba. Era la vida de un maestro en Misiones.

–¿Cómo consiguió entrar a la radio?

–Trabajaba en la revista El Suplemento, una especie de magazine que dirigía Américo Barrios. Yo tenía varias secciones. El gerente de una empresa avisadora de una fábrica de aceite me leyó y pensó que podía andar en radio. Me llamó y así empezó todo. De todo, lo que más me gustaba hacer eran los programas cómicos. Bueno en el '43 debuté en El Mundo con La vida de Eva Lavalieri, una actriz. Dirigía Armando Discépolo y trabajaba Narciso Ibáñez Menta. Después se encadenó todo. Una vez, por el '45 o '46, llegué a tener a la misma hora tres novelas en el aire. Bueno, y en el '46 empezó ¡Qué vida ésta, señor!, con Luis Pérez Aguirre y Angélica López Gamio. Duró cinco años. Y en el '47 ¡Qué pareja!, con Blanquita Santos y Héctor Maselli. Quince minutos todos los días. Y duró veinte años. (Se conmueve y me sonrío.) Es lindo, ¿no? Todos los días, veinte años...

–Y en el cine, ¿cómo empezó?

–En el '40 colaboré en la primera película. ¡Bah! colaboré... Le tenía el lápiz a don Enrique Santos Discépolo. El me adoraba. En el '42 estrené en el Casino, se llamaba Esta noche filmación, era una comedia musical con Tita Merello, Fernando Borel, Augusto Codecá, dirigida por Maurice Scharz. Después, durante diez años no pude estrenar nada.

–¿Por qué?

–No sé, no pegaba una, no salían, no gustaban. Me decían ésta no, así no...

–¿Pero las usó después?

–Sí, todas. Todo el material. En el '52 di el gran golpe con Los ojos llenos de amor. Fue en el Versalles, con Angel Magaña. Allí comenzó la racha para siempre.

–¿Ese fue el año en que empezó a hacer televisión?

–Sí. Cómo te quiero Ana con Cibrián, Campoy y Raúl Rossi, que era muy jovencito y hacía de padre.

–Después empezó a utilizar el material de radio en televisión...

–Sí. Todo. Tu nombre es María Sombra fue Nuestra galleguita y después Carmiña. En el exterior se dio como Natasha y también se hizo en fotonovela con Jorge Salcedo. Después La sangre también perdona, que se hizo Nostalgias del tiempo lindo y ahora Malevo. No, veamos, era He nacido en Buenos Aires en radio, en el '50, con María Concepción César y Salcedo. Fueron veinte episodios de media hora. Y después cuatrocientos cincuenta de Nostalgias del tiempo lindo, entre el '66 y el '67. Y ahora, desde marzo del '72, Malevo.

–Sin grandes cambios en más de veinte años. ¿Por qué nada ha cambiado?

–En lo importante, no. Los valores absolutos son eternos. Ha variado la técnica, quizás. Además de radio a televisión hay que tener en cuenta los decorados, la imagen, los cambios de vestuario...

–No me refería a esos cambios.

–Yo soy muy conservador en mi manera de pensar y de sentir. Mi tratamiento excluye determinados temas que no me hacen feliz. Ni antes ni ahora. Ahora hay una bancarrota de la moral. Pero yo rara vez uso el sexo como elemento de trabajo. La vida me ha tratado muy bien. Será por eso que soy naturalmente optimista. Confío y creo. Creo hasta la credulidad más excesiva. (Me mira un momento, insiste como para convencerme, con tono de maestro paciente.) Yo creo en la familia y en los aspectos morales de la vida. Y el pueblo también. Al pueblo, que es sano, le interesa que los buenos triunfen.

–Y a usted, ¿qué le interesa?

–Mire, yo estoy de vuelta, estoy indiferente. Se trata de entregar costura. Lo hago lo mejor que puedo, pero hago trabajos de rutina.

–¿Por qué? ¿Por qué sigue haciendo el trabajo de rutina? En este momento hay cuatro teleteatros suyos en el aire. ¿Por qué? ¿Lo necesita para vivir?

–No. Pero yo tengo con Romay una amistad muy especial, yo le debo mucho. Si por mí fuera, pararía dos años. Pero no puedo hacerle eso. No sé decirle que no a Alejandro cuando él me necesita.

–¿Sabe que se dice que usted tiene “negros”, gente que escribe sus libretos?

–Sí, sé que lo dicen pero no es cierto. Nunca tuve negros. Nunca. A lo sumo pido que me pasen cosas a máquina. Los libros viejos, que corrijo y agrego cosas y quedan unos matetes desprolijos llenos de acotaciones, como en Jacinta Pichimahuida o Malevo. Pero pasar a máquina, eso es todo. Porque yo acepto ideas. Hablo con los productores, con los directivos, con los directores. Pero cuando llega el momento de elaborar el diálogo soy insobornable. Además, usted ve. No es tanto trabajo. Lo del 13. (Pinina quiere a papá) y Gorrión, que son nuevos. Lo demás basta con actualizarlo.

–¿Cuánto tarda en escribir una obra?

–Si no tuviese nada, nada que hacer, en una semana liquido una comedia. Los ojos llenos de amor la escribí en tres noches. Hay que bañar al nene también, a una noche por acto. Claro que eran otros tiempos. Ahora estoy menos rápido.

–Me dijo una vez que le gustaría escribir como Tennessee Williams o Arthur Miller.

–Sí. Los admiro mucho. Pero yo no podría escribir así. Los temas así exigen una gran concentración, mucho tiempo. Yo no lo tengo. Lo que más me gustó de todo lo que hice fue El hombre que volvió de la muerte. La Nación, que siempre me despreció, dijo: “Tragedia griega en la TV argentina”. ¿Se imagina?

–Me imagino. ¿Y usted no cree que ya gana lo suficiente como para darse lujos? ¿Usted cree realmente que si quisiera no podría escribir un programa en lugar de cuatro?

–No me dejan.

–Usted podría chantajear, negociar una cosa a cambio de otra.

–No sé decir que no. Podría, si quisiera, hacer Espectaculares o Altas Comedias. Allí las cosas se trabajan con más tiempo y hay mejor nivel. Pero son dos horas de programa, es un trabajo muy grande y no compensa.

–¿Y usted cree que lo que escribe es real?

–Mire, yo hago arquetipos, pero la gente quiere arquetipos.

–¿Cómo lo sabe?

–El otro día me paró una señora y me dice: “Está muy mal que a Martín lo haga salir con otras chicas, si tiene novia”. Y le digo, pero es así, señora, si él es un don Juan. “Ah, no –me decía ella–, pero eso está mal, es feo.” Quieren el arquetipo. La chica pura, el muchacho bueno y odiar al villano. El público de TV absorbe lo reconocible y lo agradece.

–¿Lo reconocible a qué nivel? ¿No a nivel de realidad?

–Bueno, no los muestro como son, sino como les gustaría ser. Es mejor mostrar una sirvientita

que mantiene su integridad sexual y lucha por ella aunque uno sepa que en la vida casi nunca es así. La gente lo prefiere. Mire, cuando yo era muy chico leí *Los misterios de París* de Eugenio Sue, y siempre recuerdo una lección que aprendí allí. La cosa transcurría en la cárcel. Allí estaba la hez de París, toda la depravación y la ignominia, los criminales y los desalmados más grandes. Y había un maestro de escuela que, en los recreos, contaba cuentos. Bueno, el auditorio se enojaba cuando terminaban mal. ¿Entiende? Un parricida, quizás, el peor degenerado, quería que la historia terminara bien, que el niño se salvara. ¿Entiende? Yo no me detengo a analizar lo que escribo. No lo vuelvo a leer y casi nunca lo veo, pero este principio lo tengo muy claro.

–Usted se enorgullece de su buen carácter.

–Es verdad. Nunca me peleo.

–Sin embargo, debe haber cosas que no pueda tolerar.

–Ver mascar goma. (Se ríe) Sí, de veras, no lo puedo soportar. Todos los tics me disgustan. Pero es muy difícil hacerme enojar, hasta en la mesa de póker. (Me mira esperando que demos por terminado el tema. Suspira.) Bueno, yo soy muy patriarcal con respecto a la homosexualidad. Aunque he tenido amigos homosexuales. Me resulta muy difícil tolerarlo. Nada de fanatismo, ¿no? Contra la drogadicción, sí, contra eso soy absolutamente fanático. (Piensa un momento.) También me mata la pedantería, que se da mucho en TV, porque en un mes se inventa una figura. ¡Uno se encuentra con cada estúpido! Tampoco soporto el amarretismo. Yo soy muy generoso. Y la escatología, eso no lo entiendo, me repugna. Por ejemplo las películas con deyecciones. Como *La gran comilona*, es repugnante, yo me pregunto, ¿para qué?

–¿Usted sabe que hay colegas que no opinan muy bien de su trabajo?

–Yo sé que algunos me desprecian. Hay que acostumbrarse a la idea y aguantar, qué se le va a hacer... Pero también hay envidias, incomprensiones. Yo he escrito otras cosas. Soy un buen poeta. He publicado sonetos. He ganado muchos juegos florales.

–¿Cómo definiría usted su trabajo, el rol que cumple socialmente?

–Soy un Alejandro Dumas, un folletinista de 1974. Pero sin negros, porque a él sí que le escribieron más de la mitad de la obra.

–¿Le interesa la política?

–No la siento. Yo soy radical, como toda mi familia.

–¿Pero lee los diarios, se interesa en lo que pasa?

–Leo los diarios, claro, es lo primero que hago todas las mañanas. Pero no nací para ser político.

–Pero tendrá opiniones.

–La escalada de violencia, muera quien muera, me aterra. No lo entiendo, el hombre que querían está en el país, ha pedido de todas las maneras posibles que no se haga lo que se está haciendo, y siguen. La impunidad del crimen es atroz. ¿Quién mató a Vandor, quién mató a Alonso, quién mató a Rucci? No se hace nada.

–Tampoco se hace nada con gente menos conocida, los cinco hombres que la policía ametralló en un camino de Córdoba...

–Ah, sí, yo veo a un policía y me da pánico. No me acuerdo qué escritor decía: “Si a mí me

acusan de robar la torre de Nôtre Dame, en lugar de pararme a señalar que todavía está allí, mi primer impulso sería echar a correr”. Yo siento lo mismo. La tortura, la vejación de un ser humano, todo eso tan horrible... Pero todo eso empieza en los programas de televisión, por ejemplo. El otro día vi en un canal unas señoras gordas pelando bananas con guantes de box y comiéndolas. ¿Usted se imagina? Para ganar una prenda. Es la falta de dignidad inherente al ser humano, está en el sometedor y en el sometido, naturalmente es así. Yo tengo pánico al ridículo. Cuando veía en Miami esos viejos con pantaloncitos floreados, esas viejas con pantalones y tacos y pieles y brillos y todo eso, sin un elemental sentido del qué dirán. Yo tengo un gran temor al qué dirán. Por haber soltado una estupidez en una reunión soy capaz de estar amargado días enteros.

–¿Usted es anti algo?

–No sé, creo que no. No soy comunista. Pero anticomunista tampoco. Yo estuve en Rusia, con mi mujer, mi hija y mi yerno. Solo nunca hubiera ido, pero ellos me convencieron. Vi dos ciudades hermosas. La gente por la calle parece contenta y saludable. Tienen magníficos museos. Pero todo es gris, la sofisticación está negada. Es triste. Los restaurantes son terribles. Yo colecciono menús. Allí los tuve que robar, porque no quisieron dármelos. No como en Maxim´s, claro, que lo esperan a la salida para regalárselo. Bueno, de toda mi colección, los rusos son los peores. Comida pésima y el menú mismo, viejo, en mal estado. Cuando estuve exhibían películas mías con Lolita Torres. Un chofer, cuando supo que éramos argentinos recitó: “Najdorf, fútbol, Lita Tore”. Lo que seguramente soy es antinazi, por supuesto.

–¿Alguna vez tuvo militancia política?

–No. En la facultad era reformista porque todos mis amigos eran reformistas. Pero escribí para el peronismo. Contra mi voluntad. Pero en esa época no se podía discutir. Hice Mordisquito. Lo que decía era cierto. Eran verdades a puño. Y también escribí para Estrellas al mediodía. Pero yo hacía la parte artística. La política la escribía Vacarezza. De cualquier manera, la Libertadora me prohibió trabajar. El doctor Isidro J. Odena, ese que ahora es diputado por el Frejuli, era director de Comunicaciones y él, personalmente, me explicó que yo no iba a trabajar más. Hice toda clase de trámites, vi a toda clase de gente. ¡Si yo ni siquiera había sido peronista! Nunca me había afiliado, jamás. Pero todos decían que la orden venía de arriba. Durante dos años, el '56 y el '57, tuve que trabajar con seudónimos que me prestaron los amigos. Allí supe quiénes eran amigos. Muchos se negaron. Héctor Maselli me dio su seudónimo de Juan Peregrino para seguir haciendo ¡Qué pareja! y Gustavo Cavero, Laura Favio, todos ellos me ayudaron. Pero el trabajo mermó mucho, todo el mundo tenía miedo de aceptar libros. Hasta que Felipe Rossi, un hombre que ya murió, productor de La Familia Gesa, dijo: “¿De dónde salió esto, quién dijo que no puede figurar?”. Puso mi nombre y no pasó nada. Y pude volver a trabajar como antes.

–¿Usted está satisfecho con su vida?

–Sí, nunca fui ambicioso. Cuando era maestro me conformaba con lo poco que tenía. Después trabajé mucho, llegué a tomar anfetaminas. Estuve como loco. Ahora trabajo cuatro o cinco horas por día. Y me levanto tarde. Estoy tomando unos remedios para dilatar las arterias y duermo mucho más. Pero me levanto bien. Tengo una buena vida, es cierto. Me gusta viajar, y viajo. Tengo una buena biblioteca. Soy de muy buena mesa y buenos restaurantes.

Sylvia Saítta y Luis Alberto Romero, *Grandes entrevistas de la Historia Argentina (1879-1988)*, Buenos Aires, Punto de Lectura, 2002.

“Se ha hecho todo lo posible para localizar a todos los derechohabientes de los reportajes incluidos en este volumen. Queremos agradecer a todos los diarios, revistas y periodistas que han autorizado aquellos textos de los cuales declararon ser propietarios, así como también a todos los que de una forma u otra colaboraron y facilitaron la realización de esta obra.



ABEL SANTA CRUZ

S - Abel Santa Cruz vai para o México – Escreveu a versão mexicana da telenovela



Albumes de recuerdo: Abel Santa Cruz y Elcira Olivera Garcés

Fecha: mayo de 1966. Un reencuentro y una historia de amor.

Archivo: Cfaravelli



T - Noticias sobre a morte de Santa Cruz

Abel Santa Cruz en septiembre de 1993, tras un merecido homenaje

Murió Abel Santa Cruz

MAR DEL PLATA, 4.- El autor Abel Santa Cruz falleció ayer a las 3 de la mañana, a los 79 años, en la clínica 25 de Mayo de Mar del Plata, a consecuencia de una leucemia mieloide crónica que padecía desde hace 12 años, informó en un parte a las 11 Carlos Washington García, jefe de hematología de dicho nosocomio.

En las primeras cuarenta y ocho horas de la internación evolucionó bien, pero su estado se complicó anteayer por un fallo multisistémico.

Sus restos fueron trasladados ayer a esta Capital y son velados en Iturrí 1344.

Hoy a las 10 será inhumado en el Panteón de Actores de la Chacarita.

* * *

El teatro, el cine, la radio y la televisión fueron durante muchas décadas los puentes que unieron a Abel Santa Cruz con un público siempre dispuesto a disfrutar -y ¿por qué no?, a reflexionar- con, esos personajes y esas situaciones cotidianas, a veces disparatadas, otras románticas, siempre frescas y retozonas que surgían de su vastísimo repertorio.

Incansable trabajador, Santa Cruz (que siempre desechó la computadora para aferrarse a su vieja máquina de escribir) se convirtió con el correr de los años en una figura insustituible para actores, directores y empresarios.

Su producción tenía ese sello personal que era garantía de éxito seguro. Tan copiosa era su obra que muchas veces se dijo que detrás de él existía un equipo que lo ayudaba en su tarea literaria.

Sin embargo, él salía al cruce de estas maledicencias y respondía que era un solitario, un "laburante" con mucha imaginación y enormes ganas de entregar sus piezas a un público que las aguardaba con enorme cariño y gran respeto.

Del barrio al éxito

Abel Santa Cruz había nacido en Barracas, en 1915, y poco después sus padres se mudaron al barrio de Flores, donde el niño se convirtió en adulto.

Se recibió de profesor de filosofía y letras, pero el escribir ya se había arraigado en su sentimiento.

Se acercó al periodismo, y colaboró en La Cancha, El Hogar, Patoruzú y en otras revistas donde sus seudónimos -Lérido, Erías, el Co-



El duro trabajo diario

sinónimos de gratas y humorísticas visiones del porteño y su micromundo.

En 1942, tentado por el teatro, logró estrenar en el Casino la pieza "Esta noche, filmación", con Tita Merello, Augusto Codecá y las mejores figuras de la época. Fue un gran éxito de público, pero su siguiente pieza, dada a conocer en el Comedia, duró sólo dos noches en cartel.

Persistente, escribió una revista con Julio Porter y luego estrenó en el Grand Splendid "Ladroncito de mi alma", con Juan Carlos Mareco y Lolita Torres.

Las cosas comenzaron a mejorar para el joven escritor. Pero fue con "Los ojos llenos de amor", representada en el escenario del Versailles, cuando Abel Santa Cruz logró el primer gran paso de su cada vez más ascendente carrera autoral.

Luego vinieron "Los maridos de mamá" y "Hay que bañar al nene", y otras piezas en las que el autor impuso su estilo sencillez, sus diálogos de exactos retruécanos y esos disparates domésticos con alternativas de vodevil que cimentaron su popularidad.

La radio, el cine y la TV

La radio, mientras tanto, no quiso dejar escapar a ese hacedor de éxitos. Así nació "¿Qué vida ésta, señor!", y luego "¿Qué pareja!", que se mantuvo vigente durante años

como" debutó como guionista de cine, a la que siguió "La muerte está mintiendo", con Narciso Ibáñez Menta, títulos a los que se sumaron cerca de cien historias para la pantalla grande, entre ellas "Los ojos llenos de amor", de Carlos Schlieper; "Los maridos de mamá", "Hay que bañar al nene", ambas dirigidas por Edgardo Togni; "La mejor del colegio", "Más pobre que una laucha", "Un novio para Laura", "La edad del amor", de Julio Saraceni; "Cuarenta años de novios", "La sonrisa de mamá", "Había una vez un circo", de Carreras; "Enigma de mujer", de Cahen Salaberry, producida por Edgardo Togni, y tantas otras.

El estilo de Santa Cruz no varió nunca. Se confesaba "escritor de vuelo corto", pero afirmaba también que sus obras tenían la simpleza de la vida y el humor de la esperanza.

Con la televisión, cimentó su suceso popular. "Cómo te quiero Ana", "Nostalgias del tiempo lindo", "El hombre que volvió de la muerte", "Dr. Cándido Pérez, señoras", "Mi segunda mamá", "Jacinta Pichimahuida", "Un mundo de juguete", "Papá corazón", "Me llaman Gorrión" y "Carminha" ocuparon muchas horas de la atención de los televidentes y, varias de ellas, se emitieron en canales del exterior.

Amar y escribir

Mencionar toda la obra de Abel Santa Cruz obliga, además de expresar la memoria, a utilizar un enorme espacio.

Es que este bohemio para quien el amor tuvo varios nombres de mujer -esposas o compañeras-, dedicó su larga existencia a escribir, a imaginar tramas, a divertir al público.

Los últimos años, y a pesar de una enfermedad que lo había obligado a trasladarse a Cuba para su curación, no menoscabaron su entusiasmo.

Continuaba creando, inventando fábulas con hombres y mujeres que vivían conflictos esperanzados bajo una pátima sonriente y optimista.

Los premios y el éxito no lo deslumbraron nunca. Fue amigo de sus amigos y un tipo cordial que gozaba con sus personajes. Fue, en resumen, un hombre que se dio íntegro a ese público que le pedía que lo llevase al mundo de ilusión que surgía de sus centenares de obras

<http://www.network54.com/Forum/223031/message/1056587232/Biograf%C3%ADa+de+Abel+Santa+Cruz>

Biografía de Abel Santa Cruz

by Luis Roberto



Abel Santa Cruz (1911-1995)

Escritor nacido en el año 1911 en Buenos Aires, Argentina. Graduado en filosofía y letras con medalla de oro, de su pluma salieron los más grandes clásicos de la televisión argentina. Antes de llegar a la televisión desarrolló sus talentos literarios en revistas, cine, teatro y especialmente en radio. También fue maestro de grado en una escuela en Villa Devoto en los años 40. En los años 40 y 50 escribía en la revista "Patoruzú" bajo el seudónimo de Lépido Frías. También utilizó el seudónimo de Mauricio Herrera. En el 1952 debutó en la televisión a cargo de los libretos de la comedia familiar "Cómo te quiero, Ana" con Ana María Campoy y José Cibrián. Uno de sus pasatiempos favoritos era coleccionar menús de restaurantes. Fue el creador de la comedia "Cándido Pérez, señoras". Falleció el 4 de febrero de 1995 víctima del cáncer en Buenos Aires, Argentina a los 84 años de edad. El nombre de este extraordinario escritor está escrito con letras de oro en la historia de la radio, el cine, la televisión y el teatro de Argentina, México y toda Hispanoamérica.

U - Noticias do casamento entre dois atores da telenovela argentina, em 13 de janeiro de 2001.

Andrea Rodríguez y Fernando Florentín, que personificaban a Bibi y a Anselmi, en la

Fueron novios en *Señorita Maestra* y tardaron 18 años para llegar al altar

El es visitador médico y ella empleada bancaria. Cuando lleguen de la luna de miel pensarán seriamente en volver a la actuación.

Como en el final de un cuento de hadas el sueño de sus protagonistas, Andrea Rodríguez y Fernando Florentín, se hizo realidad. Se conocieron cuando tenían 10 años y trabajaban juntos en la exitosa tira infantil de la década del 80 "Señorita Maestra". El era Anselmi y ella Bibi. ¿Se acuerdan?, dos de aquellas "blancas palmitas" que con sus travesuras volvían loca a la señorita Jacinta Pichimahuida interpretada por Cristina Lemercier. Los chicos crecieron, cada uno siguió su camino pero el destino quiso que se unieran para toda la vida. El pasado 13 de enero sellaron su amor en la Basílica de los Buenos Aires. Andrea llegó a la hora señalada acompañada de su padre, con un vestido en raso de seda italiana bordado con perlas y strass, el cabello recogido y un ramo de rosas amarillas entre sus manos. Timidamente se acercó al novio que la esperaba ansioso a un costado del altar con un impecable jaquet en gris y plata.

Disfrutaron con serenidad la ceremonia y la emoción los desbordó en el momento de dar el sí. "Siempre me imaginé ese gran momento. Lo viví como si estuviera dentro de una telenovela pero era mi realidad", dice Andrea entre lágrimas, mientras saluda en el atrio a sus familiares y amigos.

Rebobinando 18 años, Fernando y Andrea recuerdan aquel primer encuentro en el hall principal de ATC. Allí, también conocieron a Palmiro Caballaseca (Omar



Lefosse), "el burro" de la clase; a Carola (Teresa Galatti) "la más romántica"; a Meche (Gloria Carrá), "la traviesa"; a Cirilo (Marcelo Fabián) y a "la maldita" Etelevina (Laura Tuny). "Estábamos todos los chicos muy nerviosos acompañados por nuestras madres. Teníamos mucha ilusión porque era toda una aventura eso de tra-

bajar en la tele. Enseguida nos pusimos a hablar, todos con todos, y nos hicimos amigos", dice él.

En ese momento Andrea, que hoy es empleada bancaria, cursaba quinto grado en la escuela Normal Próspero Alemandri de Avelleda y debutaba como actriz en aquel ciclo. Por su parte Fernando, que actualmente trabaja

como visitador médico, también cursaba quinto grado en la Escuela Florentino Ameghino. El tenía más experiencia frente a las cámaras ya que había actuado en algunas telenovelas y protagonizado varios cortos publicitarios.

Durante años compartieron largas jornadas de grabación y también algunas temporadas de teatro



La emoción de ver un sueño cumplido



Fernando y Andrea vivieron la ceremonia con muchísima emoción. "Siempre me imaginé ese gran momento. Lo viví como si estuviera dentro de una telenovela, pero era mi realidad", dice ella entre lágrimas.



Qué es de tu vida



"Ni en 'Señorita...' me imaginaba que podríamos ser marido y mujer", cuenta Andrea. "La vi y supe que era la mujer de mi vida", confiesa él.

Éramos como dos antiguos compañeros que compartían recuerdos y nada más". Pero esa química que estalló entre los dos aquel día, más los recuerdos de una infancia compartida fueron los componentes exactos para provocar un amor de novela, que desafió el paso del tiempo.

NOSTALGIA. Salvo un pequeño bolo que hizo él en "Pelito", ninguno de los dos volvió a trabajar en televisión. Fernando es visitador médico y está feliz con su profesión: "A veces me tienta hacer algo otra vez en pantalla. Pero ahora que tengo familia antes que nada está la estabilidad económica y eso no lo cambio por nada del mundo, pero claro que me gustaría actuar otra vez". Ella, en cambio, no duda. Desde hace años está abocada a las tareas del hogar y a cuidar de su hija, quien desde que aprendió a caminar se convirtió en un terremoto que altera la armonía del hogar. "Me encantaría conseguir un papel en una novela o algo parecido, sobre todo porque nunca más volví a hacerlo. Pero para mí es más fácil porque no tengo otras obligaciones que la casa y educar a la nena". Ambos recuerdan con nostalgia esos días de jugar a ser actores. Cuando se miran, sus ojos brillan. Así viven un amor que ellos definen como "de película" (¿o del recreo?).

• Patricio Clavin
Fotos: Eduardo Lerke

Amor de novela

(Arr.) Andrea y Fernando tienen 28 años. Ella es ama de casa y él visitador médico. Ambos fantasían con volver a la televisión.

(Izq.) El 13 de enero de 2001 se casaron, después de ocho meses de noviazgo.

De "Señorita maestra" al altar

Anselmi y Bibi fueron novios en el clásico programa y, 18 años después, se casaron.



Andrea Rodríguez y Fernando Florentín comenzaron su historia de amor en la televisión y terminaron en el altar. Se conocieron cuando tenían tan solo 10 años y trabajaban juntos en la exitosa tira infantil de la década del '90 "Señorita maestra". Él era Anselmi y ella Bibi, dos de aquellas "blancas palmitas" que con sus travesuras volvían loca a la señorita Jacinta Pichmahuida, interpretada por Cristina Lemercier. Aunque cuando eran chicos estaban siempre juntos, con los años la vida los llevó por diferentes caminos. Sin embargo, el pasado 13 de enero sellaron su amor en la basílica Nra. Sra. de los Buenos Aires. Andrea llegó a la hora señalada acompañada por su padre, con un vestido en raso de seda italiana bordado con perlas y strass, el cabello recogido y un ramo de rosas amarillas en las manos. Timidamente se

celo Fabián) y a "la Maldita" Etefvina (Laura Tuny). A pesar de que en la ficción eran novietos, Anselmi y Bibi confiesan que realmente no pasaba nada entre ellos. "No sentíamos nada. Ni siquiera nos gustábamos un poquito como puede pasar a esa edad. Para nosotros trabajar en televisión era sólo un juego, y así lo vivíamos todo. Sí, hicimos una gran amistad que duró un largo tiempo y después, por esas cosas del destino, nos distanciamos" cuenta Andrea. En ese rumbo, que emprendieron cada uno por su lado, ella estuvo seis años en pareja y él otros cuatro con una chica del barrio. Sin embargo, a fines de marzo de 2000 volvieron a encontrarse luego de varios años. Fernando tuvo que insistir bastante para concretar la cita "persevera y triunfadora", reza un dicho popular, y fue realmente así. "No me

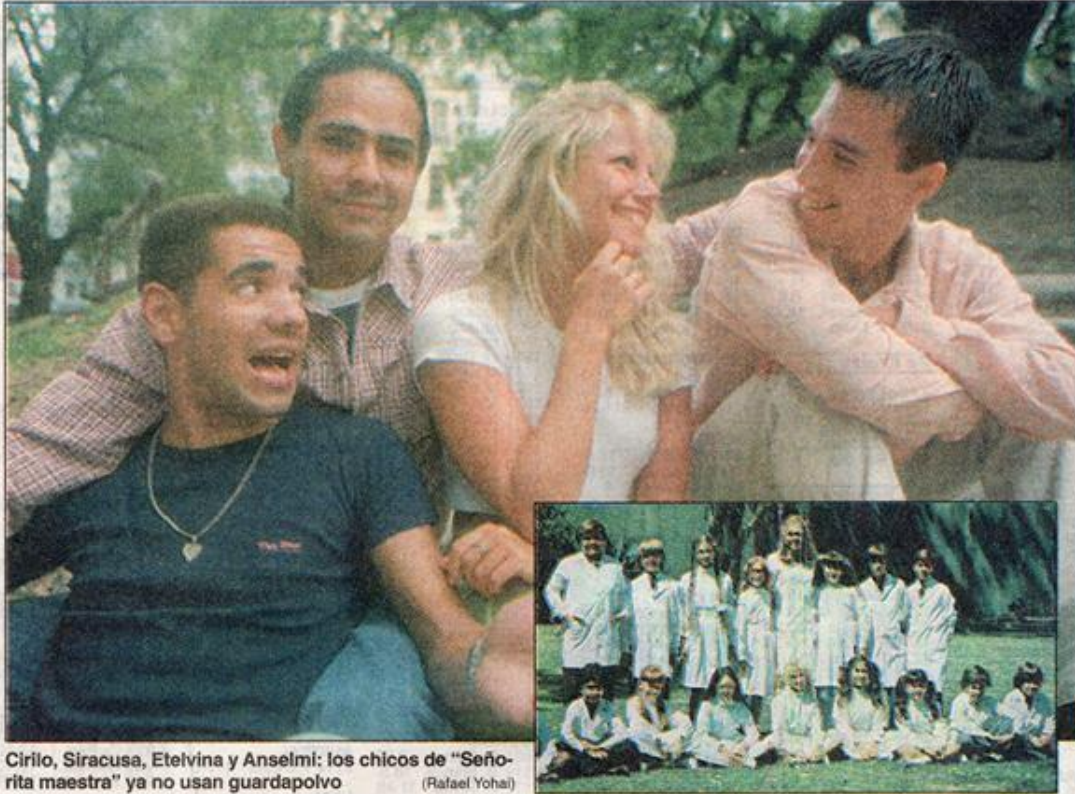



2010/01

V- Noticias dos actores

Qué es de su vida

1 marzo 97



Cirilo, Siracusa, Etelvina y Anselmi: los chicos de "Señorita maestra" ya no usan guardapolvo

(Rafael Yohai)

Blancas palomitas en el recuerdo

Cómo olvidarse de la última versión de "Señorita maestra", aquella comedia blanca con Jacinta Pichimaida y sus alumnos: Palmiro Cavallasca, Etelvina, Cirilo Tamayo, Anselmi, Siracusa, Canuto Casio, el portero Efraín. Aquel terrible 5° grado, con Cristina Lemercier al frente, que copó las tardes de la pantalla de ATC entre 1982 y 1985. En la misma aula que antes habían pisado las *docentes* Evangelina Zalazar y María de los Angeles Medrano.

Quince años después, las vidas de aquellos niños que encandilaron a quienes hoy caminan entre los 20 y los 30 son bien distintas. Desde entonces no han vuelto a tener un protagónico en TV, pero sí participaciones aisladas en comedias y telenovelas (la única que logró afirmarse en el escenario de la fama es Gloria Carrá, Meche). Ninguno se resigna a colgar el traje de actor y a todos les gustaría que el canal Volver repusiera el programa.

Omar Lefosse (Cavallasca) ya no es gordo y tiene 27 años, pero su modo de hablar deja al descubierto las huellas de ese muchachote bonachón de la ficción, siempre dispuestos a ayudar a los demás. Igual que el resto de sus compañeros de aula por entonces, no ha vuelto a trabajar en

televisión. "Da bronca que no te den oportunidades después de haber estado en la cresta de la ola", se resigna quien desde hace nueve años se gana el pan como viajante en una empresa que distribuye repuestos para camiones y colectivos.

Marcelo Fabián (Cirilo Tamayo) era el más chico del elenco y estaba profundamente enamorado de Etelvina Baldasarre, que lo despreciaba por ser mulato. Hoy trabaja en un banco y recuerda aquella época como la mejor de su vida: "La pasaba bárbaro, me divertía como si estuviera en la escuela haciendo lío. A veces me pasaba de mi personaje y me retaban en serio".

El y Lefosse fueron los que más sufrieron la fama. El padre de Palmiro trabajaba en el Parque de la Ciudad y su hijo no podía subir a los juegos porque la gente se le tiraba encima. Cirilo, en cambio, tuvo que soportar cosas peores. "Me acuerdo de que una vez en una pileta vinieron unos pibes a decirme: *¿Así que vos sos el famoso negrito? Vamos a ver qué tal sos a la salida. Te vamos a reventar a trompadas.*" Otro recuerdo amargo es el de un curso en Necochea. Tal era el acoso de la gente que tuvo que refugiarse en un baño hasta que su abuelo lo pudo rescatar en una camioneta.

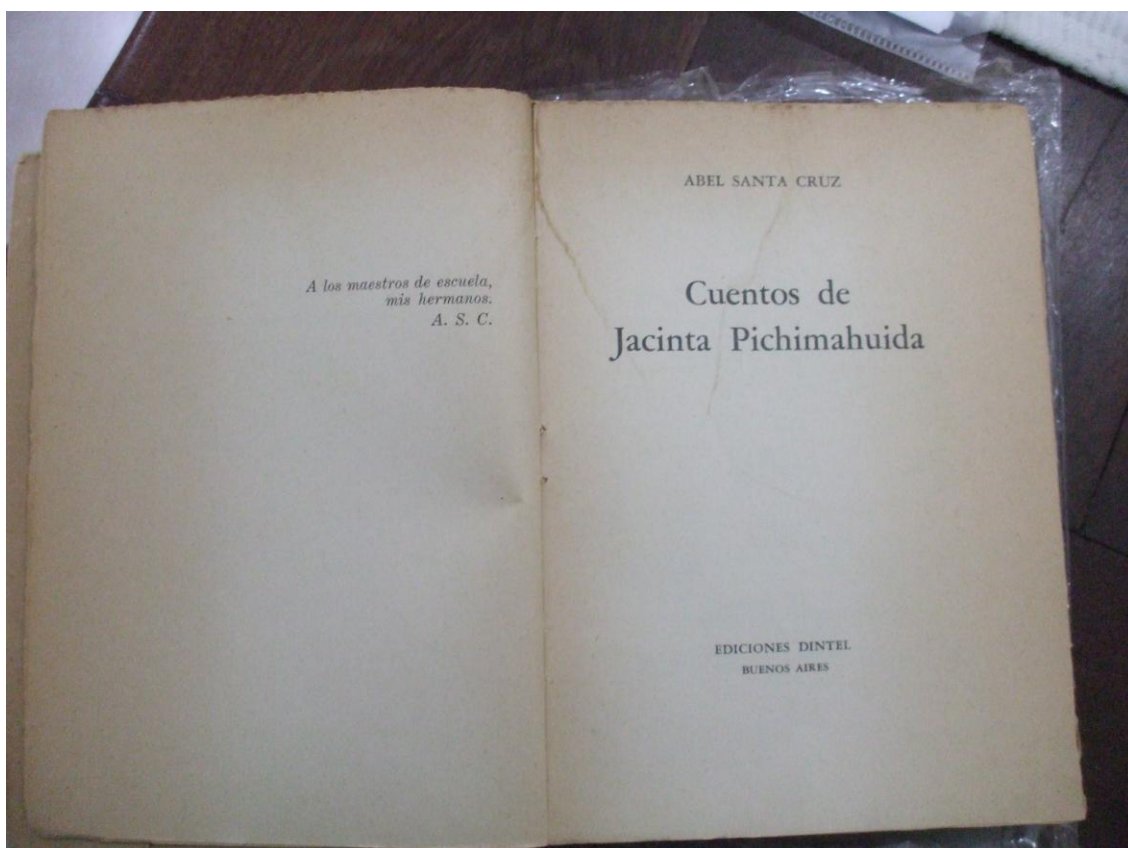
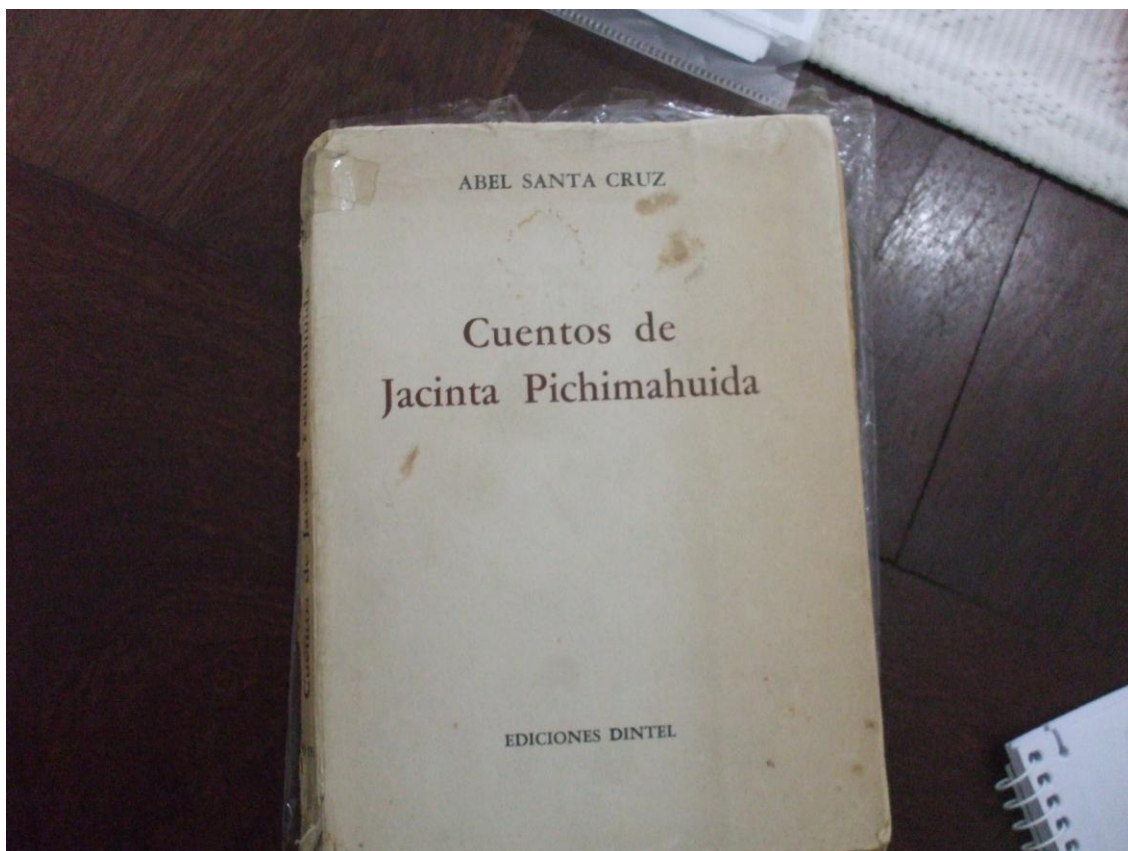
El amor imposible de Cirilo es una de las que menos cambió su fisonomía. Sigue con su largo pelo rubio y tan linda como ayer. Pese a que su personaje era bastante perverso, Laura Líber (Etelvina) asegura que nunca la insultaron por la calle. Paradoja del destino, ella, la del personaje de la niña racista, hoy trabaja como bailarina y anima fiestas con un mulato venezolano como compañero de danza. "Hacemos todo tipo de ritmos latinos", explica, apasionada por la salsa y el merengue. En su corazón acuna el sueño de lanzarse como cantante.

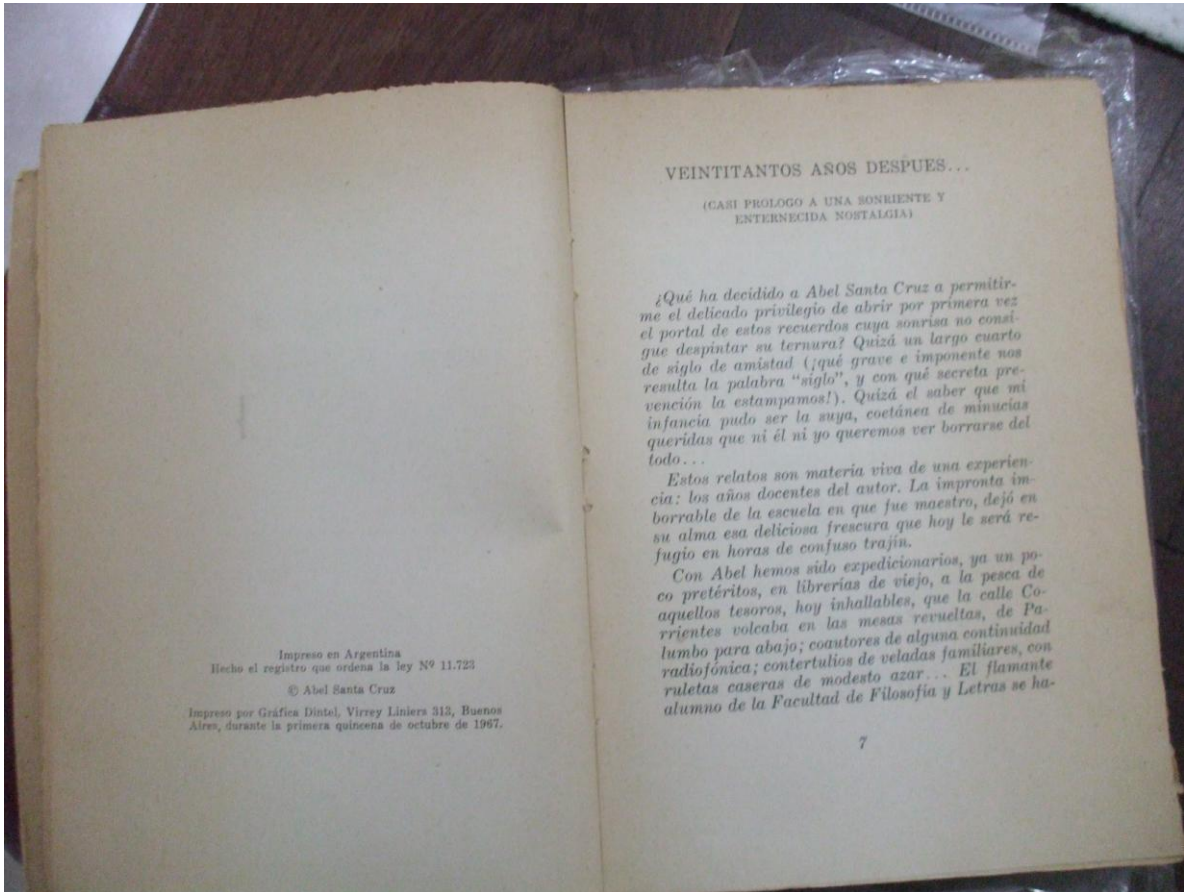
Fernando Florentín (Anselmi) era el niño bueno que adoraba a los animales. Ahora trabaja en YPF y estudia para administrador de empresas. Todavía no puede olvidar el revuelo que se armaba alrededor suyo cada vez que salía a comer afuera.

Julio Silva (Siracusa), el terrible bromista de anteojos, está casado, tiene una hijita, trabaja en un supermercado, lidera una banda de rock que "patea" por el circuito de bares y espera una nueva oportunidad para mostrar su pasta de actor. Al igual que el resto de sus compañeros, no pierde la esperanza de volver a protagonizar un superéxito en *tevé*.

Victoria Aulet

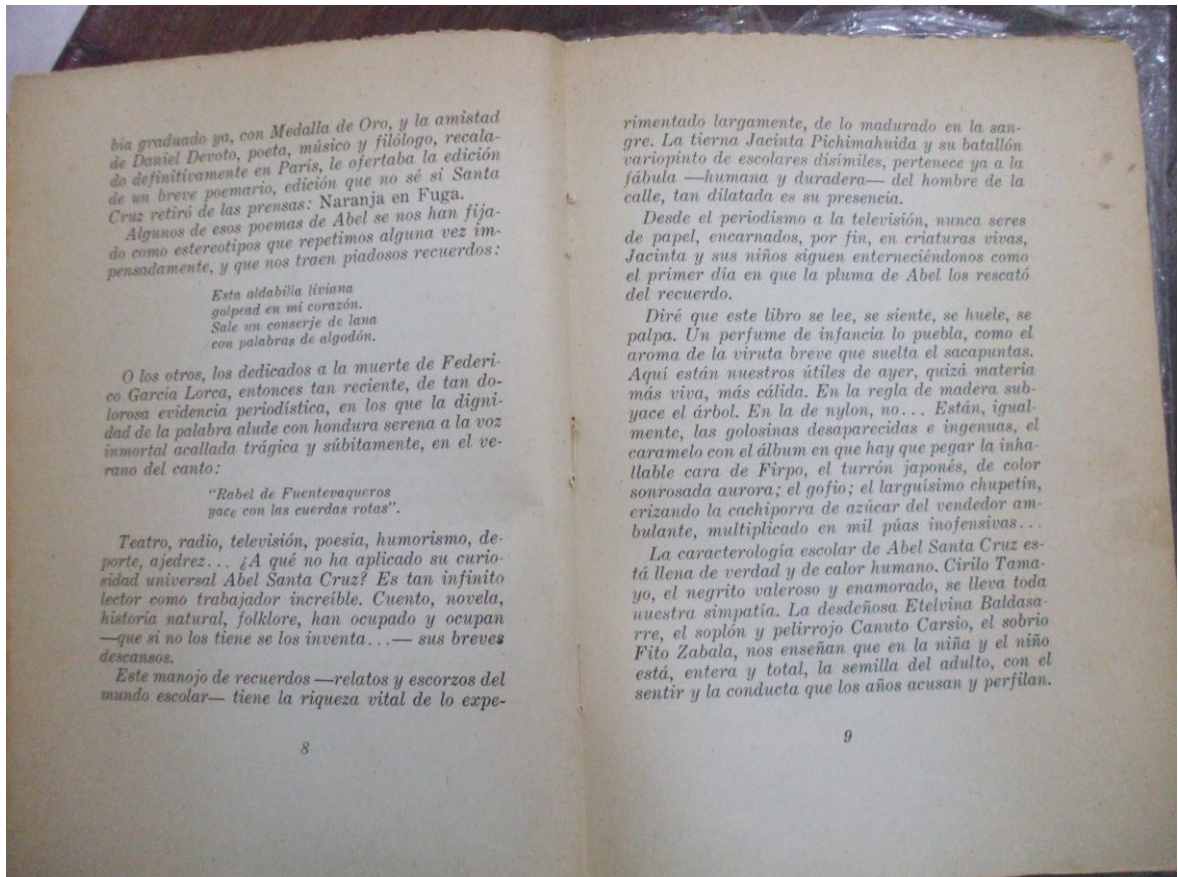
X- Imagens do livro que registra os episódios que se transformaram em telenovela – Publicado em 1967 por Abel Santa Cruz





Impreso en Argentina
 Hecho el registro que ordena la ley N° 11.723
 © Abel Santa Cruz
 Impreso por Gráfica Dintel, Virrey Liniers 312, Buenos Aires, durante la primera quincena de octubre de 1967.

7



bia graduado ya, con Medalla de Oro, y la amistad de Daniel Devoto, poeta, músico y filólogo, recalado definitivamente en París, le ofertaba la edición de un breve poemario, edición que no sé si Santa Cruz retiró de las prensas: Naranja en Fuga. Algunos de esos poemas de Abel se nos han fijado como estereotipos que repetimos alguna vez impensadamente, y que nos traen piadosos recuerdos:

*Esta aldabilla liviana
 golpea en mi corazón.
 Sale un conserje de lana
 con palabras de algodón.*

O los otros, los dedicados a la muerte de Federico García Lorca, entonces tan reciente, de tan dolorosa evidencia periodística, en los que la dignidad de la palabra alude con hondura serena a la voz inmortal acallada trágica y súbitamente, en el verano del canto:

*"Rabel de Fuentesqueiros
 yace con las cuerdas rotas".*

Teatro, radio, televisión, poesía, humorismo, deporte, ajedrez... ¿A qué no ha aplicado su curiosidad universal Abel Santa Cruz? Es tan infinito lector como trabajador increíble. Cuento, novela, historia natural, folklore, han ocupado y ocupan —que si no los tiene se los inventa...— sus breves descansos.

Este manojito de recuerdos—relatos y escorzos del mundo escolar— tiene la riqueza vital de lo expe-

rimentado largamente, de lo madurado en la sangre. La tierna Jacinta Pichimahuida y su batallón variopinto de escolares disímiles, pertenece ya a la fábula —humana y duradera— del hombre de la calle, tan dilatada es su presencia.

Desde el periodismo a la televisión, nunca seres de papel, encarnados, por fin, en criaturas vivas, Jacinta y sus niños siguen enterneciéndonos como el primer día en que la pluma de Abel los rescató del recuerdo.

Diré que este libro se lee, se siente, se huele, se palpa. Un perfume de infancia lo puebla, como el aroma de la viruta breve que suelta el sacapuntas. Aquí están nuestros útiles de ayer, quizá materia más viva, más cálida. En la regla de madera subyace el árbol. En la de nylon, no... Están, igualmente, las golosinas desaparecidas e ingenuas, el caramelo con el álbum en que hay que pegar la inhalable cara de Firpo, el turrón japonés, de color sonrosada aurora; el gofio; el larguísimo chupetín, erizando la cachiporra de azúcar del vendedor ambulante, multiplicado en mil púas inofensivas...

La caracterología escolar de Abel Santa Cruz está llena de verdad y de calor humano. Cirilo Tamayo, el negrito valeroso y enamorado, se llena toda nuestra simpatía. La desdenosa Etelevina Baldasarre, el soplón y pelirrojo Canuto Carsio, el sobrio Fito Zabala, nos enseñan que en la niña y el niño está, entera y total, la semilla del adulto, con el sentir y la conducta que los años acusan y perfilan.

8

9

El ámbito pintado por Abel Santa Cruz —juegos, amores (no nos asombremos...), celos, resentimientos, heroísmos, pequeñeces, grandezas, miserias, coquetuerías tempranamente femeniles— tienen la radiográfica evidencia y la riqueza del material captado en vivo. El psicólogo (no me atrevo aún a practicarle a la palabra la ablación de la P), hallará aquí material abundantísimo para un desarrollo.

Es admirable la singular memoria con que ese mundo está rescatado con todo el clima de su época, desde la película del cine de barrio al acontecimiento que fue entonces noticia.

El idioma de Abel Santa Cruz tiene algo de la gravedad del humorismo inglés, pero es bien nuestro por su sentido y contenido. Un cierto barroquismo le resulta biombo tras el cual su ternura se disimula. La facundia metafórica le dicta felicísimas imágenes, de sorprendente originalidad. El estilo es tenso y vibrante. La frase, breve y martillada, plena de fuerza contenida. El diálogo, natural y coloquial. El drama infantil de Cirilo Tamayo, el negro que quiso volverse blanco por amor, es uno de los más desgarrantes del libro. También la perversidad infantil se ejemplifica en estos relatos, porque sería ingenuo desconocerla.

¿Qué delectación la de Santa Cruz cuando memora y puntualiza los varios deberes, sobre todo el mundo encantador de los mapas, el de la República Argentina, con "la nariz insolente de Misiones", "los indecisos bañados del Iberá o el picadillo mi-

nucioso de las islas australes"! La frecuentación de tanta obra más o menos insólita da al autor motivo para relatos como "Batata asada", que enlazan felizmente ternura e información. Sabe meterse en el corazón de las palabras, para indagarles su secreta resonancia, su significado íntimo, que los distraídos diccionarios no registran. No es fácil separarse de este libro. Se requiere, al volver su última página, esa rápida decisión con que Blanca —la novia infantil— se aleja, "con un coletazo de su guardapolvo rígido".

Porque de otro modo, la ternura y la riqueza de un mundo como el retratado, nos demorarán en cada relato, con algo de una cierta felicidad melancólica.

LEÓN BENARÓS

Buenos Aires, setiembre de 1967.

BLANCO Y NEGRO

I

"—¡Esto es una infamia!"

(VARGAS VILA, *Flor de Fango*).

Habréis visto vosotros esa reluciente alhaja denominada "Milagro en Milán". Actúan allí dos pugilistas retirados, Ricardo Bertazzolo y Herminio Spalla, que cayeran destruidos a puñetazos, años ha, por Victorio Campolo. Pero esto es una digresión de nuestra buena memoria y más allá de la digresión, queremos hablaros de la paloma enviada por Lolotta a Toto y que lo habilita para convertirse en milagrero. Entonces un enano pide ser alto y un negro pide ser blanco. No entendemos nosotros esta última petición de un color, cuando el negro se llama Toussaint Louverture y el blanco se llama Adolfo Hitler. Pero nuestro condiscípulo Cirilo Tamayo, aquel robusto etíope en miniatura con su corazón como una inmensa rosa ardiente, quiso ser blanco —una vez y ahora vamos a considerarla y referirla— blanco, con una transitada y literaria blancura de jazmín.

Antes de ocurrir esta cruel historia que ahora colocamos en el papel, Cirilo Tamayo sentía el orgullo de su raza. Deliraba de vanidad cada vez que los diarios sostenían maliciosamente que Jack Dempsey le tenía miedo a Harry Wills, la pantera negra de Nueva Orleans, e hizo insólitas cabriolas cuan-

Z- Parecer da Coorientadora da Tese na Argentina

Algunas palabras sobre la tesis de LUCY MARY SOARES VALENTIM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

A imagem docente na Novela Carrossel apresentada na Argentina, no México e no Brasil: A vocação no exercício do magistério e a indústria cultural.

Como Coorientadora de la tesis de la Prof. LUCY MARY SOARES VALENTIM durante su estancia en la Universidad Nacional de Quilmes – UNQ – Argentina, me resulta muy grato poder acompañarla en esta instancia final en la que presentará ante el Comité Examinador el resultado de su trabajo sobre una producción cultural que tuvo un gran impacto, y una larga trayectoria, por tres países de nuestra América Latina: Argentina, México y Brasil. Si bien, por razones laborales no podré estar presente en esa circunstancia, agradezco la posibilidad de participar con mis comentarios a su tesis, que es el resultado de una investigación realizada con gran dedicación. Los resultados están a la vista.

En primer lugar, quiero recordar las etapas de su trabajo en los meses en que desarrolló su estancia en la Argentina. Ella presentó la propuesta de analizar la obra de un autor tan popular como Abel Santa Cruz, en especial en su obra más difundida – *Jacinta Pichimahuida* – que forma parte del recuerdo de varias generaciones de argentinos. Si bien quedó al margen de la *alta cultura*, como producto mediático, a través de las diversas versiones de la historia en la TV, para consumo de niños y adolescentes, la imagen de la escuela de la *Señorita Maestra*, y de la misma maestra ideal, han creado un paradigma imborrable, como bien supo recoger Lucy en sus entrevistas a quienes fueron sus espectadores juveniles y que muchos años después le confiaron sus recuerdos.

La tarea de recopilar información sobre la biografía y las obras de Abel Santa Cruz – sobre el cual no hay demasiados datos ni estudios exhaustivos – resultó un desafío que Lucy supo afrontar con su infatigable curiosidad y capacidad para descubrir bibliografía, notas dispersas en periódicos, anuncios comerciales, reseñas.

Como orientadora de su trabajo en Buenos Aires, asistí a esa minuciosa búsqueda, siempre fragmentaria, como bien sabemos los investigadores que nos alegramos con cada

nuevo descubrimiento. Así, pudo localizar el volumen de relatos de Abel Santa Cruz que luego dio lugar a la serie televisiva, films, fotonovelas, y demás productos de la industria mediática, multiplicados por el éxito de esa historia sencilla pero muy convocante: todos somos, hemos sido, escolares, y ése es uno de los motivos de la empatía que despertó *la Maestra que no se olvida*.

Asistí, decía, a esa búsqueda empeñosa que recogía los hilos de la investigación. Ahora, al leer la tesis ya elaborada, veo con grata sorpresa la unidad que forman esos hilos, en una trama donde se conjuntan las teorías académicas sobre la industria cultural, la imagen del maestro – la idealizada y la versión real –, las experiencias y los testimonios reunidos en los tres países que son objeto de su investigación. Todo ello, ya dotado de reflexión, de búsqueda de sentido, a partir de su propia experiencia como docente.

Me permito sumar ahora algunas reflexiones más al trabajo realizado en la tesis de Lucy. En primer lugar, me parece significativo el hecho de que la industria cultural haya tomado como objeto de sus producciones – con fines de consumo – una historia escolar, un ámbito cotidiano y accesible a todos. Es decir, lo que diferencia a esta producción es que no elige para alentar al consumo objetos, valores que no están al alcance de las mayorías. Frente a los anuncios que tienen como objeto promover elementos de lujo – automóviles, ropas costosas, artefactos varios que marcan un nivel solo accesible a las elites económicas – lo que aquí se presenta, y atrae al espectador es la cercanía con personas y espacios familiares, cotidianos. El hecho de que se idealicen – *así deseáramos que fueran* – les agrega un elemento diferenciador, donde la imaginación ilumina y embellece lo conocido. Como suele ocurrir con el trabajo de la ficción.

Este proceso de embellecimiento, que conduce en sus extremos a una visión irreal del docente y de la escuela, se confronta, como bien destaca la autora en diversos pasajes de la tesis, con las prácticas reales, históricas, del magisterio de nuestros países. Así, se citan oportunamente (p. 35) las palabras de un docente argentino que desde su lugar de gremialista imagina la escena que no fue, en la saga de la *Señorita Maestra*: ¡si un día hubiera participado en una huelga, en una marcha en defensa de la educación, como las que han jalonado las últimas décadas de nuestra historia! Lo mismo cabría imaginar para el caso de los maestros mexicanos, en sus luchas pasadas y en estos días tan duramente reprimidas: tan lejos de la maestra bonita y sin conflictos de *Carrusel*.

A lo largo de la tesis, la autora dialoga con diferentes teóricos, tanto sobre la industria cultural como sobre el rol del docente, a través de diferentes épocas. Con respecto al primero de esos temas, donde las teorías de Adorno son el punto de partida para la reflexión, me permito disentir en algunos de los juicios vertidos, recordando que surgieron de una experiencia tan dramática como la persecución racial que llevó al extremo de la destrucción lo que se había ido construyendo como la alienación de las mayorías. Escritas al terminar ese periodo de oscuridad de la razón humana, autores posteriores – que también sirven de base teórica a la tesis – han aportado miradas más matizadas y problematizadoras sobre la influencia de la industria cultural – ahora en su etapa de globalización – que no desemboca necesariamente en la reiteración de un nuevo Auschwitz (cf. p. 62, 118, 129).

El otro eje de reflexión – el rol del docente – es objeto de un análisis donde las teorías se comentan y se actualizan a partir de una experiencia concreta, producto de muchos años dedicados a la práctica de la enseñanza y a la elaboración de propuestas propias, destinadas tanto al trabajo personal como a la transmisión de esos saberes a sus estudiantes. Destaco aquí la voz original, segura, reflexiva, de quien ha recorrido estos caminos desde aquellos años – recordados en una emotiva dedicatoria – en que el tío Aristides le regaló sus primeros útiles escolares: las herramientas para este trayecto que ahora llega a una feliz culminación.

Podría sumar otras observaciones, valorando la adecuada metodología con que se expone el desarrollo de la investigación, los anexos estadísticos, las entrevistas, los textos literarios analizados. Pero prefiero cerrar este comentario destacando la conclusión final de la tesis de Lucy, que reúne los valores que ha expuesto a lo largo de su trabajo: una mirada reflexiva sobre la tarea docente, y una clara conciencia de los requisitos que deben reunirse para poder desarrollarla en su plenitud. Con esas palabras ella nos interpela, y propone nuevos caminos para un futuro que deseamos cercano:

É preciso ter consciência de que o professor perfeito não existe, por isso a necessidade da formação continuada o que aprimora a nossa vocação para o exercício do magistério. Mas também existe a necessidade dos incentivos como melhores condições de trabalho, acesso à cultura, a novas tecnologias e a salários dignos da vocação a que fomos formados.

Dra, Margarita Pierini

Buenos Aires, 24 de junio de 2016.